
power·less
a Chestnut Springs novel
ELSIE SILVER

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Dois amigos de infância. Dois corações partidos. Uma viagem improvisada para fugir de tudo. Isso é tudo que deveria ser. Afinal, vivo na friendzone há anos.

Mas o galã do hóquei Jasper Gervais não está mais olhando para mim como uma amiga. E ele não está me tocando como uma também.

Para seus fãs, ele é o atleta bonito e talentoso da TV.

Para mim, ele ainda é o menino perdido com olhos tristes e coração de ouro.

O homem que amei em segredo durante anos.

Então, quando minha vida desmorona no dia do meu casamento, só faz sentido que seja ele quem apareça e me salve. E quando seu mundo desaba ao seu redor, estou lá para retribuir o favor.

Mas quanto mais tempo passamos sozinhos, mais Jasper não parece como um amigo. Ele parece como tudo que eu sempre quis e pensei que nunca poderia ter.

Nossos sentimentos não são certos embora.

Eles torcem e reviram a dor de seu passado e a realidade do meu presente.

Jasper Gervais age como se me quisesse.

Mas depois de anos me rejeitando, ele vai precisar provar isso.

A verdade é que só temos controle sobre um número finito de coisas na vida.

O resto é um tiro de merda.

- Kandi Steiner

PRÓLOGO

Sloane, dez anos

A minha porta do carro está aberta antes de meus pais estacionarem o Bentley. Meus pés batem no caminho de cascalho antes mesmo deles conseguirem sair do carro. Em uma lufada de ar, meus braços envolvem minha prima Violet. Nós quase nos jogamos na calçada de terra com a força do nosso abraço.

Ela cheira a grama verde, cavalos e doce liberdade de verão.

— Senti a sua falta! — eu grito quando Violet se afasta e sorri maliciosamente para mim.

— Também senti sua falta.

Eu pego minha mãe olhando para nós, feliz e triste ao mesmo tempo. Eu me pareço com minha mãe e Violet se parece com a dela. Exceto que a mãe de Violet morreu e minha mãe perdeu a irmã. Sempre acho que ela gosta de me trazer aqui porque se sente próxima da irmã quando está no rancho.

Também torna mais conveniente para meus pais viajarem para seus lugares favoritos na Europa. Meu pai disse algo sobre ser bom *eu ver como a outra metade vive*. Não tenho muita certeza do que isso significa, mas vi os lábios da minha mãe se apertarem quando ele disse isso.

De qualquer forma, nunca reclamo, porque um mês inteiro no Wishing Well Ranch com a família Eaton significa que posso sair e me divertir com meus primos. As regras são frouxas. Os toques de recolher não existem. E eu corro loucamente por quatro semanas inteiras todo verão.

— Robert, Cordelia. — Tio Harvey estende a mão para apertar a de meu pai

antes de dar um aperto forte em minha mãe que a deixa piscando um pouco rápido demais enquanto ela espia os campos agrícolas planos e as montanhas irregulares atrás deles. — Bom ver vocês dois.

Eles começam a falar sobre coisas chatas de adultos, mas eu não os ouço, porque meus outros primos saem da grande casa do rancho. Cade, Beau e Rhett correm pelas escadas da frente, brincando, empurrando e vagando como um bando.

E então eles são seguidos por mais um menino. Um que não reconheço. Aquele que imediatamente tem minha atenção. Um com membros longos e esguios, cabelo cor de caramelo e os olhos mais azuis que já vi.

Os olhos *mais tristes* que já vi.

Quando aquele garoto desliza seu olhar para mim, não há nada além de curiosidade em seu rosto. Ergo minha cabeça do mesmo jeito, sentindo manchas quentes aparecerem em minhas bochechas.

Minha mãe se move ao meu lado, dando-me tapinhas na cabeça. — Sloane, você precisa se lembrar do protetor solar. Você já parece muito quente e passa tanto tempo no estúdio de dança que sua pele não está acostumada a essa exposição.

Sua agitação só me faz corar ainda mais. Tenho quase onze anos e ela está me fazendo parecer um bebê na frente de todos.

Reviro os olhos petulantemente e murmuro: — Eu sei. Eu vou. — Pego a mão de Violet e vou embora.

Entramos e subimos para o meu quarto de hóspedes, procurando um pouco de privacidade enquanto todos os outros ficam do lado de fora e conversam um pouco.

Violet se joga no colchão e anuncia: — Conte-me tudo.

Eu rio e coloco meu cabelo atrás das orelhas, atraída pela janela que dá para

a entrada da garagem. — Sobre o quê?

— Escola? A cidade? O que você quer fazer neste verão? Apenas... tudo. Estou tão feliz que há uma garota aqui. Este lugar fede como garotos *o tempo todo.*

Pela janela, vejo o garoto misterioso apertando a mão de meus pais. Noto a aversão no rosto de meu pai. A pena da minha mãe.

— Quem é o outro garoto? — pergunto, incapaz de desviar o olhar.

— Oh. — A voz de Violet fica um pouco baixa. — Aquele é Jasper. Ele é um de nós agora.

Eu me viro para ela, sobrancelha arqueada, mãos nos quadris, tentando parecer legal, como se não estivesse *muito* interessada, mas também não sabendo como fazer isso. — O que você quer dizer?

Ela rola para se sentar de pernas cruzadas na cama e dá de ombros. — Ele precisava de uma família, então nós o acolhemos. Não sei todos os detalhes. Houve um acidente. Beau o trouxe aqui um dia no outono passado. Gosto de pensar nele como mais um irmão fedorento. Você pode pensar nele como um primo novo.

Minha cabeça se inclina enquanto meu coração luta com meu cérebro.

Meu coração quer olhar pela janela de novo, porque Jasper é *tão* fofo e olhar para ele faz com que ele pule no meu peito.

Meu cérebro sabe que é estúpido, porque se ele é amigo de Beau, deve ter pelo menos quinze anos.

Mas não consigo me conter.

Eu olho de qualquer maneira.

O que não percebo é que estarei lutando contra o desejo de olhar para Jasper Gervais nos próximos anos.

1

Jasper

O noivo de Sloane Winthrop é um idiota real.

Estou familiarizado com o tipo. Você não abre caminho pela NHL sem encontrar seu quinhão.

E esse cara tem o ato certo.

Como se o nome *Sterling Woodcock* não bastasse, ele agora está se gabando da viagem de caça em que ele e seu pai gastaram centenas de milhares de dólares para matar leões nascidos e criados em cativeiro, como se isso de alguma forma tornasse seus paus maiores.

Do Rolex no pulso às unhas feitas, ele está pingando riqueza, e acho que faz sentido que Sloane acabe com um homem como ele. Afinal, os Winthrops são uma das famílias mais poderosas do país, com um quase monopólio da indústria de telecomunicações.

Enquanto ele divaga, olho para Sloane do outro lado da mesa. Seus olhos azul-celeste estão abatidos, e ela está claramente brincando com o guardanapo em seu colo. Ela parece preferir estar em qualquer lugar, menos aqui nesta churrascaria pouco iluminada e ornamentada.

E eu sinto o mesmo.

Ouvir seu futuro marido de pau pequeno se gabar para uma mesa cheia de familiares e amigos que nunca conheci sobre algo que é honestamente embaraçoso – e triste – não é como eu escolheria passar uma noite de folga.

Mas estou aqui pela Sloane, e é isso que continuo dizendo a mim mesmo.

Porque vê-la agora, toda oprimida meras noites antes de seu casamento... parece que ela precisa de alguém aqui que realmente a conheça. O restante da tripulação Eaton não conseguiu chegar à cidade esta noite, mas prometi a ela que viria.

E para Sloane eu mantenho todas as promessas, não importa o quanto elas machuquem.

Eu esperava que ela estivesse sorrindo. Brilhando. Esperava ficar feliz por ela, mas não estou.

— Você caça, Jasper? — Sterling pergunta, todo equilibrado e pretensioso.

A gola da minha camisa xadrez parece estar me estrangulando, embora eu tenha deixado os primeiros botões abertos. Limpo minha garganta e rolo meus ombros para trás. — Sim.

Sterling pega o copo de cristal diante dele e se inclina para trás para me avaliar com um sorriso presunçoso em seu rosto perfeitamente barbeado. — Qualquer coisa grande? Você adoraria uma viagem como essa. — As pessoas que não me conhecem acenam com a cabeça e murmuram seu consentimento.

— Eu não sei se... — Sloane começa, mas seu noivo atrapalha sua tentativa de adicionar à conversa.

— Todos nós vimos o seu último contrato. Nada mal para um goleiro. Portanto, desde que você seja responsável com seu dinheiro, é algo que você deve poder pagar.

Como eu disse: idiota.

Mordo o interior da minha bochecha, tentado a dizer que fui terrivelmente irresponsável com meu dinheiro e não tenho um dólar em meu nome. Mas, por mais modesta que tenha sido minha criação, tenho classe suficiente para saber que finanças não são uma conversa educada durante o jantar.

— Não, cara. Eu só caço o que posso comer e não sei como cozinhar um

leão.

Algumas risadas irrompem na mesa, inclusive de Sloane. Não perco o rápido momento em que os olhos de Sterling se estreitam, onde seus dentes se fecham e sua mandíbula estala.

Sloane pula rapidamente, dando tapinhas em seu braço como se fosse um cachorro que precisa de calmante. Quase posso sentir seus dedos finos em meu próprio braço e, distraidamente, desejo que fosse a mim que ela estivesse tocando. — Eu costumava caçar com meus primos em Chestnut Springs também, sabe?

Eu sou jogado de volta no tempo, lembrando-me de uma jovem Sloane acompanhando os meninos durante todo o verão. Sloane com sujeira sob as unhas, arranhões nos joelhos, cabelo descolorido pelo sol todo emaranhado e solto nas costas.

— É mais sobre a emoção, sabe? O poder. — Sterling ignora totalmente o comentário de Sloane.

Ele olha para mim como um adversário, exceto que não estamos jogando hóquei agora. Se estivéssemos, eu daria a ele um tiro de bloqueador rápido no rosto.

— Você não ouviu o que Sloane acabou de dizer? — Estou tentando ser legal, mas odeio a maneira como ele a tratou durante todo o jantar. Não sei como ela veio parar aqui. Ela é minha melhor amiga. Ela é eloquente, esperta e engraçada – ele não vê isso? Ele não *a vê?*

Sterling acena com a mão e ri. — Ah, sim. Estou sempre ouvindo falar do Wishing Well Ranch. — Ele se vira para ela com um tom condescendente e um sorriso zombeteiro. — Bem, graças a Deus você superou qualquer fase moleca que passou, querida. Você teria perdido sua vocação como bailarina.

Sua resposta de merda é agravada pela minha percepção de que ele ouviu o

que ela disse e *escolheu* ignorá-la.

— Não consigo nem imaginar você manuseando uma arma, Sloane! — um cara mais abaixo na longa mesa exclama, seu nariz um vermelho profundo de tanto uísque.

— Eu era boa, na verdade. Acho que só atingi algo vivo uma vez. — Ela ri levemente e balança a cabeça, mechas de cabelo loiro brilhante caindo na frente de seu rosto antes de colocá-las para trás das orelhas e deixar cair os olhos com um leve rubor. — E então chorei inconsolavelmente.

Seus lábios rolam juntos e eu estou em transe. Imaginando instantaneamente coisas que não deveria estar.

— Eu lembro desse dia. — Olho para ela do outro lado da mesa. — Você não podia nem comer carne de veado no jantar naquela noite. Todos nós tentamos consolá-la – não funcionou. — Minha cabeça se inclina com a vívida caminhada pela estrada da memória.

— E é exatamente por isso... — Sterling aponta para Sloane sem sequer olhar para ela — é por isso que as mulheres não pertencem à caça. Muito perturbador.

Os amigos de fraternidade crescidos de Sterling riem de seu comentário idiota, que o incita a entrar totalmente no modo babaca. Ele ergue o copo bem alto e olha para a mesa. — Para manter as mulheres na cozinha!

Há risos e um punhado de pessoas oferecendo *saúde* e *aqui, aqui*.

Sloane enxuga o guardanapo de pano branco sobre os lábios carnudos com um sorriso afetado, mas mantém os olhos fixos no lugar vazio diante dela. Sterling volta a se gabar com os outros convidados – ignorando a mulher sentada ao lado dele.

Ignorando o pedaço de si mesma que ela tentou compartilhar com ele. Ignorando a maneira como ele a envergonhou.

Minha paciência para esta noite está diminuindo rapidamente. O desejo de me esgueirar para o fundo é esmagador.

Sloane chama minha atenção do outro lado da mesa e me dá um de seus sorrisos experientes. Eu sei que é falso, porque vi o sorriso verdadeiro dela.

E não é isso.

É o mesmo sorriso que ela me deu quando eu disse a ela que não poderia ir ao baile com ela como seu par. Levar um jogador da NHL de 24 anos não era apropriado para nenhum de nós, e eu era o idiota que teve que dizer isso a ela.

Eu sorrio de volta, sentindo a frustração crescer dentro de mim pelo fato dela estar prestes a se amarrar a alguém que a trata como um acessório, que não a ouve. Ou aprecia que ela é cheia de camadas e complexa, e não apenas a princesa polida em que foi moldada por sua família.

Nossos olhos permanecem fixos, e suas bochechas começam a ficar rosadas. Ela balança os ombros para trás e meu olhar cai para suas clavículas. De repente, eu me vejo passando a língua por ali. Fazendo-a se contorcer.

Meus olhos se voltam para o rosto dela. Como se talvez eu tivesse sido pego. Como se ela pudesse de alguma forma saber o que está na minha cabeça. Porque nós dois sabemos que não posso olhar para ela desse jeito. Ela pode muito bem ser da família. E, pior, ela pertence oficialmente a outro homem.

Sterling percebe a troca e volta sua atenção para mim mais uma vez. Isso faz minha pele arrepiar. — Sloane me disse que vocês são amigos há muito tempo. Perdoe minha confusão, mas um jogador de hóquei rude não parece ser amigo de uma bailarina de primeira. Claro, não tenho visto você muito desde que ela e eu ficamos juntos. Algo está mantendo você longe? — Ele passa o braço sobre o ombro dela em uma demonstração de posse, e tento não me fixar no gesto.

— Para ser justo, também não ouvi muito sobre você — digo isso com humor suficiente em meu tom para que qualquer pessoa que não perceba a

maneira como estamos olhando possa nem mesmo perceber a brincadeira. Eu me inclino para trás, cruzando os braços sobre o peito. — Mas, sim. Acho que não sou muito rude para ser aquele que leva Polysporin e analgésicos quando os pés da minha amiga estão muito doloridos de dançar com sapatilhas de ponta até mesmo para andar.

— Eu já disse isso. — A voz de Sloane é apaziguadora. — Ele me ajudou a me mudar para o meu novo condomínio. Às vezes, tomamos café. Coisas simples assim.

— Basicamente, ela sabe que se precisar de algo, estarei lá — acrescento sem pensar.

Sloane me lança um olhar, provavelmente se perguntando por que estou agindo como um idiota territorial. Estou me perguntando a mesma coisa, para ser honesto.

— Ainda bem que você me tem para tudo isso agora. — Sterling está respondendo a Sloane, mas ele está olhando para mim. Em seguida, ele coloca abruptamente a palma da mão sobre as mãos de Sloane, que agora estão apoiadas na mesa. As que ainda puxam o guardanapo ansiosamente. Mas a maneira como ele a toca não é reconfortante ou solidária. É um golpe, uma reprovação pela inquietação.

Isso envia fúria correndo pelas minhas veias. Preciso ir embora antes que eu faça algo que realmente me arrependa.

— Bem, já vou — eu anuncio de repente, empurrando minha cadeira para trás, desesperado por ar fresco e uma pausa das paredes escuras e cortinas de veludo pressionando ao meu redor.

— Melhor dormir bem, Gervais. Você vai precisar disso para conseguir um bom desempenho para os Grizzlies nesta temporada. Depois da última, você provavelmente está no gelo fino.

Eu puxo os punhos da minha camisa e me forço a ignorar o golpe. — Obrigado por me convidar, *Woodcock.* O jantar estava delicioso.

— Sloane convidou você. — É sua resposta petulante, esclarecendo que ele não gosta de mim – ou da minha presença.

Olho para ele inexpressivamente e engato um lado da minha boca para cima. Como se eu não pudesse acreditar no idiota furioso que ele é. Posso sentir os olhos em nós agora, outras pessoas percebendo qualquer tensão não dita entre nós. — Bem, é para isso que servem os amigos.

— Espere, mas você é primo dela, certo? — O uísque do cara bêbado derrama sobre a borda de seu copo e em sua mão quando ele aponta para mim.

Não sei por que Sloane e eu sempre fomos tão inflexíveis quanto a sermos amigos e não primos. Se alguém tentasse me dizer que Beau, ou Rhett, ou Cade não era meu irmão, eu descartaria imediatamente. Esses homens *são* meus irmãos.

Mas Sloane? Ela é minha amiga.

— Na verdade, ele é meu amigo, *não* meu primo. — Sloane joga o guardanapo em cima da mesa coberta de linho branco com mais força do que o necessário.

As pessoas reunidas para seu casamento encaram.

Seu casamento *neste fim de semana.*

Meu estômago revira.

— Você estará na despedida de solteiro amanhã, Gervais? — o cara bêbado continua. Ele soluça e sorri estupidamente, lembrando-me do rato bêbado na festa de aniversário do Chapeleiro Maluco. — Adoraria dizer que festejei com a estrela do hóquei Jasper Gervais.

Deixe-me surpreso que a única razão pela qual um cara como esse me quer por perto é para aumentar sua reputação.

— Não posso. Eu tenho um jogo. — Meu sorriso é tenso, mas meu alívio é imenso quando me levanto da cadeira.

— Vou acompanhá-lo — Sloane fala, claramente perdendo o olhar penetrante que Sterling lança em seu caminho. Ou ela está apenas fingindo que não percebeu.

De qualquer maneira, mantenho uma das mãos aberta e gesticulo para Sloane à minha frente enquanto atravessamos silenciosamente o restaurante.

Eu pressiono minha palma contra a parte inferior de suas costas para guiá-la, mas ela fica tensa, e afasto minha mão ao sentir a pele lisa e nua queimando meus dedos. Meus olhos encontram o chão enquanto enfio a mão formigando no bolso, onde ela pertence.

Porque com certeza não pertence às costas nuas de uma mulher noiva.

Mesmo que ela seja apenas minha amiga.

É só quando nos aproximamos da frente do restaurante que olho para cima novamente. O corpo esguio de Sloane balança enquanto ela atravessa a sala. Cada movimento embebido em uma graça inerente – que vem com anos de treinamento. Anos de prática.

Ela sorri educadamente para o maitre e depois anda mais rápido, como se pudesse ver a liberdade através daquela pesada porta da frente e estivesse desesperada por ela. Seus ombros caem e seu corpo inteiro relaxa, quase em alívio, quando ela descansa as duas mãos espalmadas contra a laje escura de madeira.

Eu a observo por um momento antes de ficar atrás dela, o calor de seu corpo vazando em direção ao meu. Então estendo um braço acima de seu corpo pequeno e empurro a porta, conduzindo-nos para a noite fria de novembro.

Eu enfio as duas mãos nos bolsos da minha calça agora para não agarrá-la pelos ombros e sacudi-la, exigindo saber o que diabos ela está fazendo se

casando com um cara que a trata como Sterling Woodcock faz. Porque realmente não é da minha conta.

Suas costas tonificadas e nuas estão voltadas para mim enquanto ela encara a movimentada rua da cidade, as luzes dos carros são um borrão branco e vermelho logo atrás dela, o ar enevoado soprando sobre seu ombro como se ela estivesse tentando recuperar o fôlego.

— Você está bem?

Ela balança a cabeça furiosamente antes de se virar com aquele estranho sorriso de esposa-de-Stepford estampado em seu rosto delicado.

— Você não parece bem. — Meus dedos envolvem as chaves em meu bolso e as agitam ansiosamente.

— Merda, obrigada, Jas.

— Quero dizer, você está linda — eu me apresso, fazendo uma careta quando noto seus olhos se arregalando. — Você sempre está. Você simplesmente não parece... feliz?

Ela pisca lentamente, os cantos de sua boca se curvando em uma leve carranca. — Isso deveria ser melhor? Linda e infeliz?

Deus. Estou realmente estragando tudo. Eu passo a mão pelo meu cabelo. — Você está feliz? Ele faz você feliz?

Sua boca se abre em estado de choque, e sei que estou fora da linha, ou pisando nela, ou o que quer que seja. Mas alguém precisa perguntar a ela, e duvido que alguém tenha.

Eu preciso ouvi-la dizer isso.

Suas bochechas pálidas coram e seus olhos se estreitam quando ela se aproxima de mim, mandíbula apertada. — Você está me perguntando isso *agora?*

Eu bufo e passo meus dentes superiores sobre meu lábio inferior, olhos totalmente fixos nos seus azul bebê, tão grandes e pálidos e faiscando com indignação. — Sim. Alguém mais perguntou a você?

Ela deixa cair meu olhar, as mãos plantadas contra as bochechas antes de empurrar para trás os cabelos loiros na altura da clavícula. — Ninguém me perguntou.

Os dentes da chave da minha casa cravam na palma da minha mão. — Como você conheceu Sterling?

— Meu pai nos apresentou. — Seus olhos se fixam no céu negro. Não tem estrelas, não é como no rancho, onde você pode ver cada pontinho de luz. Tudo na cidade parece poluído em comparação com Chestnut Springs. Decido na hora dirigir até minha casa no campo esta noite, em vez de passar outra noite respirando o mesmo ar que Sterling Woodcock.

— Como ele o conhece?

Seus olhos encontram os meus. — O pai de Sterling é um novo parceiro de negócios dele. Ele está focado em fazer novas conexões agora que está de volta à cidade.

— E você conhece esse cara há quanto tempo?

Sua língua sai por entre os lábios. — Nós nos conhecemos em junho.

— *Cinco meses?* — Minha sobrancelha arqueia e eu recuo. Se eles parecessem loucamente apaixonados, poderia comprar isso, mas...

— Não me julgue, Jasper! — Seus olhos brilham e ela se aproxima novamente. Pode parecer uma anã em altura, mas ela não se parece nem um pouco intimidada. Ela está furiosa agora. Brava comigo. Mas acho que é só porque ela confia em mim o suficiente para liberar sua raiva, e estou bem em deixá-la. Estou feliz por ser essa pessoa para ela.

Sua voz treme quando ela acrescenta: — Você não tem ideia das pressões

com as quais eu vivo.

Sem pensar duas vezes, eu a puxo para o meu peito e envolvo seus ombros estreitos com meus braços. Ela está toda tensa e irritada. Juro que quase posso senti-la vibrando. — Não estou julgando você, Sunny.

Aparentemente, este não é o momento para apelidos de infância.

— Não me chame assim. — Sua voz falha quando ela pressiona a testa no meu peito, como sempre faz, e eu deslizo minha mão por trás de seu cabelo, segurando a base de seu crânio.

Como sempre faço.

Eu distraidamente me pergunto o que Sterling diria se ele saísse aqui agora. Há uma parte mesquinha de mim que *quer* que ele saia.

— Estou simplesmente curioso para saber como as coisas aconteceram tão rápido. Estou curioso para saber por que nunca o conheci até agora. — Minha voz é baixa, toda cascalho, quase abafada pelo silêncio dos carros passando por nós.

— Bem, não é como se eu tivesse muito tempo livre com o balé. E não é como se você tivesse mantido contato ultimamente também.

A culpa me belisca, fazendo meu peito torcer. Nosso time saiu de uma temporada ruim e prometi a mim mesmo que treinaria mais do que nunca durante o período fora de temporada. — Eu estava treinando e morando em Chestnut Springs. — Isso não é mentira. A noiva do meu irmão abriu uma baita academia lá, e eu não via razão para passar o verão na cidade. — E então veio o treinamento e fui arrebatado.

Também verdade.

A mentira é que eu estava muito ocupado para arranjar tempo para ela. Eu poderia ter arrumado tempo para ela. Mas não arrumei. Porque eu sabia que o pai dela estava de volta à cidade e o evito a todo custo. E o anúncio de seu

noivado me destruiu de uma forma que nunca imaginei.

— Eu deveria ter dito a você, não lançado em você do jeito que fiz — ela murmura, e afasto a memória de Violet deixando escapar a notícia do noivado de Sloane no rancho poucos meses atrás. A maneira como eu instantaneamente congelei por dentro. A maneira como meu coração caiu no meu estômago com um baque pesado.

Eu passo a mão sobre sua cabeça e dou um aperto em seus ombros, ainda tentando evitar aquele pedaço quente e nu de pele em suas costas, e respondo com: — Eu deveria ter perguntado. Eu apenas estive... ocupado. Não pensei que sua vida apenas... aconteceria tão rápido. — E essa parte é verdade.

Seu corpo relaxa em meus braços, seios macios pressionando contra minhas costelas enquanto seus dedos cavam em minhas costas. Mas apenas por um momento antes de ela se afastar. O abraço durou o suficiente para parecer mais que um abraço. Estava andando na linha.

Mas eu ainda quero puxá-la de volta.

— Bem, é. — Ela olha para baixo e acaricia a manga de seu vestido verde claro, sedoso e brilhante na luz sombria. — Meu pai e eu concordamos que era melhor seguir em frente com o casamento no outono, em vez de prolongá-lo.

Esse comentário me deixa com os dentes cerrados, porque a mera menção de Robert Winthrop me deixa nervoso. E o fato de ele participar da decisão dela de se casar fez com que todos os tipos de alarmes disparassem.

— Por quê? — Minha sobrancelha franze. Eu deveria saber melhor. Eu deveria ir embora. Eu deveria deixá-la ser feliz.

Eu não deveria estar tão incomodado. Se ela realmente parecesse feliz, eu não estaria.

Ou talvez eu estaria.

Ela acena com a mão e olha por cima do ombro para o restaurante, expondo

seu elegante pescoço enquanto o faz. — Vários fatores — ela responde com um encolher de ombros derrotado. É como se ela soubesse que seu tempo comigo está diminuindo. Tenho a sensação de que Sterling não vai ser o tipo de marido que está bem com ela e eu sendo amigos.

— Fatores? Como se mal pudesse esperar para ser a *Sra. Woodcock?* Porque ninguém quer isso como sobrenome. Ou é seu pai que está pressionando você?

Seus olhos azuis brilham com a menção de seu pai, porque Sloane não o vê como uma cobra. Nunca viu. Ela está muito ocupada sendo a filha perfeita – e agora uma noiva. Aquela que é boa no papel e não sai para caçar. — E se ele estiver? Eu tenho vinte e oito. Meus melhores anos de dança estão chegando ao fim. Preciso me estabelecer, bolar um projeto de vida. Ele está cuidando de mim.

Eu solto uma risada agitada e balanço minha cabeça para ela. — Onde está a garota selvagem de que me lembro? A garota que dançava na chuva e se arrastava para o telhado para que eu não tivesse que ficar sozinho nas noites ruins?

Eles transformaram aquela garota em um peão. E odeio isso por ela. Nós nunca brigamos, mas de repente meu desejo de lutar *por* ela consome meu bom senso.

— Seu pai é um idiota. Ele se preocupa consigo mesmo. Seu negócio. *Aparências.* Não a sua felicidade. Você merece melhor.

Eu poderia fazer melhor. Isso é o que eu realmente quero dizer. Isso é o que percebi sentado aqui esta noite.

Que estou pensando em coisas que não deveria.

Querendo coisas que não posso ter.

Porque estou muito atrasado.

Ela cambaleia para trás como se eu tivesse batido nela, os lábios apertados de raiva enquanto ela cora até o peito. — Não, Jasper. *Seu* pai é um idiota. O meu

me ama. Você simplesmente não sabe como é isso.

Ela gira nos calcanhares, abrindo a porta do restaurante com um nível de violência que não é familiar vindo dela.

Mas prefiro que ela mostre violência do que apatia. Isso significa que a garota selvagem ainda está lá em algum lugar.

Ela lançou-me palavras que *deveriam* doer. Mas eu sofro por ela. Porque meu pai biológico *é* um babaca. Mas o homem que realmente me criou? Harvey Eaton? Ele é o melhor dos melhores. Ele me mostrou amor, e posso identificá-lo muito bem.

Além disso, lembro-me de como Sloane olha para um homem quando ela realmente o quer. E ela não está olhando para o noivo como costumava olhar para mim.

Estou mais satisfeito com isso do que deveria.

2

Sloane

Sloane: Você está aqui?

Jasper: Onde mais eu estaria?

Sloane: Achei que você poderia estar com raiva de mim. Por favor, não me odeie.

Jasper: Eu nunca poderia odiar você, Sunny.

* * *

Sinto-me doente.

O dia com que sonhei desde pequena finalmente chegou, mas não é nada como eu imaginei.

Está nevando. E eu sempre quis um casamento na primavera.

É em uma igreja ornamentada no centro da cidade. E eu queria em um campo aconchegante.

É um espetáculo com centenas de pessoas presentes. E tudo que eu queria era algo pequeno e íntimo.

Pior de tudo, o homem para quem vou caminhar pelo corredor não é o que vejo quando fecho os olhos. Ele não é quem eu quis durante a maior parte da minha vida.

Desisti tão completamente que estou me contentando com uma pessoa que não amo. Alguém de quem tenho certeza de que nem gosto, e isso me deixa

doente.

Não, este dia não é *nada* como imaginei.

Minha prima Violet mexe com os grampos em meu cabelo enquanto eu me sento em uma penteadeira de madeira manchada com minhas mãos apertadas em volta uma da outra no meu colo, cobrindo o enorme diamante em meu dedo anelar. Se eu as mantiver ali, apertando até doer, vai me impedir de chorar.

Ou fazer algo estúpido como correr.

— Não sei onde está. Não consigo ver nada com o jeito que eles bagunçaram tudo.

— Está aí. Eu posso sentir isso puxando. Está muito apertado. Isso dói.

Ela suspira e chama minha atenção no espelho. — Tem certeza de que é o cabelo, Sloane?

Inclino meu queixo para cima, alongando meu pescoço e observando a coluna da minha garganta trabalhar enquanto faço. — Sim. — Eu forço minha voz a soar mais segura do que pareço e deixo minha mente ficar em branco, do jeito que acontece quando estou me apresentando. Quando salto e giro e as luzes estão brilhantes e o público está escuro, eu me sinto confortável.

Com um suspiro pesado e um olhar preocupado, Violet obedientemente volta a procurar por um grampo no meu cabelo que ela não tem certeza se existe. Ela apenas insinuou que meu penteado desconfortável é um paralelo para minha vida.

Eu posso ler nas entrelinhas.

Ela não falou muito sobre Sterling. Ninguém falou – exceto Jasper.

Jasper.

Não consigo nem pensar no nome dele sem sentir uma onda de náusea. A culpa pelas palavras que lancei para ele na outra noite me consumiu. Manteve-

me acordada à noite. E a finalidade de saber que minha chance já impossível com ele terminará comigo me casando com outra pessoa nunca falha em abrir meu peito.

Jasper Gervais e eu somos amigos. *Bons amigos.* Ele já deixou isso claro algumas vezes. E não sou masoquista o suficiente para tentar o truque da sorte.

Tenho certeza de que todos pensam que o superei, mas isso é só porque me tornei uma especialista em esconder meus sentimentos. Ele consumiu cada canto de mim desde que coloquei os olhos nele pela primeira vez, e ele nunca me olhou como mais do que uma irmãzinha.

Eu faço uma careta quando o líquido escorre em minhas mãos. Eu as viro e olho para baixo. Uma risada maníaca borbulha de mim enquanto olho para baixo. O sangue se acumula languidamente em uma gota perfeita e brilhante no meio da palma da minha mão, quase como se desafiasse a gravidade, apenas por existir.

A perfuração de onde a garra pontiaguda do meu anel de noivado cavou me provoca, como se o universo soubesse que esse casamento vai me fazer sangrar de maneiras que ninguém mais saberá ou verá.

Sterling não colocaria a mão em mim, mas tudo mais sobre ele – sobre esta vida – me *esgota.*

— Ah, merda! Sloane! Você não pode colocar isso no seu vestido. — As mãos de Violet se afastam em alarme antes que ela corra para o banheiro da suíte, o vestido de cetim preto balançando contra ela.

Preto. Mais uma vez, eu rio. Eu nunca teria escolhido vestidos pretos para o meu casamento. Escolheria algo leve e caprichoso. Uma cor comemorativa.

Mas então, este não é realmente o meu casamento, e também não é uma celebração. Talvez as cores de funeral façam todo o sentido.

Não tenho conseguido reunir energia para reclamar das coisas que não quero.

E percebo agora, observando o pequeno orbe de sangue escorrer para o centro da palma da minha mão, que é porque não quero esse casamento de jeito nenhum.

— Aqui. — Violet pressiona um pedaço de papel higiênico contra o corte profético, parecendo totalmente apavorada enquanto me encara. — Você está bem?

Eu bufo uma respiração composta. — Sim, sim. Não é como se tivesse perdido um membro ou algo assim.

O pensamento de animais mastigando seus próprios membros para escapar de uma armadilha surge em minha mente.

A testa de Violet enruga. — Ouça. Não quero que você leve a mal, mas preciso oferecer apenas uma vez ou nunca vou me perdoar.

Meus lábios se curvam com seu tom sério. — Ok. Estou ouvindo.

Ela revira os ombros dramaticamente enquanto olha para mim. *Realmente* olha para mim. Duro. Estou inclinada a desviar o olhar, mas não desvio.

— Se você não quer isso. — Sua mão livre sinaliza ao nosso redor. — Se você precisa de uma saída. Se você precisa de um piloto de fuga. Eu sou sua garota. Não vou dizer nada. Não vou julgar. Mas se isso não estiver certo? Se você precisa fugir? Como... — Ela desvia o olhar momentaneamente, os lábios rolando enquanto ela pesa suas próximas palavras com cuidado. — Pisque duas vezes ou algo assim. Ok?

Eu não pisco, mas uma lágrima escorre e desliza pelo meu rosto.

— Porra. — Minha prima respira. — Fiz você chorar. Desculpe. Eu só tinha que dizer.

— Eu amo você, Violet. Não tenho certeza se já lhe disse isso. Mas você? Sua família? Aquelas semanas no rancho todo verão são alguns dos melhores dias da minha vida.

Seus olhos lacrimejam e ela pisca freneticamente, colocando minhas mãos

nas dela. — Mas hoje é melhor, não é?

Seus olhos procuram os meus tão intensamente, azul sobre azul. Tudo o que posso reunir é um sorriso triste. Hoje deveria ser o dia mais feliz da minha vida, mas não é, e não quero mentir para ela.

Meus lábios se abrem antes mesmo de eu saber o que vou dizer, mas meu telefone acende e apita alto no balcão da penteadeira à nossa frente. *Salva pelo gongo.*

Deixando cair o olhar dela, procuro meu telefone, aliviada por ter uma saída. É uma mensagem de um 'número privado' e quando toco nela, o que aparece é: *Achei que você deveria ver isso.*

Abaixo disso está um vídeo. Com uma imagem de visualização surpreendentemente familiar.

Aperto o botão play.

— Que diabos? — A mão de Violet pousa no meu joelho enquanto ela avança para ter uma boa visão da tela.

A tela se ilumina com um vídeo granulado. Música alta bate. E o que está acontecendo na frente e no centro deve me perturbar. Afinal, o que me parece familiar é meu noivo vestido com a mesma camisa polo que usou na despedida de solteiro.

— Violet, você pode ir buscar Sterling para mim, por favor?

Eu deveria estar arrasada. Mas tudo que consigo pensar enquanto vejo uma mulher nua quicando no pau de Sterling é que não vou ter que mastigar meu próprio membro, afinal.

3

Jasper

Jasper: Vi, você ouviu falar de Harvey? Eu não o vi ou Beau ainda.

Violet: Não. Mas as coisas foram para o inferno aqui.

Jasper: O que há de errado?

Violet: Sterling Woodcock é um merda. Isso é o que há de errado.

Jasper: Que porra ele fez com ela?

* * *

— Quem inventou as gravatas, afinal? — Cade morde ao meu lado. — Elas são tão desconfortáveis. — Ele é o mais velho dos meninos Eaton, o mais mal-humorado e um dos meus maiores apoiadores.

— Você parece ridículo em uma também. — Rhett ri com um aceno de cabeça, sempre assediando o irmão mais velho.

Mas é o irmão do meio, Beau – de quem sou mais próximo – que estou realmente procurando. O fato de ele não estar aqui ainda está me deixando impaciente.

Ele tentou solicitar seu tempo para se alinhar com o casamento. Ele deveria ter algumas semanas de folga em casa antes de embarcar de volta. Mas ele ainda não apareceu e nem nosso pai, Harvey.

— Foda-se, Fabio — é a resposta agitada de Cade enquanto ele mexe na gravata em volta do pescoço. Tirar sarro do cabelo comprido de Rhett não é um

território novo. Há anos que observo essa troca.

— Onde estão as meninas? — pergunto, tentando colocar os dois no caminho certo. O harpista está tocando. As pessoas se misturam em frente à imponente igreja. Está cinzento, frio e deprimente lá fora. E tudo que eu quero fazer é fugir.

— Se você chamar Willa de *menina,* ela castrará você — resmunga Cade, arrancando a gravata e enfiando-a no bolso do paletó.

— Ela vai castrar você por não usar a gravata que ela escolheu. — Rhett ri.

— Ela vai superar isso quando eu amarrá-la mais tarde. — Cade inspeciona as portas da frente da igreja – seu radar é perfeitamente afiado – enquanto Willa abre a porta, a mão pendurada protetoramente sobre a pequena protuberância que ela está exibindo. Seus olhos procuram Cade no mar de pessoas. Ela sorri suavemente quando eles pousam sobre ele, mas desaparece rapidamente.

Então Summer, sua melhor amiga e noiva de Rhett, também está lá. Elas se movem em nossa direção e ambas parecem um pouco contrariadas.

— Foi uma pausa para ir ao banheiro e tanto — Rhett anuncia quando elas chegam perto o suficiente para nos ouvir.

Summer se aconchega debaixo do braço dele enquanto Willa nos olha com uma expressão cautelosa.

— O que está errado? — pergunto, o olhar saltando entre as mulheres. Porque eu posso dizer que algo está acontecendo, e elas não estão dizendo isso.

— Willa é uma bisbilhoteira intrometida — diz Summer. — É isso que está errado.

— Cala a boca, Sum. Não é espionagem quando você pode ouvir uma pessoa gritando do outro lado de uma porta fechada.

— Acho que tecnicamente isso ainda pode ser chamado de espionagem — Cade diz enquanto puxa Willa para perto dele.

Meu cérebro está preso em uma palavra. — Desculpe. Quem está gritando?

Os lábios de Summer rolam juntos, os olhos escuros arregalados e preocupados. — Parece que a noiva e o noivo estão tendo um desentendimento. E o noivo não tem controle de volume.

— Ele é um babaca nojento — Willa acrescenta simplesmente. — Posso dizer só de olhar para ele.

Antes que alguém diga mais alguma coisa, estou em movimento através da porta pesada, verificando a esquerda e a direita para me orientar, e escolho um corredor que parece ter várias portas saindo dele. Dou passos largos nessa direção até que ouço a voz elevada.

Violet está do lado de fora da porta, fazendo uma excelente imitação de um cervo sob os faróis, enquanto seu enorme marido, Cole, eleva-se atrás dela como se estivesse pronto para matar alguém. Ele sempre parece assim.

— Você vai se envergonhar mais do que eu. — O tom de repreensão de Sterling ataca meus ouvidos do outro lado da porta.

Espio para Violet e seu marido. Seus lábios estão planos e ele inclina a cabeça para mim como se dissesse: *Você vai entrar aí ou eu?*

Eu ficaria feliz em deixá-lo colocar Sterling em seu lugar. Mas eu ficaria ainda mais feliz em fazer isso sozinho.

— Você está brincando comigo? — A descrença ressoa na voz de Sloane. — Você transa com uma stripper noites antes do nosso casamento e *eu* sou embaraçosa?

Outras pessoas na igreja parecem estar olhando – ouvindo – e é por isso que abro a porta para qualquer redemoinho que esteja acontecendo. Sloane precisa de reforços. E ela precisa saber que todos estão a par de suas roupas sujas agora.

Pelo menos digo a mim mesmo que é por isso que estou entrando neste quarto sem avisar. Não tem nada a ver com o fato de Sterling me fazer ver

vermelho.

— Foi a minha despedida de solteiro! Um último viva! — Eu avisto as costas de Sterling, seus braços estendidos enquanto Sloane se senta em um banquinho antigo e delicado, parecendo incrivelmente pequena, enquanto ele está de pé sobre ela, gritando com ela.

A proteção flui através de mim.

— Saia e cale a boca! — eu lato, batendo a porta atrás de mim. — Todo mundo lá fora pode ouvir você.

Sterling gira para mim, estreitando os olhos, vomitando veneno. — Foda-se, Gervais. Não preciso do conselho de um atleta idiota. Isso é entre mim e minha esposa.

Cruzo os braços e me mantenho firme. Terminei oficialmente de ser legal com Sterling Woodcock. — Ela não é sua esposa. E eu não vou a lugar nenhum.

Ele não é tão alto quanto eu, e a única razão pela qual ele rivaliza comigo em peso é porque ele é um pouco grosso na cintura. Suave, como se ele ficasse sentado em sua mesa o dia todo e bebesse demais à noite.

— Com licença? — Ele está completamente virado para mim agora e dando passos agressivos em minha direção. Suas bochechas macias e raspadas estão todas inchadas e vermelhas, contrastando com o branco e preto de seu smoking.

— Eu disse que não vou embora. Mas você precisa.

Atrás dele, Sloane me encara com os olhos arregalados. Eu esperava encontrá-la chorando, mas não há uma única lágrima em seu rosto imaculadamente maquiado.

Sterling corre para mim, braços estendidos e pronto para empurrar. Como uma porra de uma criança tendo um acesso de raiva. Mas eu pressiono minha palma em sua testa úmida e o seguro antes que ele possa colocar um dedo em mim. Ele acerta alguns golpes idiotas em meus braços, mas ele é mole demais

para saber o que está fazendo. Muito baixo. Muito fraco.

— Levante sua voz para aquela mulher mais uma vez e vou derrubar você como uma pedra, Woodcock.

— Foda-se! Eu gostaria de ver você tentar. — Ele está realmente perdendo a calma agora, mas eu o agarro por sua gravata borboleta de seda e o levo em direção à porta, desejando – não pela primeira vez – poder dar-lhe um tapa rápido com meu bloqueador. Mas dominei esse temperamento há muito tempo e não vou deixar alguém tão insignificante quanto *Sterling Woodcock* ser o único a trazê-lo de volta.

Com a mão esquerda, abro a porta e, com toda a minha força, empurro-o para fora do quarto, esperando um momento para vê-lo tropeçar para trás antes de sucumbir à gravidade e bater no tapete cor de vinho no corredor. Ele cai em uma pilha de membros sem cerimônia, e eu guardo a imagem na memória, porque é bom demais para esquecer.

Fecho a porta e a tranco.

Em instantes, ouço pancadas, xingamentos e ameaças de morte totalmente vazias, mas ignoro porque minha atenção está em Sloane, que está com os cotovelos apoiados nos joelhos, o rosto apoiado nas mãos e os ombros tremendo.

Dou passos seguros pela sala em direção à penteadeira onde ela está sentada, pronta para confortá-la quando a ouço ofegar.

A princípio, acho que é um soluço. Mas então percebo que é uma risada.

Sloane está rindo incontrolavelmente, e não sei o que fazer além de ficar aqui e olhar como seu corpo está preso no cetim apertado e engomado de seu vestido. Em seu cabelo penteado para trás em alguma torção dolorosa. Nas tiras finas cravejadas de cristais de suas sandálias que eu posso ver cavando em seus pés já cheios de cicatrizes.

Desconfortável da cabeça aos pés.

E agora também estou, porque acabei de expulsar o noivo dela no dia do casamento e ela não consegue parar de rir.

— Você está... bem? — pergunto, como um idiota total, os dedos apertando e soltando ao meu lado.

— Nunca estive melhor — ela ofega e ri ainda mais. — Você o jogou lá fora como uma boneca de pano! — Ela cai direto no colo, com a cabeça entre os joelhos, tentando respirar enquanto arrasta as unhas pintadas de rosa claro pelo chão acarpetado por um momento antes de se sentar ereta.

— Ele *traiu* você — eu mordo.

— Sim. Tem vídeo e tudo. Alguém me enviou anonimamente. Bem na hora. — Ela enxuga delicadamente as lágrimas nos cantos dos olhos.

— Por que você está rindo?

Ela ri novamente e dá de ombros antes de me lançar um olhar forte, mas reconheço a tristeza em seus olhos. Eu vi esse olhar no espelho. — O que mais há para fazer?

— Você não vai se casar com ele. — Eu deslizo a mão sobre minha boca e olho ao redor do quarto ornamentado. As molduras da coroa. Os lustres exagerados. Eu me sinto frenético. Repito a única coisa que passa pela minha cabeça. — Sobre o meu cadáver, você vai se casar com ele.

Ela engole e observo a coluna esbelta de sua garganta trabalhar. — Sinto muito por ter dito o que disse na outra noite. — Sua voz é mais suave, sua linguagem corporal menos histérica e mais devastada. — Fora do restaurante.

Eu aceno para ela. — Tudo bem.

— Não. — Ela balança a cabeça e olha para os pés. — Não está. Eu estava atacando. E depois de todas as vezes que você esteve lá por mim, você não merecia. Sei que você estava apenas cuidando de mim. Você estava sendo... — Ela olha para mim agora, uma pitada nos cantos dos olhos. — Você estava sendo

um bom amigo.

Eu mordo o interior da minha bochecha, odiando o olhar de desamparo em seu rosto. Odiando tudo isso por ela.

Odiando essa palavra.

Amigo.

Somos amigos há tanto tempo...

... Eu me assusto quando uma pequena cabeça loira aparece pela janela atrás de mim.

— Você está bem?

É a priminha de Beau, a mesma garota que estava olhando para mim pela janela esta manhã. Seus olhos estão arregalados, e a expressão de preocupação em seu rosto toca meu coração. Ela quase me lembra Jenny. Não estou bem, mas não digo isso a ela. — Sim. Ótimo.

Eu me viro para olhar para o rancho sombrio. Adoro sentar neste telhado na noite silenciosa e escura. É pacífico. Só eu e meus demônios.

— Quer companhia?

Suspiro e abaixo a cabeça. Não quero companhia. Mas também não digo isso a ela.

Ela está rastejando para fora antes mesmo que eu possa responder, mas ofereço a ela um — Claro — de qualquer maneira.

O telhado ainda está escuro, mas não está mais silencioso. Uma garota que mal conheço faz um monólogo sobre sua vida, e eu apenas escuto. Ela fala tanto que nem meus demônios conseguem competir.

Esta noite e todas as noites de verão depois, ela se senta comigo. Eu não a convido. Ela está ali.

E sentar com ela é tranquilo...

Eu limpo minha garganta para afastar a emoção que a obstrui. — Se fosse ser um bom amigo para você agora, o que eu faria?

Sloane suspira, alívio pintando cada centímetro de seu corpo. Como se eu tivesse feito a única pergunta que ela precisava tão desesperadamente que alguém perguntasse.

— Jas. Tire-me daqui. Eu quero ir para o rancho.

Eu a encaro por um instante, as mãos enfiadas nos bolsos, pensando que faria qualquer coisa que ela pedisse neste momento.

E então estendo minha mão para ela com um aceno firme. — Vamos, Sunny.

4

Sloane

Jasper: Existe uma saída do outro lado do corredor?

Cade: Há uma saída de emergência.

Rhett: Pooorra. Você está tirando nossa prima de seu casamento chique de merda?

Jasper: Sim. Pense em uma distração e me mande uma mensagem quando for seguro para nós correrrmos.

Rhett: Posso acionar o alarme de incêndio?

Cade: Vou inventar alguma coisa.

Rhett: Sempre quis acionar o alarme de incêndio.

Cade: Você acionou. Eu tive que esperar pela sua bunda idiota depois da escola enquanto você terminava a detenção por semanas.

Jasper: Gente?

Cade: Willa tem um plano. Isso pode realmente ser pior. Mas quando eu disser vá... vá. Você precisa correr.

* * *

Sunny.

Eu me pergunto se ele sabe o que esse apelido faz comigo. Como isso faz meu estômago revirar.

Se ele sabe, não mostra nenhum sinal disso. Porque, agora, mal reconheço o homem diante de mim. Jasper está na minha vida há quase duas décadas e nunca o vi tão... mortal.

Nem no gelo.

Ele me conduz pelo quarto, mas para ao som de vozes. Alarmadas. Meus pais.

Deus. Quantas pessoas ouviram as palavras trocadas aqui hoje?

Com um estrondo profundo no peito, ele pesca o telefone de dentro do paletó. Seus dedos magros voam pela tela.

— O que você está fazendo? — pergunto às suas costas, porque ainda não ganhei coragem de chegar tão perto da porta.

Eu quero ir embora, mas não quero olhar nos olhos de todos. Eles vão tentar me convencer a ficar, e só quero voltar para onde sempre me senti mais segura quando era uma garotinha. Anseio por aquele lugar e pela simplicidade de vida que vinha com ele. É um puxão profundo no meu peito que não posso ignorar.

— Mandando mensagem de texto para meus irmãos.

— Para quê? — Dou um passo à frente e espio por cima de seu bíceps, olhando para a tela. Lendo as mensagens que surgem entre ele e meus primos rapidamente.

— Ajuda — é sua resposta rude. Ele se vira para mim um momento depois, uma pitada de aço espreitando sob suas belas feições. — Você deveria tirar os sapatos.

Meu rosto vira para baixo quando levanto minha saia. — Os sapatos?

— Sim. Difícil correr neles.

Meus dedos dos pés se mexem, o esmalte rosa brilhando sob luzes fluorescentes baratas. Eu quero dizer a Jasper que eu poderia correr facilmente

com isso. Adoro um bom par de saltos altos e vou sofrer com eles o dia todo. Mas minha quase futura sogra escolheu esses, e eles não são nada como *eu.*

O pensamento de sair deles é muito tentador.

Com um aceno brusco, seguro a saia e a puxo alguns centímetros para me curvar. Mas antes que eu possa, Jasper se agacha diante de mim. Dedos hábeis fazem um trabalho rápido nas delicadas fivelas de prata enquanto fico aqui de queixo caído, observando este homem cair de joelhos apenas para tirar meus sapatos, correndo as palmas das mãos calejadas reverentemente ao redor do meu tornozelo enquanto ele puxa meus pés livres.

Sem olhar para cima, ele me entrega o salto brilhante enquanto chega ao pé oposto. E não pela primeira vez, estou presa olhando para Jasper Gervais com meu coração batendo forte enquanto ele faz o que está fazendo como se fosse a coisa mais mundana do mundo.

— Aqui — diz ele, olhando para mim com a tira do tornozelo pendurada em seu dedo estendido.

É difícil não admirá-lo de joelhos, mas é o polegar que me faz suspirar. Aquele pressionando o arco do meu pé, como se ele simplesmente não pudesse deixar de me massagear.

— Dolorido? — Seu pomo de Adão funciona enquanto ele engole, um joelho no chão enquanto o outro está para cima, fazendo com que sua calça se estique sobre suas coxas musculosas da maneira mais deliciosa.

Que tipo de homem para no meio de me tirar do meu falso casamento para esfregar meus pés doloridos?

Um bom demais.

Eu não deveria estar salivando sobre ele no que deveria ser o dia do meu casamento. Mas salivar sobre Jasper Gervais faz parte da minha personalidade neste momento.

— Não, estou bem — eu digo rapidamente, puxando meu pé de volta para o chão. Sentindo-me mais fundamentada em meus pés descalços.

Dou um passo à frente, contornando Jasper enquanto ele se levanta, e pressiono minha orelha contra a porta. É difícil entender muito além dos tons abafados e do barítono profundo do que reconheço como a voz do meu pai.

— Pronta, Sloane?

— Para quê? — eu sussurro, apoiando-me na porta como se isso pudesse me ajudar a pegar algumas palavras.

— Para fugir.

Minha cabeça vira em sua direção. — Você vai me ajudar a me tornar literalmente uma noiva em fuga?

Jasper sorri e seus olhos suavizam, vincos aparecendo ao lado deles. Ele sempre foi meu gigante gentil. Alto, quieto e *bom* até a medula dos ossos. — É para isso que os amigos servem.

Amigos.

Essa palavra me perseguiu por anos. Quando criança, eu me sentia especial quando ele me chamava de amiga, mas como adulta? Como uma mulher? Assistir outras mulheres pularem em seu braço em diferentes eventos enquanto eu sou chamada de amiga dele?

Isso me *mata.*

E sou eternamente covarde demais para fazer qualquer coisa a respeito. Nunca é o momento. E enfiei o rabo entre as pernas desde que ele me dispensou no baile de formatura, e depois novamente de uma forma mais brincalhona.

Se morássemos juntos, eu não teria que incomodá-lo assim.

Foi um comentário improvisado que saiu da ponta da minha língua com muita facilidade enquanto ele me ajudava a montar uma TV na parede do meu

novo apartamento. Ele desviou sem esforço com uma risada profunda enquanto levantava a tela plana para o suporte, como se estivesse golpeando um mosquito zumbindo ao redor de sua cabeça.

Como se isso fosse acontecer.

Ele disse essas palavras para mim um ano atrás, e eu peguei a dica. Decidi que ter Jasper como amigo é melhor do que alienálo completamente. E é isso que deixar escapar meus sentimentos faria. Então deixei passar. Posso estar estupidamente obcecada pelo homem, mas tenho algum senso de autopreservação. Gosto de pensar que tenho alguma dignidade. Mas ultimamente estou questionando até isso.

Percebendo que o tenho encarado sem expressão por muito tempo, pergunto: — Como vamos fazer isso?

Ele aponta o polegar na direção oposta à entrada da igreja. — A saída de emergência é por ali. Cade e Willa planejaram uma distração. E então nós vamos... — Ele dá de ombros, parecendo tão infantil quanto possível. — Vamos com tudo.

— Vamos com tudo?

Sua risada é um estrondo profundo e divertido. Isso me puxa para ele e desenha minhas bochechas em um sorriso; isso me acalma de uma forma que não consigo explicar.

Ele acena com a cabeça e é tão certo. Decisivo. Há algo reconfortante em saber que ele sempre estará ao meu lado, que ele pode pegar uma situação fora de controle e fazê-la parecer no controle de alguma forma. — Sim. Como... ir duro. Dar-lhes uma merda.

Eu inclino minha cabeça. — Isso é um ditado de hóquei?

— Pensando sobre isso, provavelmente. Sim.

— Ok. *Vamos com tudo* — eu concordo com uma leve risada.

Mas uma expressão séria surge em seu rosto. — Tem certeza disso, Sunny?

Sunny. Eu não posso me impedir de vacilar desta vez. Acho que ele percebe, porque a confusão passa por seu rosto esculpido. E tudo que consigo fazer é acenar com a cabeça. Decisivamente.

Seu telefone toca, distraindo nós dois. E então ele está pegando minha mão, entrelaçando seus dedos entre os meus, e girando cuidadosamente a trava da porta.

Antes de entrar no corredor, ouço um grito de dor. — Ah! Meu bebê!

Quando espiamos o corredor segundos depois, todas as costas estão viradas para nós. Willa está de quatro no foyer, agarrando seu estômago dramaticamente enquanto Cade fica parado, de braços cruzados, perguntando rudemente se ela está bem enquanto tenta não revirar os olhos.

Estou momentaneamente confusa. Porque se eu conheço Cade, ele é tão protetor quanto possível, e ver a mãe de seu filho no chão com dor o deixaria louco.

O queixo de Willa aponta em nossa direção, e ela pisca, antes de cair em outro coro de lamentos altos. — Por favor! Eu preciso de um médico!

Eu tenho que pressionar minha palma sobre minha boca para não rir de como esse plano é ridículo. Tudo o que Jasper faz é balançar a cabeça, apertar minha mão tranquilizadoramente na dele e sair pela porta dos fundos.

Corro descalça pelo corredor acarpetado, dando os maiores passos que consigo enquanto tento desesperadamente controlar o riso borbulhando em meu peito.

É libertador. É um alívio. E antes de batermos na porta, meus dedos se soltam em torno dos saltos brilhantes em minha mão.

Eu os largo como a Cinderela e saio para uma tarde monótona de novembro, com a palma da minha mão pressionada contra a de Jasper.

* * *

— Quanto falta? — Eu bufo, sem fôlego depois de correr alguns quarteirões em um vestido grande e pesado com uma grande dose de adrenalina correndo em minhas veias.

Jasper diminui a velocidade, dando-me uma leve careta. — Desculpe. Estacionei no estádio. Não tinha planejado ser seu piloto de fuga. — Seus dedos pulsam nos meus enquanto ele me puxa para perto de seu corpo. E então seu tom muda. — Embora talvez eu devesse.

Seus olhos caem, como se ele estivesse envergonhado com o que acabou de dizer, e ele para. — Jesus, Sloane. Seus pés. Eu nem pensei além de tirar você daquela porta. — Com os olhos grudados no chão, ele aponta para mim atrás dele, e percebo que ele está olhando para os meus pés. Meus pés descalços em uma calçada fria de inverno. — Por que você não disse nada? Você tem algo contra seus pés? Sinto que sou o único que cuida deles.

— Não se preocupe com meus pés. É essa porra de penteado que está me matando. — Eu sondo o local onde posso sentir os cabelos minúsculos puxando meu couro cabeludo.

Seus lábios se inclinam para baixo em uma carranca mal-humorada, e então ele se agacha. — Suba.

— Você quer me dar uma carona nas costas?

Ele me lança um olhar brincalhão por cima do ombro, um que me leva de volta aos longos e quentes verões passados flutuando no rio, espirrando água e olhando para Jasper Gervais, que parecia todo homem para mim mesmo aos dezessete anos.

Gostaria de poder voltar e avisar aquela Sloane sobre como ele ficaria

crescido.

Ou seja, devastador.

— Não seria a primeira vez. Vamos. Não quero que *Woodcock* nos alcance e faça uma birra.

Eu não posso evitar a pequena risada que irrompe de mim. Ou que meus dedos já estão agarrando minha saia enquanto subo em Jasper como uma árvore. Assim que chego perto o suficiente, ele me levanta com facilidade, e percebo que não peso nada para ele.

Uma pequena bailarina sendo carregada por um enorme jogador de hóquei.

Em seu maldito vestido de noiva.

Risadas tomam conta de mim, e envolvo meus braços em volta do pescoço de Jasper, aconchegando-me no calor de seu corpo. Sinto as vibrações de sua risada contra meu peito, e meus mamilos raspam contra o interior do meu corpete.

— Isso é uma loucura. — Eu deixo cair minha cabeça na parte de trás de seu pescoço, as pontas de seu cabelo roçando minha testa.

— Não. — Ele me levanta mais alto em suas costas quando entramos no estacionamento da arena de hóquei, e luto contra o vestido apertado para manter minhas pernas em volta da ampla extensão de suas costas. — Ter Woodcock como um nome legal é insano.

— Jasper. — Eu dou um tapa em seu ombro. — Seja legal.

— Não, obrigado. Cansei de ser legal com aquele cara — ele resmunga, ainda teimoso sobre o jantar na outra noite. Não que eu possa culpá-lo.

— Eu estava planejando hifenizar?

— Winthrop-Woodcock não é melhor, querida.

Eu bufo e estou prestes a importuná-lo quando ouço. Um som de rasgo.

Oh, meu Deus.

Jasper congela momentaneamente. — Isso foi...

Risos silenciosos atormentam meu corpo. — Meu vestido? Sim.

— Você está...

— Minha bunda ainda parece coberta. Nenhuma brisa ainda. — Estendo uma mão para trás para passar sobre minha bunda, apenas no caso. — Ainda é só meu cabelo que dói — eu admito.

Ele apenas resmunga, acelerando o passo e olhando em volta como se estivesse irritado com a ideia de alguém ver o que nem está aparecendo. Irritado por meu cabelo estar muito apertado.

Eu não sei quando Jasper ficou tão... superprotetor?

— Aí está.

As luzes piscam em um SUV Volvo prata e eu suspiro de alívio. Claro, aqueles sapatos eram uma tortura, mas correr descalça no concreto frio é um segundo próximo no departamento de desconforto.

Ele me coloca ao lado do passageiro, mas suas mãos não deixam meu corpo. Sua palma se espalha contra meu quadril quando ele abre a porta e me coloca no assento. Ele até pega o cinto de segurança para me afivelar antes de parar a si mesmo.

Olhos marinhos pousam nos meus momentaneamente e depois caem em meus lábios. Ele balança a cabeça, seu corpo alto saindo do carro para longe de mim.

Ele está prestes a bater a porta, mas para, assustando-me quando ele a abre de volta, chega perto e diz: — Sabe de uma coisa? — Ele estende a mão para o meu cabelo e mãos gentis pousam em minhas tranças. — Essa porra precisa sair.

Eu não sei como ele consegue, mas com um puxão bem colocado, ele puxa a

agulha principal incrustada de cristal do meu cabelo e a joga no chão. O barulho metálico dela caindo contra o asfalto soa alto em um momento de silêncio. Há algo de simbólico nisso.

O alívio que sinto é instantâneo. O ponto que doía não dói mais.

Meu cabelo cai livremente em torno de minhas bochechas, e ele o observa balançar. Por um momento, seus olhos esquentam e me chocam quando pousam de volta em meus lábios.

— Isso é melhor? — ele ronrona.

Meu batimento cardíaco é forte em meus ouvidos e ofereço um aceno silencioso de volta. Sem certeza do que dizer. Tentando entender essa versão do meu amigo. Protetor e possessivo, a devoção fortalece cada movimento que ele faz.

Ele reflete meu aceno sem palavras, então dá um passo para trás e bate a porta.

Em instantes, ele está sentado no banco do motorista e saímos da instalação em silêncio. O que parecia alívio e liberdade antes lentamente se transforma em choque e um estado constante de náusea.

Um momento tenso de *que porra era aquela coisa de cabelo?*

Uma dose pesada de *o que eu fiz?*

Eu corro pelas conversas que precisarei ter. Os contratos que precisaremos pagar por um casamento que nunca aconteceu. A mudança que terei que fazer da cobertura de Sterling.

O pavor afunda como uma pedra pesada em minhas entranhas.

— Foda-se a minha vida — murmuro, observando as ruas da cidade seguirem na autoestrada que leva a Chestnut Springs.

— Ainda estamos bem? — Sinto os olhares nervosos de Jasper. Eu o

conheço bem o suficiente para reconhecer que ele está estressado agora. Preocupado. Ele sempre foi bom em se preocupar, então sua ansiedade provavelmente está causando algo feroz.

— Sim. Eu poderia tomar uma bebida.

Ele acena com a cabeça e, em poucos minutos, entramos em uma loja de bebidas.

— Eu vou comprar — ele começa, mas eu saio do carro e caminho em direção à loja como uma noiva-zumbi sedenta, atordoada e descalça.

Com passos largos, ele corre na frente para abrir a porta para mim. Quando atravesso a porta, não faço contato visual, mas posso senti-lo olhando para mim como se pensasse que eu poderia explodir. Acho que já explodi.

Por dentro, cheira a cerveja velha e *Pine-Sol*.

Jasper se vira para olhar ao redor da pequena loja. É mais um corredor largo, um pouco apertado demais. Mais ou menos como o cara atrás do balcão, saindo de sua camisa.

— Bem-vindo — ele resmunga, rolando pelo telefone, sem nos dar uma olhada.

— Você quer... champanhe? — Jasper ergue uma garrafa do melhor champanhe da prateleira, o que não é muito para este lugar. — Para... comemorar?

Eu bufo com isso. — Não. — Reviro meus lábios e continuo andando mais para trás. — Quero algo que engorda e barato. Algo que Sterling e meu pai nunca aprovariam.

Eu ouço a risada de Jasper atrás de mim enquanto caminho em direção à seção de cerveja gelada na parte de trás. A maneira como ele ri, suave e profundo, nunca deixa de me fazer sentir como se estivesse afundando em um banho quente. Ele é tão sério às vezes que quando ele ri, é precioso de alguma

forma.

A areia no chão contra meus pés descalços me faz sorrir. Sterling e meu pai definitivamente não aprovariam isso, então pressiono minhas solas com mais força, rolando em todo o meu pé, esperando que as solas estejam pretas quando eu terminar de fazer compras. Uma rebelião completamente inconsequente, mas ainda assim satisfatória.

Paro e observo as prateleiras mais frias. E aí está. Como um farol brilhante diante de mim.

Buddyz Best Beer.

É realmente o Z que fecha o negócio para mim. É tão desnecessário. Tão impróprio. As latas parecem finas – baratas – com um *cartoon* de basset hound mal desenhado na frente.

— Perfeito — murmuro com reverência enquanto estendo a mão e pego o pacote de seis.

Quando me viro, Jasper está sorrindo para mim. — *Buddyz Best* é perfeito?

— Sim. — Levanto as latas até o rosto e olho para o cachorro de rosto caído e aparência triste. Eu me sinto como um *basset hound* por dentro agora. — Buddy é o macho perfeito para mim. Barato. Alcoólico. E o mais importante, não é um macho humano.

O sorriso que dou ao meu amigo é desequilibrado, na melhor das hipóteses, quando vou até o caixa e coloco a cerveja no balcão. Por fim, o homem levanta o queixo do telefone, onde está assistindo ao que parece ser um boliche competitivo.

Seus olhos me avaliam antes de cair para a cerveja e olhar de volta para Jasper. Esse cara parece que viu alguma *merda.* Espero que ele tenha perguntas, mas tudo o que ele diz é: — Parabéns, vocês dois — enquanto examina a cerveja e diz o total em um tom entediado.

Procuro minha bolsa, mas percebo que a deixei para trás quando fugimos.

Um longo braço se estende sobre mim, jogando uma nota de dez dólares. — Fique com o troco — diz Jasper. Ele me guia para fora da loja com uma mão gentil segurando meu cotovelo, os olhos fixos em meus pés descalços. — Sunny, você vai precisar de um banho quando chegarmos ao rancho.

— Talvez se eu beber o suficiente disso — levanto o pacote de seis, sentindo-me um pouco tonta — vou convidar você para se juntar a mim.

Jasper apenas olha para mim, o queixo estalando como se eu o tivesse irritado. Nem uma única palavra surge em seus lábios, nem um único puxão em suas bochechas.

— Apenas brincando! — É com isso que preencho o silêncio constrangedor antes de me virar e correr de volta para o confortável SUV. Eu coloco o cinto, pego uma cerveja barata e tomo um gole profundo em uma tentativa incrivelmente triste de beber meus problemas e esquecer a piada sem graça que acabei de dizer.

Jasper e eu dirigimos em total silêncio. Continuo a beber e ele não faz nenhum comentário sobre isso. Em vez disso, ele apenas agarra o volante como se estivesse tentando estrangulá-lo enquanto mantém os olhos fixos na estrada.

E depois da minha terceira cerveja com o estômago vazio, eu me sinto um pouco melhor. Também um pouco bêbada.

Então faço um monólogo, como sempre faço com Jasper. — Você sabe que eu não queria um casamento feio no outono. Eu queria um casamento na primavera. Eu queria um vestido esvoaçante e feminino e uma cerimônia ao ar livre. Nada de smokings apertados e, definitivamente, nada de vestidos pretos de dama de honra. — Levanto minha mão, olhando para a rocha do tamanho do iceberg que afundou o Titanic. — E *odeio* este anel. Vi um em uma pequena butique na *Sixteenth Avenue* – você conhece aquela área descolada? Era uma safira oval roxa. Quão legal é uma safira roxa? E eles colocam em ouro amarelo

fosco. Sterling disse que era ‘estranho’ e então me deu esse anel na semana seguinte. Juro que ele escolheu o oposto de qualquer coisa que eu desejaria de propósito.

— Romântico — diz Jasper, sua mandíbula apertada com a tensão.

Eu bebo em silêncio, pensando no fato de ter fingido que gostei deste anel quando ele me deu, porque não queria ofender ninguém.

Quando entramos no Wishing Well Ranch, a caminhonete de Harvey está na garagem, embora pensássemos que ele e Beau estariam no casamento. Jasper e eu trocamos um olhar confuso, e logo que seu veículo está estacionado, ele está pulando passos para chegar à porta da frente. Eu corro atrás dele, com o coração batendo forte, porque algo está errado.

Lá dentro, Harvey está sentado à ampla mesa da cozinha com um grande copo de uísque entre as palmas das mãos. Um tom estranho de verde colore sua pele.

Jasper congela na porta, olhando para ele.

— O que está errado? — pergunto instantaneamente, porque é um daqueles momentos em que você pode simplesmente *dizer.*

A casa está muito escura, muito silenciosa.

Meu tio, que é sempre todo sorrisos e olhares calorosos, parece arrasado.

Harvey não comenta sobre meus pés descalços nem pergunta por que estou aqui. Em vez disso, seus olhos se fixam nos de Jasper e ele diz: — Beau está desaparecido.

5

Jasper

Eu registro o som da lata de cerveja de Sloane batendo no chão de madeira, mas todo o resto é apenas barulho de fundo. Pulsação cardíaca. Coração disparado.

O rosto assombrado de Harvey olhando para mim da mesa da cozinha é algo que nunca vou esquecer. Está gravado em minha memória, bem ao lado do dia em que minha irmãzinha morreu.

— Vou precisar que você diga isso de novo — ouço-me falando, mas está fora do corpo, como se eu tivesse saído da minha pele e estivesse olhando para mim mesmo. Vejo Sloane balançando, sua mão delicada pressionada contra os lábios enquanto a outra se apoia contra o batente da porta.

— Beau está desaparecido — diz ele novamente.

— O que você quer dizer com *desaparecido?* — É como se eu tivesse me separado completamente do que não queria ouvir.

Ele pigarreia e toma outro gole pesado do líquido âmbar em seu copo. Todos estão ansiosos para beber esta noite. — Venha se sentar, filho.

A ansiedade se desenrola em meu peito, espalhando-se por minhas veias como fogo e se transformando em pânico cego. Eu me sinto como um animal encurralado.

— Não quero me sentar. — Meus braços pendem flácidos ao meu lado. Meus dedos ficaram dormentes. Beau é meu melhor amigo. Há anos somos unha e carne. Ele é o garoto que me salvou e me trouxe aqui, sem perguntas. Ele é meu *irmão* em todos os aspectos que contam.

Um soldado das forças especiais com uma personalidade do tamanho da dele não simplesmente *desaparece.*

— Quero saber o que está acontecendo. — Minha voz soa oca e robótica para meus próprios ouvidos.

Sinto uma pulsação suave em meu antebraço e a pressão do corpo de Sloane se aproximando do meu. Seus dedos devem estar apertando meu braço em um ritmo lento e constante. Quase parece meu batimento cardíaco, aquele que diminuiu para um baque surdo enquanto tudo gira ao meu redor. O aperto dela é o que o mantém batendo.

— Recebi uma ligação informando que ele havia perdido o voo agendado, o que não é incomum para ele. Mas então, esta manhã, recebi uma segunda ligação, onde fui informado de que algo deu errado em sua missão... e ele desapareceu.

— O que eles querem dizer com *desapareceu?* — Minhas palavras saem mais duras do que pretendo, certamente mais duras do que Harvey merece. É o filho dele que está desaparecido.

Desaparecido. Essa palavra está passando pela minha cabeça repetidamente até onde perdeu todo o significado.

Harvey pisca. — Você sabe como aquela unidade funciona. Eles não contam nada a ninguém. Tudo o que me disseram é que ele estava em uma missão, algo deu errado e ele não saiu no transporte. Eles estão investigando agora.

O ar é muito rarefeito e meus pulmões muito pequenos. O mundo é muito pesado. De repente estou de volta lá naquele dia. Calçada quente embaixo de mim, ouvindo meu pai gritando e minha mãe chorando.

Sentindo-me completamente impotente.

— Eu preciso de água.

Sloane pula em movimento, seu vestido balançando enquanto ela atravessa a

cozinha e serve outro copo de uísque. E eu apenas fico aqui, olhando para o uísque na mão de Harvey. Isso me lembra os olhos de Beau, de sair e beber muito com ele, ouvi-lo contar piadas rudes e rir muito alto.

— Aqui. — Sloane levanta meu braço e enrola meus dedos em volta do copo como se eu fosse um vegetal ou algo assim. — Vamos. — Suas mãos estão de volta em volta do meu antebraço, e ela me leva em direção à mesa.

Eu vou, muito atordoado para saber o que mais fazer. Ela puxa uma cadeira e me senta. E então ela vai para Harvey.

Ele força um sorriso enquanto olha para ela. — Sinto muito por ter perdido seu casamento, Sloaney.

Seus olhos brilham com lágrimas não derramadas enquanto ela coloca uma pequena mão em seu ombro. — Você não perdeu casamento nenhum, tio Harvey. O casamento não aconteceu.

Seu olhar gira entre nós com um pequeno aceno de cabeça. — Eu acho... acho que faz sentido, já que você está aqui com Jasper e não com seu marido. Vocês dois parecem tão naturais juntos. Eu... desculpe. — Uma palma larga cobre seu rosto. — Não estou pensando direito agora.

Um soluço sufocado sai de seu peito. Seguido por um correspondente de Sloane.

E então ela está lá, abraçando o homem que é meu pai. De todas as maneiras que eu precisei de um pai, Harvey foi essa pessoa para mim. Ele conheceu tanta dor em sua vida. Tantas perdas e dificuldades.

Assim como eu.

E parece irritantemente injusto que algo assim aconteça conosco.

Sloane não oferece desculpas a ele. Ela não diz a ele que tudo ficará bem. — Eu amo você, tio Harvey — é tudo o que ela diz enquanto envolve os braços em volta do pescoço dele e o abraça ferozmente, deixando-o suspirar em seu ombro

enquanto uma lágrima cai em sua bochecha.

De novo.

Sloane derramou muitas lágrimas hoje.

E, no entanto, ela está aqui. Bêbada. E triste. E perdida. Ela está com os pés sujos e está usando um vestido de noiva caro e rasgado para um casamento que não aconteceu. Sua vida está em frangalhos e ela ainda está aqui confortando outras pessoas.

Sloane é altruísta.

Ela pode não parecer, mas ela é forte.

Ela tem um coração enorme. Uma alma gentil.

E ao vê-la confortar Harvey agora, permito-me admitir que a maneira como amo Sloane pode não ser como um amigo ama outro.

* * *

... Um punho acerta meu ombro, mas eu apenas rio. Esse idiota dá socos como uma criança. E ele apenas se deixou desprotegido para mim.

Meus dedos estalam quando batem no rosto de Tristan, e sangue espirra de seu nariz, o que parece funcionar como uma espécie de sinal para todos os seus amigos tubarões me cercarem.

— Você está morto, Gervais! Eu vou para o campo de trás e queimo aquele carro imundo em que você mora. Vou colocá-lo na rua onde você pertence.

Suas palavras machucam muito mais do que seus socos. Eu olho ao redor, sentindo a pressão de novas pessoas ao meu redor.

Todo mundo assume que os jogadores de hóquei são populares, eu sou a prova de que nem sempre é verdade. Fui reduzido ao lixo da cidade depois de

tudo o que aconteceu, e essas são as crianças da escola que estão se divertindo ao me lembrar de onde eu pertenço em sua hierarquia.

Hoje eu estourei.

Quando olho de volta para Tristan, é o garoto parado atrás dele que chama minha atenção. Beau Eaton. Quarterback da escola, lista de honra, basicamente o príncipe da cidade que todo mundo ama. Nunca pensei que ele fosse do tipo que se junta a algo assim...

— Tristan, foda-se. — Ele lhe dá um empurrão e avança, bloqueando-me da multidão que se forma. — Fodam-se todos! O show acabou! — ele anuncia, cruzando os braços e olhando de volta enquanto nossos colegas se dispersam.

A vergonha me atinge. Não sou apenas o estranho garoto sem-teto cujos pais deixaram para trás... agora sou o caso de caridade infantil mais popular.

Antes que possa pensar no que estou fazendo, eu me viro e corro direto para as árvores que separam o pátio da escola do campo rasteiro. Direto para o velho Honda quebrado que tenho chamado de lar.

— Ei! Espere! — Ouço Beau chamar, mas não olho para trás. A humilhação me impele para a frente e, em poucos minutos, estou encostado no pedaço branco de metal tentando recuperar o fôlego. É uma merda de lugar para se viver. Mas é seco e fica perto do rinque de hóquei. E isso é tudo que me importa.

— Você está realmente morando aqui?

Eu gemo. Claro, ele teve que me seguir. — Sim.

Um silêncio se expande entre nós. Estou muito envergonhado para me virar e encará-lo.

— Venha para minha casa. — É com isso que ele quebra o silêncio tenso. É isso que me faz girar para olhar para esse menino de ouro brilhante e reluzente que é um adolescente.

— Sua casa?

— Sim. — Ele acena com a cabeça, com os braços cruzados sobre o peito enquanto tenta olhar para mim e não para a miséria em que tenho vivido. — Muitos quartos. Muita comida.

— Eu...

— Eu não estou aceitando não como resposta. Pegue... — Ele olha para trás agora, as feições contraídas. — O que você precisar. Meu irmão Cade nos levará assim que Rhett sair da detenção.

— Tem certeza? — Uma pequena e frágil chama de esperança pisca dentro de mim. — E se sua família não me quiser lá?

Ele apenas zomba. — Garanto que minha família não quer que você more aqui.

E assim Beau Eaton se consolida como uma das melhores coisas da minha vida...

— Oi. — A voz de Sloane é calma e hesitante atrás de mim.

— Como você sabia que eu estava aqui? — Eu não me viro para olhar para a cabeça dela para fora da janela. Ainda estou congelado e não tem nada a ver com o frio que está fazendo agora.

— Difícil esquecer nossas noites aqui, para ser honesta.

Ela não está errada. Nossas noites passadas no telhado foram algumas das melhores da minha vida. Elas geralmente começavam como as piores noites, mas então ela vinha se juntar a mim e elas ficavam instantaneamente melhores.

— Eu também podia sentir o ar frio do corredor.

Resmungo, não estou realmente com humor para falar. Na verdade, eu me sinto completamente vazio.

— Você está com frio, Jas?

Eu dou de ombros, não me importando se estou com frio. Estou muito ocupado imaginando todas as coisas horríveis que poderiam ter acontecido com meu irmão.

Ele me disse que deixaria o exército em breve. Claro, ele sempre dizia isso. E todas as vezes eu queria acreditar nele.

Todos nós odiávamos a implantação dele – parecia que as estatísticas não estavam mais a seu favor. Como se ele tivesse saído impune muitas vezes. Como se ele fosse muito ensolarado e pateta, e o universo iria tirar isso dele em algum momento.

Ouço Sloane saindo pela janela de seu quarto de hóspedes. O quarto ao lado daquele em que passei minha adolescência.

Estou prestes a dizer a ela que quero ficar sozinho, mas quando ela envolve um cobertor em volta dos meus ombros e se joga ao meu lado, aconchegando-se contra mim, meu corpo libera uma respiração que eu nem sabia que estava segurando. Ela se aperta ao meu lado, toda felpuda e reconfortante. Seu perfume doce flutua em minhas narinas. Cheira a coco e glacê de cupcake.

Obrigando-me a ficar olhando para os campos escuros, ignoro sua presença. Até que vejo um *basset hound* feio de desenho animado encostado na minha cara.

— Beba. — Não é uma pergunta. É um comando.

Balanço a cabeça, sentindo-me mais como o meu eu adolescente traumatizado do que em anos.

— Vamos. Estou desidratada de tanto chorar no chuveiro. Por favor, não me faça beber sozinha. Beau não aprovaria.

Dou uma risada, mas é seguido por um ruído agudo e ferido. O som de Sloane fungando é a única resposta. Não olhamos um para o outro.

— OQBF — diz ela com um aceno de cabeça.

— Perdão?

— O que Beau faria? Nós dois sabemos que ele beberia a cerveja.

Tenho certeza que se eu olhar para ela, vou desmoronar, então abro a estúpida *Buddyz Best Beer* e tomo um longo gole.

— Isso tem gosto de merda.

Ela bebe, e de minha periferia, eu a vejo acenar com a cabeça. — Combina com o dia. Merda é o tema.

Eu grunho meu acordo. — Você não está errada.

Seu ombro bate no meu, mas ela não se afasta. Ela se aproxima, puxando a mesma colcha de retalhos que usamos quando crianças. E assim como quando éramos mais jovens, ela não cutuca ou pressiona. Ou tenta me fazer falar sobre meus sentimentos como uma terapeuta que nunca pedi.

Ela apenas está *aqui.*

— Você acha que ele está morto? — eu deixo escapar, tentando cobrir meu medo bebendo mais cerveja. É a pergunta que está dançando na minha cabeça nas últimas horas. Aquela que eu não queria dar voz, mas saltou de mim mesmo assim.

Arrisco um olhar para Sloane agora para ver como ela pode reagir à minha pergunta sombria. Mas, como sempre, ela não foge da minha escuridão – afinal, ela é minha Sunny. Ela afugenta a escuridão apenas sendo ela mesma.

— Eu acho... — Ela rola a lata entre as mãos, criando um som alto e enrugado na noite silenciosa. — Acho que esse não é o tipo de energia que quero colocar no universo para ele agora.

Uma risada estrangulada ressoa em meu peito, e ela dá uma cotovelada em minhas costelas. — Estou falando sério! Você entra em um jogo pensando que vai perdê-lo? Ou você se imagina ganhando? Repasso obsessivamente uma dança em minha cabeça antes de uma apresentação, mas não me permito ver

uma falha ou um tropeço. E vou tratar isso da mesma maneira.

Ela acena com a cabeça, pequenas feições delicadas pressionadas em uma expressão determinada. — Se Beau está por aí, ele precisa da nossa boa energia. Ele também... — Uma mão rola na frente dela enquanto ela procura a palavra. — Não sei. Ele é maior que a vida. Ele não vai cair sem lutar. Eu tenho fé nele.

Lágrimas não derramadas picam em meus olhos. *Maior que a vida.* Ele é isso. Determinado. Implacável. Aquele filho da puta não aceita não como resposta. E onde quer que ele esteja, espero que também não aceite agora.

Eu me inclino para Sloane, e ela descansa a cabeça no meu ombro. Não sei quanto tempo ficamos sentados em um silêncio sociável, apenas olhando para fora. Nenhum som, exceto os pios intermitentes de uma coruja, o estranho bufo de ar de uma vaca e o relincho silencioso de um cavalo.

— Eu amo a lua em noites como esta — ela murmura. — Faz tudo parecer quase prata. Faz tudo brilhar.

Erguendo o queixo, observo o céu cheio de estrelas brancas cremosas tão espessas que quase parecem um cobertor. Isso me lembra de quando estávamos na frente da churrascaria e eu não conseguia ver uma única estrela em uma noite perfeitamente clara.

Depois de nossa discussão, dirigi até Chestnut Springs e passei a noite em uma das pequenas casas que comprei na cidade. Esta noite estou muito fodido para ir a qualquer lugar, mas há uma parte de mim que não quer dormir na minha cama de infância.

Parece demais agora. Parece muito real.

O corpo de Sloane solta um suspiro pesado, e me pergunto como ela está se sentindo depois do dia de merda que teve também.

— Sinto muito sobre Sterling — ofereço, sem querer.

— Não me engane, Jas.

Uma risada silenciosa sai dos meus lábios. — Ok. Sinto muito pelo seu casamento.

Ela suspira novamente, pequenos ombros subindo e descendo com tanto cansaço. — Eu não sinto.

Sua resposta direta me pega de surpresa.

— Não?

— Não. Passar minha vida descalça na cozinha como a Sra. Woodcock soa terrível *pra* caralho. Prefiro estar descalça em uma loja de bebidas suja com você.

Eu quero rir, mas o ciúme me atravessa. Seguido de alívio. Alívio por ela não ter escolhido esse caminho.

Alívio por ela estar sentada aqui comigo. Porque, por mais que tente, não consigo pensar em nenhuma outra pessoa com quem eu gostaria de estar depois dessa notícia.

Eu a sinto estremecer ao meu lado e me viro para dar um beijo no topo de sua cabeça, mas seu cabelo está molhado e frio.

— Seu cabelo está molhado.

Ela dá de ombros. — Sim. Vim direto para cá depois do banho.

Uma dor me atinge no centro do meu peito e balanço a cabeça para mim mesmo, não querendo ler mais do que deveria. Afinal, ela quase se casou com alguém hoje.

— Vamos, Sunny. Você vai congelar com o cabelo molhado aqui. — Levanto-me e estendo a mão para ela, pego a sua pequena e fria na minha, enquanto a puxo para cima. Aperto uma vez e tento soltar.

Mas eu não posso. Eu a quero perto. Só não sei como chegar lá.

Ela não sofre da mesma confusão, no entanto. Sem pensar duas vezes, ela

pisa em mim. Meus braços se dobram ao redor dela junto com o cobertor grosso que repousa sobre seus ombros enquanto suas mãos deslizam sobre minhas costelas. Sua testa pressiona o meu peito, e seguro a parte de trás de sua cabeça.

Talvez seja a nossa diferença de altura. Talvez seja apenas o costume. Mas eu sempre a abracei assim, e ela sempre me deixou. Há um conforto nisso de alguma forma. Uma familiaridade.

— Você estará aqui de manhã? — Isso é o que ela sempre me pergunta nas noites ruins. Como se ela quisesse ter certeza de que eu não cairia muito na minha tristeza. Tão longe que não voltaria.

— Onde mais eu estaria? — É o que sempre respondo enquanto minha mão desliza sobre seu cabelo úmido. Porque estarei.

Porque ela é uma corda que nunca se soltou, mesmo quando eu quis. Antes de entrar para os Eatons, sentia que ninguém sentiria minha falta se eu fosse embora. Mas agora sei que isso não é verdade. Eles sentiriam. Sloane sentiria. E isso sempre me manteve com os pés no chão de uma forma que eu precisava tão desesperadamente como um adolescente em luto.

Ela se afasta com uma fungada silenciosa e olhos baixos. — Boa noite, Jas. Basta bater se precisar de mim.

— Boa noite, Sunny. — Eu bagunço seu cabelo e me viro.

Nós vamos para nossos próprios quartos. Da mesma forma que fazíamos quando crianças.

Eu me agacho para passar pela minha janela e me enrolo na minha cama. Então a pressão insistente em meu peito estala e as lágrimas vêm.

Assim como faziam quando eu era criança.

A diferença é que gostaria que Sloane ainda estivesse pressionada contra mim, e nunca desejei isso naquela época.

6

Sloane

27 chamadas perdidas de Sterling

12 chamadas perdidas de Pai

Sterling: Aonde você foi? Volte. Precisamos conversar sobre isso.

Sterling: Sloane, isso é humilhante. Todo mundo está esperando. Você pode ter seu acesso de raiva mais tarde?

Sterling: Seu pai está furioso. Teremos que cancelar todos os fornecedores. Tudo. Eu não vou lidar com essa merda.

Sterling: Isso é besteira. Traga sua bunda de volta aqui e assine a papelada para que possamos seguir em frente.

Sterling: Eu irei para Grand Cayman sozinho.

Sloane: Leve a stripper. Ela merece férias depois de aturar você por uma noite.

* * *

Abro a porta do passageiro do SUV de Jasper. Eu *quase* o perdi.

— O que você está fazendo? — Seus olhos se arregalam sob a aba de seu boné marrom do *Calgary Grizzlies* puxado para baixo.

Ignorando sua pergunta, eu jogo minha bolsa na parte de trás e rastejo para o assento ao lado dele. Ele cheira a menta e fresco, mas as olheiras sob seus olhos

são escuras e seu belo rosto parece abatido. Ele parece triste, mas comestível em jeans rasgado e uma jaqueta xadrez felpuda. Eu olho para o meu simples moletom cinza que poderia caber duas de mim dentro dele.

Harvey colocou na minha cama para mim enquanto eu tomava banho ontem à noite. Tenho certeza que é dele, mas não vou colocar meu vestido de noiva de volta. Então é bom o suficiente.

Estendo a mão para aumentar o ar quente que sai das aberturas. — Totalmente congelando esta manhã — murmuro, vendo-me no espelho retrovisor, cabelo todo ondulado e desgrenhado, olhos inchados.

— Sloane. O que você está fazendo?

Esfrego as palmas das mãos e sopro na concha antes de passar por cima do ombro para afivelar o cinto de segurança. Presa, tenho mais chance de não me lançar pelo console central para abraçar o homem ao meu lado. — Eu vou com você, Jas. Com o que se parece?

Ele pisca para mim. — Tenho um jogo hoje à noite.

— Eu sei que você tem. — Eu me acomodo no couro. — Essa coisa tem assentos aquecidos?

Ele zomba. — Claro que sim. — Ele estende a mão e aperta o botão que aquece o assento ao máximo.

— Perfeito. — Eu viro os olhos arregalados para ele, sinalizando que ele deveria ir, mas ele apenas olha para mim.

— São seis da manhã.

Eu bocejo, segurando minha mão que está enrolada na manga muito longa do moletom de gola redonda até minha boca. — E eu não sei disso. Podemos parar para um café?

Ele coloca o SUV confortável em movimento, embora eu ainda possa ver as perguntas dançando em seus olhos. A frente de seu Volvo é iluminada apenas

pelo painel. É cedo o suficiente e já está adiantado o bastante no ano para que ainda esteja totalmente escuro agora, e quando o calor do assento se infiltra em mim, suspiro.

— Este é um carro confortável. — Meus olhos se fecham. — Eu quase sinto como se pudesse adormecer. — Deus sabe que não consegui pregar o olho ontem à noite.

Ser uma noiva fugitiva que ninguém poderia alcançar me estressou. E ouvir Jasper chorar baixinho através da parede fina que nos separava me fez chorar também. Havia muitas coisas para pensar – muita dor para relaxar – então fiquei lá, observando as horas passarem no relógio digital. Tentei formular um plano, visualizei meus momentos favoritos no palco e me forcei a não rastejar pelo telhado e entrar no quarto de Jasper para segurá-lo.

Porque ele não iria querer isso. Até mesmo ouvi-lo parecia uma invasão.

— O mais seguro que o dinheiro pode comprar — diz ele, os dedos pulsando no volante enquanto olha para os dois lados na estrada escura. Então olha novamente.

Faz todo o sentido ele escolher algo incomparavelmente seguro.

— Você está com sua bolsa — ele anuncia quando finalmente entra na estrada de cascalho.

— Sim. Quando desci, estava sobre a mesa com um bilhete de Violet me informando que ela estava voltando para casa para ficar com seus bebês. Tenho a sensação de que todos estão se retirando para seus próprios cantos com as... notícias.

— Isso significa que você está indo para casa? Para Sterling? — Sua voz é grossa e ele parece resignado.

Eu pressiono meus lábios e me forço a olhar para fora do para-brisa. — Não, Jasper. Significa que vou com você.

As linhas de seu corpo endurecem com a minha resposta. O que acabei de dizer parece muito vulnerável, então mudo de assunto. — Podemos parar em um Walmart ou algo assim para que eu possa comprar algumas roupas que sirvam?

Minha pergunta tem os cantos de sua boca puxando para cima. — Eu posso ver a manchete agora. — Uma grande palma acena através do console em um movimento dramático. — "A herdeira canadense das telecomunicações, Sloane Winthrop, foge do casamento e é encontrada fazendo compras no Walmart."

Eu bufo. — Funciona para mim. Sterling vai parar de explodir meu telefone se me vir fazendo compras com os camponeses. — Meus dedos fazem pequenas aspas no ar quando digo *camponeses,* e meus olhos reviram no momento.

Jasper balança a cabeça, mas não diz mais nada.

Percebo que eu deveria estar mais arrasada com o desastre do dia do meu casamento, mas não estou.

Eu fui arranjada para me casar com alguém por dever, não por amor. Eu sonhava com meu casamento desde que era uma garotinha. E desisti desse sonho o suficiente para concordar em passar o resto da minha vida legalmente ligada a um homem que não se importa comigo para ajudar meu pai a fechar um negócio.

Parece arcaico. Parece *insano.*

Eu amo meu pai. Ele sempre foi bom para mim e adorava sua única filha, mas há uma voz mesquinha dentro de mim que diz que se ele me amasse tanto quanto eu o amo, ele não teria me prometido em casamento a um homem para promover seus interesses financeiros.

Não é algo que eu diga a Jasper. Ele já não gosta do meu pai e isso me deixa na defensiva – quer ele mereça ou não minha defesa.

Dirigimos em silêncio e paramos para tomar um café no drive-thru mais próximo que está aberto tão cedo em um domingo. Mais perto da cidade, paramos em um Walmart, e digo a Jasper que vou entrar para pegar o que

preciso. Ele me ignora e sai do banco do motorista resmungando sobre não me deixar entrar sozinha.

Eu caminho pelo estacionamento, ficando para trás porque tenho que segurar a enorme calça de moletom para não deixá-la cair e mostrar algo a ele. Eu sempre quis ficar nua com Jasper, mas não desse jeito.

Com o café na mão, pego algumas simples mudas de roupa. Leggings. Jeans. E então eu vejo. Meus olhos brilham e ando rapidamente pela seção de roupas de marca, direto para o que eu preciso.

— Não. — Jasper diz atrás de mim enquanto me aproximo.

— Sim — respondo, sorrindo enquanto me viro para ele, segurando uma de suas camisas. Número um estampado nas costas.

Seus olhos se estreitam e ele me dá um olhar plano por baixo da aba do chapéu. — Onde você vai usar isso?

Reviro os olhos para ele porque posso ver o leve rubor no topo de suas bochechas, as pontas de suas orelhas ficando um pouco vermelhas. Jasper nunca se sentiu confortável com sua fama. Sempre o fez se contorcer. — Para o seu jogo esta noite, obviamente.

— Você está indo para o meu jogo? — Sua cabeça se move e ele parece tão infantil.

— Dã. — Adiciono a camisa à pilha de roupas em meu braço e vou para o provador na loja estranhamente silenciosa. É tão cedo que nem tem música tocando. Tudo o que posso ouvir é o zumbido das luzes do teto que lançam um terrível brilho amarelo sobre meu rosto enquanto experimento minhas roupas.

Eu pareço exausta.

Estou exausta. A única coisa que me faz continuar é o quanto Jasper precisa de alguém para estar lá para ele. E estou determinada a ser esse alguém. Especialmente depois que ele me tirou do meu casamento.

Só estou retribuindo o favor. Isso é o que digo a mim mesma. Porque a alternativa é que estou apenas me divertindo em passar um tempo sozinha com ele, e não quero mais ser aquela garota apaixonada com olhos de lua que o segue por aí. Quero ser forte e independente. E uma boa amiga. Porque é disso que ele realmente precisa agora.

— Uau. Essa camisa fica tãão bem em mim — eu anuncio de dentro do vestiário, importunando-o um pouco, porque sei que ele está encostado na parede oposta, todos os membros longos e olhos azuis marinhos focados na porta. De alguma forma, até mesmo me trocar com ele tão perto parece intensamente pessoal.

Reviro os olhos para mim mesma. Mas sorrio quando ele geme.

— Para onde você vai depois do jogo? — É com isso que ele responde.

— Quero dizer... — Paro, avaliando-me no espelho e optando por deixar a camisa. É grande e confortável, e posso dizer que por baixo de todos os resmungos de Jasper, ele acha divertido. — Eu estava pensando em voltar para o rancho. Acho que deveria ter perguntado quais são seus planos. Eu verifiquei sua agenda. Você tem uma boa sequência de jogos em casa.

— Sim. Quatro.

Eu abro a porta com um floreio dramático e faço uma pose com minha nova legging e camisa. — Como estou?

Ele revira os olhos e dobra a aba do boné. Mas eu não perco a contração de seus lábios ou a maneira como seu olhar percorre meu corpo e passa por minhas pernas.

— Pode ser tarde da noite se dirigirmos todo o caminho de volta. — Ele mantém um braço aberto para me aninhar à frente dele, e eu vou, não mais preocupada em deixar cair minha calça na frente dele.

— Está bem.

— Sempre podemos ficar na minha casa na cidade. — As palavras são tensas.

Paro no meio do caminho e me viro para ele, esticando o pescoço para olhá-lo nos olhos. — É isso que você quer? Não sei o que quero, a não ser não encarar a realidade ainda. Eu gostaria de manter minha cabeça na areia por pelo menos mais um dia. Então irei aonde você for.

Seus olhos safira caem para os meus lábios por um momento e depois se arrastam de volta. — Não. Prefiro estar no rancho com todos. Apenas no caso.

Apenas no caso. Apenas no caso de haver alguma notícia, presumo.

— Você poderia dizer ao time que precisa de uma noite de folga.

Ele balança a cabeça e coloca uma mão quente no meu ombro enquanto nos vira. — Não. Vai ser bom jogar. Normal. Além disso, o time precisa de mim.

Concordo com a cabeça, porque conheço esse sentimento. Dançar até meu corpo doer e o suor escorrer pelas minhas costas seria um conforto agora.

— Posso usar isso? — pergunto à atendente do camarim enquanto nos aproximamos da entrada.

Ela me olha com atenção. — Claro, boneca. Deixe-me cortar as etiquetas e depois você precisa digitalizá-las no caixa.

Eu ofereço a ela meu melhor sorriso tranquilizador, tentando realmente não parecer uma criminosa. — Claro. Obrigada. — Ela espia a camisa e, em seguida, olha para Jasper, os olhos se arregalando ligeiramente quando ela percebe. — Você é Jasper Gervais? — Seu cabelo bob prateado balança enquanto sua cabeça vira entre ele e a camisa que estou vestindo.

— Sim, senhora. — Jasper sorri, sempre tão gracioso com seus fãs. Quem não o conhece não perceberia seu desconforto. A maneira como seu pescoço fica um pouco apertado. A maneira como o polegar pressiona as pontas dos dedos.

— Meus netos são apenas os maiores fãs. Qualquer chance de você

autografar... — Ela olha ao redor, tentando encontrar algo. — Oh, Deus. Não sei. Algo? Um post-it? Os meninos adorariam isso no Natal.

Vejo o corpo dele amolecer assim que ela começa a falar dos netos. Eu sei que Jasper é voluntário em programas de esportes para jovens em risco e tem uma grande queda por crianças. — Claro. Eu esperarei aqui. Por que você não pega algumas camisas em seus tamanhos? Vou pegar as etiquetas e comprá-las também.

As mãos da mulher se juntam na frente do peito. — Oh, você é um menino doce — ela diz, olhando para ele com corações em seus olhos.

E não posso nem culpá-la. Eu estou também.

— Eu volto já! E não vou contar a mais ninguém e prender você. Mas, caramba, eles vão adorar isso. Muito obrigada!

Em poucos minutos, ela está de volta com um Sharpie e duas camisetas minúsculas, parecendo a mulher mais feliz do mundo. Eu observo o corpo enorme de Jasper curvar-se sobre o balcão enquanto ele personaliza cada camisa com cuidado, verificando a grafia de seus nomes para que ele acerte. Suas palavras, *menino doce*, saltam na minha cabeça. Jasper sempre foi um menino doce.

Mas Deus, ele cresceu e se tornou um homem muito bom.

Momentos depois, todas as etiquetas são cortadas e Jasper me leva pela loja, parecendo um pouco mais calmo do que antes.

— Só mais algumas coisas.

Ele não diz nada, o que normalmente considero como seu consentimento. Então ando na frente, desviando para o corredor de maquiagem. Depois de me ver sob aquelas luzes de néon, preciso desesperadamente de algo para encobrir as olheiras e a aparência geral de zumbi que estou usando.

Corretivo é minha primeira parada. Tento escolher uma marca, mas percebo

que não conheço nenhuma delas. Eu venho para o Walmart para sabão em pó, não maquiagem. Pegando um, eu o avalio. Se não fosse pelo rótulo, seria exatamente como meu corretivo preferido.

Eu me viro para Jasper. — Você acha que o que está dentro deles é realmente tão diferente? Tipo, costumo pagar cinquenta dólares por um tubo do mesmo tamanho. Você acha que eles simplesmente colocam rótulos diferentes na mesma fábrica e depois riem dos ricos que pagam mais pela mesma merda?

Seus lábios se contraem enquanto ele me observa de perto. — Eu amo a maneira como seu cérebro funciona, Sunny.

— Estou falando sério! São *cinco* dólares, Jas. Isso é um desconto de noventa por cento!

— Bem, você não pode culpar aquela educação chique de escola particular.

Eu bufo e balanço a cabeça. — Vou testar. Isso poderia mudar a vida.

— Mm-hmm.

Ele soa como se não acreditasse em mim. — Jas. Você já viu essa pele translúcida? A bela veia azul que corre sob meu olho direito? Corretivo é meu melhor amigo.

— Pensei que eu fosse seu melhor amigo. — A declaração é tão simples e ainda me excita.

Eu me viro para a parede de corretivo assustadoramente acessível e zombo. — Vocês dois podem ser. Na verdade, é mutuamente benéfico. Você não quer me ver com muita frequência sem corretivo.

— Você sempre parece bem para mim. Corretivo, sem corretivo. Vestido chique, moletom do Harvey. Cabelo liso — sua mão acena sobre mim com uma risada baixa — seja *o que* for. Não importa. Você é você.

Eu engulo e tento o meu melhor para não derreter no chão em uma pilha mole de mingau. — Isso é provavelmente o que você diz a todas as garotas,

Gervais.

— Não, Sunny. Você é minha única garota.

Uma risada minúscula e desajeitada escapa da minha garganta enquanto procuro o que acho que será uma combinação de cores suficientemente próxima. Eu faço o mesmo com um blush rosa suave e cintilante e um rímel preto.

Então eu corro para fora daquele corredor, esperando que Jasper me siga e deixe aquela conversa desconfortável para trás.

A piada sou eu, porque a próxima parada é roupa íntima, e meu desejo se tornou realidade. Jasper seguiu. Bem atrás de mim.

Olho para a prateleira cheia de diferentes cortes de lingerie pretas. — Corte no bumbum, corte de biquíni ou tanga? Ou sua regra de tudo parece bom em mim também se aplica aqui? — eu deixo escapar em uma tentativa de tornar isso menos estranho do que está na minha cabeça agora.

Eu falho. As coisas oficialmente não são menos estranhas.

Jasper solta um gemido baixo e evita contato visual. — Aplica-se — é sua resposta estrangulada.

Quando olho para ele, não perco a mancha rosa em suas bochechas, e eu rio, toda estridente e forçada, realmente tentando me salvar depois do que acabei de perguntar a ele em voz alta.

Então eu pego um pacote de calcinhas e um sutiã combinando, evitando os olhos de Jasper enquanto sigo para as filas de caixa. E em poucos minutos pagamos e estamos de volta em seu SUV, indo em silêncio em direção à cidade, o lugar que nenhum de nós realmente quer estar.

* * *

Observo Jasper patinar para fora da boca de uma enorme cabeça de urso

cuspidor de fogo montada no canto do rinque. Ele atinge uma imagem imponente, suas almofadas adicionando volume à sua altura já elevada.

Sob as luzes piscantes, ele desliza pelo gelo em direção à sua rede, cada movimento de alguma forma combinando com a batida da música do Metallica tocando nos alto-falantes. Sua cabeça está baixa e a multidão é selvagem.

Os *Grizzlies* vêm de uma temporada ruim. Uma temporada muito ruim. Alguns jogadores deixaram o time, mas Jasper não. Ele já tem um ouro olímpico em seu currículo e não é do tipo que corre atrás de um campeonato de qualquer maneira que possa. Ele quer ganhar aqui.

Eu duvidava que Jasper abriria mão de sua cláusula de não movimentação. Ele fechou um longo contrato com o objetivo de ficar perto de sua família – do rancho – provavelmente até o fim de sua carreira.

Que menino não sonha em jogar pelo time de sua cidade natal?

Entre os canos, ele começa em uma extremidade de sua dobra, cortando metodicamente suas lâminas pelo espaço, arranhando a superfície do gelo para obter aderência extra.

Há algo sobre esse momento que sempre me fascina. Ele parece tão suave, tão rítmico, tão totalmente concentrado que eu nunca consigo desviar o olhar.

Eu amo um monte de coisas sobre Jasper, mas ele ser tão bom em algo nunca prejudica seu apelo.

Para mim ou para outras mulheres.

Contenho a inveja enquanto olho ao redor do camarote da família e dos amigos. Já estive aqui algumas vezes, mas sempre com meus primos.

Nunca sozinha.

A vibração é divertida e alegre, mas definitivamente estou ganhando alguns olhares. Especialmente porque estou vestida com uma camisa enorme de Gervais e sou um rosto bastante reconhecível nesta cidade.

— Você está aqui com Jasper? — Uma mulher morena perfeitamente arrumada aparece ao meu lado, balançando um bebê em seus braços.

— Sim. — Eu sorrio.

Ela me olha, mas não de uma forma hostil. — Qual o seu nome?

— Sloane. Você?

— Callie. — Ela levanta o bebê e estende uma mão para mim.

Nós nos cumprimentamos e me pego gostando da mulher. Seu aperto de mão é firme, mas ela não está apertando minha mão em uma estranha demonstração de agressão.

— Jasper geralmente não tem ninguém aqui em cima.

Meus olhos voltam para o gelo onde Jasper está esguichando um jato de água em sua boca aberta através da grade em seu rosto. — Não? — indago baixinho, porque sempre fiz questão de não perguntar sobre sua vida pessoal.

Sempre senti que ia doer demais saber.

Venho engolindo o monstro da inveja há décadas, mas ela não ficou no chão. Ela pula em cima de mim inesperadamente.

Potencialmente.

— Tem todas as garotas falando. A vida pessoal dele é um verdadeiro mistério para todas nós — continua Callie, jogando o queixo por cima do ombro enquanto o disco cai e o cronômetro do jogo começa.

— Ah. — Eu olho naquela direção e vejo várias cabeças se afastando rapidamente, como crianças pegas olhando. — Se serve de consolo, conheço Jasper desde que eu tinha dez anos, e ele ainda é um mistério para mim.

— Dez! — Seus olhos se arregalam comicamente e então ela suspira. — Bem, isso é simplesmente adorável.

Eu sorrio, mas é apertado. *Adorável.* Mais como *doloroso.*

E essa dor só aumenta com o passar dos minutos. Porque as circunstâncias condenaram este jogo desde o início. Jasper está devidamente distraído. Sua cabeça certamente não está nos discos indo em sua direção em velocidades alucinantes.

A equipe adversária marca primeiro, com menos de um minuto de jogo. E não é um bom gol. É um que eu sei que Jasper poderia pegar.

Eles marcam novamente cinco minutos depois.

Eu mordisco minhas unhas, o esmalte de casamento rosa descascando enquanto o faço.

Dois minutos depois, um terceiro chute acerta o fundo da rede.

Eu gemo e mordo meu lábio inferior com força suficiente para sangrar por dentro.

E quando Jasper leva o quarto gol antes dos primeiros vinte minutos de jogo, tenho que conter as lágrimas. Não porque eles estão perdendo, mas porque vê-lo patinar – cabeça baixa, ombros caídos – depois de ser retirado do jogo faz meu peito doer.

Eu sei que ele está se considerando o responsável.

Ele se parece com o garoto que conheci anos atrás – arrasado.

E para os próximos jogos, não fica melhor.

7

Jasper

Sloane: Eu já disse que você é meu goleiro favorito no mundo?

Jasper: Você tem mau gosto.

Sloane: Você ainda é meu favorito.

Jasper: Você pode ser a única esta noite.

Sloane: Correção. Jogador de hóquei favorito. Fã número um aqui.

Jasper: Conhece muitos jogadores de hóquei, não é?

Sloane: Apenas o melhor. Estarei na saída dos jogadores.

* * *

Uma perda nunca é boa, mas de alguma forma esta noite parece pior. Comecei quatro jogos seguidos porque esta organização confia em mim. Meu treinador confia em mim. E perdemos quatro jogos consecutivos. Esta casa inteira foi toda pelo vaso sanitário.

Isso pesa nos meus ombros.

Eu decepcionei meus companheiros de equipe. Meus treinadores. A cidade inteira, que está tão empenhada no sucesso desta equipe.

Sinto que de alguma forma decepcionei Beau. Como se eu não pudesse nem ganhar por ele. Também tenho sido um idiota miserável para todos ao meu redor. E decepcionei Beau nisso também, porque aquele homem iria engessar um sorriso e ser gentil, não importa o quê.

Depois, há a loira de parar o coração que está no camarote todas as noites, apoiando-me. Passo os jogos tentando não olhar para ela enquanto me sento no banco, segurando-me. Como se eu fosse capaz de vê-la lá de qualquer maneira.

Esta noite tomei banho e me troquei, mas estou desapontado. Estou triste, mas também estou com raiva. Desço o túnel dos fundos em direção à galeria de imprensa. Eu odeio essa parte da minha noite depois de bons jogos, mas nem acho que existe uma palavra para descrever como é juntar quatro jogos de merda seguidos e depois ser forçado a falar sobre isso na câmera.

Tortura, talvez.

Eu sei que joguei mal. Minha equipe sabe. Os repórteres sabem. E agora vamos todos sentar e falar sobre isso publicamente. Absolutamente perfeito.

Assim que subo no palco com uma longa mesa, ouço o estalar das câmeras. Alguns jornalistas que conheço dizem olá. Eu dou a eles um aceno conciso e dobro a aba do meu boné. Então puxo uma cadeira, sento-me ao lado do meu treinador e respiro fundo.

A primeira pergunta vem de um repórter que já vi antes, alguém que sempre faz as perguntas mais desagradáveis. Como se ele estivesse intencionalmente tentando nos enganar para uma frase de efeito chamativa. — Oi. Mike Holloway do Calgary Tribune. Jasper, por que você não nos conta o que aconteceu lá esta noite?

Luto contra a vontade de revirar os olhos. Isso não é uma pergunta, e ele sabe o que aconteceu lá esta noite. Ele viu isso. Forçar-me a recontar é apenas um movimento idiota.

— Bem, Mike. Como você viu, não fui o meu melhor esta noite. Nem mesmo perto. Sei o que a equipe precisa de mim e não consegui entregar. Houve alguns gols que eu gostaria de ter correspondido, então eles tiveram algumas boas chances e levaram a melhor sobre mim. Obviamente, essas são as defesas que preciso fazer se formos tentar este ano.

— Sim — responde o homem de meia-idade ligeiramente redondo. — Obrigado. Buscando isso. Parece que este é o novo normal para você. Imaginando o que você está fazendo para mudar as coisas? Este ano parece ser tudo ou nada para a equipe. Muitas pessoas adorariam conhecer seus planos de treinamento para voltar à forma de luta.

Eu aperto meus lábios e aceno com a cabeça, sentindo uma gota de água rolar das longas pontas do meu cabelo na parte de trás do meu pescoço. Meu treinador, Roman, olha para mim, mas não diz nada. Ele sabe que eu odeio essa merda na melhor das hipóteses, e ele está pronto para intervir se necessário.

— Os detalhes são algo que fica entre mim e a equipe de treinamento. Mas garanto que estou trabalhando duro. Ninguém quer isso mais do que eu. Definitivamente dedicando tempo ao psicólogo esportivo. Voltarei a focar no meu jogo mental nas próximas semanas. Eu posso dizer isso.

E não é mentira. Meu jogo mental é um lixo agora. Achei que jogar me distrairia, mas deveria ter ouvido Sloane. Se eu tivesse, não teria decepcionado minha equipe dessa maneira.

— Perdoe-me dizer isso, mas parece que você pode estar um pouco confortável demais no longo contrato que acabou de assinar.

Eu pisco para o homem diante de mim. Aquele que parece que não se exercita há anos, muito menos praticou qualquer esporte de alto nível em toda a sua vida.

— Bem, então. Com sua permissão, Mike, eu vou — levanto um dedo por cima do meu ombro — decolar e começar a trabalhar no meu treinamento. Tentar me deixar um pouco mais *desconfortável* para você.

Levanto-me da cadeira dobrável de plástico e fico de pé, ouvindo Roman entrar na conversa com algum comentário sobre manter as perguntas respeitosas. Mas eu realmente não me importo. Foda-se Mike e foda-se essa conferência de imprensa.

Eu preciso sair.

Uma parada rápida no vestiário e estou com minha bolsa e as chaves do carro. Estou quase fora indo sem dizer nada. Eu só quero lamber minhas feridas em particular, mas os caras merecem mais. Merecem uma explicação.

Eu me viro, segurando o batente da porta, olhando para a sala. — Pessoal. Desculpe. Eu tenho sido um idiota nos últimos jogos — eu anuncio aos meus companheiros de equipe ainda refletindo. Não falo muito, mas quando falo, eles escutam. — Meu irmão, o militar, desapareceu em ação na semana passada, e minha cabeça está fodida. Todos vocês merecem mais de mim. E quero que saibam que estou trabalhando nisso.

Cabeças se levantam ao redor da sala. O silêncio é ensurdecedor.

— Jesus, Gervais. — Com três passos largos, Damon está me puxando para um abraço, dando-me tapinhas nas costas, e os outros caras estão se aproximando com preocupação estampada em seus rostos. Damon dá um passo para trás, as mãos apertando meus ombros enquanto ele me olha nos olhos e me dá uma pequena sacudida. — Você deveria ter nos contado. O hóquei é apenas um jogo. Família é família.

— Jasper. — Eu ouço a voz do meu treinador atrás de mim e enrijeço. Ele é um bom cara. Mas mesmo os bons caras têm seus limites. E ele parece *chateado.* — Vamos conversar no corredor.

Sua mão pousa no meu ombro para me afastar dos meus companheiros de equipe, que olham com os olhos arregalados. Ouço uma piada sobre como eu realmente deixei meu pai bravo desta vez, e meus lábios se contraem.

Fecho a porta do vestiário atrás de nós e finalmente levanto meus olhos para encontrar os de Roman. Eles são apertados nas laterais e seus braços grossos estão cruzados sobre o peito largo. Anos na liga significam que Roman King ainda está em forma na casa dos quarenta. Ainda um concorrente.

Ainda se lembra de como é.

— Não sei se bato ou abraço você.

Eu espelho sua posição e o encaro de volta. Ele ainda tem volume, mas tenho alguns centímetros sobre ele. — Eu me bateria se fosse você.

— Bem, se eu fosse você, teria dito ao meu treinador que minha vida pessoal era uma pilha de merda devastadora.

Reviro os olhos, sentindo-me como uma criança petulante. — Eu não queria falar sobre isso. Não quero ser tratado como se fosse frágil.

Uma mão larga acena na minha frente. — Alerta de spoiler. Você *está* frágil.

— Foda-se, Roman.

Sua mandíbula aperta. — Vou deixar passar esta noite.

— Eu não contei a porcaria da história da minha vida para que você pudesse segurar. — Roman não era apenas um treinador, ele era um mentor. Ele sabe que minha infância foi ruim. Ele sabe sobre Jenny. E ele sabe que sou um maníaco por controle ansioso e que esses traços de caráter são o motivo pelo qual continuo me colocando na rede todas as noites.

Eu desejo o controle que a posição me oferece. Isso me acalma. Ninguém para culpar além de mim mesmo quando um tiro dá errado – o que sei que não é verdade, mas é como eu vejo.

— Eu não estou segurando seu passado sobre você, Jasper. Este sou eu, como seu amigo, preocupado. Como seu treinador? Estou chateado por você não ter divulgado isso. O que diabos você estava pensando, mantendo isso em segredo?

Eu suspiro irregularmente, minha exaustão se infiltrando nas bordas dos meus olhos. Cheira a suor e borracha aqui, e tudo que eu quero é estar na segurança do meu carro, sentado ao lado de uma garota que está vestindo minha camisa e cheira a coco. — Desculpe. Vou colocar minha cabeça no lugar antes

do próximo jogo. Eu prometo.

Seus olhos estão tristes agora, e ele balança a cabeça para mim. — Jasper, você precisa de um tempo. É *normal* levar um tempo.

Meu nariz enruga com sua implicação. — É normal demorar um pouco quando há um falecimento na família. Beau não está morto.

Pena. Está escrito claro como o dia no rosto do meu treinador. E odeio receber pena.

— Ele não está, Roman. E não vou começar a agir como se ele estivesse até saber de algo. — O pânico invade minha voz. Eu pareço frenético até para mim mesmo. Só posso imaginar como pareço para ele.

— Jasper...

— Não. Estarei aqui amanhã para o treino e estarei pronto para jogar o próximo jogo. Eu estarei bem. Cabeça no jogo. — A maneira como ele balança a cabeça para mim diz que não acredita em mim.

— Pare de olhar para mim como se eu fosse um cervo morto na beira da estrada que o deixa triste.

— Você vai tirar uma folga, Jasper. Eu conheço você. Sei como sua cabeça funciona. E sei o quanto sua família é querida e próxima de você. Damon estava certo, família em primeiro lugar. Hóquei em segundo.

— Eu não preciso...

— Você está suspenso — ele morde.

Meu corpo inteiro fica rígido. — Pode repetir?

— Uma suspensão de duas semanas por não revelar isso à administração. Chamaremos isso de licença no comunicado à imprensa.

— Você só pode estar brincando comigo. A equipe precisa de mim! A imprensa vai ter um auge com isso!

O homem mais velho apenas me puxa para um abraço violento, ignorando meus argumentos. — Sua família precisa mais de você — é o que ele resmunga enquanto me dá um aperto forte. E então ele está se afastando, lançando outro daqueles olhares trágicos. — A imprensa já está tendo um auge com você. O hóquei ainda estará aqui em duas semanas. Sua cabeça não está no gelo, e não deveria estar. Mantenha contato.

E então ele se afasta, sapatos sociais batendo contra o chão de concreto como se fosse apenas mais um dia normal. Como se o mundo não fosse uma merda total.

Como se uma das melhores pessoas que já conheci não tivesse desaparecido em algum canto secreto do mundo, em alguma missão secreta, onde Deus sabe o que aconteceu com ele.

A realidade de toda a situação me atinge como uma bola de demolição no peito.

E se ele estiver morto?

E se ele precisar de ajuda?

E a pior possibilidade de todas, e se nunca o encontrarmos?

Pronto para dar o fora de tudo, eu marcho pelas portas para o saguão. É onde os torcedores esperam por autógrafos e as puck bunnies esperam por uma tacada em um jogador.

Mas há apenas uma pessoa esperando que eu quero ver.

A linda garota vestindo minha camisa que se parece como lar. Aquela que mal saiu do meu lado por mais de uma semana. Nós dois sabemos que ela está se escondendo das realidades de sua vida, mas eu também. Somos parecidos dessa forma, e não implicamos um com o outro por causa disso.

Todo mundo é ignorado enquanto vou até ela. Não sei quem está lá ou o que as pessoas estão dizendo. Eu tenho visão de túnel e tudo que vejo é Sloane.

Estou mal-humorado e miserável. O mundo está escuro, mas ela é como a lua quando sentamos no telhado. Brilhante e pura, lançando uma luz prateada sobre tudo para que eu ainda possa ver para onde estou indo.

Seus braços envolvem minha cintura, o olhar que ela me dá é de puro amor e apoio, e então sua cabeça cai no meu peito. Confortando-me sem dizer uma palavra. Eu tomo um ar profundo de seu perfume e fecho meus olhos para afastar os pensamentos intrusivos que ameaçam me puxar para baixo.

Tudo no mundo parece errado.

Mas ficar aqui com Sloane em meus braços parece certo.

8

Sloane

Sloane: Só deixando uma mensagem para dizer oi. Espero que você tenha chegado em casa em segurança. E para lembrar que amo muito você.

Violet: Eu também amo você.

Sloane: Estou mandando os maiores abraços, Vi.

Violet: Ele vai ficar bem. Ele tem que ficar, certo?

Sloane: Com certeza.

Violet: Esse jogo foi... oof. Jasper está bem?

Sloane: Não.

Violet: Ele precisa de você mais do que imagina. Não o deixe. Você é a pessoa dele.

Sloane: Eu não vou.

* * *

A maneira como Jasper segura minha mão enquanto saímos da arena parece diferente.

Parece desesperador.

Nós não conversamos. Ele apenas me agarra como se eu fosse uma boia e ele estivesse encalhado em um mar agitado. O ar gelado nos atinge enquanto atravessamos o estacionamento, e me sinto ridícula ao lado dele. Estou usando jeans rasgados com uma camiseta grande demais, e ele parece sexy em um terno,

complementado por uma barba por fazer no queixo e cabelo um pouco mais comprido atrás, de modo que se enrola na nuca.

Ele é uma boa distração do telefone que está queimando um buraco na minha bolsa pela quantidade de chamadas perdidas e mensagens de texto que ele contém. Eu o abri ocasionalmente e logo o guardei.

A mensagem de texto em massa que enviei informando a todos que estou segura, mas decidi sair da cidade, gerou muitas reações. Tudo, desde *isso garota,* para *cresça e enfrente a música* até um totalmente charmoso, *volte para casa e pare de se envergonhar* de Sterling.

Eu respondi com um doce demais *vá se foder* e não disse mais uma palavra para ele desde então.

Nunca mais me pegará morando naquela cobertura.

Estou sendo infantil? Escondendo-me das minhas responsabilidades? Quero dizer, sim. Mas quanto mais tempo tenho para pensar em tudo que me trouxe até aqui... sobre como uma unidade familiar real se comporta quando algo ruim acontece... mais eu me pergunto como diabos cheguei onde estou.

Como concordei em me casar com Sterling em primeiro lugar?

E como meu pai ousa pensar ser apropriado pedir isso de mim?

Seria bom para os negócios, sabe? Vocês fariam um belo casal. Às vezes, os casamentos são mais uma transação comercial do que uma união amorosa quando você viaja nos círculos que viajamos. E não há nada para se envergonhar, Sloane.

Nada do que se envergonhar. Fazia um sentido frio e calculista no momento e parecia uma maneira fácil de sair de um cenário de namoro sombrio e pouco inspirador. Ninguém nunca esteve à altura para mim. Eles eram todos apenas ok. Bom. Passável. E comecei a achar que era muito exigente.

A cena do namoro se transformou em minha própria versão da vida real de

um daqueles memes do Wish.com. Continuava fazendo um pedido por Jasper Gervais e o universo continuava me enviando imitações ridículas e baratas.

Então, ouvir como um casamento arranjado não era vergonhoso me deu uma sensação de... alívio. Como se eu pudesse pelo menos ajudar minha família se não estivesse interessada em continuar me debatendo com encontros on-line ou colegas dançarinos.

Foi só quando vi aquele vídeo de outra mulher pulando no colo do meu noivo que a vergonha me atingiu. E não vergonha porque ele estava me traindo. Vergonha porque não senti nada. Apenas uma sensação distorcida de diversão. Como se eu soubesse que isso iria acontecer e não conseguisse nem reunir a emoção para me importar com isso.

E *isso* era vergonhoso. Não era assim que eu imaginava minha vida se desenrolando. Não era isso que eu merecia.

Claro, houve um tempo em que imaginei minha vida se desenrolando com Jasper – um longo tempo –, mas quanto mais avançamos em nossas vidas, mais eu empacotava aquele sonho e o empurrava de volta para um recesso da minha mente.

Isso nunca aconteceria.

Imaginar algo acontecendo entre nós era o mesmo que beijar meu travesseiro e fingir que era Justin Timberlake. Ele era famoso, incrivelmente bonito e vivia uma vida completamente diferente.

Mas Justin Timberlake não é quem está segurando minha mão agora.

Aperto a mão de Jasper distraidamente, o som de seus sapatos batendo contra a calçada ecoando pelo estacionamento.

Ele aperta de volta.

Eu espreito meu amigo e noto como sua pele normalmente dourada empalideceu e assumiu uma qualidade acinzentada. Ele não tem sido ele mesmo

esta semana. Ele recuou e se tornou uma casca teimosa do homem que eu conheço.

Ouço o tilintar de suas chaves no bolso oposto e vejo as luzes de seu Volvo piscando à nossa frente. Um soluço seco sobe em seu peito, e meu queixo se ergue mais alto para olhá-lo de perto.

— O que há de errado, Jas? — Eu aperto três vezes em rápida sucessão sua mão, mas ele não aperta de volta desta vez.

Ele para de repente, fechando as pálpebras. Suas narinas se estreitam enquanto ele suga desesperadamente o ar por elas. Então ele puxa sua mão da minha. Violentamente o suficiente para eu recuar em estado de choque. Com passos largos, ele passa por mim em direção a um pilar grosso e esvazia o estômago na calçada.

Eu sou apenas depravada o suficiente para deixar meus olhos se prenderem em sua bunda enquanto ele se inclina, a curva musculosa dela pressionada contra sua calça cara.

É como se eu estivesse tentando me dar coisas das quais me envergonhar.

Ele fica parado, ofegante, dedos fortes segurando o pilar, enquanto o ar puxa e empurra para dentro e para fora de seu diafragma.

Eu quero perguntar se ele está bem, mas essa é uma pergunta estúpida agora. Ele claramente não está bem. Imaginando que o melhor que posso fazer é me tornar útil, abro a porta traseira de seu SUV e mergulho em uma bolsa de hóquei, em busca de uma garrafa de água, um lenço ou uma toalha, ou literalmente qualquer coisa para limpá-lo.

Uma garrafa esportiva de plástico Gatorade é a melhor que posso encontrar, junto com uma toalha que cheira a algo morto.

— Jesus Cristo — murmuro, agarrando-as e fechando a bolsa rapidamente, porque a coisa toda fede.

— Desculpe — ouço atrás de mim.

— Pelo quê? — Eu espremo água na toalha e caminho em direção a ele.

— Ficar enjoado.

Minha mão pousa entre suas omoplatas, deslizando sobre o tecido sedoso de seu paletó. — Não há necessidade. — Eu entrego a toalha para ele, e ele deixa cair o rosto nela. — É pela sua bolsa de hóquei que você deveria se desculpar. Essa toalha cheira a queijo mofado e não é do tipo bom.

Uma risada silenciosa sacode seu corpo. Ou pelo menos acho que é uma risada. É difícil dizer sem poder ver seu rosto.

— Dê-me as chaves, Jasper. Eu vou nos levar.

— Sem chance — ele diz enquanto enxuga o rosto com a toalha.

— Escute, sei que você não gosta quando outras pessoas dirigem. Mas prometo que vou ficar bem.

Ele balança a cabeça, olhando para mim por cima de um ombro largo. — Não.

Reviro os olhos e suspiro dramaticamente enquanto continuo a esfregar círculos lentos em suas costas. — Maníaco por controle.

Ele enrijece um pouco antes de dar um aceno conciso. — Sim.

— Pelo menos você é o dono.

Ele olha para mim novamente enquanto joga a toalha em uma lata de lixo próxima, mas desta vez há um olhar em seus olhos que não estava lá antes. — Sim — é sua resposta fraca.

Então ele prende minha mão na dele e me leva até o lado do passageiro, onde ele abre a porta e me conduz ao meu assento, evitando contato visual. Não sei se é o resultado do jogo, o fato de ele ter vomitado na minha frente ou de eu tê-lo chamado de maníaco por controle, mas há uma nova tensão no ar.

A vergonha me atinge novamente.

Jasper está tendo uma das piores semanas de sua vida, e estou analisando se ele está chateado comigo enquanto segura minha mão e abre a porta do carro para mim.

Balanço a cabeça com meu egoísmo quando a porta bate e ele entra ao meu lado.

— Rancho? — ele pergunta enquanto desliza seu longo braço sobre as costas do meu assento. Nós saímos juntos em um carro um milhão de vezes, exceto que agora a proximidade dele parece pesada e desconhecida.

— Sim — eu suspiro e afundo no assento de couro macio. — Rancho.

Fazemos o mesmo percurso que fizemos várias vezes na semana passada. Nenhuma música toca. Tudo o que ouço é o ruído branco do ar correndo pelas aberturas enquanto alterno entre olhar pela janela escura e depois de volta para o rosto cuidadosamente inexpressivo de Jasper.

— Você conhece o ditado ‘não existem perguntas estúpidas’?

Seus olhos cortam meu caminho e ele acena com a cabeça uma vez com firmeza.

— Seria verdade se eu perguntasse se você está bem?

Sua bochecha se contrai, e observo suas mãos torcerem no volante.

— Sunny, estou tão longe de estar bem que nem é engraçado.

Meu coração torce no meu peito, e minha língua se lança sobre meu lábio inferior enquanto continuo a analisá-lo, quebrando meu cérebro para saber o que dizer a seguir.

— No entanto, nada do que você diz é estúpido — ele acrescenta rapidamente.

Eu sorrio sem graça e olho para o painel. Deixe para Jasper Gervais dizer

algo assim quando passei os últimos cinco meses noiva de alguém que constantemente me fazia sentir como se as coisas que eu tinha a dizer fossem idiotas.

E eu apenas deixei. Coloco a mão sobre minha garganta em uma triste tentativa de acabar com a dor ali.

Esta não é a minha noite para chorar.

— O treinador me suspendeu por duas semanas.

— O quê? — eu exclamo, virando-me em meu assento para encará-lo. — Por quê? Todo goleiro passa por momentos difíceis.

— Porque nunca revelei o que está acontecendo. Ele sabe como eu sou. Ele sabe que minha cabeça está em outro lugar, e por mais que eu odeie admitir, ele está certo. Quero estar lá, mas eu também... — Ele para, as mãos largas girando no volante em frustração.

Ele não contou a eles sobre Beau? Deus. Este homem é um cofre, trancado tão apertado. Ele sempre foi um homem de poucas palavras, mesmo perto de mim. Mas neste momento, não é como se ele não pudesse encontrar as palavras. Eu sei que ele pode. É mais como se fosse doloroso para ele arrancá-las de si mesmo. Como se ficar quieto e introspectivo fosse seu melhor mecanismo de defesa.

Sei que ele é mais aberto comigo do que com a maioria das pessoas. Mais suave, menos grunhido. Então forneço com cautela: — Você também quer se enrolar na cama e chorar?

Porque se eu me sinto assim agora, ele também deve.

Um breve aceno com os olhos fixos na estrada escura é o que ele oferece de volta, que é tudo o que eu esperava dele.

Um som alto de vibração ecoa contra algo em minha bolsa, enchendo o veículo já tenso com outra camada de ansiedade.

Com um profundo sentimento de pavor, pego meu telefone e o encaro.

É minha mãe. E esta é a primeira vez que ela liga. A resposta dela ao meu grande texto foi: *Cuide-se. Eu amo você.*

Tenho dezenas de chamadas não atendidas de meu pai e de Sterling, e de incontáveis *amigos*. Tenho me referido a eles na minha cabeça como fofoqueiros porque, se você não fala comigo há anos, não sei por que conversaria com você sobre a implosão do dia do meu casamento.

Na semana passada, ouvi as mensagens de voz de Sterling e do meu pai, mas não as apaguei. Dessa forma, minha caixa de entrada enche e eles não podem deixar mais. Suas mensagens são raivosas, frenéticas e autoritárias. Basicamente, a última coisa com a qual tenho vontade de lidar.

Mas minha mãe? Ela é outra história completamente. Ela... juro que ela olhou para mim antes do casamento como se tivesse algo a dizer. Seus lábios se separaram e sua mão se estendeu para mim. Ela estava tão perto. Antes que ela pudesse falar, meu pai entrou, disse que eu era a noiva perfeita e a levou embora.

A expressão que ela me lançou por cima do ombro enquanto ele a levava para fora era de súplica.

O telefone ainda está vibrando na minha mão, e estou olhando para ele como uma bomba-relógio quando Jasper limpa a garganta e olha para mim.

Engolindo em seco, deslizo para responder. — Oi, mãe.

— Sloane — ela sussurra meu nome como se fosse o alívio que ela está procurando.

— Oi. Eu...

— Eu só preciso ouvir sua voz. Saber que você está em algum lugar seguro. — Há um leve tremor em sua voz e, de repente, a parte de trás da minha garganta dói com uma ferocidade que rouba minha respiração. Minha doce e solidária mãe. Aquela que aprendeu a prender meu cabelo em um coque perfeito.

Que me levou a todos os ensaios e recitais de balé, não importava o quão cedo ela tivesse que acordar.

Eu mataria por um abraço da minha mãe agora. Absolutamente mataria.

Olhando para Jasper, respondo: — Estou segura. — Porque como eu poderia me sentir outra coisa senão segura? O homem literalmente me tirou do meu casamento e me carregou pela rua, e nem piscou.

Como se simplesmente *soubesse* que preciso dele, ele estende a mão pelo console central e pega a minha. Dedos se unindo aos meus.

Eu ouço um suspiro irregular do outro lado da linha. — Bom. Bom. Você vai... embora por um tempo? — Sua voz soa quase esperançosa agora.

Minha cabeça gira com sua pergunta estranha. Eu esperava que mamãe me interrogasse sobre quando voltaria. — Por que você me pergunta isso?

Eu olho para Jasper novamente e o pego me observando. Ele está ouvindo e realmente não me importo. Há apenas um segredo que estou desesperada para esconder de Jasper: que estive pateticamente apaixonada por ele durante a maior parte da minha vida.

— Porque é isso que eu faria se estivesse no seu lugar. — Uma risada metálica segue sua declaração, e meus olhos se arregalam com sua admissão.

Sei que ela se casou com alguém de uma família rica como a dela, enquanto sua irmã se casou com Harvey e viveu uma vida mais tranquila no rancho. Muitas vezes me perguntei se ela está feliz em seu casamento, mas nunca tive coragem de indagar.

— Mãe, eu...

Meu telefone morre na minha mão.

— O que aconteceu? — A voz de Jasper é toda cascalho.

— Ele... descarregou. — Balanço minha cabeça, repassando suas palavras de

conselho através da minha mente no replay.

— E o que ela disse?

— Ela disse que se fosse eu, iria embora por um tempo.

— E o balé? Você deve precisar voltar logo.

Eu zombo. — Tirei uma licença para planejar o casamento. Então, estou de folga no Natal, porque optei por sair de *O Quebra-Nozes.*

— Por que você tirou uma licença? O casamento é apenas um dia.

Afundando ainda mais no assento, deixo a parte de trás da minha cabeça rolar para frente e para trás enquanto confesso algo que soa tão estúpido que meu estômago embrulha só de dizer em voz alta. — Sterling disse que eu precisava estar — levanto minhas mãos para cima em aspas sarcásticas — presente para planejar o casamento e aproveitar a lua de mel.

Passo o polegar sobre a pequena cicatriz rosa de onde me cortei com o enorme diamante em meu dedo. Eu realmente deveria tirar meu anel. Eu até *quero* tirar. Não é Sterling que me impede de fazer isso. É que tenho essa sensação profunda de que, uma vez que eu o remova, *tudo* em minha vida mudará. Serei um novo eu e nada mais parecerá o mesmo. Minha família. Minha educação. Tudo o que sei.

E isso me assusta.

Um músculo na mandíbula de Jasper estala, e a pele sobre os nós dos dedos afina sob a pressão dele apertando o volante. — Maldito Woodcock.

Eu dou uma risada. *Woodcock.*

— Então o que você vai fazer? — A ponta da língua fica presa entre os dentes brancos e retos, como se ele estivesse mordendo para não dizer mais nada.

— O que você acha que eu deveria fazer?

Sua boca se contorce. — Sunny, a última coisa que você precisa na vida é outro homem lhe dizendo o que fazer.

Suspiro e me viro para olhar para os campos escuros passando pela janela do passageiro. Eu mataria para ter Jasper Gervais me dizendo o que fazer. O fato de ele achar que não deveria me faz querer ainda mais.

Preciso de alguém para assumir o comando, mas com meus melhores interesses em mente. Não um negócio. Não aparências. *Eu. Minhas necessidades.*

— O que Beau faria? — murmuro.

Eu não quero dizer isso alto o suficiente para que Jasper me ouça, e é por isso que pulo quando Jasper responde com: — Ele daria o fora e faria algo por si mesmo.

9

Jasper

Cade: Por que você não se junta a nós para jantar logo?

* * *

Rhett: Cerveja amanhã?

* * *

Roman: Se precisar conversar, estou sempre por perto. Cuide-se.

* * *

Eu me enrolo na minha cama de infância, encolhido em uma bola apertada como faria se estivesse de ressaca. Como se apenas ficar deitado e quieto, não vou me machucar.

Mas aí lembro que meu irmão sumiu e *tudo* dói.

Eu não quero nem pensar nisso. Quero empurrar para o mesmo canto onde mantenho minha irmã Jenny. Mas não está funcionando. Meu jogo mental está uma merda agora, algo que provei repetidamente no gelo ultimamente.

Anos de terapia esportiva contínua para aprimorar minha mente para lidar com a pressão da minha posição e tudo desmorona com um chute rápido na base.

Esses pensamentos intrusivos semelhantes a vinhas rastejam e ameaçam me estrangular.

Tentei fazer o exercício que sempre funcionou para mim. Quatro segundos é tudo que me dou para ter pensamentos sombrios. Eu mergulho neles, mas apenas por quatro segundos. Depois disso, mudo para me imaginar chutando bundas, jogando o meu melhor e fazendo uma defesa digna de goleiro de destaque. E então penso em algo totalmente diferente.

Apenas quatro segundos de medo, tristeza ou dúvida. Quatro segundos de insanidade. Isso é tudo que vou permitir.

Mas não mais. Agora estou sentado com esses pensamentos sombrios como se fossem um velho amigo.

Eu me sento, as pontas dos meus dedos afundando no colchão macio demais. A casa estava silenciosa quando chegamos aqui. Todos se escondendo em seus próprios cantos para lidar com isso à sua maneira.

Rhett tem Summer.

Cade tem Willa.

Violet tem Cole.

Parece que todo Eaton tem alguém em quem se apoiar. Exceto eu. E Harvey. É por isso que estou aqui há tanto tempo. Não consigo tolerar a ideia de deixá-lo sozinho nesta casa depois que ele se certificou de que eu não estava sozinho quando adolescente.

Todos com quem me importei na vida partiram de uma forma ou de outra – agora faz parte da minha personalidade. Não posso controlar quem sai, mas posso controlar todo o resto a um ponto em que minha ansiedade não me paralise.

Mas isso? Isso está me devastando e não consigo controlar nada.

— Porra! — eu rujo, assim que me viro e bato meu punho na parede de

gesso ao meu lado.

Um som baixo de soluço sai de meus pulmões enquanto a dor atravessa meus dedos. Eu aperto minha mão e me repreendo internamente. Que porra de idade eu tenho? Socando uma parede como um adolescente zangado.

Minha porta se abre, e o corpo esguio de Sloane é uma silhueta na porta aberta. — Jas? — Ela parece em pânico, um pouco sem fôlego, como se tivesse corrido para cá.

— Estou bem. A parede não está, mas vou remendá-la.

— Você bateu na parede?

Eu gemo e aperto minha mão novamente. — Vá para a cama, Sloane. — Não estou com vontade de falar. E estou cansado de me preocupar. No momento, Sloane é apenas mais uma coisa com a qual me preocupo.

Não apenas porque ela deixou o noivo praticamente no altar, mas porque estou profundamente satisfeito por ela ter feito isso. Satisfeito demais. A última coisa que Sloane precisa é que eu cruze a linha.

Ela não torna isso fácil, no entanto. Porque ela simplesmente ignora o que eu digo a ela para fazer e caminha pelo meu quarto, com os pés descalços na madeira lisa.

Eu gostaria que ela tivesse ignorado outros idiotas quando eles disseram a ela o que fazer. Casar com um idiota para fechar um negócio. Deixar seu trabalho – sua paixão – para planejar um casamento.

É tudo uma grande besteira.

A garota selvagem que eu conhecia teria mostrado a língua para eles e continuado com sua vida. Portanto, não posso deixar de ficar um pouco satisfeito por ela caminhar até o banheiro da minha suíte resmungando algo sobre *garotos burros* antes de retornar com uma toalha quente e molhada.

Ela volta para ficar bem entre meus joelhos, ainda vestindo minha camisa.

Meu pau engrossa com a visão. O luar prateado destaca o brilho no tecido, e meus olhos se prendem na bainha que cai no meio da coxa.

Meus dedos se contorcem como se tivessem vontade própria. Como se eles gostariam de explorar aquela bainha. Subir suavemente e ver o que está por baixo. Apagando e arruinando anos de amizade com o passar do tempo.

No entanto, há uma parte de mim que quer apagar todos os lugares que aquele idiota Woodcock conseguiu tocá-la. Conseguiu *tê-la*.

Ele não a merece.

— Dê a mão, Gervais. — Sua voz é suave e calmante. Sonolenta e resignada de alguma forma. Basta uma olhada no relógio digital na minha mesa de cabeceira para saber que ela acabou de cair no sono.

Se ela ao menos adormeceu.

Ciúme e culpa giram em meu estômago. — Estou bem. Volte para a cama.

Ela ergue o quadril, fazendo minha camisa deslizar mais alto desse lado. Realmente não ajudando meus olhos errantes. Minha mão nem dói mais. Só consigo pensar em estender a mão por baixo do tecido e modelar a curva suave de sua cintura. Traçando a pequena covinha em ambos os lados de sua coluna logo acima de seus quadris.

Cada parte de Sloane é tonificada e forte. Longa e magra. Ela é como um pedaço de mármore pálido que foi esculpido com perfeição por anos.

— Mão. Agora.

Pisco, inclinando-me ligeiramente para trás. Estou muito excitado e nenhum de nós está usando roupas suficientes para essa interação. Mas a expressão em seu rosto não abre espaço para debate. Rangendo meus molares, levanto minha mão direita para ela e assobio quando o pano molhado pressiona contra meus dedos.

— Idiota — ela murmura, esfregando cuidadosamente cada saliência de cada

dedo e segurando meu pulso com uma ternura que parece estranha de muitas maneiras.

Porque, embora eu faça sexo com mulheres, mantenho isso muito privado. Separado de todas as outras partes da minha vida. Trabalho e família nunca se cruzam. E não é... pessoal. Eu tenho certeza que não é. Porque se apegar *dói*, e encontrar alguém para me apegar em quem possa confiar neste momento da minha carreira parece absolutamente impossível.

— Uau. Muito reconfortante. Você deveria ter se tornado enfermeira.

Eu vejo uma lasca de sorriso em seus lábios enquanto uma cortina de cabelo loiro cai sobre seu rosto. — Não, você deveria. Você foi ótimo cuidando dos meus pés.

Os pés dela.

Meus olhos percorrem suas pernas até o chão e me lembro daqueles dias. As bolhas. A vermelhidão. O inchaço.

Eu continuei voltando para ajudá-la, mesmo quando ela não me pediu. Mesmo que me dissessem para não fazer isso. Em retrospecto, foi uma daquelas noites em que vi Sloane pela primeira vez como mulher, e não como a menininha loira do rancho. Uma prima. Uma amiga.

Aconteceu enquanto eu esfregava seus pés doloridos e passava o polegar pelo arco do pé. Sua cabeça caiu para trás contra as almofadas em seu sofá macio de cor creme, e a coluna exposta de sua garganta captou o brilho quente da luminária de chão atrás dela de uma forma que me paralisou. Sombras brincavam em suas clavículas. Suas bochechas ficaram com um tom rosado.

O gemido que saiu de seus lábios me fez mexer desconfortavelmente em meu jeans.

Depois disso, parei de esfregar os pés dela.

Percebi que ela não era uma garotinha. E eu queria o que não podia ter.

Ela ainda era jovem, porém, e nova em viver sozinha. Ela precisava de um amigo. E em pouco tempo ela tinha um namorado e o navio partiu. Com nossa diferença de idade, a relação familiar próxima, o pai dela... havia muitos laços, muitas complicações.

Muito medo de perdê-la.

Não que eu a tivesse submetido a mim de qualquer maneira. Mas de vez em quando, eu me pegava sonhando. Ou o rosto dela aparecia em minha mente enquanto eu tomava banho, enquanto minha mão envolvia...

— Pronto. Agora deite-se e deixe secar.

Sua palma pousa no meio do meu peito e me empurra de volta para a cama, suas pernas nuas pressionando contra o interior dos meus joelhos enquanto ela faz.

Muitas pessoas me olham como se eu fosse um cubo mágico que não conseguem resolver. Minhas cores estão todas confusas e do avesso, mas Sloane não se importa que eu esteja bagunçado. Ela nunca olhou para mim como se eu precisasse de conserto. Ela sempre parecia como agora. Terna e solidária.

Quando seus olhos caem para o meu torso nu, traçando os contornos das minhas tatuagens escuras, o conforto do momento se torna íntimo. Sua expiração é áspera na sala silenciosa antes de seus olhos se prenderem em minha cueca e se desviarem para onde suas pernas nuas pressionam contra o interior das minhas. Meu olhar se fixa em seus lábios, observando-os se abrirem de surpresa. Como se ela estivesse tão ocupada cuidando de mim que não percebeu nosso estado mútuo de nudez.

Eu limpo minha garganta, levantando-me rapidamente e gentilmente guiando-a para longe de mim. Pegando o pano úmido e jogando no cesto do outro lado do quarto. — Obrigado. — Minha voz sai toda rouca e tensa. Eu me pergunto se ela percebe, mas não consigo olhar para ela. Em vez disso, concentro-me na batida constante do meu coração. Buscando cegamente na

gaveta escura da minha cômoda.

— Boa noite. — Minha voz falha como se eu fosse um adolescente, e balanço a cabeça antes de vestir uma camiseta e me sentar na cama, como se uma camiseta e um edredom simples fossem me proteger de qualquer que seja o momento que acabamos de compartilhar.

Eu bato meu punho dolorido no travesseiro, fazendo um show para acertar. Dói, mas ignoro a dor. Ou talvez eu goste disso.

— Jas? — Seu tom é suave e incerto enquanto ela fica me observando, e odeio pensar que posso tê-la deixado desconfortável com minha resposta rude.

Eu bato no travesseiro com mais força, porque odeio muitas coisas agora.

— Jas? Fale comigo. Diga o que se passa na sua cabeça.

Eu me viro para ela, toda a minha contenção quebrando sob o peso da noite. — Minha cabeça? Minha cabeça, Sunny? Minha cabeça está uma bagunça do caralho. Odeio que Beau esteja desaparecido e minha família esteja sofrendo. Odeio que meu time esteja lutando e eu tenha sido afastado. Odeio especialmente que alguém se aproveitou de você, que ele machucou você. Menosprezou você. *Gritou* com você. Você é uma das pessoas mais importantes da minha vida, e ele tratou você como merda. E eu realmente *odeio* isso.

Assobio as últimas palavras com veneno. Assim que elas limpam meus lábios, eu ofego, sem fôlego com as palavras que acabei de lançar por todo o meu quarto de infância para a garota que sempre escuta.

A garota que está sempre lá para mim.

A garota que quase perdi.

Eu deveria ser capaz de esquecer isso, mas seu relacionamento arranjado com Sterling dói tão intensamente que chega profundo em meus ossos. E não sou bom em deixar as coisas para trás. Cada canto da minha mente está pesado com arrependimento.

— Jasper, por que você está tão bravo com isso? — Ela parece confusa. — Estou bem.

— Estou com raiva, porque quero você feliz e segura. Você não estava. Eu me afastei quando descobri que você estava noiva. — O que não admito em voz alta é que meus sentimentos estavam confusos e complicados demais para enfrentar depois daquele anúncio. Isso me deixou sem fôlego de uma maneira que nunca vi chegando. — Mas você ainda precisava da minha ajuda, e eu não estava lá para você. Você chegou tão perto de ficar presa em uma vida que teria sido miserável para você.

Essa última semana me colocou em um estado onde estou praticamente espumando pela boca para protegê-la, para resgatá-la, para garantir que ela nunca acabe naquela posição novamente. E estou percebendo que o que estou sentindo é muito mais do que uma sensação fraterna de proteção.

É inveja. É *posse*.

— Jasper. — Seus olhos são como pires, suas mãos bem abertas enquanto ela as levanta e as deixa cair de volta em um encolher de ombros exausto. Ela se aproxima, os olhos percorrendo meu rosto. — Estou aqui, não estou? Estou aqui. Com você. — Seus dedos deslizam sobre a minha mão ainda fechada no travesseiro, e ela trava em meus olhos. — Somos só você e eu. Juntos. E estou segura.

Eu ofereço a ela um aceno conciso. É tudo o que posso controlar agora. Meus membros estão imobilizados. Muitas emoções. Seu corpo muito perto.

— Mova-se.

Minha cabeça vira em sua direção. — O quê?

— Mova sua bunda.

— Por quê?

Aquelas íris azuis pálidas rolam para trás em sua cabeça com tanta atitude.

Isso me lembra ela quando adolescente. — Porque não vou deixar você sozinho esta noite.

Meu corpo fica rígido. — Por quê?

— Porque estou preocupada com a segurança das paredes deste quarto. — A voz que ela usa é leve, mas seus olhos estão um pouco apertados.

Sloane não está preocupada com as paredes. Ela está preocupada *comigo.* É por isso que ela costumava subir no telhado comigo também. Ela sempre foi um pouco incerta se eu tomaria aquela direção.

Se eu me machucaria.

Claro, já pensei em suicídio. Mas principalmente do jeito que todo mundo pensou. O que seria necessário. Se poderia seguir adiante. Na esteira da morte de Jenny, eu tinha pisado naquela borda, mas desde que os Eatons me acolheram, nunca foi uma opção.

Eu sei como é perder alguém que você ama, e não poderia fazer isso com essas pessoas que se tornaram minha família. Sofrerei antes de obrigá-los a fazer o mesmo.

— Por quê? — pergunto, querendo validação em um momento de fraqueza. Querendo ouvi-la dizer que se preocupa comigo ou quer me consolar. É inseguro e eu não deveria esperar algo assim de uma mulher cujo relacionamento acabou poucos dias atrás.

Seu suspiro de resposta é cansado. — Você está falhando, Gervais. Você parece um disco arranhado. Mova-se, porra.

Uma bochecha se contrai com o fato de que ela recorreu a xingar. Há algo satisfatório em Sloane ter uma boca de marinheiro. Então eu me movo, não me permitindo pensar muito sobre se é uma boa ideia. Nós somos apenas amigos.

Meus olhos se fecham ao som do farfalhar do lençol, o pequeno colchão afundando sob seu peso.

Apenas amigos.

Algumas mechas de seu cabelo se emaranham na barba por fazer em minha bochecha enquanto ela se deita de frente para mim, mas eu as deixo lá, optando por respirá-la.

— Bem, essa cama é pequena.

Eu rio. — É. — A cama geralmente parece muito pequena para o meu corpo de um metro e noventa, sem contar adicionar outra pessoa.

O silêncio se estende um pouco demais. Um pouco longe demais.

— Estou incomodando você? Você quer que eu saia?

Meu coração bate contra a gaiola em que o mantenho trancado. Como Sloane poderia incomodar alguém? Ela tem que ser a pessoa menos chata do mundo.

— Não — eu digo enquanto me abaixo e envolvo minha mão em torno de seu pulso delicado, como se a impedisse de pensar em ir embora.

— Ok. — Ela respira, parecendo aliviada.

Ficamos em silêncio novamente, e deixo minha mente vagar pensando em como esses últimos dias devem ter sido para ela. Estivemos tão envolvidos em minha vida – Beau, hóquei, eu socando paredes como um adolescente furioso – que falhei em dar a ela o conforto que ela poderia precisar.

— Você está triste, Sloane?

Ela se mexe, virando a cabeça para olhar para o teto, dando-me uma visão escurecida de seu perfil. Seu cabelo se afasta, e meus dedos se contorcem em seu pulso com o instinto de passá-los pelos fios sedosos, para esfregar minha bochecha ao longo deles como faço quando nos abraçamos.

— Quero dizer, é claro. Sei que Beau não é meu melhor amigo, mas é meu primo. Algumas das minhas melhores lembranças são de longos e sufocantes dias de verão passados aqui com todos vocês. Eu estou... devastada. — Sua voz

falha um pouco, e observo seus cílios vibrarem rapidamente.

Ela está perto o suficiente para que eu possa estender a mão e segurá-la.

Mas não seguro.

— Eu quis dizer sobre... — Paro de repente. Seu nome não pertence aqui no escuro conosco. — O casamento.

Ela cantarola pensativamente enquanto passa dois dedos pelos lábios antes de pressioná-los com firmeza. Suas bochechas se contorcem, e é como se ela estivesse tentando esconder o sorriso. — Não.

— Você está tentando não rir sobre o seu grande casamento chique indo para a merda? — Eu rio baixinho, virando de lado para encará-la.

Um grunhido escapa dela, e agora ela está pressionando toda a mão sobre a boca. — Não!

— Você sempre teve um senso de humor fodido.

Seu corpo treme com o riso, e ela me dá um olhar de ofensa fingida. — Eu não tenho!

— Você ri nos momentos mais inapropriados. Você sabe que sim. — Aponto para ela de brincadeira. — Você riu daquela vez que Rhett caiu da lhama e quebrou o braço quando criança.

Ela ri ainda mais. — Ele merecia ser ridicularizado! Ele não tinha nada que montar naquela lhama! E a maneira como ele se agarrou ao pescoço comprido o fez parecer um coala grande e burro ou algo assim.

Ela está ofegante agora, curvando-se para mim, e não posso deixar de rir com ela. Ele realmente parecia um coala grande e burro.

— E nem foi uma queda impressionante! Ele apenas caiu da maneira mais sem brilho. Eu o vi aguentar quedas piores de um touro bravo e ir embora totalmente bem.

As risadas nos atingem com força na caminhada pela estrada da memória, e enxugo as lágrimas de felicidade dos meus olhos enquanto olho para o teto de estuque. Deus, nós nos divertimos quando crianças aqui. É bom relembrar. Bom rir.

É bom deitar aqui com alguém que conhece alguns dos dias mais felizes da minha vida. Estivemos em uma rotina de jogos e treinos esta semana. Acho que Sloane tem dançado para se divertir em uma sala vaga na academia de Summer e depois cuidado de Harvey. Estamos todos escondidos. Recolhendo-nos. Tentando manter as coisas normais, mas falhando.

Ela suspira profundamente e continua: — De qualquer forma. Não. Não estou triste com o casamento. Eu estou... aliviada. Isso não é horrível? Tudo o que sinto é um alívio intenso. Vou para o inferno por admitir isso?

Meu polegar roça o osso em seu pulso. A maneira como me sinto sobre o casamento dela desmoronar em nada é um alívio intenso também. — Não. Se você vai para o inferno por isso, então eu definitivamente estarei lá para todas as minhas merdas também.

Ela boceja e seu corpo se amolece ao meu lado; ela deve estar tão cansada. — O inferno poderia ser bom se você estivesse lá comigo. — Ela endurece. — Eu não quis dizer...

Não querendo que ela tenha segundos pensamentos sobre qualquer coisa que diga, eu a interrompo. — O inferno pode realmente ser bom se ficarmos presos lá juntos, Sloane.

O som de sua cabeça balançando contra o travesseiro me diz que ela está concordando com a cabeça. E então eu me entrego àquela vozinha na minha cabeça. A que me diz que preciso dela.

Eu puxo seu corpo contra o meu, meus braços a envolvem e nossas pernas se entrelaçam instantaneamente.

— Boa noite, Sunny — é tudo o que digo enquanto me deleito com o calor reconfortante dela.

Um momento de silêncio se passa e então ela suspira. — Boa noite, Jas.

10

Jasper

Harvey: Como está a mão?

Jasper: Como você sabe?

Harvey: Estou velho. Não surdo.

Jasper: Está bem. Estou bem.

Harvey: Não, você não está. Nenhum de nós está. Mas sabe o que vai fazer você se sentir melhor?

Jasper: O quê?

Harvey: Consertar minha parede. Tem massa corrida e uma espátula do lado de fora da sua porta.

Jasper: Desculpe, Harv. Eu resolvo isso. Promessa.

Harvey: Tudo bem, filho. Você viu Sloane? Sua porta estava aberta e seu quarto estava vazio. ;)

* * *

— Eu estava me perguntando... bem, estava pensando... — Sloane espia para mim por baixo de seus cílios, as mãos torcendo na frente dela. Ela está deslumbrante. Ela cresceu tanto desde o último verão que quase não consigo acreditar no que vejo.

Eu vim para o rancho para o jantar de Páscoa e não esperava que ela estivesse aqui. Ainda nos vemos principalmente no verão, porque, morando na

cidade, ela está ocupada com dança e escola e estou totalmente imerso em manter este lugar que tenho na lista principal com os Grizzlies.

Eu estava prestes a sair quando ela correu atrás de mim até a porta.

Eu abaixo minha voz, descansando minhas mãos em seu ombro para olhá-la nos olhos. — Está tudo bem, Sloane? Você está me deixando nervoso. Aconteceu alguma coisa? Você sabe que pode me contar qualquer coisa.

— Oh! Não! — Ela ri estridentemente, as bochechas ficando rosadas enquanto ela empurra o cabelo loiro solto atrás das orelhas.

Um poço de pavor cresce em meu estômago. São os cílios. O rubor. O jeito nervoso com que ela brinca com o cabelo. E o fato de que Harvey, Violet e meus irmãos estão basicamente assistindo da sala de estar.

Não estou alheio ao fato de que Sloane tem uma queda por mim. Mas eu tenho fingido que estou. Porque a merda é muito menos estranha assim.

— Ok. — Ela sorri para mim nervosamente, e os nervos se agitam no meu estômago. — Eu só vou seguir em frente e dizer isso. — Ela respira fundo. — Você vai ao baile comigo?

Agora ela não é a única corando. Sinto que todo o meu rosto está pegando fogo. — Ah, Sunny. — Meus dedos pulsam em seus ombros e me perco no brilho de esperança em seus olhos. Ferir Sloane é o suficiente para me fazer sentir como se estivesse doente.

Eu não quero desapontá-la, mas porra... também não posso fazer isso. — Eu não sou o cara com quem você quer ir. Eu... — Procuro uma boa razão que não seja apenas, eu não quero iludir você. — Tenho vinte e quatro anos. Realmente na mídia agora. Com você no ensino médio, não tenho certeza se seria uma boa imagem, sabe?

Eu tento tanto ignorar que seus olhos se enchem instantaneamente. A maneira muito rápida com que ela acena com a cabeça. — Oh. Sim. — Ela se

afasta de mim, minhas mãos caindo de seus ombros, e ela olha para a sala de estar. — Sim. Claro. Isso faz todo sentido.

— Ainda amigos, certo? — Estendo a mão para a frente, tentando dar um aperto reconfortante em seu antebraço. Ela puxa o braço para trás e força um sorriso brilhante em seu rosto.

— Sim. Claro. Ainda amigos. Sempre. — Com outro aceno frenético, ela se vira, mas não volta para a reunião de família. Ela desaparece no corredor que leva aos quartos do andar de cima.

Eu me sinto um merda enquanto me despeço de uma sala cheia de familiares de olhos arregalados e desajeitados pra caralho. Não sei o que dizer a eles. Eu meio que espero que alguém conte uma piada, mas ninguém diz uma palavra enquanto fujo de casa, e tudo o que isso faz é mostrar o quão brutal foi aquela interação com Sloane.

Porque mesmo que haja uma pequena parte de mim que pensa que seria fofo ir com ela, eu sei que não posso.

Ela precisa se divertir em seu baile. Fazer memórias – com alguém de sua idade. Ela precisa ter a melhor noite, e tenho certeza de que não posso ser aquele a dar isso a ela.

Sloane Winthrop se tornou uma mulher inteligente, bonita e muito talentosa. Ela tem uma vida inteira pela frente com um namorado rico e brilhante pelo qual ela vai se apaixonar enquanto busca seus estudos superiores em alguma universidade particular chique.

Ela não precisa mais de alguém como eu segurando-a.

Quase me convenci de que fiz a coisa certa quando chego à minha caminhonete. Mas quando eu me afasto pela entrada da garagem, o arrependimento me incomoda. Eu olho para o espelho retrovisor, e Sloane está lá.

Sentada naquele telhado sozinha.

Provavelmente percebendo o que eu já sei.

Que não sou bom o suficiente para ela. Nunca fui. Nunca serei...

Eu acordo com a testa de Sloane pressionada no centro do meu peito. Suas mãos estão enroladas em punhos frouxos e agarradas sob o queixo como se ela estivesse tentando evitar me tocar durante o sono.

Eu não sofro da mesma hesitação. Eu tenho meu braço pendurado casualmente sobre seu pequeno corpo e uma perna possessivamente sobre ambas as dela.

Isso beira o limite. Sim, somos amigos. Mas também somos um homem e uma mulher. Sozinhos e parcamente vestidos em uma cama pequena demais.

E ela ainda está vestindo minha camisa.

Amigo. Amigo. Amigo.

Eu bato a palavra em meu cérebro repetidamente como se pudesse cimentá-la de alguma forma. Imagino isso por quatro segundos, as letras surgindo como se estivessem sendo digitadas ao lado de um cursor. Como se isso pudesse me impedir de pensar: E se não fôssemos apenas amigos? E se fôssemos mais?

Claro, encerrei as coisas entre nós quando ela era praticamente uma criança. E mesmo não muito tempo atrás, ela fez uma piada improvisada que atingiu um pouco perto enquanto eu ajudava a montar sua TV na parede.

Eu ri, embora não achasse nada engraçado. Eu disse a ela que isso nunca aconteceria. *De novo.* Porque como poderia?

Mas ela plantou uma semente naquele dia. Uma que se transformou em uma pergunta que tenho muito medo de fazer.

Agora estou deitado aqui me perguntando... por que diabos isso não pode

acontecer? Houve um tempo em que eu estava convencido de que não poderia ser o cara que daria a ela o que ela precisava, para fazê-la feliz.

Ela me queria, e eu estraguei tudo – como sempre faço.

Mas isso foi antes. E isso é agora. Não sou o mesmo garoto assustado que era naquela época.

A palavra *amiga* desaparece quanto mais eu a encaro – a ponta ligeiramente arrebitada de seu nariz que mexe um pouco quando ela fala. As maçãs do rosto salientes e nobres que ficam tão perfeitamente arredondadas quando ela ri. Seus cílios que são lavados sem rímel e assumem uma cor marrom mais pálida onde estão espalhados sobre sua pele macia.

Seu anel de noivado, o que ela ainda está usando, brilha cegamente sob seu queixo. E é a dose de realidade que preciso.

Prova de que cheguei tarde demais. Que não importa o quanto eu trabalhe no meu tempo de reação no gol, minha vida pessoal sempre foi uma grande falta. Eu congelo. E enquanto fico preso na minha cabeça, o mundo continua girando.

Porque, enquanto fico pensando se poderíamos ser mais, cuidando de todas as minhas emoções complicadas, a realidade é que ela quase caminhou pelo corredor com outro homem. Qualquer sentimento que ela já teve por mim deve ter desaparecido há muito tempo.

Verdade seja dita, eu realmente não posso dizer o que ela está sentindo agora. Ela pode dizer que não está triste, mas sei como funciona o luto. Eu sei que vem em ondas. Eu sei que você pode se sentir bem com algo um dia e isso pode prejudicar você no dia seguinte.

A raiva sempre vem.

E sei que o que ela precisa agora é de Jasper, seu amigo. Não Jasper, que tem sido muito covarde para cruzar essa linha, embora esteja pensando nisso há anos.

Eu cuidadosamente removo meus membros de sua forma adormecida,

afastando a onda de arrependimento que me atinge quando a solto. Eu forço meus olhos para o chão, observando meus dedos contra o chão de madeira enquanto alcanço qualquer roupa que possa encontrar.

E então saio do quarto, fraco demais para me impedir de olhar para trás, para sua forma adormecida, uma última vez. Ela parece pequena e frágil – muito magra. Ela parece exausta e espero que durma. Espero que ela coma.

A porta se fecha silenciosamente atrás de mim, e dou passos largos até a cozinha, sem saber ao certo com o que vou me deparar quando chegar lá.

Serei o primeiro a admitir que não lido bem com situações emocionais. Trauma? Eu tenho o suficiente, obrigado. Sentimentos? Muitos desses também.

Dobro o corredor e entro na grande cozinha da casa de fazenda, que consiste em tábuas largas e gastas, armários de madeira escura e paredes verde-escuro. A casa inteira está desatualizada e ainda... não. É como se tivesse sido transportada diretamente do set de *Yellowstone*.

Completo com dois rapazes do campo sentados à mesa tomando uma caneca de café.

— Você se vestiu no escuro? — Cade dispara contra mim.

Harvey solta uma gargalhada e eu olho para mim mesmo, percebendo que peguei uma camisa rosa neon com um logotipo amarelo de bebida energética, listras pretas e brancas nos braços. É realmente atroz, mas estava escuro ontem à noite. Acho que foi promocional. Tenho certeza de que nunca a usei antes. E realmente combina com a calça de corrida verde militar que estou usando.

Meus lábios se curvam. — Escute, o dia em que seguir conselhos de moda de alguém tão velho quanto você, que mal sai deste rancho, é o dia em que eu morro.

Eu vejo a bochecha de Cade contrair. Implicar um com o outro é a nossa zona de conforto. E caramba, é bom. Os dias sangraram lentamente em uma

normalidade deprimida. Tivemos um jantar em família estranho. Harvey não fez nenhuma piada sobre sexo oral e Beau não estava lá para aliviar o clima. Parece que todo mundo está apenas seguindo os movimentos. Esperar por notícias é o pior.

Vou direto para a cafeteira, sirvo-me de uma caneca e sento-me à mesa com os outros dois homens.

— Eu acho que está tão acostumado com todo mundo bajulando você que não sabe mais quando parece um maldito palhaço.

— Adorável vindo do cara que usa jeans pelo menos dois números abaixo do seu. — Eu dou a Cade um grande sorriso cafona, amando a sensação de algo que não é apenas triste.

— Willa gosta deles apertados.

Eu arqueio uma sobrancelha. — Quanto tempo ela leva para tirá-los de você? Minha aposta é em pelo menos cinco minutos

— Traga seu cronômetro. Você pode assistir da próxima vez, provavelmente poderia ensinar uma coisa ou duas a você, idiota.

A cabeça de Harvey gira entre nós, um sorriso divertido em seus lábios.

— Vou avisar com antecedência para que você possa tomar seu Viagra a tempo, meu velho.

— Ah, não. — Harvey acena com a mão com desdém. — Os Eatons são um bando viril. Mesmo eu não preciso disso.

— Jesus Cristo. — A cabeça de Cade cai e seus olhos se fixam em sua caneca de café como se ele estivesse procurando por respostas sobre como fazer seu pai parar de dizer coisas inapropriadas.

Eu bufo, porque sei que esse dia nunca chegará. E é um sinal de vida que aceito. O senso de humor de Harvey é uma das minhas coisas favoritas sobre ele – sempre foi.

E, por mais quieto que tenha sido ao longo dos anos, nunca consigo resistir a seguir essa linha com ele. Empurrando-o um pouco mais para ver o que ele vai dizer.

— Você tem alguém especial para receber toda essa virilidade, Harv?

— Algumas pessoas. Difícil escolher uma só, sabe? Por que escolher? — Ele sorri de volta para mim maniacamente.

— Certifique-se de embrulhar — é minha resposta casual. Após a morte de sua esposa há tanto tempo, fico feliz que ele tenha alguma companhia.

Harvey sorri. — Fale com o Cade sobre isso. Eu não.

Cade geme e inclina a cabeça para trás, agora olhando para o teto. — Eu deveria ter ficado na minha casa.

Concordo com a cabeça, tomando um longo gole do café na minha mão. — Provavelmente. É cedo. Não esperava encontrar você aqui.

— Bem, Harvey e eu estávamos prestes a fazer pedra, papel e tesoura para ver quem faria uma viagem para ver Violet em Ruby Creek com um monte de feno.

Minha cabeça esquiva. — Desculpe?

Harvey intervém. — Algo sobre falta de feno por lá. Verão quente e seco. Então ela nos ligou, implorando por um trailer cheio para ajudá-los a passar o inverno. Ela ainda reclama que o feno lá é péssimo em comparação com o nosso. — O homem mais velho se enche de orgulho com o elogio da única filha.

Cade me acerta com um olhar sério. — Mas nenhum de nós realmente quer ir. — Ele limpa a garganta. — Apenas no caso.

Harvey acena com a cabeça, os olhos encolhendo instantaneamente.

Apenas no caso. Eu sei o que eles estão dizendo sem ter que pedir mais. Apenas no caso de Beau ser encontrado. Apenas no caso de Beau ter morrido.

Apenas no caso de eles precisarem se apoiar em sua família quando chegarem notícias sobre seu amado irmão.

— Eu irei. — Nem preciso pensar duas vezes sobre isso.

Ambas as cabeças se viram em minha direção, a surpresa estampada em seus rostos.

Harvey sorri para mim gentilmente, do jeito que tem feito desde que me acolheu, mesmo quando já tinha coisas demais para fazer. Nunca conheci um homem com um coração maior do que o de Harvey Eaton. — Você é um bom menino, Jasper. Mas você tem sua temporada. Você não pode ir, embora seja muito importante para mim que você se ofereça.

— Sim, sobre isso... na verdade, estou de licença agora. Por pelo menos duas semanas.

As sobrancelhas grossas de Harvey se franzem em sua testa. — Por quê?

— Você não viu os jogos dele esta semana? — Cade entra.

Eu olho em sua direção. Ele apenas sorri.

— Idiota do caralho — murmuro sem malícia enquanto me volto para Harvey. — Porque Roman é um idiota controlador que descobriu que eu não revelei o que estava acontecendo para a administração ou comissão técnica e então fui um merda no gelo e perdemos um monte de jogos. E acho que, em vez de gritar comigo do banco como sempre faz, ele decidiu ser inspirador ou alguma merda e me mimar como uma criança triste.

Encontro silêncio e olhares ligeiramente preocupados, porque não costumo falar tantas palavras de uma só vez. Na verdade, não costumo dizer muitas palavras, ponto final. Eu me retraí em mim mesmo há muito tempo e fiquei muito bom em ouvir, em vez de falar.

— Bem... essa é a história — conta Harvey, como se não soubesse bem o que dizer.

— Você me lembra um pouco uma criança triste — diz Cade.

Idiota.

— Eu irei. Vocês ficam. — Gesticulo entre eles. — Você precisa estar aqui. Cade, você tem Willa e Luke, um bebê a caminho. Harvey, você tem várias namoradas e também toda a sua família.

Ambos riem e dou um pequeno sorriso, feliz por aliviar o clima.

— Você também é nossa família, sabe? — Cade está todo sério agora. Às vezes, é difícil diferenciá-lo, porque ele tem um senso de humor tão seco, mas é ele sendo sensível à sua própria maneira.

— Eu sei. Mas não há ninguém aqui que precise de mim. Deixe-me ir. Posso apoiar a família fazendo esta viagem. Vocês dois me ensinaram a transportar, vocês sabem que sou capaz com a caminhonete e o trailer. Além disso, seria bom ver Violet. Ela pode precisar de um pouco de distração também.

Os dedos de Harvey tamborilam na mesa. — As estradas podem estar ruins nas montanhas nesta época do ano.

Ele conhece minha ansiedade sobre dirigir, veículos e acidentes. É incrível como um simples erro pode se traduzir em uma ansiedade tão generalizada. Mas para ele? Para a minha família?

Eu posso engolir isso e ignorar.

Meu sorriso é tenso. — Eu sei. Embora, posso administrar.

— Sim. — Todos nos sobressaltamos, surpresos com a voz suave que vem do canto da cozinha. Como se ter mulheres em casa fosse tão incomum hoje em dia. — Ele consegue. E eu irei com ele para garantir que ele tenha companhia.

Sem sequer olhar para nós, Sloane se serve de um café. Ela mudou para uma simples legging preta combinada com um moletom cinza que engole a parte superior do corpo, meias de lã empilhadas sobre os tornozelos.

E quando ela se vira para sorrir para nós, seus cabelos loiros um pouco despenteados, posso ver as linhas em sua bochecha onde seu rosto estava pressionado nos lençóis da minha cama. Ela parece aconchegante – um pouco tonta. Isso me faz pensar em como ela se sentiu pressionada contra mim ontem à noite.

Ela parece diferente do que já vi. Ou talvez seja apenas a maneira como eu a *vejo* agora.

— Bom Deus, Gervais. O que diabos você está vestindo? — ela deixa escapar.

Todos os outros se dissolvem em um ataque de riso. Cade murmura algo sobre ele ter me contado isso, mas eu mal o ouço.

Estou focado em Sloane. Porque eu não vou dizer a ela o que ela pode e o que não pode fazer. Então, fico me perguntando como vou lidar com uma viagem pelas montanhas com apenas nós dois e não enlouquecer completamente.

Ou fazer algo completamente insano.

11

Sloane

Willa: Sloane, você pode confirmar que Jasper está bem? Os caras estão preocupados com ele, mas não sabem como falar com ele sobre seus sentimentos. Eles solicitaram que perguntássemos em vez disso. É como um jogo de telefone aqui.

Summer: Estamos todos trocando mensagens. Não é nada como um jogo de telefone.

Sloane: Ele está triste. Ele vai ficar bem.

Willa: Você deveria transar com ele.

Summer: Wils, esse não pode ser sempre o seu conselho.

Willa: Por que não? É um conselho sólido. Funcionou para você.

Summer: Ela acabou de fugir do casamento.

Willa: Sim, mas aquele cara é péssimo. Jasper tem aquela vibração sexy e torturada nele.

Sloane: Ele está triste. Não com tesão, Willa.

Willa: Ele pode estar os dois. Vire essa carranca de cabeça para baixo, garota!

* * *

— Ok, tenho tudo que preciso. — Entro na caminhonete com uma bolsa novinha em folha cheia de roupas novas e artigos de banheiro. Harvey me levou

à cidade esta manhã para preencher as lacunas em meu guarda-roupa temporário enquanto Cade e Jasper preparavam a caminhonete e o trailer.

Jasper me olha especulativamente. Ele realmente não falou muito comigo. Não sei se eu o assustei com meu comentário sobre como o inferno seria bom com ele lá – fale sobre estranho – ou se ele simplesmente não quer que eu vá com ele.

Talvez forçar minha entrada em sua cama tenha ido longe demais.

Talvez ele esteja descobrindo que eu nunca o superei.

É difícil dizer quando ele não fala. Mas estou acostumada com isso. Ele sempre foi quieto e eu sempre fiz o que queria. Falei com ele. Para ele? Praticava minha coreografia quando ficava sem coisas para dizer.

E ele sempre apenas observou. E ouviu.

Então acho que o jeito que ele está olhando para mim agora também não é novo, mas deixa os pelos dos meus braços arrepiados do mesmo jeito.

Eu jogo a bolsa no banco de trás, meu corpo roncando junto com o barulho da caminhonete. Ela é maciça, o motor soa alto e tem o poder de puxar a caçamba plana que agora está carregada com enormes fardos redondos de feno.

Minhas palmas batem contra minhas coxas enquanto olho pelo para-brisa para os postes flanqueando o final da entrada, aqueles unidos por um arco que tem uma placa de ferro forjado Wishing Well Ranch pendurada neles. — Ok. Vamos colocar esse show na estrada. — Estou pronta para um novo cenário. Sinto como se tivesse pisado em ovos a semana toda aqui em Chestnut Springs.

Jasper não coloca a caminhonete em movimento. — Tem certeza?

— Que devemos ir? — Meu nariz torce quando olho para ele, tão concentrado em mim.

— Não. Que você deveria ir comigo.

Calor queima minhas bochechas como se eu fosse uma maldita adolescente. Eu quase rio com o rumo que meus pensamentos tomam. *Eu pagaria um bom dinheiro para ir com Jasper Gervais.*

— Sim. Pare de perguntar, Gervais. Você está preso comigo.

Eu arrisco um olhar para o rosto bonito de Jasper. A barba por fazer um pouco mais longa do que o normal, o cabelo ainda úmido e penteado para trás. Sua mandíbula ainda tão estupidamente quadrada como sempre foi.

Ele arqueia uma sobrancelha escura para mim. — Sempre.

Eu solto um pequeno suspiro e deixo cair seu olhar novamente, tentando descobrir o que mudou entre nós nestes últimos dias. Tudo começou naquela noite no jantar quando ele conheceu Sterling pela primeira vez? Ou foi quando ele entrou naquele quarto da igreja, parecendo a porra de um super-herói em um terno de corte perfeito? Foi quando nos sentamos no telhado?

Tudo o que sei é que *algo* está diferente.

— Não posso deixar de apontar que você fazer essa viagem comigo parece muito com você fugindo de sua vida.

— Minha mãe disse que, se fosse ela, iria embora e, honestamente, nada nunca soou mais atraente. — Jasper é apenas a cereja no topo, mas não expresso esse pensamento. Até eu tenho limites quando se trata de sangrar por todo o lugar sobre essa paixão não correspondida.

Ele me dá um olhar divertido, que diz: *Você é um monte de merda,* antes de eu acrescentar: — Ah, é? E o que você está fazendo, Jasper?

Seu pomo de Adão balança logo acima do decote de seu macio agasalho marrom enquanto ele engole. — Ajudando a minha família.

Acho que nós dois temos uma história à qual estamos nos apegando.

— Você vai tentar me dizer que não recua ou se isola quando coisas ruins acontecem? É como se esquecesse que eu conheço você há quase duas décadas.

Um músculo na mandíbula de Jasper flexiona com um movimento sutil de sua cabeça. Ele estende a mão e coloca a caminhonete em movimento. — É impossível esquecer há quanto tempo conheço você, Sunny — é tudo o que ele diz enquanto nos afastamos do portão.

E eu gasto uma quantidade absurda de tempo revirando aquela frase na minha cabeça, imaginando o que diabos ele quis dizer. *Impossível esquecer.*

— Você pensa em mim? — eu deixo escapar, observando-o ainda no minuto em que essas palavras saltam dos meus lábios. — Quando passamos semanas ou meses sem nos falar ou nos ver... você pensa em mim?

— Por quê? — Sua voz é fria e uniforme, sem revelar nada.

Torço meu anel nervosamente e suspiro. — Não sei. Aqui. Com você. — Eu gesticulo entre nós. — Continuo me esquecendo de tudo na minha vida. *Todos* os outros. Mas quando estamos separados, volto constantemente para – sabe de uma coisa? Deixa para lá. Apenas me ignore.

O silêncio que se estende entre nós é denso, vivo e faiscando com o calor e a realidade da minha quase confissão.

Um calor que se espalha por todo o meu corpo quando ele finalmente responde com: — Todo maldito dia, Sunny.

* * *

— Quer jogar *I Spy*? — pergunto depois do que deve ser pelo menos uma hora de silêncio.

Eu posso ver Jasper recuando para si mesmo. Seus ombros se curvam, os nós dos dedos ficam brancos. Juro que consigo ver o cérebro dele.

E o que está lá dentro é um homem que está *enlouquecendo.*

Isso me faz querer rastejar para o colo dele e sacudi-lo, trazê-lo de volta de

qualquer saliência que ele esteja pisando.

A única maneira que conheço de fazer isso é entretê-lo e envolvê-lo. Fazê-lo rir. Ele tem a melhor risada, toda profunda e suave, um pouco ofegante como se estivesse tentando abafá-la e escondê-la.

Quando Jasper ri, ele parece tímido. Seus olhos caem e seus dentes retos brilham. Acho que depois de observá-lo tão de perto por tanto tempo, cataloguei todas as suas reações. Os pequenos tiques.

É patético se eu pensar muito sobre isso.

— *I Spy*? — Sua sobrancelha levanta e ele olha na minha direção.

Estendo a mão e abaixo o volume do disco do Nirvana, que foi a trilha sonora do primeiro trecho de nossa viagem. — Sim. É um jogo onde...

Ele ri. — Sloane, eu sei o que *I Spy* é.

— Bem, então continue. Não aja tão confuso. Você está velho demais para se fazer de bobo. Não é fofo.

A diversão toca cada característica, e solto um suspiro de alívio. *Aí está ele.*

— Ok. Eu vou primeiro. Espio com meus olhinhos algo que é... marrom.

Ele olha para baixo rapidamente para si mesmo. — Meu casaco.

— Não.

— As árvores lá fora.

— Não.

— O... sério? Marrom?

Eu dou de ombros. — Sim. Marrom. O que há de errado com marrom?

Seus olhos reviram, e ele olha ao redor como se estivesse realmente tentando descobrir isso. — A grama?

Eu zombo. — A grama não é marrom. É mais como amarelo.

Uma de suas mãos voa em frustração. Seu pavio está curto agora. Ele precisa de uma risada. — Não sei, Sloane. Não há muito marrom nesta caminhonete ou lá fora. O que é?

— Foi um touro em um campo que já passamos. — Eram as mechas mais escuras em seu cabelo. Foi assim que surgiu na minha cabeça.

Estou mentindo para ele.

Ele dá uma risada, porém, e a mentira vale imediatamente a decepção. — Você não pode escolher coisas pelas quais já passamos!

Eu sorrio, tirando meu Vans sem cadarço e cruzando as pernas no banco. — Vamos lá, Gervais. Esta não é a versão infantil de *I Spy*. Esta é a versão para crianças grandes.

Com um leve aceno de cabeça, ele olha para mim. — Ok. Bom. — Seu queixo cai, e então seus olhos estão de volta na estrada. Eles não mudam. Eles ficam presos ao asfalto que se estende à nossa frente. — Eu espio com meus olhinhos algo que é azul.

Meus lábios rolam juntos. — Ok. Azul. O céu?

— Eu pensei que esta não era a versão bebê de *I Spy*?

Eu solto uma risada silenciosa. — Tudo bem. O floco de neve azul no botão do ar-condicionado?

— Não.

— A faixa azul no controle de temperatura?

— Não.

Minha cabeça gira quando um carro azul passa. — Aquele sedã azul!

Os cantos de sua boca se erguem. — Não.

— Ugh. Podemos brincar da versão bebê de *I Spy*, na verdade?

Ele me dá um olhar de soslaio. — Não.

Meus olhos reviram e me viro para verificar o banco de trás. — Minha bolsa azul-marinho?

— É mais um azul-céu.

— Ok, bem, já falei o céu.

— Você falou — ele concorda.

Eu olho ao redor do veículo, quebrando meu cérebro. Deveria saber que ele iria me enganar depois do que acabei de fazer com ele. — Passamos por uma casa azul ou um celeiro azul ou algo assim?

— Não. Está no carro. E é uma das minhas coisas favoritas.

— Você está falando merda, Gervais. — Eu caio para trás, cruzando os braços, tentando não fazer beicinho, mas não consigo.

Seus olhos encontram os meus novamente e me encaram por um tempo longo demais. — Não. Eu não estou.

Desta vez, são minhas mãos que voam para cima, bem quando o calor floresce em minhas bochechas. — Ok. Acho que vou manter as coisas justas e desistir. Não sei.

Desta vez, quando ele fala, não olha para mim. Ele olha para a estrada lisa como se houvesse algo extraordinariamente interessante ali. Ele engole e observo a coluna de sua garganta trabalhar sob a barba por fazer. — São seus olhos.

Eu fico muito, muito quieta. — Meus olhos? — repito estupidamente. Eu o ouvi claramente. Só não esperava que essa fosse a resposta dele. Nem mesmo perto.

Ele dá de ombros como se não fosse nada. — Sim. O azul ciano é mais preciso. Lembra quando estávamos caminhando para o rio uma vez e a casca de um ovo caiu da árvore na nossa frente? Você estava tão animada com os filhotes

de pássaros, e eu me lembro de pegá-la e olhar para você, pensando que combinava quase perfeitamente. — Ele ri quando termina sua frase, como se fosse apenas um passeio amigável pela estrada da memória. Mas por dentro sou eu quem está enlouquecendo agora.

Eu limpo minha garganta e reprimo os sentimentos em turbilhão. — Sim. Violet e eu verificávamos os pássaros tordos todos os dias. Se subíssemos na árvore oposta, poderíamos ver o ninho.

Ele sorri. — Vocês duas estavam sempre subindo em árvores.

Sorrio e coloco o queixo no peito. — Sim. Estávamos sempre tentando espionar vocês. Ou escutar. Uma vez, vimos todos vocês nadando nus no rio. Violet quis parar depois disso porque disse que nunca se recuperaria. — Eu não tinha sentido o mesmo, mas então, não estava olhando para meus primos.

Meus olhos estavam presos em um Jasper de dezenove anos, que estava em casa no verão depois de jogar hóquei júnior. Um Jasper de dezenove anos que parecia passar todo o seu tempo livre malhando.

O mesmo homem solta uma risada ao meu lado. — Acho que ela se recuperou.

— Sim — eu sussurro. — Acho que sim.

— Eu não posso acreditar que você não pegou essa. — Ele está me provocando, alheio ao efeito que tem sobre mim, mas isso não é novidade.

Isso nunca aconteceria.

Eu zombo e estendo a mão para cutucá-lo nas costelas, sorrindo quando ele se encolhe. — Como devo olhar para meus próprios olhos?

— A maioria das pessoas usa um espelho.

Eu o cutuco de novo e ele bufa.

— Use o espelho, Sunny. De que cor você acha que são? Diga-me que não é

azul ovo de pássaro.

Empurrado em direção ao console central, espio pelo espelho retrovisor. Eles são azuis. Mas também os círculos sob meus olhos. A veia que nenhum corretivo pode realmente cobrir. Assim é como me sinto por dentro agora, se eu realmente me abaixar e cravar meus dedos naquela pedra no fundo do meu estômago. — Eles são apenas azuis, Jas. — Caio para trás. — E pareço *cansada.*

— Eles não são apenas azuis — ele diz isso como se fosse um fato e não sua opinião.

Meu estômago revira.

E então eu desvio, não querendo me demorar nessas memórias por mais tempo do que o necessário. Não querendo enfrentar toda a merda da qual optei por fugir. Ainda não. Eu lanço de volta. — Espio com meus olhinhos...

Jogamos mais algumas rodadas.

Mas jogamos a versão de bebê, e nenhum de nós questiona o outro.

12

Jasper

Jasper: Alguma notícia?

Harvey: Nada. Se eu ouvir alguma coisa, você será minha primeira ligação.

Jasper: Ok.

* * *

— Acho que devemos parar por hoje.

Não estamos na estrada há muito tempo, mas sinto uma pontada de sono no centro da minha testa como um peso que quer fechar meus olhos. Só piorou desde que o jogo mais estranho do mundo de *I Spy* fracassou e nos deixou sentados em silêncio.

Tudo o que posso ouvir é o zumbido dos pneus contra a estrada. É uma máquina de ruído branco neste momento.

Azul ovo de pássaro. O que eu estava pensando? É tão fácil, tão reconfortante, voltar a essas memórias. Às vezes, eu gostaria que pudéssemos voltar. Era simples então. Eu não era reconhecido em todos os lugares que ia. Beau não estava desaparecido. Ela não estava fugindo de sua vida.

Mas eu? Sempre fugi da minha, tentando fugir da atenção.

— Ok. — Sloane olha para mim um pouco perto demais, e levanto uma mão para dobrar a aba do meu boné, como se isso pudesse impedi-la de me ver. Porque sempre sinto que ela olha para mim de uma forma que não posso

esconder, como se ela visse um pouco demais. — Você está bem? Quer que eu encontre um bom lugar para parar?

— Sim. Eu apenas... sinceramente, Sloane, estou muito cansado. Estava ansioso para sair e agora que saí, estou exausto.

— Posso dirigir um pouco? — ela diz isso levianamente, mas nós dois sabemos que ela sabe a resposta. Ela é a única que conhece toda aquela história, cada detalhe sujo. Todo mundo tem pedaços, mas com Sloane, eu expus tudo. Ela era muito jovem para realmente entender, o que acho que significava que ela era muito jovem para me julgar.

Às vezes, eu me pergunto se ela me julga agora.

Eu mantenho meus olhos abertos nas elevações rochosas das montanhas circundantes, tão altas e sinistras que você pode vê-las da cidade. Estamos bem no meio delas agora, viajando pelo sopé das colinas amareladas e pelos picos salientes cobertos por neve imaculada. — Não. Não com a carga que estamos transportando. Você não tem nenhuma experiência com isso.

Seus olhos se estreitam, e sinto mais do que vejo. — E você tem?

Um dos meus ombros aparece. — Não recentemente. Mas sim, carreguei bastante feno no verão quando era mais jovem. Você não mora no Wishing Well Ranch e não se torna um caipira completo.

Ela não responde, em vez disso, pega o telefone, polegares voando sobre ele. Vejo uma chamada recebida e a tela pisca. Sterling. Ela rapidamente recusa e continua procurando.

— Você nunca vai falar com ele?

— Há uma cidade chamada Rose Hill que tem um hotel à beira de um lago. Parece bonito.

Eu concordo. — Conheço.

— Sim?

— Sim. Certa vez, tivemos um treinamento em terra seca lá. Belo local. A que distância diz?

— Trinta minutos. Vire na junção 91.

— Ok. Eu só preciso que você continue falando comigo.

Ela se endireita em seu assento. — Ok. Sobre o que você quer falar? Devemos falar mal do seu treinador por forçá-lo a sair?

Eu resmungo uma risada. — Não. Já fiz uma pergunta.

Sua cabeça gira para longe de mim para olhar pela janela, e ela bate um dedo pensativo na ponta do nariz. — Eu esqueci o que era.

Meus lábios se achatam e minhas palmas apertam o volante. Ela está mentindo, mas tudo bem. Nós dois temos segredos que guardamos. — Perguntei se você iria falar com ele.

— Quem? — Grandes olhos turquesa se voltam em minha direção, e dou a ela um olhar divertido.

— Você está batendo no nariz para evitar que ele cresça, Pinóquio?

— Não quero falar sobre isso com você. — Eu ignoro a dor no meu peito, percebendo como nos distanciamos no ano passado com Sterling em cena. Quem se afastou primeiro? Quando isso aconteceu? Ela poderia dizer que eu estava olhando para ela de forma diferente?

— Bem, não há mais ninguém aqui, e sei como sua cabeça funciona. Você fala as coisas. E eu sou bom em ouvir. Então desembuche.

Sua risada de resposta é suave e silenciosa. Sei que ela deve estar pensando na maneira como falava *para mim* quando criança, enquanto eu me sentava e meditava.

Hilariamente, quanto mais as coisas mudam, mais elas permanecem as mesmas.

— Eu não sei se ele realmente merece minhas palavras. — É como ela começa, e juro que suga todo o ar da cabine. — Quanto mais penso nisso, mais raiva sinto, de mim mesma mais do que de qualquer pessoa. Concordei e deixei que ele falasse comigo do jeito que ele falava, e me menosprezasse do jeito que ele fazia. E nunca realmente me importei. Eu estava seguindo o script, acho. Com foco na companhia de balé. Concentrando-me em meus pais. Concentrando-me em todos menos em mim, e agora olho para mim e eu... não gosto do que vejo. Não gosto das escolhas que fiz. E acho que ignorá-lo, por mais mesquinho que seja, é uma escolha que realmente gosto agora. Eu nem sei o que tenho a dizer para ele, sabe? Estou me agarrando ao pouco de sanidade que tenho e não quero compartilhá-la com ele. Ele não pode ter isso.

Concordo com a cabeça e torço minhas mãos no volante, resistindo à vontade de estender a mão e tocá-la, para dizer o quanto estou orgulhoso dela. Para dizer a ela que ela poderia ser minha em vez disso. Porque eu disse a ela que ouviria, e ela não precisa que eu complique seus sentimentos já complicados. E ela definitivamente não precisa do meu selo de aprovação neles.

Não é assim que os sentimentos funcionam – eles simplesmente são, não importa o que os outros pensem deles.

Já me disseram repetidamente que não sou responsável pelo que aconteceu naquela rodovia, mas isso não muda o que sinto.

Eu me sinto responsável.

— Eu me sinto mal por causa do meu pai. — Gélidas ondas deslizam pela minha espinha. No que me diz respeito, o pai dela é um merda colossal, mas não vou ser eu a dizer a ela. Não tenho certeza se ela me perdoaria se eu o fizesse. — Mas também estou com muita raiva dele. As mensagens que ele me deixou... — Seus dentes de cima apertam com força o lábio inferior como se machucar a si mesma fosse fazer com que a dor da traição de seu pai diminuísse de alguma forma.

— Ele está sendo um verdadeiro pedaço de merda. Você sabe disso? — Sua voz está mais áspera agora, destoa da feminilidade suave dela. É uma dicotomia fascinante. — Como se eu pudesse apenas... sei lá, fazer birra e pisar no pé dele ou algo igualmente infantil. Estou tão *desapontada.*

— O que ele disse para você? — pergunto concisamente, já desejando não ter feito isso, sabendo que isso vai me fazer odiar o homem mais do que já odeio. Saber disso vai tirar a casca de uma velha ferida.

— Ele incluiu Sterling na mensagem e me disse para cumprir meu dever de esposa e voltar para casa imediatamente. — Ela bufa e eu silenciosamente me enfureço. Seu rosto surge em minha mente, e imagino direcionar meu bloqueador para ele. — Respondi com a única coisa que disse diretamente a qualquer um deles desde que você me tirou daquela igreja.

Eu arqueio uma sobrancelha, esperando que ela compartilhe sua resposta.

— Eu disse a ele que não sou esposa de ninguém e não devo nada a nenhum deles. — Uma risada estrangulada irrompe de meus lábios e ela sorri para mim, parecendo muito satisfeita consigo mesma. — Eles podem refletir sobre isso enquanto eu continuo a ignorá-los.

Não, Sloane não precisa da minha aprovação. Mas caramba, ela a tem de qualquer maneira.

* * *

— Cama king-size ou duas de solteiro? Ou quartos separados? — A mulher atrás do balcão me olha de um jeito que já encontrei um milhão de vezes. Como se ela me reconhecesse, e... como se ela me quisesse.

Não me sinto especialmente confortável com nenhum desses olhares. É por isso que mantenho meu boné na cabeça e tento me misturar com o cenário, o que

é difícil de conseguir com um metro e noventa em um pequeno saguão de hotel sem ninguém por perto.

Olhando para Sloane ao meu lado, dobro a aba do meu chapéu, perguntando-me se ele pode quebrar com a pressão repetida.

Sloane está encarando a mulher. Ela fazia isso quando era mais jovem, quando tinha uma paixão de infância flagrante por mim. Beau zombava de mim sobre isso, e eu tinha que dizer a ele para calar a boca para que ele não a envergonhasse.

— Vamos ficar...

— Duas de solteiro — Sloane fornece enquanto ainda encara a mulher com um olhar vazio no rosto. Ela me espia por trás de cílios escuros, mechas loiras caindo ao redor de sua têmpora, e me dá um sorriso tímido e dá de ombros. — Mais divertido assim.

Divertido. Eu me pergunto para quem, porque quanto mais tempo passo cara a cara com ela, mais parece uma tortura. Como um rolo de vídeo de oportunidades perdidas. Eu estando alheio. Eu sendo muito covarde para persegui-la quando tinha um pressentimento de algo mais.

Mas ficar paralisado pela indecisão não é novidade para mim. O único lugar que geralmente não sinto é no gelo, entre aqueles canos.

É quando me sinto no controle da minha vida. Eu me sinto seguro lá de alguma forma.

Passar outra noite no mesmo quarto que Sloane parece muito menos seguro do que enfrentar pedaços de borracha congelada voando de alguma forma.

Por quatro segundos, vejo imagens em minha mente dela emaranhada comigo. Pele deslizando sobre pele. Ela gemendo meu nome. Penso em deitá-la sobre as costas do sofá do saguão e descer essa legging por suas coxas firmes, dizendo a ela exatamente o que fazer enquanto assisto.

E então me forço a parar.

— Ok. Aqui estão as chaves do seu quarto. — Ela desliza um pequeno envelope sobre a mesa, e posso ouvir a mulher falando sobre senhas de Wi-Fi e onde comer, mas me viro para olhar para o cristalino lago glacial pelas janelas. Estou cansado demais para me concentrar em outra coisa senão em como a água é da cor exata dos olhos de Sloane.

Eu estava errado sobre o céu. Eu estava errado sobre a casca do ovo.

É o lago glacial.

Eu a vejo em todos os lugares.

Uma mão gentil no centro das minhas costas retorna meu foco para o charmoso saguão do pequeno hotel. — Pronto?

Com uma de nossas malas em cada mão, aceno com a cabeça e deixo Sloane liderar o caminho. Sua figura esguia passa à minha frente para caminhar pelo corredor. — Aparentemente, há apenas quartos no andar principal agora.

— Só preciso de um lugar para dormir um pouco. Eu ia arranjar um quarto para você.

Sua mão passa por cima do ombro, descartando o comentário. — Economiza dinheiro assim.

Eu quase rio. Nenhum de nós precisa se preocupar em economizar dinheiro. Eu sei, como sabia quando era mais jovem, que Sloane me mantém por perto porque ela se preocupa comigo.

Ela para abruptamente, olhando entre o envelope em sua mão e o número na porta. — Aqui vamos nós. — Ela passa o cartão-chave e com um bipe suave, a porta destranca.

Entramos no cômodo, que é melhor do que eu esperava, espaçoso com uma porta de correr de vidro que se abre para um pequeno pátio de frente para o lago azul-marinho. O melhor de tudo é que as camas parecem tão boas.

Sem dizer uma palavra, atravesso o quarto, tiro os sapatos, largo o casaco e o boné no chão e me jogo na cama mais próxima das janelas.

Eu adormeço olhando para a água azul cristalina. Sonhando acordado com a garota de olhos azuis cristalinos.

13

Jasper

Meu pai e eu geralmente somos quem tiramos os quadriciclos, mas ontem ele ganhou no cassino. Então, hoje, ele comprou mais dois para que possamos nos aventurar em família. Moramos em um apartamento duplo e comemos uma quantidade enorme de macarrão com queijo no final do mês, mas papai adora seus brinquedos e nunca hesita em gastar com eles.

Estamos nos espremendo em um rápido passeio inaugural após nosso típico jantar familiar de domingo. Podemos não ter muito dinheiro sobrando, mas estamos felizes.

E é divertido.

A luz é dourada, assim como as folhas que caem das árvores acima da vala. O outono está no ar, mas está quente esta noite, quase a temporada de caça, e mal posso esperar para fazer isso com meu pai também.

Passamos por um bueiro coberto e eu pego um pouco de ar – sorrindo. Posso ouvir minha irmã mais nova, Jenny, rindo descontroladamente atrás de mim e quase posso imaginar a maneira como seu cabelo castanho claro está balançando na parte de trás do capacete conforme ela fica mais confortável em aumentar a velocidade.

O seu é menor, mais leve – mais fácil de manusear do que o que papai e eu estamos dirigindo. O da mamãe parece uma espécie de quadriciclo da Barbie com sua pintura rosa neon.

Com um olhar para trás, vejo meus pais atrás de Jenny enquanto eu mostro o caminho, serpenteando para cima e para baixo nas paredes da vala.

Meus pais estão brigando porque mamãe não sabe dirigir o veículo direito, mas também não quer que papai diga a ela o que fazer.

Isso me faz sorrir.

Conheço o local aonde estamos chegando. Papai e eu fomos um milhão de vezes. Ele colocou medo em mim sobre esta travessia. Duas rodovias se cruzam perto de uma curva na estrada, e um bosque de árvores pode atrapalhar a percepção que sai da vala.

Nós praticamos isso, uma e outra vez.

— Estou indo! — eu grito.

A mão do meu pai dispara para cima, oferecendo-me um polegar positivo. — Preste atenção! Deixe-nos saber como se parece do outro lado — é sua resposta.

Acho que agora que tenho quatorze anos, ele acredita que sei o que estou fazendo aqui. O orgulho floresce em meu peito enquanto subo a inclinação e verifico cuidadosamente os dois lados.

Olho, escuto e, quando considero seguro, acelero o motor e atravesso a rodovia com segurança.

Paro e viro do outro lado para ter uma visão da curva da estrada. Uma caminhonete grande com trailer está chegando e posso ver o resto da minha família do outro lado. Todos juntos. Sorrindo e rindo – mesmo durante as brigas.

Mais uma vez, sinto-me orgulhoso por meu pai ter confiado em mim para ser o primeiro a atravessar. Eu me sinto capaz. Eu me sinto adulto.

Passamos anos praticando o protocolo de segurança, então conheço todos os sinais. Levanto a mão bem acima da cabeça, o sinal que usamos para "pare" sempre que saímos para andar de quadriciclo e, no inverno, para motos de neve.

Exceto que Jenny não conhece esses sinais de mão, e ela deve confundi-los com um aceno, ou eu conduzindo-a. Ou talvez seja porque o sol está baixo e nos

olhos dela.

De qualquer maneira, eu a vejo sorrindo para mim do outro lado da estrada enquanto seu pulso gira o acelerador.

Eu grito para ela parar. Papai avança como se pudesse agarrá-la e detê-la.

Mas é muito tarde.

E nunca deixarei de me sentir responsável.

* * *

Eu acordo, enjoado e inquieto. Esse sonho sempre faz isso comigo. Mantenho meus olhos fechados, tentando pensar em algo feliz por quatro segundos. Mas tudo está uma merda agora, e a única coisa que aparece é o sorriso tímido que Sloane me dá às vezes. Aquele que ela dá logo antes de colocar o cabelo atrás das orelhas e baixar os olhos.

Ela é a única pessoa a quem contei sobre o sinal de mão, sobre como sou responsável pela morte de Jenny. Outras pessoas conhecem a versão curta do dia em que minha vida ficou uma merda, mas não têm ideia de que ainda posso fazer meu ombro doer de tanto desejar não ter levantado o braço para mostrar que conhecia aqueles sinais manuais naquele dia.

Quando meus olhos se abrem, faço um breve inventário do meu corpo, observando as dores em certos pontos que se tornam mais persistentes com a idade.

Minha visão ganha algum foco, e então meus olhos pegam uma figura na beira do lago. Sloane está lá em um roupão felpudo, olhando para a água. Seu cabelo está preso em um coque apertado, as linhas elegantes de seu pescoço recortadas contra o sol poente. A água que era azul agora reflete o céu dramático, toda roxa, rosa e dourada, nuvens escuras riscando um lago perfeitamente

parado.

Aposto que seria um bom lago para jogar hóquei quando congelasse. Mas sou eu quem congela quando o roupão cai de seus ombros. E então sua bunda de tanga, cintura apertada, costas tonificadas e alças de sutiã preto são tudo o que vejo.

Seus dedos se curvam em suas palmas e seus ombros se contraem. É como se eu estivesse vendo ela se animar mentalmente.

Eu sorrio com a visão.

As nádegas redondas dobram-se igualmente enquanto ela caminha lentamente em direção à água. Ela mergulha um dedo do pé delicadamente e o puxa para trás com um arrepio que percorre todo o seu corpo.

Vejo a respiração profunda que ela dá antes de entrar na água. Um pouco selvagem, muito corajosa. *Lá está ela.*

Juro que posso ouvi-la gritar enquanto mergulha na água, submergindo totalmente sob a superfície imóvel por algumas batidas que parecem durar uma vida inteira. Sua cabeça surge a vários metros da costa, riachos de água escorrendo de seu rosto nu enquanto suas mãos sobem para afastar a umidade de seus olhos fechados.

Ela nada na água e se vira para olhar as montanhas, apenas silhuetas negras contra o céu ardente.

Eu me sento e fico olhando. Pode ser uma pintura. Uma fotografia. Uma linda mulher em um belo lago.

É pacífico. Sereno. Tão diferente de como me sinto por dentro. Isso me faz pensar para qual vista Beau está olhando agora.

Encontro-me de pé e saindo pela porta de correr, precisando de ar fresco, querendo tocar essa vista de alguma forma. Guarda-la na memória. Como correr meus dedos sobre os montes de tinta a óleo. Quase não parece real. Preciso

provar a mim mesmo que sim.

Meus pés com meias ficam frios enquanto caminho sobre a grama que é um pouco firme demais. Ela range levemente quando meu peso a pressiona, a geada da noite já descendo sobre o pitoresco vale da montanha.

Quando chego à beira da água, sinto os grãos mais finos de areia deslizando pelo tecido, dando uma textura áspera à sola dos meus pés. Mas eu não me importo. Ainda estou totalmente focado em Sloane.

Minha *amiga* Sloane, que ainda está no lugar graciosamente assim, é apenas mais uma dança para ela. Eu me pergunto o que ela está pensando. Eu me pergunto se ela se sente tão retalhada quanto eu - tão esfarrapada e dilacerada.

Quase em câmera lenta, ela olha por cima do ombro, a ponta do nariz balançando apenas uma vez quando ela se vira para mim. — Oi.

É uma palavra simples, e de alguma forma ainda puxa meu peito. Estou tão em paz na presença dela. Sempre estive.

— Oi. — Enfio minhas mãos nos bolsos, pressionando meus polegares contra cada ponta do dedo para acalmar meus nervos. Tentando não pensar na bunda nua da minha amiga e em todas as coisas que eu faria com ela.

E então desisto. Mas apenas por quatro segundos. Eu me dou quatro segundos de caos antes de controlá-lo e guardá-lo, antes de me forçar a voltar ao controle.

A cabeça de Sloane se contorce. — O que você está fazendo?

— Contando até quatro.

— Isso é uma piada idiota de atleta?

Eu solto uma risada. — Muito legal, Sunny.

Ela me dá um olhar perfeitamente inocente, com olhos de corça. — Vocês não são famosos por seus cérebros. — Ela está me provocando, mas eu não

mordo.

— É uma coisa que faço para ajudar quando me sinto fora de controle. Então, quando um jogador adversário marca um gol ou algo assim, eu me dou quatro segundos de frustração antes de colocar minha cabeça de volta no jogo.

Nossos olhos se movem e depois se fixam na sequência da minha explicação.

— Você está se sentindo fora de controle agora?

— Não. — Minha resposta vem um pouco rápido demais.

Ela balança a cabeça, os dentes pressionando o lábio inferior. Seus olhos brilham com um desafio. E então ela diz: — Entre.

— Não, obrigado. Aposto que está congelando.

— Não sabia que eles os tornavam tão suaves no Wishing Well Ranch — ela provoca, deslizando os braços para longe e empurrando-se ainda mais para trás.

— Não vá muito longe — pula da minha boca antes que eu possa impedir.

— O que você vai fazer? — Suas pernas chutam sob a água, empurrando-a para mais longe. — Você está com muito medo de vir aqui.

Eu pressiono meus polegares nas pontas dos meus dedos e conto até quatro novamente.

— O que Beau faria?

Eu paro e olho para ela sem expressão. Só ela teria coragem de jogar isso na minha cara agora. Todo mundo anda pisando em ovos, mas seu fluxo constante de consciência não permite.

É revigorante.

Eu coloco minha mão direita sobre meus ombros e tiro minha camiseta pela nuca. Ela cai na areia, e pego os olhos de Sloane traçando meu torso antes que ela se force a desviar o olhar rapidamente para os picos que nos cercam.

O silêncio é quase ensurdecedor. Tudo o que posso ouvir é o barulho suave

da água batendo na costa arenosa e o zumbido silencioso do tráfego na estrada à distância. Eu faço um trabalho rápido com meu jeans e meias antes de esticar um braço sobre meu peito, esperando que ela não me observe muito de perto.

— O que Beau faria? — Sua cabeça vira em minha direção ao som da minha voz, e sorrio para ela, sentindo-me instantaneamente mais leve de alguma forma. — Ele correria até aí e enterraria seu pequeno traseiro sarcástico.

E é exatamente isso que eu faço. Entro no lago da geleira e mergulho, indo direto para ela, ignorando a forma como a água gelada suga o ar dos meus pulmões.

Ela tenta nadar, mas eu a alcanço rapidamente. Minhas mãos deslizam pela água e sobre sua pele macia enquanto a agarro, levanto-a e jogo-a no ar.

Seus guinchos brincalhões me levam de volta, e quando ela bate na água com um tapa alto, solto uma risada que ecoa ao nosso redor, ricocheteando nas montanhas. Não sei onde Beau está, mas sei que ele aprovaria isso. E de alguma forma isso me traz conforto.

Ela surge, cuspindo e enxugando o rosto. — Jasper Gervais! Você não acabou de fazer isso comigo!

— Eu fiz. E você gritou como um porco.

Ela engasga em falsa ofensa. — Retire o que disse!

— Certo, tudo bem. Você gritou como um leitão. Muito mais agudo e elegante do que um velho porco comum.

— Seu idiota! — Ela está rindo ofegante enquanto se lança para mim. Suas coxas fortes envolvem minhas costelas, e ela coloca as mãos no topo da minha cabeça, tentando me empurrar para baixo.

A posição coloca seus seios bem na altura dos meus olhos. E Deus. Eu tento ser um bom amigo e não olhar fixamente, mas o sutiã os empurra para cima da maneira mais distrativa. O ar frio e a água ainda mais fria têm arrepios

pontilhando o topo deles. Mamilos lutando contra o tecido frágil.

— Você vai descer, Gervais! — Ela continua me empurrando, rindo e se contorcendo e se esforçando ao máximo. Ela é forte, mas não forte o suficiente, e suas palavras estão tão sujeitas a más interpretações que nem consigo lidar com isso.

— Oh, vou descer, Winthrop. Mas vou levar você comigo.

E com esse aviso, caio para trás, mergulhando nós dois nas profundezas geladas. Por algumas batidas, é silencioso e escuro.

Ela me agarra e eu me dou quatro segundos de insanidade em nossa bolha particular sob o lago.

Nossas mãos vagam freneticamente sobre os corpos um do outro, deslizando pela água. Minha mão, sua coxa. A mão dela, minhas costelas.

Estamos jogando? Lutando como quando éramos crianças?

Ou estamos tomando liberdades que nunca tomaríamos acima da água?

No quarto segundo, dou um impulso para cima e para longe e nós dois chegamos ao topo da água, ofegantes e olhando um para o outro. Sua língua sai rapidamente sobre seus lábios, provando a água da geleira agarrada ali, e seus olhos caem para minha boca enquanto eu espelho o movimento.

A água entre nós não parece mais tão fria. Permito-me encará-la por mais quatro segundos. A tensão se expande em meu peito, empurrando até que parece que vai explodir.

— Lembra como era brincar no rio quando éramos crianças. Pulando da ponte no bloco de trás.

Ela pisca, como se eu tivesse acabado de sacudi-la para acordá-la, e esboça um sorriso sem graça no rosto. — Sim. Nunca tive coragem de pular daquela ponte.

— No próximo verão — eu ofereço, deixando-me flutuar para longe dela, então não faço algo colossalmente estúpido como me permitir tocar nela de novo.

— Sim. — Seus dentes batem quando a palavra passa entre seus lábios, e aceno em direção à costa.

— Vamos. Aquecê-la. Encontrar um pouco de comida.

— Eu realmente gostaria de uma bebida — diz ela.

Igualmente, porra, penso comigo mesmo.

Nadamos até ficar de pé. As pedrinhas se cravam na sola dos meus pés, e me esforço para manter o foco no lugar para onde estou indo, em vez de deixar meus olhos vagarem pelo corpo de Sloane sob a luz que se esvai.

Ela é muito tentadora e estou muito confuso.

Seus olhos também ficam no chão.

Na praia, ela se seca com o roupão e tenta entregá-lo para eu usar como toalha, segurando os braços sobre o corpo quase nu. Mas são seus olhos arregalados que chamam minha atenção. Eu não posso identificar o olhar neles, mas sei que não vou deixá-la voltar para o quarto descoberta e fria.

Sorrio e balanço a cabeça, puxando o roupão de sua mão e envolvendo-o em seus ombros.

— Mas você vai sentir frio — ela diz enquanto eu dou uma massagem rápida para cima e para baixo em seus braços algumas vezes uma vez que a roupa está no lugar.

Pego a mão dela e começo a caminhar de volta para o nosso quarto. — Você não precisa se preocupar comigo, Sunny.

Eu não olho para trás quando ouço sua resposta suave.

— Eu sempre me preocupo com você, Jas.

14

Sloane

Sloane: Essa garçonete é uma fã.

Jasper: Sloane.

Sloane: O quê? Parece que ela vai engolir você.

Jasper: Não.

Sloane: Você está corando?

Jasper: Ela é uma estranha. Fazendo o trabalho dela. Ela não está olhando para mim assim.

Jasper: Não faça essa cara.

Sloane: Se precisar de espaço, deixe uma meia na porta do quarto do hotel.

Jasper: Sunny, cale a boca. Eu nunca faria isso com você.

* * *

A garçonete nos coloca sentados ao lado de uma das enormes janelas com vista para o lago. Não sabíamos o que esperar em Rose Hill Reach, apenas que ficava ao lado do hotel. É um local encantador embora. Todas as janelas dão para o lago e uma porta se abre para um longo cais com um amplo patamar que presumo que poderia funcionar como um pátio no verão.

No interior são todos tetos abobadados e madeiras escuras. Lareiras de pedra do rio e mesas de blocos de aço. Em um canto, há até mesas de sinuca e dardos.

É aconchegante. Quase me sinto em uma estação de esqui quando tiro minha

jaqueta e me sento na cadeira redonda de madeira, olhando para a água. A água onde Jasper e eu apenas... bem, não sei o que estávamos fazendo.

Eu olho de volta para Jasper e o vejo dobrar seu corpo alto e poderoso em uma cadeira pequena demais para ele.

Ele estende a mão para pegar um dos cardápios encadernados em couro cor de vinho que a garçonete agora está estendendo para nós. Seus olhos se arregalam quando as pontas dos dedos dele roçam a mão dela. Mesmo escondido sob a aba do boné, ele é reconhecível – especialmente a apenas quatro horas de distância de Calgary.

— Oh, meu Deus. Oi — ela suspira, parecendo uma criança no Natal. — Você é Jasper Gervais. — Uma de suas mãos cai sobre o peito e tenho que resistir à vontade de revirar os olhos.

Jasper dá a ela um sorriso gentil e um gracioso aceno de cabeça. — Oi — é tudo o que ele diz de volta, voltando seu pequeno sorriso para o menu. No estilo típico de Jasper, ele é amigável, mas não *tão* amigável.

Amigável o suficiente para que ninguém possa dizer que ele é rude, mas não amigável o suficiente para atrair mais conversas.

Não que isso tenha me impedido.

— Eu, uh... — Os olhos castanhos da garota piscam entre nós, tentando ler a situação antes que ela aponte o dedo como se tivesse uma ótima ideia. — Vou dar a vocês um minuto com os menus! — Ela está animada, e não posso deixar de notar a forma como suas bochechas ficam rosadas quando seus olhos pousam em Jasper novamente.

Ela está chocada e é honestamente fofa.

Jasper não percebe, ou pelo menos não comenta. Ele se debruça sobre o cardápio e olha para as opções. Percebo que ele não é um homem fácil de conhecer, que deve parecer fechado para a maioria das pessoas que conhece. Até

bidimensional. Mas eu sei melhor. Conheço o humor dele. Sei como ele ama ferozmente sua família e sei que ele tem uma ansiedade social que o faz parecer distante para a maioria.

Ele mantém tanta coisa trancada dentro de si que nunca fala sobre.

— O que você vai comer?

Meus olhos se movem para cima e para baixo no menu cheio de comida padrão de pub. — Uma salada.

A cabeça de Jasper se ergue e ele olha para mim, a expressão cuidadosamente em branco antes de seus olhos vagarem sobre mim, pegando no meu ombro que espreita para fora do decote do grosso suéter azul marinho que comprei recentemente.

Eu me pergunto se ele está prestes a dizer algo sobre minha escolha de refeição. Eu sei que sou magra. Muito magra. Mas depois de anos lutando para chegar ao topo de nossa companhia de balé e ouvir que preciso ter uma certa aparência para o casamento, é difícil mudar minha mentalidade. Além disso, com tudo o que aconteceu desde o casamento, meu apetite está quase inexistente.

Ele dá de ombros e volta a olhar para baixo. — Ok.

Continuo lendo as páginas de plástico diante de mim. — Oooh. Eles têm *Buddyz Best* na torneira!

A diversão brilha em seu rosto bonito. — Você pode conseguir algo melhor, sabe.

Eu rio. — Claro que sei. Mas desenvolvi um gosto por isso.

Jasper fecha o cardápio e se recosta na cadeira, cruzando os braços. Seus bíceps se destacam contra o tecido macio e cinza da Henley que ele está usando.

Eu tento não olhar.

— Tem certeza de que não está apenas pedindo para contrariar?

Eu me inclino para trás e espelho sua posição. Seus olhos de meia-noite caem por uma fração de segundo para o meu ombro novamente antes de descansar de volta no meu rosto. — Não. Eu *amo* isso. Aposto que tem um gosto diferente na torneira. Melhor ainda.

Seu sorriso se alarga. — Sim. Tenho certeza de que a qualidade foi realmente afetada.

Concordo. — Eu me pergunto se está disponível em garrafas.

Ele bufa.

— Vou ter que provar todas as três para realmente julgar.

Ele se inclina sobre a mesa com um brilho nos olhos e um pequeno sorriso nos lábios bem torneados. Seu aroma fresco – hortelã e algo terroso, como um daqueles galhos secos de eucalipto – chega até mim enquanto seus longos dedos batem na mesa duas vezes. — Novo objetivo para esta viagem: experimentar *Buddyz Best* absolutamente em todos os lugares que pudermos. Tornarmo-nos verdadeiros conhecedores.

Eu rio, balançando a cabeça enquanto me inclino para frente. A gravidade me puxa para ele e nossos olhos se encontram. Eles travam com tanta força que não consigo desviar os meus. Seus azuis escuros são como um vácuo. Eles me sugam direto e, por uma fração de segundo, tudo ao nosso redor se perde no fluxo de sangue em meus ouvidos.

— Tudo bem! Vocês dois estão prontos? — A garçonete aparece ao nosso lado.

Nós dois pulamos e nos sentamos eretos.

Com um rápido ruído de tosse, Jasper se recupera. — Sim. Sloane, vá em frente.

Prendo meu cabelo atrás das orelhas e sorrio para a garota cujas bochechas ficaram rosadas novamente. — Eu quero uma salada verde com vinagrete, por

favor. — Devolvo o cardápio, virando o rosto na direção de Jasper quando ele diz que vai querer o mesmo.

Ele não me dá atenção, no entanto. — Mas também quero pedaços de bacalhau empanado e frango.

Ela acena com a cabeça, sorrindo tão abertamente que minhas bochechas quase doem por ela.

— Eu também vou querer uma caneca de *Buddyz Best* — eu digo.

Jasper estende seu cardápio. — Vamos fazer disso uma jarra.

Ela lê nosso pedido de volta para nós e sai correndo. Posso sentir os outros funcionários olhando para nós, mas não presto atenção neles. Porque a maneira como Jasper está olhando para mim agora faz meu estômago torcer e apertar as coxas.

Volto a olhar pela janela para o lago negro e tento organizar meus pensamentos.

Porque estive olhando para Jasper Gervais desde que eu tinha dez anos de idade, e de repente... ele está olhando de volta.

* * *

— Acho que o frango combina melhor. — Eu me inclino para trás no meu assento e acaricio meu estômago. Assim que comemos nossas saladas, Jasper apresentou o excelente argumento de que cerveja não combina muito bem com alface. Ele explicou como não estaríamos dando uma sacudida justa no perfil de sabor se não o experimentássemos com algo adequadamente gorduroso e salgado.

Foi assim que me vi devorando carnes fritas e considerando seus méritos enquanto saboreava uma segunda jarra de cerveja barata que não tem um gosto

tão bom, não importa o que combine com ela.

O gosto, porém, é de rebeldia. E, por agora, isso é bom o suficiente para mim.

Jasper acena com a cabeça, avaliando os pratos diante de nós. — Eu acho que você está certa. Mas adoro peixe e batatas fritas com vinagre.

Sim, pedimos batatas fritas também. De acordo com Jasper, apenas pedir *peixe* e não *peixe com batatas fritas* é estranho. Durante toda a refeição, ele não disse uma palavra sobre o meu peso ou mencionou o quanto eu como ou o quão pouco. Ele apenas colocou comida na minha frente e me envolveu na diversão de experimentar tudo com ele.

Mesmo com tudo tão fodido, não consigo me lembrar da última vez que me senti tão relaxada.

Esta noite estou me deliciando em ser eu mesma, e é bom não me preocupar com calorias ou como todos ao meu redor estão percebendo cada movimento meu.

— Justo. Isso foi incrível também. Além disso, essas batatas fritas são totalmente caseiras.

Ele joga outra na boca, mastigando e balançando a cabeça em agradecimento. — Eu acho que você está certa. Quer jogar uma partida de sinuca antes de voltarmos e desmaiarmos?

Ele projeta o queixo logo atrás de mim, os olhos fixos no meu ombro. De novo. Quando me viro para olhar para a mesa de sinuca, dou uma espiada nele para ver se derramei alguma coisa ali ou se brotou um fio de cabelo comprido de uma toupeira ou algo assim.

Vendo que minha pele está limpa, eu murmuro contemplativamente quando avisto a mesa de sinuca. Não está muito cheia, mas também não está vazia. Há pessoas circulando por aí, o que significa testemunhas de como sou ruim na

sinuca.

E odeio ser ruim nas coisas. Odeio falhar. Odeio perder. Eu sou competitiva até os ossos.

— Eu realmente não sei como.

— Bem, vou ter que mostrar a você. — Jasper se levanta e, com dois passos, contorna a mesa e paira sobre mim com a mão estendida. Ele parece relaxado. A maneira como seu cabelo se enrola na parte de trás do boné faz as pontas dos meus dedos coçarem.

— Estou bem. Vou apenas observar você.

Ele zomba de brincadeira. — Vamos, Sunny. OQBF?

— Huh? — Minha cabeça se inclina para o lado e olho sua palma larga e quente com ceticismo.

— O que Beau faria? OQBF.

— Na verdade, acho que é mais um trava-língua do que apenas dizer a frase.

Sua mão salta na minha frente. — Pare de protelar. Vamos. Beau jogaria sinuca mesmo que fosse péssimo. E ele se divertiria perdendo[1].

Eu arqueio uma sobrancelha sugestiva para Jasper. Tenho certeza de que não foi isso que ele quis dizer, mas depois de vários copos de cerveja de merda, é para onde minha cabeça vai.

Seu rosto geralmente sério imediatamente se abre em um sorriso de tirar o fôlego enquanto ele olha para o outro lado da sala com uma risada. Dentes brancos. Covinhas escondidas sob a barba por fazer. É impossível olhar para Jasper sorrindo e não sorrir também.

O riso borbulha na minha garganta, e bato minha palma na dele enquanto ele me puxa para ficar de pé. — Bom. Mas eu vou perder.

Sua língua desliza sobre seus lábios quase sugestivamente, balançando a

cabeça como se eu estivesse em apuros. Algo sobre a combinação faz uma dor se desenrolar atrás de meus quadris. Ele é sexy sem esforço. Totalmente perturbador.

— Mas você vai se divertir fazendo isso. — Ele aponta para mim enquanto solta minha mão e pega nossas cervejas antes de se virar para a mesa de sinuca vazia no canto.

Estamos tocando a linha dessa piada, mesmo para nós, mas o álcool correndo em minhas veias me faz sentir mais ousada do que o normal.

— Eu sempre faço! — falo alegremente para suas costas largas que pressionam ritmicamente contra o tecido cinza de sua camisa enquanto ele se afasta, sabendo que vou segui-lo porque ele tem minha cerveja e uma bunda de matar.

Eu observo sua cabeça inclinar para trás com minhas palavras. Uma pequena oração por paciência, tenho certeza. — Jesus Cristo, Sunny.

Depois de colocar nossas bebidas em uma mesa alta, ele pega dois tacos e se vira para mim com um brilho desafiador nos olhos. Meu coração palpita no peito e o alívio me atinge como um maremoto. Tenho estado tão preocupada com ele. Quando ele se fecha em si mesmo, ele me assusta. Eu me preocupo que se ele for muito para trás – se ele escorregar para aquelas rachaduras escuras – ele não voltará.

Ou ele não vai voltar o mesmo. Sério e tímido, mas doce. Jasper Gervais é tão doce sob seu exterior impassível que quase faz meus dentes doerem.

Esse é outro lado dele que poucas pessoas conseguem ver. E acho que gosto disso nele também. Ele não dá sua atenção a torto e a direito. Ele não cantarola distraidamente sobre o que você está dizendo enquanto rola em seu telefone. Se você tem a atenção de Jasper Gervais, você tem tudo, e isso porque ele quer que você tenha.

Ele não apenas me escuta. Ele me *ouve*. Ele me *vê*.

E há algo precioso nisso, a maneira como ele pode olhar para alguém e fazê-la se sentir a única pessoa na sala. Ele não é espalhafatoso, não é a alma da festa, mas sabe como fazer uma pessoa sentir-se especial, sentir-se amada e cuidada.

Nunca conheci uma alma mais verdadeiramente *presente*.

Do jeito que ele é? Ele fala comigo. Sempre falou. Ele é como um cobertor quente no qual eu quero me envolver. E quando seus olhos estão brilhantes e seu sorriso é suave como agora?

Esqueça. Ele é de tirar o fôlego.

— Pronta para jogar?

— Vamos fazer isso. — Meus olhos se arregalam. Deus. O que há de errado comigo? — Sinuca. Vamos jogar sinuca. — Levanto uma mão. — Jogar sinuca. Não fazer. Rá. — Eu rapidamente pego minha cerveja e tomo um gole profundo enquanto Jasper ri de mim.

Lindo idiota matador-de-células-cerebrais.

— Eu preciso cortar você?

— Cala a boca, Gervais. Vamos jogar.

Fogo arde em seus olhos e ele olha para mim. — Tudo bem, Sloane. Vamos jogar.

15

Sloane

Jasper: Por que você está demorando tanto aí?

Sloane: Dando-me uma conversa bêbada.

Jasper: O que é isso?

Sloane: É onde jogo água no meu rosto me olhando no espelho. Então eu digo para me controlar e ser legal.

Jasper: Você está falando sozinha no banheiro feminino para ser... legal?

Sloane: Exatamente.

Jasper: Sunny. Seja menos legal. Venha me salvar. A garçonete continua tentando falar comigo.

Sloane: Então fale com ela.

Jasper: Eu não gosto de falar com as pessoas.

Sloane: Você fala comigo.

Jasper: Você não é pessoas.

Sloane: HA. O que eu sou então?

Jasper: Minha pessoa.

* * *

— Pare com isso. Eu já estou morta.

Ele solta uma gargalhada enquanto contorna a mesa e se inclina sobre ela. A

sinuca deveria ser sexy? Porque Jasper faz parecer sexy.

Seu corpo duro se inclina contra o tampo de feltro verde. Suas mãos cheias de veias envolvem levemente o taco. A forma como seus olhos se estreitam assim é como uma final da *Stanley Cup* ou algo assim.

A maneira como aquele sorriso de menino ilumina seu rosto quando reclamo dele chutando minha bunda. Odeio perder... e ainda, para vê-lo sorrir assim, eu perderia uma e outra vez. Eu me sentaria em um telhado frio. Eu dançaria na chuva. Eu faria uma viagem e beberia cerveja de merda e comeria comidas gordurosas.

Por Jasper eu faria qualquer coisa. Exceto realmente dizer isso a ele.

Porque quando ele me rejeitar, eu vou quebrar. Um milhão de pedacinhos de mim espalhados ao vento.

Não importa que meu amor por ele seja patético e tragicamente não correspondido.

Apenas é. O céu é azul. A grama é verde. E eu amei Jasper Gervais desde o primeiro dia em que coloquei os olhos nele.

Com alguns litros de cerveja barata, é fácil admitir para mim mesma, porque minhas paredes mentais evaporaram completamente. Sou uma mulher de 28 anos com uma paixão unilateral de infância que consome a alma. É hilário se eu pensar sobre isso.

Uma gargalhada bêbada e feminina borbulha de mim, e não estou rindo comigo mesma, estou definitivamente rindo *de* mim.

— Viu? Você acabou de fazer uma piada sobre estar morta. Você ri da merda mais mórbida. — Jasper sorri para mim por baixo de seu boné, apoiado no taco de sinuca vertical.

Balanço a cabeça com um sorriso e tomo outro gole. Eu realmente rio de coisas inapropriadas. *Se ele soubesse.*

— Realmente sou péssima nisso. Eu me odeio um pouco por isso também — respondo, mas estou rindo quando digo isso.

Seu queixo aponta para mim antes de se mover em minha direção do lado oposto da mesa. — Aqui. Deixe-me mostrar a você. Você está segurando muito apertado.

Jasper coloca seu taco na parede e se posiciona atrás de mim, seu aroma fresco e mentolado uma lembrança vívida de ouvi-lo tomar banho no mesmo quarto de hotel que eu. O cheiro de seu sabonete flutuava na corrente de vapor que escapou quando ele emergiu com uma toalha enrolada na cintura e tatuagens escuras traçando cada linha dura de músculo. Não dei uma boa olhada em todas elas porque não queria ficar boquiaberta.

Eu me forcei a olhar para o e-reader no meu colo. Pura tortura. Encarei a mesma página do mesmo livro por dez minutos inteiros, como se minha capacidade de ler ganhasse asas e voasse para fora da minha cabeça com o mero pensamento dele nu e ensaboado.

Claro, moramos na casa do rancho na semana passada, mas havia tantas outras pessoas entrando e saindo do lugar que nunca parecia que estávamos realmente sozinhos, além das noites que passávamos sentados no telhado.

Agora? Na estrada juntos? É como se estivéssemos completamente isolados.

— Assim. — Seus peitorais batem nas lâminas dos meus ombros enquanto ele fica atrás de mim, os braços caindo ao redor do meu tronco como uma gaiola. Meu corpo paralisa, e ele não ajuda em nada quando diz baixinho: — Relaxe, Sloane. Curve-se sobre a mesa.

Minhas bochechas ficam escuras como uma cereja, e eu engulo, antes de fazer o que ele diz. Dobro os quadris, deslizando minha mão esquerda até a haste do taco e alinhando-a com a bola branca.

Eu já sou ruim na sinuca e ter Jasper imitando me fodendo por trás em

público definitivamente não vai me fazer melhor. Todas as bolas são apenas um borrão de cor diante de mim, porque meu corpo está totalmente voltado para o dele. O sentimento. O cheiro. A maneira como meu peito vibra com as borboletas batendo lá dentro.

Eu rio. — Acho que vi isso em um filme da *Hallmark* uma vez.

Sua mão direita segura meu cotovelo e sua mão esquerda desliza pelo meu braço enquanto ele gentilmente ajusta minha posição.

Minha maior preocupação é que vou esfregar minha bunda nele como uma gata no cio. Os óculos de cerveja são reais. Tão reais quanto a espiral da vergonha será amanhã.

Fique calma.

Fique calma.

Fique calma.

Até minha voz interior se arrasta enquanto dou a mim mesma outra conversa interior estimulante.

— Este não é um filme da *Hallmark,* Sunny. — Seu hálito quente acaricia o lado do meu pescoço e passa pelo meu cabelo. Eu chupo uma respiração rápida e meus mamilos endurecem instantaneamente quando seus quadris se alinham com os meus.

— O que é? — Minha voz sai como um sussurro rouco.

Sua mão esquerda se move para cima, seu polegar roçando uma vez sobre o osso do meu pulso antes de deslizar os dedos sobre os meus. — Relaxe. — Ele gentilmente balança meu pulso. Acho que tentando indicar que minha mão está muito tensa. E então observo extasiada enquanto as pontas de seus dedos cobrem o enorme anel de diamante que ainda adorna meu dedo.

— Isto é um amigo ensinando outro amigo a segurar um taco de sinuca corretamente.

— Certo. — É como afundar naquele lago gelado novamente. Uma dose fria de realidade.

Ele puxa meu taco para trás enquanto ajuda a alinhar a tacada e, em seguida, empurra-o de volta na dobra do meu polegar. Quando a ponta coberta de giz atinge a bola, congelamos no lugar. Seu corpo no meu. Meu corpo encosta no dele.

Nesse momento, nós nos pressionamos um contra o outro.

O barulho das bolas colidindo umas com as outras e as batidas do meu coração é tudo o que ouço. Observamos juntos, inspirando o ar que o outro expira, enquanto a sólida bola roxa cai na caçapa.

E então ele se afasta. Como ele sempre faz. E ainda estou debruçada sobre a mesa, pensando demais em uma interação perfeitamente inocente.

Como sempre faço.

A voz que ouço em seguida soa como giz torcido na ponta de feltro do meu taco de sinuca. — Oh, meu Deus! Você é Jasper Gervais?

Eu nem preciso olhar para saber que Jasper ofereceu um sorriso desconfortável e seu aceno de cabeça característico para provocar o guincho feminino que agora assalta meus ouvidos.

Levantando-me, ando até o rack sem olhar para trás. Eu pressiono o taco nas garras que o suspendem na parede antes de me virar e observar a cena.

Eu me permito uma respiração profunda, desesperada e centrada antes de colocar um sorriso no rosto e voltar para a cerveja que está esperando por mim.

Duas garotas estão bajulando Jasper. Eu as vejo, mas não realmente. Como de costume, apenas vejo Jasper. A maneira como seu corpo fica tenso, a leve mancha cor de pêssego que surge sob sua barba por fazer em suas bochechas, suas mãos dobradas obsessivamente na aba de seu boné.

Eu deslizo ao lado dele, pegando minha cerveja e vendo os olhos de uma

garota pegarem meu anel. — Ah, merda. Vocês estão juntos? — Seu dedo move-se preguiçosamente entre nós.

A cabeça de Jasper gira em minha direção, os olhos perfurando os meus como se eu pudesse salvá-lo. Mas salvá-lo como? Não tenho certeza. Especialmente depois que ele me disse nos termos mais claros possíveis que eu sou sua amiga enquanto ele me inclinava sobre uma mesa de sinuca.

Se isso parecia platônico para ele, bem, foda-me de lado, devo estar totalmente louca.

— Não. Nós somos amigos.

A menina sorri e suspira aliviada. — Bem, parabéns pelo noivado. — Os olhos de todos caem para a minha mão, e levanto minha cabeça lentamente, oferecendo a ela um sorriso pálido em troca. — Obrigada.

— Você vai autografar as costas da minha camisa? — Sua amiga pergunta enquanto ela puxa o casaco para baixo e puxa o cabelo sobre um ombro, expondo suas costas e pescoço nu para meu estúpido-amigo-primo-gostoso que apenas pega a caneta que a outra garota estende para ele.

Quando a mão dele envolve o ombro dela para segurar a camisa no lugar, eu me afasto e peço outra cerveja que não preciso, porque não consigo suportar a visão de sua mão em outra mulher.

Eu sinto como se houvesse carvão queimando em meu estômago.

Eu giro minha mão em um movimento *vamos, porra* para o barman, e ele sorri para mim. Ele provavelmente pode dizer que estou cambaleando em meus pés ou que meus olhos estão vidrados. Mas você sabe o que? Eu não ligo. Tenho sido obediente além da comparação com minha família. Eu tenho sido uma profissional em minha carreira. E tive algumas semanas de merda. Se eu quiser ver minha vida girando no banheiro, posso pelo menos beber algumas deliciosas *Buddyz Bests* enquanto o faço.

Espio por cima do meu ombro para Jasper. Suas mãos ainda repousam nas costas da garota aleatória enquanto ele se agacha para autografar sua camisa branca lisa.

Se ficar doente de ciúme fosse uma forma de arte, eu seria uma mestre no meu ofício. Ao longo dos anos, tenho me torturado assistindo ao *NHL Awards*. Eu o observei ano após ano com uma mulher diferente, cada uma mais impressionante que a anterior. Eu as assistia todas embonecadas, andando pelo tapete vermelho, sorrindo para as câmeras, e quando acabava, eu rastejava para a cama e imaginava o que eles estavam fazendo naquele exato momento.

Eu os imaginava com taças de cristal cheias de champanhe sofisticado, cercados por outros jogadores em algum clube chique, seguido por um quarto de hotel tranquilo, onde Jasper tiraria seu vestido colante e brilhante. Porque eles são sempre furtivos e brilhantes.

Seus lábios.

As mãos dele.

Seus gemidos.

Imaginar é mais fácil do que ver de perto.

Eu envolvo minhas mãos nos copos escorregadios que aparecem na minha frente e caminho de volta para a nossa mesa.

— Quero que você autografe meus seios — é a primeira frase que ouço, e isso me faz bater os copos de cerveja com mais força do que pretendia. A embriaguez colide com a raiva e faz o líquido dourado espirrar em minhas mãos.

— Eu só autografo papel, roupas e mercadorias — é a resposta simples de Jasper. Tenho certeza que ele já ouviu esse pedido de seios muitas vezes.

Eu me viro, enxugando as mãos na calça jeans, sem me importar com as manchas molhadas que elas deixam.

A garota se aproxima e revira os olhos como se o que ele disse não

importasse. — Vamos. Quase não tem ninguém aqui. — Seus lábios se inclinam em um sorriso e ela puxa o decote de seu já profundo decote em V para baixo ainda mais. — Bem aqui.

— Desculpe, não.

Ele está se desculpando com ela? Seus olhos caem nos meus e, para seu crédito, ele nem sequer olha para o decote dela, que agora mostra o acabamento de seu sutiã de renda vermelha.

— Você prefere fazer isso no banheiro para que ninguém veja?

Seus olhos estão apertados e procurando. Ele parece um cachorro olhando para mim através das grades de um abrigo, desesperado por alguém para salvá-lo, para protegê-lo. Acho que ele sempre precisou disso de alguma forma.

Segurando seu olhar azul marinho, tomo um gole profundo e, caramba, quanto mais *Buddyz Best* bebo, melhor fica o gosto.

— Garota, pare. Você está se envergonhando — eu deixo escapar, olhando rapidamente para a mulher que está segurando seus peitos para ele como se ela fosse o negócio do dia em um restaurante *fastfood*.

Estou me contorcendo por Jasper, mas também estou por ela.

Hilariamente, eu estou me encolhendo por mim também.

Contorcendo-me por toda parte.

Seus olhos se estreitam e seus ombros tremem. — Ele está apenas jogando duro para conseguir. — Ela se vira para Jasper com um sorriso lento e felino se estendendo em seus lábios. — Mas sou paciente. E gosto de jogar.

Eu bufo da maneira mais imprópria para uma dama, meu consumo de álcool realmente aparecendo. Mas é como se eu estivesse me observando de cima. A pequena Sloane levando seu tobogã por uma ladeira escorregadia sem ter como parar.

— Jogar o quê? Assédio sexual?

A garota cruza os braços sob os seios, empurrando-os para cima novamente. E, Deus, eles são realmente grandes. Admito prontamente que estou com um pouco de inveja. — Rico vindo da garota que estava toda pressionada contra um homem que não é seu marido. Aposto que seu verdadeiro marido adoraria saber que você está aqui se prostituindo com um jogador da NHL.

Uma risada alta irrompe da minha garganta e todos olham para mim, atordoados. — Prostituindo?

É engraçado. Sterling com certeza usaria o termo *prostituindo*.

Eu rio de novo, e as garotas me encaram como se eu fosse fodida da cabeça.

E elas não estão erradas.

O pensamento de Sterling sabendo que estou na estrada com Jasper, que estamos dividindo um quarto de hotel, jogando sinuca e nos divertindo, de repente é profundamente satisfatório.

E hilário.

Posso imaginar vividamente a veia em sua testa latejando e seus dedos carnudos se curvando enquanto ele bate o pé e exige que eu volte para casa. De repente, Sterling Woodcock não passa de uma criança mal-comportada e de rosto vermelho na minha cabeça, e a imagem me leva ao limite.

O riso borbulha lentamente e, antes que eu perceba, estou rindo tanto que as lágrimas brotam dos meus olhos.

Jasper balança a cabeça para mim, mas a diversão em seu rosto é clara. Ele se aproxima e passa um longo braço sobre meus ombros. — Hora de ir, Winthrop. — Ele se vira para nos guiar para longe, as garotas claramente confusas enquanto saem.

— Não! Preciso terminar minha *Buddyz Best* para poder completar meu treinamento como conhecedora. E você precisa autografar os seios daquela

garota para que ela continue fingindo que quer seu autógrafo quando ela só quer que você acaricie seus melões.

O som de uma zombaria e a visão das garotas se virando para sair chama minha atenção momentaneamente. — Eu realmente espero que ela rastreie Sterling e conte a ele sobre isso.

A risada de Jasper ressoa contra mim enquanto ele me leva para nossos casacos, e isso só me faz rir ainda mais. Tão satisfatório. Mesmo que eu esteja fazendo papel de idiota. Estou apenas passando do ponto de me importar. O ponto de me importar foi duas cervejas atrás.

— Sunny, você foi eliminada e todos os melões permanecerão na seção de produtos hortifrutigranjeiros.

— Eles eram grandes, Jas. E tão redondos. — Levanto minhas mãos na minha frente e imito apertando um par de seios. — Estou com um pouco de ciúme para ser honesta. Eu mataria por melões assim. Você sabe qual merceeiro os carrega? Eu pagaria um bom dinheiro.

Ele me cobre com meu casaco e pendura o dele no braço antes de jogar o dinheiro na mesa. Então estou aninhada contra ele novamente e estamos caminhando para a noite escura e gelada. — Você é perfeita do jeito que é, Sloane. Não deixe ninguém dizer o contrário.

Normalmente eu iria me envaidecer e pensar demais nessa frase, mas agora estou apenas rindo.

— Você está dizendo que meus melões são bons? — Eu pressiono meu peito para fora e os seguro.

— Você vai me colocar em apuros um dia desses — é como ele responde.

— Você autografaria meus melões se eu quisesse?

— Preciso pegar um pouco de água para você.

— Não seja um estraga prazeres, Gervais. Responda à pergunta!

— Não sei, Sloane. — Sua respiração ofega à sua frente enquanto caminhamos pelo curto caminho de volta ao nosso quarto de hotel. — É difícil imaginar você me pedindo para fazer isso, porque você me conhece tão bem. Realmente provou que você entende o quanto odeio essa merda atirando do quadril como uma maluca total.

Minha cabeça gira, e eu me apoio em sua forma robusta. — Ou! — Levanto um dedo triunfantemente. — Atirando dos peitos!

— Senhor, ajude-me — ele geme.

— Como as mulheres em Austin Powers! Você conhece aquelas. Os sutiãs bala? Tãão legal.

— Obrigado por cuidar de mim, Sunny — é tudo o que ele responde enquanto me dá um aperto.

Eu descanso minha cabeça contra a borda de seu ombro. — Sempre, Jas. Além disso, acho que aquelas garotas realmente gostaram de mim.

16

Jasper

Harvey: Vocês crianças têm algum lugar seguro para passar a noite?

Jasper: Sim. Hotel em Rose Hill.

Harvey: Dois quartos ou um? ;)

Jasper: Não seja esquisito. Um quarto, duas camas.

Harvey: Eu não sou esquisito. Você é que tem um crush na sua prima.

Jasper: Ela não é minha prima.

Harvey: Ha! Mas você não negou o crush.

* * *

Sloane está bêbada.

Hilariamente tonta. Totalmente sem filtro.

E apoiando-se em mim com mais força do que jamais imaginei que alguém do tamanho dela pudesse.

Suas risadas suaves acompanham o zumbido baixo das luzes de néon amareladas acima de nós no corredor do hotel, e ela continua pisando nos meus pés.

— Você é uma bailarina. Você não deveria ser graciosa?

Ela me ignora, inclinando a cabeça em minha direção. — Você notou que tem uma espinha bem... — Ela cutuca um ponto bem perto da linha do meu

cabelo que se curva ao redor da minha têmpora.

Eu bufo. — Não, Sloane. Não tenho me preocupado com a minha pele ultimamente.

— É irritante. Aposto que você lava o rosto com xampu, nunca hidrata e só passa protetor solar quando está de férias. E você ainda parece assim. — Sua mão acena ao longo do meu corpo.

Eu enfio a mão no bolso e tiro a chave do nosso quarto, dando-lhe um golpe rápido antes de entrar no quarto. — Eu lavo meu rosto com sabonete líquido.

Ela geme e joga a cabeça para trás dramaticamente, olhando para o teto. — Você não pode fazer isso.

— Por quê? Meu rosto faz parte do meu corpo.

— Não tem o material certo nele. — Ela balança enquanto puxa os sapatos, e eu sufoco uma risada. — Mesmo que tenha um cheiro divino, como menta e qualquer outra coisa.

— Hortelã e eucalipto. O mesmo sabonete que uso há anos. De que coisas meu rosto precisa?

Um sapato passa voando por nós e bate na parede. — Uau! — Seus olhos se arregalam e ela ri novamente. Conto minhas bênçãos por ela ser uma bêbada feliz. Eu não acho que poderia lidar com ela estar triste agora. — Vitamina C. Peptídeos. Ácidos esfoliantes. Você não está ficando mais jovem. Você deve considerar um retinol, mas precisa colocar protetor solar todos os dias. Oh, meu Deus! — O próximo sapato segue o exemplo e ela vai para o banheiro. — Eu tenho a melhor ideia.

— Sunny, não tenho certeza se este é o momento em que você terá suas melhores ideias.

— Está me chamando de bêbada, Gervais? — ela grita do pequeno cômodo. Ouço passos arrastados lá dentro enquanto tiro meus sapatos e endireito os dela

perto da porta.

— Nunca. Você está perfeitamente sóbria. Mas vou pegar uma garrafa de água para você e vai beber, certo?

— Existe alguma daquelas garrafinhas de *Grand Marnier* ou algo assim? Os hotéis estão sempre abastecidos com álcool que ninguém bebe. Quero dizer, quem bebe *Grand Marnier*?

Solto uma risada baixinha e vou até a geladeira. Há duas garrafas de água. — Eu não acho que este é um tipo de hotel *Grand Marnier*.

Ela sai da porta do banheiro assim que eu me endireito, com uma garrafa de plástico em cada mão. Mas ela tem algumas garrafas próprias que está segurando.

— Faciais! — ela grita.

— O quê? — Eu pisco uma vez, olhando para seu cabelo loiro macio e olhos felizes.

Ela ergue uma garrafa roxa e um tubo de vidro verde com alguma coisa e os sacode para mim como se eu fosse estúpido. — Eu vou beber sua água se você me der um tratamento facial.

Tenho que dizer, o primeiro lugar que minha cabeça vai não é para produtos de beleza.

— Não se preocupe. Vou dar um a você também.

A imagem de Sloane montando no meu rosto, minhas mãos em sua bunda enquanto ela olha nos meus olhos, pisca em minha mente.

Não é a primeira vez. Normalmente, eu afasto o pensamento, mas esta noite estou me sentindo solto o suficiente para deixá-lo demorar. Para vê-la se mover. Para pensar sobre os sons que ela poderia fazer.

— Anime-se, Gervais! — Ela pula na cama, deixa cair os produtos para a

pele no colchão e faz um gesto em sua direção, os dedos dobrados na palma da mão.

Sério, não ajuda. Todo o sangue do meu corpo corre para o sul, e eu cubro jogando para ela uma garrafa de água. — Beba isso primeiro — digo enquanto voa.

Mas seus reflexos estão lentos esta noite e a garrafa a atinge no rosto.

Bem no nariz.

Os caras e eu jogamos garrafas de água uns para os outros no banco o tempo todo. É uma segunda natureza. Ela se encolhe com força, e eu suspiro enquanto dou passos largos até a cama para checá-la. Suas mãos estão cruzadas sobre o rosto e seus dedos se movem para se controlar.

Eu me sinto *péssimo.* Eu me sinto *mal.* O pensamento de alguém machucar Sloane, até mesmo eu, faz fogo correr em minhas veias.

Quando alcanço seu ombro, ela olha para mim e ela...

Explode em gargalhadas.

— Jas! Você acabou de jogar isso na minha cara, seu filho da puta desajeitado!

— Eu não! — Estou balançando a cabeça em negação. — Eu não queria! Sinto muito! Você está bem?

Ela ri ainda mais. — Estou bem! Estou bem. Totalmente bem. — Suas palavras chiam em torno de sua risada.

Minhas palmas apertam seus ombros no mesmo ritmo, o que atrai sua atenção para o meu rosto. — Sunny, você está louca agora. Você precisa beber um pouco de água.

Seus lábios rolam para dentro enquanto ela luta para se controlar. — Ok. — Ela balança a cabeça e abre a garrafa de água ao lado dela. Ela a leva quase aos

lábios e para, desvia o olhar e cai na gargalhada de novo. — Eu não posso acreditar que você me fuzilou na cara assim!

Esfrego minha barba por fazer, tentando não rir, mas é contagiante. — Eu não queria.

— Eu sei. Mas ainda é engraçado.

Eu cruzo meus braços agora, tentando transmitir o quão sério estou falando com ela. — Não é engraçado.

— Isso é só porque você não viu seu rosto. — Ela contorce suas feições em uma expressão muito exagerada de choque horrorizado.

E então ri um pouco mais.

Eu gemo e jogo meu boné na mesa. — Aposto que você costumava ser expulsa da aula por dar risadinhas.

Seu dedo indicador sai da garrafa de plástico e aponta para mim enquanto ela toma um grande gole de água. — Fatos.

Eu não posso deixar de rir. Posso ver isso totalmente. A cama cede um pouco quando me sento na beirada, não muito perto de Sloane. Ela continua a beber água enquanto o riso diminui, e pego os dois produtos que ela trouxe do banheiro.

— Certo, tudo bem. Vou dar a você um tratamento facial.

Desta vez, quando ela ri, a água espirra em direção à frente do quarto.

— Bom Deus. — Eu me jogo na cama e passo um braço sobre o rosto, sentindo meu corpo vibrar enquanto rio com ela. Ela sempre teve esse efeito sobre mim. Sua personalidade ensolarada é contagiante. Às vezes, eu luto contra isso, e agora, pela minha vida, não consigo entender o porquê.

Ela tapa a boca com a mão e por trás dela diz: — Sinto muito. Você não pode confiar em mim agora.

— Ok. Mais água. Então você pode colocar qualquer merda de pele vodu que seja em mim.

— Maneira de evitar dizer *facial*. — Ela está sentada de joelhos agora, olhando para mim enquanto bebe cuidadosamente sua água.

— Por favor, não cuspa água no meu rosto — é a minha resposta enquanto eu olho de volta para ela, nossos olhos travando um no outro e não deixando ir. Sem a aba do meu boné, eu me sinto exposto, mas por ela não tenho certeza se me importo tanto.

As pessoas olhando muito de perto me deixam nervoso e me dão coceira na pele. Mas com os olhos de Sloane em mim, tudo o que sinto é calor.

Quando o contato visual silencioso parece ter durado muito tempo, levanto o tubo roxo e leio as instruções enquanto ela bebe a garrafa inteira de água. Uma vez que está vazia, ela a joga por cima do ombro. Com um sorriso malicioso, ela pega o tubo e abre a tampa, espremendo argila branca nas pontas dos dedos.

— Diz que você deve lavar o rosto com água morna primeiro.

Sloane revira os olhos para mim. — Rico vindo do cara que limpa o rosto com sabonete líquido.

E então ela está espalhando na minha testa. No meu nariz. Até minhas bochechas. Seus olhos assumem um olhar ligeiramente distante enquanto seus dedos suaves deslizam sobre a pele do meu rosto. Sua testa franze em concentração, e seus olhos de íris de geleira se movem em cada canto do meu rosto enquanto ela meticulosamente espalha a argila. Ela me pega olhando para ela, e eu abaixo o olhar, fechando meus olhos como se isso pudesse ajudar.

Exceto que, por trás da privacidade de minhas próprias pálpebras, seu toque envia faíscas de eletricidade em minha pele, e a escuridão se transforma na imagem dela curvada sobre a mesa de sinuca na minha frente. Ainda posso sentir seu corpo esguio sob o meu, ainda sinto o jeito que meu pau se contorceu antes

de eu ter que me forçar a não esfregar contra ela.

Porque amigos não moem seus paus nas bundas perfeitas de suas amigas. Simplesmente não é feito.

Apesar dessa regra de amigo, sinto a familiar sensação de inchaço do mesmo jeito, e isso me faz balançar para cima e para longe de seu toque. — Ok. Isso está bom — eu resmungo, a espessa substância de argila formigando e puxando meu rosto. — Sua vez.

Ela balança a cabeça, parecendo um pouco surpresa agora. Não tenho certeza do que se passou na cabeça dela enquanto esfregava isso na minha cara, mas agora há uma tensão imediata entre nós. As notas lúdicas se foram. Como no lago. Como naquela porra de mesa de sinuca.

Pego o tubo e espremo um pouco da argila na ponta dos dedos. Quando estendo a mão em direção ao rosto dela, encaro sua boca em vez de seus olhos, pensando que isso vai me distrair menos.

Estou errado.

Tudo sobre Sloane Winthrop é distração *pra* caralho E eu tenho me esforçado muito, há muito tempo, para não perceber.

Quando escovo meus dedos sobre sua bochecha, ela suga uma respiração afiada. Ambos os nossos olhares se movem para a minha mão, aquela que treme sutilmente sob o escrutínio.

Eu apenas engulo e sigo em frente, forçando-me a olhar para os meus dedos e onde estou espalhando a argila ao invés de seu olhar azul-bebê. Tenho que ter cuidado com ela. Não quero sujar o cabelo dela. Ou os olhos dela. Eu gostaria que meu ponto baixo da noite continuasse sendo bater na cara dela com uma garrafa d'água.

Quando eu borro o material sobre sua mandíbula e passo sobre seu queixo, as pontas dos meus dedos deslizam sobre seu lábio inferior. Vejo isso acontecer em

câmera lenta. Branco giz sobre rosa de pelúcia. Meus dedos. Seu lábio. A maneira como achata e pressiona para o lado com a pressão mais leve. Tudo nela é tão macio e maleável.

Ela engasga novamente, sua boca aberta, e desta vez meus olhos se voltam para os dela. Eles são largos e brilhantes, todos os tons de azul. Um caleidoscópio de cores. Um céu de pradaria. Um ovo de pássaro. Um lago glacial. Listras de algo mais escuro, fazendo todas aquelas cores pálidas se destacarem.

E esse maldito suspiro é um raio na minha virilha.

— Você sabe o quê? — Seus cílios caem como uma cortina e ela se afasta, saindo da cama. — Eu vou terminar isso sozinha. Não vou fazer você lidar com isso.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ela está no banheiro e a pia está aberta. Quando chego lá, ela está esfregando o rosto e evitando fazer contato visual comigo.

Ela finalmente me dá um sorriso sem graça enquanto lança um olhar furtivo em meu caminho através do espelho, os olhos persistentes em meu rosto que está coberto com o que parece ser tinta branca secando. O que se agarra à minha barba por fazer e está rachando em alguns pontos.

Isso me lembra de mim mesmo de certa forma. Uma casca frágil. Uma pequena rachadura e tudo pode estourar.

— Você está bem?

— Sim — diz ela um pouco brilhante demais enquanto seca o rosto. — Apenas percebendo que devo ir para a cama se não quiser me sentir uma merda amanhã.

Quando ela sai, solto um suspiro pesado e coloco as palmas das mãos no balcão à minha frente.

Não tenho certeza do que está acontecendo conosco hoje, mas nós dois vamos nos sentir uma merda total amanhã, independentemente da ingestão de álcool.

Porque Sloane vai ficar de ressaca. E vou estar cansado de ficar acordado a noite toda lutando contra os pensamentos sobre todas as coisas imundas que quero fazer com ela e com aqueles lábios macios e carnudos.

17

Sloane

Sloane: Envie ajuda.

Summer: Ajuda com o quê? Vocês estão bem?

Sloane: Estou de ressaca. Eu quero morrer.

Willa: Legal. Espiral de vergonha. Você transou com ele?

Sloane: Não. Fizemos tratamentos faciais um ao outro e desmaiamos sem jeito.

Willa: Toca aqui. Adoro quando Cade me faz um tratamento facial.

Summer: Meu Deus.

Sloane: Isso é... não o que eu quis dizer.

* * *

Eu realmente acertei quando disse que ia me sentir uma merda total pela manhã.

É como se eu tivesse uma premonição ou algo assim. Porque minha cabeça está latejando, há um peso que me lembra uma enorme quantidade de vergonha pressionando meu peito, e o silêncio na caminhonete é *ensurdecedor.*

Jasper e eu trocamos bom dia. Ele perguntou como estava meu nariz e eu revirei os olhos para ele. Ele está agindo como se tivesse me acertado com uma bola rápida, não arremessado uma frágil garrafa de água em mim que meio que rolou pelo meu rosto.

Porque sim, eu me lembro de tudo sobre a noite passada com detalhes incrivelmente claros. Eu estava bêbada o suficiente para não dar a mínima para nada, mas não bêbada o suficiente para esquecer.

Na maioria das vezes, diria que ficar tonta e não desmaiar foi uma vitória. Mas eu teria desmaiado feliz na noite passada. Teria me impedido de repetir aquela fita na minha cabeça.

O céu acima de nós está cinza-escuro e a neve cai em flocos grandes e gordos, batendo no para-brisa com batidas fortes e úmidas. O para-brisa onde nós dois mantemos nossos olhares fixos.

Porque a merda está estranha esta manhã, provavelmente porque fiquei com inveja das fãs dele e depois o arrastei de volta para o nosso quarto de hotel, onde perguntei se ele autografaria meus melões e me daria um tratamento facial.

O que posso dizer? Todos nós temos nossos pontos de ruptura e parece que atingi o meu.

Dou uma olhada no velocímetro e estamos indo bem abaixo do limite de velocidade.

Você mora perto das montanhas por tempo suficiente e sabe como é a aparência de uma forte nevasca antes de cair. E isso é assim.

Eu sei disso. E Jasper sabe disso.

E conheço Jasper bem o suficiente para saber que dentro de sua cabeça agora, ele está agonizando sobre nossa segurança. Esse é o modo padrão dele.

— Você deve me achar uma idiota — é assim que abro nossa conversa.

Sua cabeça vira na minha direção com tanta força que me pergunto se isso machucou seu pescoço. Seu rosto suaviza quando seus olhos pousam em mim, e meu coração pula uma batida. Em segundos, aquele rosto esculpido se volta para a estrada, os nós dos dedos brancos no volante.

— Eu absolutamente não acho que você é uma idiota.

— Minha vida está em frangalhos e estou ignorando isso por opção. E eu definitivamente fui uma idiota ontem à noite — brinco, virando-me para olhar pela janela do passageiro para as rochas e árvores que se aglomeram na passagem da montanha com tanta força que parece que eu poderia abrir minha janela e tocar aquela pedra escura e escarpada. Pingentes de gelo se agarram às bordas afiadas da geada forte que atingiu durante a noite.

— Não. Você merecia se soltar. Você foi engraçada. Eu precisava disso. Eu me diverti. *Nós* nos divertimos.

— Hum. — Deixo suas palavras quicarem na minha cabeça. *Nós nos divertimos.* — Desculpe se envergonhei você.

— Como você pode ter me envergonhado? — Ele parece genuinamente confuso.

— Com aquelas garotas. Eu fui uma grande bloqueadora de pau.

Ele ri baixinho agora. — E eu aprecio o bloqueio.

— Você só está dizendo isso. Não vamos fingir que você não gosta da companhia feminina.

Ele me choca quando responde sem rodeios: — Eu gosto de sexo. O resto é demais.

Tento engolir e acabo engasgando com a saliva – como a vencedora que sou agora. Ele é sempre tão quieto. Eu não esperava que a palavra *sexo* aparecesse em seus lábios tão facilmente. Muito menos a parte sobre ele gostar.

Eu me recupero com: — Eu vi você com mulheres naquelas premiações chiques e outras coisas. Então, boa tentativa.

Ele encolhe os ombros, e seus bíceps grossos sobem e descem com o movimento. — As aparências enganam. Às vezes, é apenas uma amiga de um amigo. Normalmente é alguém que eu só vejo de vez em quando. Que tem o que eu quero e não pede mais.

— Como uma amiga de foda? — Eu quase quero dizer amigos com benefícios. Mas de alguma forma o pensamento de ele realmente ser amigo de outra mulher é pior. Sexo é sexo. Amizade embora? Com Jasper, amizade é amor.

Ele limpa a garganta. — Basicamente.

Isso é uma merda de coisa de Jasper para dizer. Evasivo e secreto.

— O que quer que isso signifique. — Reviro os olhos e encaro as montanhas. Não sei como lidar com essa nova tensão entre nós. Antes era só eu na minha cabeça. Agora seus olhos demoram um pouco demais, assim como seu toque. Dedos entrelaçados com os meus. Mão nas minhas costas.

— Significa que conhecer alguém que realmente gosta de mim por *quem* sou e não pelo *que* sou parece totalmente impossível neste ponto da minha carreira. Isso significa que posso passar um tempo superficial com as pessoas, mas sempre volta ao que faço no trabalho, quanto dinheiro ganho ou quão famoso sou. Significa que nunca poderei conhecer uma pessoa sem aquela notoriedade pairando sobre mim, e isso significa que questiono tudo e todos.

Minha língua desliza sobre meu lábio inferior e meu peito aperta enquanto desvendo tudo o que ele acabou de admitir.

— Até minha mãe aparece quando estou no noticiário ou se ela me vê na TV.

Eu congelo. Jasper *nunca* fala sobre seus pais.

— Ela aparece? — Minha voz é baixa e eu o observo com cuidado.

— Sempre.

— Só para... dizer oi?

Ele zomba, e um canto de seus lábios se inclina para cima. Mas não é diversão. É mais uma reviravolta irônica, uma cobertura para uma dor profunda. — Não, Sunny. Por dinheiro.

— Sinto muito. Você sabe onde ela está? — Não é o suficiente. Não é nem um pouco o suficiente. Mas não sei mais o que dizer a ele. Estou fora de mim com o acidente dele e tudo o que veio depois.

Parece-me injusto que tantas coisas terríveis possam acontecer a uma pessoa. Esse ser humano pode desafiar as probabilidades tão completamente. Que o universo não poderia ter espalhado um pouco da dor de Jasper sobre mais pessoas para tornar seu fardo um pouco mais leve.

A irmã dele.

A mãe dele.

O pai dele.

Agora Beau.

É cruel e faz meu coração doer por ele – sempre doeu. Aqueles malditos olhos tristes naquele primeiro dia de verão em que me afoguei neles. Um abismo azul escuro. Às vezes, sinto que afundei no fundo daquele oceano profundo e apenas passei a residir.

Eu me perdi nos olhos de Jasper e nunca mais saí.

— Ela vem e vai. Você sabe como ela é. Após a morte de Jenny, ela começou a se automedicar. E em um ano ela era outra pessoa, vivendo outra vida. Uma que a levou de albergue em albergue. Da prisão à reabilitação. Para... eu nem sei mais. — Ele faz uma pausa, e tudo que consigo pensar é que ela se tornou uma pessoa que quebrou o filho mais profundamente do que ele já estava. — É minha culpa.

Suas palavras desferem um duro golpe.

Eu vivi uma vida tão bonita e privilegiada, amarrada com um laço de cetim brilhante. Eu nunca fui atingida. Nunca perdi um familiar. Nunca experimentei dor física que não fosse minha. Claro, meus pais têm suas peculiaridades, mas nunca tiveram a intenção de me machucar ou se importaram tão pouco comigo

que fariam algo que pudesse me causar dor.

Mas imagino que seja assim.

— Não é *sua* culpa.

— É sim. E eu envio a ela o dinheiro para compensar isso.

Um som baixo e gemido dói em minha garganta. A náusea revira meu estômago e não tenho certeza se é a ressaca ou o assunto da conversa. — Você não tem nada para compensar.

— Eu...

— Não — eu retruco para ele, batendo palmas com firmeza para interrompê-lo. — Nada. Nada mesmo. Já lhe disse antes e continuarei dizendo até o dia da minha morte. Você era uma criança, ela era uma criança e foi um acidente.

Sua respiração parece pesada, quase difícil, enquanto nós dois olhamos pela janela da frente.

— Ainda me lembro da noite em que contei o que aconteceu. Lembro de você chorando, o que foi ainda pior do que dizer tudo em voz alta. Ver você chorar... tão jovem e ingênua...

Eu fiz. Eu chorei. Eu quebrei por ele, querendo pegar um pouco de sua dor e torná-la minha. Se o universo não o ajudasse a dividir o fardo, decidi que faria isso sozinha.

Naquela noite, tendo apenas a lua como testemunha, um menino devastado revelou seus segredos mais profundos e sombrios para a pessoa mais inconsequente que pôde encontrar. Uma garota que nunca olhou para ele com pena, apenas adoração.

E ele rasgou seu coração por ela. Deixou todos os pedaços irregulares e rasgados a seus pés.

E eu me tornei a guardiã dessas peças. Eu não hesitei na crueza do momento.

Acho que nem mesmo entendi direito, mas peguei cada pedacinho e guardei tudo no meu coração por segurança.

Com o tempo, entendi sua história. Eu refleti sobre isso. Eu me tornei parte disso, eu me inseri de alguma forma. E esses pedaços viraram sementes. Sementes que reguei, cuidei e guardei para ele.

Mas as sementes crescem e agora as raízes dele e daquela noite estão tão apertadas em volta do meu coração que nunca poderei me desvencilhar de Jasper Gervais.

Não há uma alma no mundo que possa remover essas raízes e o estrangulamento que elas têm sobre mim.

— Aprendi com meus pais que não importa o quanto eu ame alguém, não é o suficiente para fazê-lo ficar. Mas você? Eu contei a você cada pequeno detalhe sujo e você poderia ter me odiado. Mas você ficou. Você dançou.

— Eu nunca poderia odiar você, Jas. — Lágrimas picam em meus olhos. Fiz a única coisa que sabia fazer. Sob a luz da lua, em um campo de grama verde exuberante, levantei-me e deixei os movimentos fluírem pelo meu corpo. A música clássica tocou na minha cabeça. A única música de verdade era o silêncio de uma noite de verão sufocantemente quente nas pradarias.

E a única pessoa na plateia era um lindo garoto com olhos assombrados que observava cada movimento meu e me disse que era lindo quando terminei. Então ele saiu. E eu só podia esperar que ele dormisse. Que ele se sentisse um pouco mais leve.

Ele pode ter sido um adolescente abandonado e eu posso ter sido uma criança ingênua, mas naquela noite éramos apenas duas almas com um segredo. E depois disso, amigos improváveis.

— Estou surpreso que você não riu quando eu disse a você. — Ele ri sombriamente.

Eu me viro e soco seu braço, sentindo-me um pouco irritada com ele por ainda ser tão duro consigo mesmo. — Cale a boca.

— O que você vai fazer sobre isso?

— Provavelmente jogar uma garrafa de água na sua cara.

Uma risada aliviada escapa dele, e observo suas mãos girarem no volante, os olhos ainda fixos na estrada. — Eu não joguei na sua cara. Não é minha culpa que sua coordenação mão-olho seja um lixo.

— Diga isso ao meu nariz. — Esfrego dramaticamente, embora não doa nada.

— A enorme nova saliência combina com você. Acrescenta algum caráter a esse rosto perfeito.

Ele está tentando voltar para brincadeiras divertidas e amigáveis. Do tipo que fazemos tão bem. O tipo que surgiu entre nós quando tudo estava na mesa. Depois daquela noite, nunca hesitei em contar nada a Jasper. É claro que, à medida que envelhecemos, as coisas mudaram, mas tínhamos essa base de honestidade crua à qual sempre poderia recorrer.

Eu confio nele e acho que ele confia em mim. Não sei por que ele confiou em mim naquela noite. Talvez ele só precisasse descarregar, e eu era a garota cheia de amor de filhote que já o estava observando, que apenas ‘aconteceu’ de sair para passear.

De qualquer forma, isso nos conectou. Para a vida, ao que parece. Porque acho que ele não contou a ninguém todos os detalhes daquele dia. Que ele ergueu a mão naquele sinal. Que sua família caiu em ruínas depois disso. Que ele se sente responsável. Que Beau o encontrou morando em um carro em um campo atrás da escola, porque sua mãe estava desaparecida e seu pai idiota começou uma vida nova e não voltou para casa para buscá-lo.

A menção de *rosto perfeito* traz um silêncio de volta à cabine e, com todo o

silêncio, minha mente divaga.

Minha curiosidade leva a melhor sobre mim quando pergunto: — Você ouviu falar dele?

Ele sabe que quero dizer seu pai, mesmo sem dizer isso. Harvey preencheu esse vazio para ele o melhor que pôde, mas não há como superar um pai que o deixa por escolha própria. Um pai que culpa você pelo pior dia da sua vida.

Ele pigarreia, olhando para mim por baixo da aba do boné. — Não.

Concordo com a cabeça, reprimindo a raiva que seu pai biológico sempre desperta em mim.

— Eu dirigi até lá uma vez, você sabe. Só para ver. Estacionei na rua e vigiei sua casa por um dia inteiro. A esposa dele. Seus filhos. Um maldito gato. Eu sempre quis um gato, e ele não me deixava ter um.

— Ele viu você?

— Eventualmente.

— O que ele disse?

Sua garganta trabalha em conjunto com suas mãos no volante, e ele dá de ombros.

— Eu poderia matá-lo — murmuro, esfregando a mão sobre os lábios como se pudesse reprimir as palavras que quero vomitar sobre esse *homem* que abandonou seu único filho sobrevivente para começar de novo sem ele. A dor torce a todos nós de maneiras incomuns, e eu gostaria de poder ser mais indulgente, considerando o que ele passou.

Mas eu simplesmente não posso. Tudo o que vejo é Jasper e o que isso fez com ele.

Eu sei que meu pai pode ser um idiota controlador, mas ele se preocupa comigo à sua maneira.

Jasper ri tristemente. — É isso mesmo, Sunny. Ele não disse absolutamente nada. Ele me viu. Fizemos contato visual. E ele simplesmente fechou a porta e apagou a luz da varanda. Foi para a cama.

— Sinto muito. — Minha voz falha quando ofereço o pedido de desculpas, e estendo a mão para envolver meus dedos em volta de seu ombro, as pontas dos dedos acariciando os cachos que traçam a parte de trás de seu pescoço.

Ele inclina a cabeça para mim, e as pontas dos meus dedos arranham o osso no topo de sua coluna. Eu esfrego um círculo lento ali e sinto seu corpo relaxar sob meu toque.

Ocorre-me novamente que não é o suficiente para curar suas feridas. Mas é o que eu tenho.

Posso ser uma pessoa que realmente sabe *quem ele* é e não *o que* é. Eu posso ouvir.

Quando ele falar, eu sempre vou ouvir.

— Merda acontece com o melhor de nós, Sunny, e eu não sou o melhor de nós.

— Para mim você é — é o que digo a ele.

Meus olhos se fixam no diamante que está em meu dedo e me encolho ao vê-lo. Preciso tirá-lo, mas estou protelando. E não porque sinto falta de Sterling.

É porque eu me preocupo que se tirar este anel, vou fazer algo estúpido e desesperado no que diz respeito a Jasper. É como um cinto de segurança mental para mim neste momento – uma das poucas coisas que me mantém segura de mim mesma e de uma decisão impulsiva.

Mas eu estendo a mão, tiro sua mão mais próxima do volante e enlaço meus dedos firmemente com os dele sobre o console central.

E o anel não me impede.

18

Sloane

Pai: Sloane, é hora de você atender às minhas ligações. Eu criei você melhor do que isso. Eu sei que você pode ser altamente emocional, mas isso foi longe demais. Controle-se e comporte-se como uma Winthrop.

* * *

Harvey: Como vocês estão, crianças?

Sloane: Ótimos. Passamos a noite em Rose Hill. Devemos estar em Ruby Creek esta tarde. Vou mantê-lo informado.

Harvey: Como está meu filho?

Sloane: Bem. Ótimo.

Harvey: E como você está?

Sloane: De ressaca.

Harvey: Ele está levando você para beber?

Sloane: Bastante.

* * *

Eu viro minha cabeça para fora da janela ao chegarmos ao topo da passagem da montanha. A visibilidade piorou. Posso ver as lanternas traseiras vermelhas dos poucos veículos ao nosso redor e sentir a caminhonete se esforçando para

subir a ladeira íngreme. No espelho lateral, posso ver os grandes fardos redondos amarrados na carroceria, duas camadas encaixadas como peças de quebra-cabeça e cobertas com lonas amarradas para evitar que se molhem.

Meus ouvidos estalam quando atingimos a altitude máxima e começamos nossa descida, a frente da caminhonete apontando para baixo de repente. Um grunhido suave vem de Jasper, e eu me viro para olhar para ele. Suas sobrancelhas grossas estão franzidas enquanto ele olha entre o painel e a estrada.

— Abaixe o volume da música, Sloane.

Já está quieto, mas faço isso de qualquer maneira, porque o tom de sua voz é dissonante. Há uma nota de ansiedade, uma nota de autoridade, que me deixa de cabelo em pé.

Estamos ganhando velocidade agora, e quando mudo para espiar o velocímetro, ele aumenta gradualmente segundo a segundo. Uma luz de perigo brilha em vermelho ao lado dela.

— Jas — eu expiro. — O que está errado? — Meu peito está apertado e, mesmo sem saber o que está acontecendo, minha mão direita se estende para agarrar a maçaneta do teto.

— Você está com o cinto de segurança, certo, Sunny? — Jasper morde, nem uma vez olhando na minha direção.

Meus olhos caem para os nossos cintos de segurança. — Sim. — O medo sangra em minha voz.

— Sloane. Relaxe. Eu vou mantê-la segura, ok? Diga-me que você entende isso.

Estou acenando rapidamente para ele, mas nenhuma palavra sai dos meus lábios. Eles estão presos com muita força.

— Fale comigo, Sunny. Quem encontrou você naquela noite em que se perdeu na floresta brincando de capturar a bandeira?

Estamos indo cada vez mais rápido.

— Você.

— Quem enfaixou seus pés?

— Você — eu choramingo, observando o velocímetro subir.

— Quem tirou você daquela porra de casamento falso? — ele rosna, diminuindo o tom, como se fosse a hora de ficar bravo com isso. Quando nós dois estamos prestes a morrer.

— Você, Jas. Você. Sempre você. — Minha mão agarra a frente do assento com tanta força que sinto como se fosse rasgar o couro.

— Os freios que se conectam ao trailer estão com defeito. Eu só posso nos atrasar um tanto.

Eu suspiro. Mas Jasper está estoico. Pálido, mas estoico. Olhos fixos na estrada.

Ele toca a buzina com força quando chegamos muito rápido atrás de um carro, incitando-os a passar. Uma respiração áspera escapa dele quando eles sinalizam e mudam de faixa.

— Há uma pista de fuga à frente que vou usar, mas vai ser esburacada. Eu quero que você segure o máximo que puder e apenas respire, confie em mim. Você é corajosa. Você consegue. — Eu não posso dizer se ele está falando comigo ou com ele mesmo. — Você entendeu? Você confia em mim? — Sua voz é alta agora, afiada, tão diferente dos tons suaves e sussurrados que estou acostumada a ouvir dele.

— Sim, claro. Eu confio em você.

Ele olha na minha direção rapidamente e acena com a cabeça.

Os próximos momentos passam no mais pesado silêncio de nós dos dedos brancos e respiração presa. Há uma qualidade quase etérea no momento. Como

se eu estivesse assistindo a um vídeo em câmera lenta de nós navegando para a morte.

Quando a pista aparece através da forte nevasca, projetando-se abruptamente na encosta da montanha, eu mordo a parte interna da minha bochecha.

É *tão* íngreme.

Eu sei que esse é o ponto, mas isso não impede que o terror abjeto floresça em meu peito.

Meus olhos se fecham quando entramos na estrada de cascalho. O impacto sacode a caminhonete e sacode meu corpo enquanto Jasper nos manobra para um local seguro. Ou pelo menos espero que sim. Não consigo olhar, mas não senti que viramos ou batemos, então é uma vitória.

Em segundos, não estamos mais nos movendo. A caminhonete para na inclinação acentuada e, com uma mão firme, Jasper aperta o freio de mão antes de enrolá-lo de volta no volante com um aperto mortal.

Todo o episódio durou meros momentos, mas pareceram horas. Meu corpo inteiro está vibrando, meu peito batendo tão forte com as batidas pesadas do meu coração que parece que realmente sacode minha visão.

— Jesus, porra, Cristo. Puta merda. Você está bem? — eu sussurro-grito todos os meus palavrões favoritos, soltando a maçaneta e colocando uma mão trêmula no meu peito.

Depois de alguns segundos, nenhuma resposta vem, então me viro para espiar Jasper. Suas mãos estão apertadas e todo o seu corpo parece feito de pedra. Ele é uma estátua, tão imóvel que mal consigo vê-lo respirar.

— Jasper?

Seu nariz forte está apontado para a frente e sua pele é da cor de papel de impressora branco e nítido, como se todo o sangue tivesse deixado seu corpo.

— Jas. — Eu o toco timidamente e aperto seu ombro, mas ele não responde.

De repente, estou menos assustada com a nossa situação e mais assustada por ele. — Você está me enlouquecendo.

Sua mandíbula se flexiona e ele engole, mas seus olhos permanecem treinados para fora do para-brisa, o vento uivando enquanto os pinheiros altos e escuros balançam e a neve branca gira ao nosso redor.

Ele está em choque, isso eu posso perceber. E embora não seja psicóloga, imagino que esse evento foi um pouco próximo demais do dia sobre o qual estávamos falando.

O dia em que tudo desmoronou.

Porque o homem ao meu lado parece traumatizado.

Sem pensar, eu me solto e faço alguns movimentos rápidos. Eu ergo sua mão do volante e rastejo em seu colo, montando em suas pernas e tentando fazê-lo olhar para mim, em vez de para o para-brisa, como se estivesse congelado no tempo – outro momento.

Minhas mãos se espalmam em seus ombros, e eu dou uma pequena sacudida nele. — Jasper. Olhe para mim.

Seus olhos não se movem, e o pânico me atinge. Eu gentilmente removo seu boné, jogando-o no banco do passageiro. É muito difícil vê-lo por baixo da aba e, no fundo, sei que esse é o motivo pelo qual ele sempre o usa.

Ele está constantemente tentando se misturar ao fundo, mas mesmo quando está se escondendo, eu o vejo.

Deslizo as palmas das mãos por cima de seus ombros e pelas laterais de seu pescoço robusto até que meus dedos se entrelaçam no cabelo de sua nuca. Hortelã e eucalipto. O cheiro me envolve toda vez. É um tiro de eletricidade para os meus sentidos. Percebo que, se ele está lavando o rosto com aquele sabonete, provavelmente também o usa como xampu.

As pontas dos meus dedos se movem por vontade própria, massageando a

base de seu crânio. Estou tomando liberdades que normalmente não poderia? Definitivamente. Mas tempos desesperados exigem medidas desesperadas, e todo esse ato de madeira petrificada ao lado de uma montanha me deixou estressada.

Eu pressiono minha testa contra a dele, tentando forçar sua linha de visão até a minha. — Jas. Eu estou bem aqui. Você nos manteve seguros. Está tudo bem. Você foi tão bem. Obrigada por sempre cuidar de mim.

Ele pisca uma vez, e é como se ele afastasse uma camada de sombra escura que cobria sua íris. Onde elas beiravam o preto momentos atrás, estão de volta ao marinho macio que eu conheço tão bem – macio como veludo, realçado com listras de jeans e pequenas faíscas de brilho onde a luz reflete.

— Sloane — ele suspira e o hálito quente atinge minha garganta. Ele não move a testa, mas move as mãos. Elas moldam minha cintura e eu as sinto tremer.

Tudo o que faço é continuar esfregando a parte de trás de sua cabeça, acalmando-o da única maneira que sei.

— Você está bem? — Sua voz é corajosa e oscila ligeiramente em *bem.*

Eu aceno, rolando minha testa contra a dele. — Estou bem. Estou muito bem.

Ele se afasta e, como se não acreditasse em mim, suas mãos avaliam meu corpo. Elas vagam para baixo, apertando meus ossos do quadril através da minha legging fina. Elas deslizam por cima das minhas coxas, e ele observa extasiado, como se precisasse ver e sentir para acreditar.

Eu dizendo a ele não é suficiente.

Sua respiração fica irregular, e os tremores que começaram em seus dedos também tomam conta de seus braços. Quando ele olha nos meus olhos, aceno com a cabeça, tentando tranquilizá-lo. Mas isso não o impede. Seus dedos

começam a subir pelas minhas pernas e suas mãos se espalham nas minhas costas, grandes o suficiente para cobri-las completamente.

— Nada dói?

— Nada dói — eu confirmo, ficando mortalmente imóvel, não querendo quebrar qualquer momento que seja esse.

Ele precisa disso e eu também. Mas de duas maneiras muito diferentes.

Quando o calor de seu toque envolve meus ombros, eu me entrego ao meu corpo e deixo meus cílios se fecharem por um breve momento. Eu me aqueço em suas mãos gentis, deslizando meus braços em uníssono, verificando cada ponto como se eu fosse a boneca de vidro mais preciosa.

— Você está segura. — Não tenho certeza se ele diz isso para mim ou para si mesmo.

Mas eu afirmo de qualquer maneira. — Estou segura.

Quando ele chega aos meus pulsos que ficam em cada lado de seu pescoço, ele os agarra e encontra meu olhar novamente. Ele inspira por quatro segundos. E expira por quatro segundos.

E nós apenas existimos nos olhos um do outro.

Presos. Carregados.

— Tem certeza que seu nariz não dói? — ele pergunta sobre meu nariz, mas está olhando para meus lábios. Minha língua corre sobre eles enquanto tento acalmar meus nervos em desordem. Este momento parece intensamente íntimo.

Eu tive uma vida inteira de momentos íntimos com Jasper, mas nenhum foi assim com o ar ao nosso redor espesso, pesado e quente.

Empurrando-nos juntos de alguma forma.

Seu dedo pousa na ponta do meu nariz. É apenas um toque. É um sussurro. — Dói, Sloane?

Observo seus lábios se unirem e se separarem para formar as palavras. E, Deus, eu quero beijá-lo. Eu quero que ele me beije. Eu quero que esse momento nunca acabe. Eu quero viver nesta caminhonete no estilo Powerless[2], na neve, no topo de uma montanha com ele e nunca mais sair.

Meus cílios tremulam, e inclino meu queixo para baixo gradualmente para evitar que nossos lábios fiquem alinhados, para me impedir de fazer algo que vai me envergonhar, ou pior, vai nos arruinar.

Estamos tão perto. Perto o suficiente para que ele... pressione um beijo suave na ponta do meu nariz e roube minha respiração no processo.

Meus olhos se fixam nos dele. Largos. Chocados.

— Sinto muito por ter jogado isso em você.

Tudo o que consigo fazer é um aceno de cabeça. Minha boca está seca. Eu ouço um zumbido em meus ouvidos. Meus olhos são sugados para o céu da meia-noite.

Ele se inclina para frente novamente e beija minha testa. Meus dedos agarram seu cabelo e me aproximo. Inclino a cabeça como se pudesse me aninhar nele, como se pudesse rastejar para dentro dele e me aconchegar em seu peito. Quero que ele esteja tão conectado comigo quanto eu estou com ele.

Ele inclina a cabeça, os olhos procurando. Uma pergunta silenciosa.

E eu aceno minha resposta.

Então seus lábios estão na minha bochecha. Sua mão desliza para a parte de trás da minha cabeça e ele segura meu crânio.

Estamos tão perto. Tão agarrados um ao outro. Como se nenhum de nós quisesse que o outro se afastasse.

Jasper arrasta seus lábios ao longo do topo da minha bochecha, sua barba raspando minha pele, pontilhando-a em pequenas chamas que nunca quero apagar.

Ele beija o canto da minha mandíbula e quando a ponta de sua língua sai, eu gemo. Descaradamente. Desesperadamente.

Ele me puxa para mais perto. Seu braço forte envolve minha cintura e me prende a ele.

— Jasper — eu sussurro.

Em resposta, ele agarra meu cabelo e puxa minha cabeça para o lado, arrastando sua boca quente para baixo e depois de volta para o meu pescoço. Eu aperto minhas pernas com mais força nele, ouvindo apenas as batidas do meu coração em meus ouvidos e o gemido profundo que vibra em seu peito.

— Eu nunca posso perder você — ele rosna.

— Você não vai — respondo baixinho, bem quando a ponta de seu nariz traça a concha da minha orelha.

— Eu poderia.

— Nun...

Antes que eu possa dizer *nunca*, ele me interrompe com: — Porque acho que estou prestes a foder tudo entre nós.

E então ele me beija.

Seus lábios se moldam aos meus e seus dedos se entrelaçam em meu cabelo enquanto seu aperto se torna suave.

Eu fico imóvel em estado de choque – total descrença – e quando faço, ele para, afastando-se enquanto sua palma quente desliza para baixo sobre minha garganta para me olhar nos olhos.

— Descul...

Eu o interrompo lançando-me de volta para ele. E ele não perde uma porra de ritmo.

Ele não me beija como um amigo. Ele me beija de volta com igual fervor.

Ele me beija como se quisesse me consumir.

E ele consome.

Suas mãos são marcas quentes em meu corpo, tocando e apertando em lugares que nunca vou esquecer. Seus lábios são quentes e firmes. Ele é gentil, mas ele me comanda. Ele inclina minha cabeça do jeito que ele quer. Ele dita o ritmo dos nossos beijos lânguidos até assumir um ritmo mais exigente.

Até que sua língua desliza em minha boca e seus dentes mordiscam meu lábio inferior.

E eu? Eu me viro como massa de modelar em seus braços. Faz anos que estou perdida para ele, mas hoje em uma caminhonete silenciosa, no meio de uma nevasca, permito me perder nele.

Ele pega e eu dou.

Eu pego e ele dá.

Eu rolo meus quadris contra os dele e ele geme. — Sloane.

A mão no meu cabelo aperta, e sinto a queimadura maçante dele puxando contra o meu couro cabeludo. Sua mão oposta se move preguiçosamente para baixo da minha caixa torácica, vindo para descansar no meu quadril, dedos longos espalhados casualmente sobre a curva da minha bunda, seu polegar esfregando contra o contorno da minha calcinha.

Tudo é lento. Dolorosamente lento. Tão representativo de nós de tantas maneiras. Mas também há uma ponta de desespero em nós dois.

Uma mordida forte a cada movimento.

Meus mamilos são pedrinhas. Meu coração bate forte. Meu corpo está em chamas. Meus quadris giram novamente.

Desta vez, o comprimento rígido dele pressiona de volta. Eu choramingo, excitada e aliviada ao mesmo tempo. Passei anos pensando que Jasper Gervais

não poderia me querer, mas agora seu corpo conta outra história.

E suas palavras também.

— Sunny, você vai me fazer perder a cabeça.

— Bom — murmuro contra sua boca. — Nós seremos loucos juntos. Estou tão cansada de fazer isso sozinha.

Estou pronta para arrancar suas roupas e me empalar nele, aqui e agora. Estou louca. Eu me sinto mais bêbada do que ontem à noite.

Eu o beijo novamente, derramando toda a frustração e desejo nele. E ele devolve dez vezes mais. Ele me derruba e rouba o ar direto dos meus pulmões.

E então ele me puxa para longe. Com uma mão apertada no meu cabelo, ele inclina minha cabeça para ele e olha para mim. Seus olhos percorrem cada canto do meu rosto enquanto ele me avalia.

Ele me lê como a porra de um livro e então me diz algo que eu queria ouvir há muito tempo.

— Você não está sozinha. Estou bem aí com você.

Solto um suspiro tão grande que meu corpo cede quando ele me deixa.

— Mas este não é o momento nem o lugar. Não é seguro. E você é preciosa demais para arriscar.

Foda-se minha segurança. Se eu morresse montando Jasper Gervais no banco do motorista desta caminhonete, eu poderia estar bem com isso. Que maneira de ir. Morrer com um estrondo, por assim dizer.

— Qual é a hora e o lugar? — Em vez disso, expiro.

Ele dá um beijo fantasma em meus lábios úmidos e inchados e guia minha orelha até sua boca. — Quando eu disser — ele diz asperamente.

Um arrepio percorre todo o meu corpo. Quando me afasto, seus olhos estão escuros novamente e pousam em meus lábios, depois em meus seios, antes de

voltarem para o meu rosto.

Ele segura minha cabeça suavemente. — Eu volto já. Preciso verificar o freio para poder descer esta colina. Aperte o cinto, só para garantir.

Concordo com a cabeça e ele me levanta, depositando-me no banco do passageiro sem esforço.

Ele está fora da porta e na neve sem outra palavra.

E eu sento aqui, estupefata, esperando que ele esteja bem. E fazendo um inventário de todas as coisas que isso fez ao meu corpo quando ele disse: *Quando eu disser*.

19

Jasper

Jasper: Estradas ruins. Problemas com os freios. Passando a noite em uma cidade chamada Blisswater Springs.

Harvey: Você ganha um prêmio por usar o mínimo de palavras possível? Vocês estão bem? Você pode elaborar?

Jasper: Ligo do hotel. Estamos bem. Seguros. Você não precisa se preocupar.

Harvey: Vamos. Dê-me algo. Uma cama ou duas?

Jasper: Falo com você depois.

* * *

As pontas dos meus dedos estão formigando tão intensamente quanto o resto do meu corpo. Sloane está calada e introspectiva ao meu lado. Quando voltei para a caminhonete, ela me encarou com olhos cômicos, apertando os lábios para esconder um sorriso ou para não dizer alguma coisa.

Estamos em segurança de volta à estrada. A fiação está firmemente no lugar com o conector, e estou achando mais fácil respirar, a menos que eu pense muito sobre Sloane se contorcendo no meu colo, sua bunda apertando contra meu pau.

Ainda vou parar no mecânico mais próximo para verificar o conector do freio, porque não deveria ter se soltado. De acordo com o Google, isso significa que estamos passando algum tempo em uma cidade chamada Blisswater Springs.

— Não vamos mais conversar? — Sloane deixa escapar, cortando o silêncio. — Tipo eu sei, você geralmente não fala muito. Mas podemos não ser estranhos sobre o... — Sua mão bate na frente dela.

— Sobre o beijo?

— Sim. Foi um momento estressante. Um momento de insanidade. Podemos ser tranquilos com isso.

Já faz um bom tempo que penso em beijar Sloane, querendo ou não admitir isso para mim mesmo.

Na verdade, ela quase adotou o sobrenome Woodcock pelo resto da vida, porque passei muito tempo pensando em vez de fazer algo a respeito.

Este pode não ser o momento perfeito para eu descobrir minhas merdas no que diz respeito a Sloane Winthrop, mas é *um* momento. E se eu descobri alguma coisa nessa tragédia shakespeariana de uma vida, é que a vida é apenas momentos todos amarrados juntos como luzes multicoloridas de Natal. Você sempre acaba gostando mais de algumas cores do que de outras.

Alegre, trágico, pacífico, engraçado. Momentos inesquecíveis, e momentos que gostaríamos de poder esquecer.

E beijar Sloane nesta caminhonete não é um desses. É um momento que pretendo agarrar totalmente. No passado, disseram-me para ficar longe dela. No passado, eu me importava com esse aviso.

Neste momento, embora? Eu não dou a mínima.

— Não foi um momento de insanidade — eu digo com naturalidade.

— Desculpe? — Ela parece incrédula.

— Eu definitivamente queria beijar você.

Ela zomba, cruzando os braços e ficando vermelha como uma beterraba. — Você mal respondeu alguns segundos antes. Você estava em choque, então me

perdoe se eu não acreditar em você.

— Eu não preciso que você acredite em mim para que seja verdade.

Não sei por que, depois de anos mantendo minha boca fechada, agora estou deixando escapar tudo isso. Muito provavelmente, é porque eu vi nossas vidas passarem diante dos meus olhos lá atrás. Quando olhei para Sloane ao meu lado e vi seus lindos olhos azuis fechados, os dedos segurando o assento, os ombros encolhidos até as orelhas, percebi que poderia ser meu último momento com ela.

Meu último momento e ela nunca saberia o que ela é para mim. O quanto ela é para mim. Que ela é *tudo* para mim. E isso é simplesmente insano. Como um desperdício. Como um homem que conhece a perda tão intimamente, por que eu iria me preparar para perder algo tão precioso?

Acho que foi essa a percepção que me atingiu no jantar em que observei Sloane sentar-se ao lado de um homem que falava sobre ela sempre que podia. Ela estava prestes a se casar com um pedaço de lixo chauvinista humano, mas ela poderia ter me possuído – se ela me quisesse.

Se eu tivesse ao menos contado a ela.

E ela não sabia, porque eu estava muito preso em minha própria cabeça para contar a ela. Paralisado demais pelo medo de perder as pessoas de quem gosto. De perdê-*la.*

Mas foda-se, perder alguém e sem saber que você se importa com eles? Desejando poder voltar e contar a eles?

Isso é um inferno especial. Um em que não tenho intenção de viver, porque já dei aos meus demônios o suficiente de mim – eles não podem tê-la também.

— Eu quase me casei com outra pessoa.

Concordo com a cabeça bruscamente, olhando para ela. Ela parece *chateada,* o que não é a reação que eu esperava. Mas então, eu também estou. Porque a simples menção de ela se casar com alguém me deixa em uma raiva fervente, tão

diferente de mim que nem sei o que fazer com isso.

— Sim. Isso teria sido uma pena, porque ele realmente é uma merda.

— Ha! Inacreditável, porra. — Seu queixo estala e ela olha pela janela do passageiro. — Eu conheço você há o quê? 18 anos? Quase metade da sua vida? E isto... esse *sentimento* está apenas ocorrendo a você agora?

Uma risada sem humor borbulha dela e ela balança a cabeça. — Alguém veio brincar na sua caixa de areia e você ficou todo territorial depois de anos sem me dar uma segunda olhada? *Amo* isso. Não sou um hidrante para você mijar, Jasper. — Suas mãos disparam ao lado de sua cabeça. — Como... eu devo comprar que você acabou de ter algum tipo de despertar e sua amiga de infância é de repente beijável hoje em dia? Deus. Isso é hilário. Se eu não gostasse tanto de você, chutaria suas bolas por isso.

Eu deveria estar preocupado, mas tudo que consigo pensar é que *ela está ali.* A garota bombinha. A bailarina nata que treina demais e bebe cerveja barata como se fosse um bom vinho.

Eu digo a ela a verdade, com os olhos na estrada. — Não está apenas ocorrendo a mim agora.

Ela revira os olhos, erguendo os ombros, como se endireitar-se na cadeira pudesse fazê-la se sentir menos vulnerável.

— É verdade. — Eu gostaria que as estradas fossem melhores para que pudesse dar a ela toda a minha atenção e olhá-la nos olhos. Limpar aquela expressão petulante de seu rosto e beijá-la novamente. Fazê-la acreditar em mim. Porque sei que não tenho imaginado esses momentos entre nós. Aqueles em que o ar fica tão pesado que parece mais do que posso suportar.

— Eu não acredito em você — ela repete, mas desta vez sua voz está um pouco rouca.

— Você me beijou de volta — falo quando sou atingido pelo pensamento

doentio de que talvez eu tenha confundido. Talvez tudo isso seja muito unilateral e eu tenha me desviado terrivelmente do caminho. Afinal, minha experiência com mulheres em qualquer função além do sexo é inexistente.

Exceto por Sunny. Ela é a garota a quem eu conto tudo. A garota que sempre esteve presente nos meus piores dias e noites mais escuras. Não porque eu pedi para ela estar, mas apenas porque é isso que somos um para o outro.

Não importa quantos anos se passaram. Sempre seremos isso um para o outro.

— Sem merda. — Ela cruza os braços sobre as costelas de novo, e meus olhos percorrem a maneira como eles sustentam seus seios. O formigamento em meus dedos agora é uma coceira para explorar cada centímetro de seu corpo, para mostrar a ela todas as maneiras que eu a quero.

Porra, eu a quero.

Sloane é reconfortante. Ela é o olho da tempestade. Norte verdadeiro. De alguma forma, nossas bússolas sempre nos trazem de volta um para o outro.

Quando paramos no primeiro sinal vermelho em Blisswater Springs, eu me viro no banco e pergunto: — O que isso quer dizer, Sloane? Eu estava lá. Senti suas coxas ficarem todas apertadas em mim quando puxei seu cabelo. Ouvi você gemer quando beijei você. Vamos sentar aqui e continuar fingindo que as coisas não parecem diferentes entre nós agora?

— Elas sempre pareceram assim para mim! — ela explode, braços abertos, olhos brilhando de emoção. — E você *nunca* notou. Mas *agora* você nota? O que eu deveria fazer? Pular de alegria e agradecer por me abençoar com seu interesse?

Empalideço, as mãos ficando úmidas no volante. Eu respondo em um fluxo de consciência, tentando me explicar depois do que ela acabou de dizer. — Quero dizer... todos nós sabíamos que você teve uma paixão de infância. Eu era

um adolescente. Mas você era apenas uma criança. E então você superou isso. Você tinha namorados e balé. Eu tinha hóquei e treinamento sem fim. Mantivemo-nos como amigos na cidade. Você ficou *noiva*.

Seus lábios rosa pálido se abrem como se ela estivesse prestes a dizer algo, mas rapidamente se fecham. Ela se vira para o para-brisa, os olhos forçados à frente com tanta força que quase parece doloroso. Os segundos se estendem e tenho certeza que ela não vai me responder. E merda, isso é o que eu mereço por tudo que acabei de despejar nela.

Mas assim que o sinal fica verde, sua voz triste me atinge como um soco na porra do estômago.

— Eu nunca superei isso, Jas.

* * *

Quando a beijei, contei até quatro na minha cabeça. Disse a mim mesmo que daria quatro segundos, mas demorou mais.

Foi um momento de loucura.

Ou talvez todos os momentos em que tentei negar o que sentia por ela foram momentos de insanidade, todos juntos. Luzes de uma só cor.

Arrependimento tem cor?

— Verifique novamente — diz Sloane para a mulher atrás da recepção do pequeno hotel em estilo resort. — Tem que haver alguma coisa.

Ouvir Sloane explicar que precisamos de quartos separados parece seu próprio momento de insanidade. Mas vou deixá-la ficar com isso.

Porque *conheço* Sloane. Eu sei como ela processa as coisas.

O que eu não sabia é que sua paixão de infância nunca foi embora. Eu

deveria me sentir mal por nunca ter notado. Eu deveria me sentir como um idiota. Mas eu me sinto... aliviado.

Vejo uma chance. Um vislumbre de esperança.

— Algo com duas camas pelo menos? Que tal um berço dobrável? Sou quase do tamanho de uma criança. — Ela gesticula para si mesma.

Eu abafo uma risada e olho pela janela em direção ao estacionamento, onde a neve ainda está caindo pesadamente.

— Podemos mandar enviar uma cama, é claro. — A mulher na mesa sorri pacientemente, os olhos saltando entre nós curiosamente como se ela não pudesse entender o que está acontecendo.

— Tudo bem — Sloane diz, um sorriso praticado em seu rosto. Máscara legal perfeitamente no lugar. Seu coque é puxado para cima do jeito que ela gosta quando está pronta para uma apresentação – ou para uma batalha.

Isso é o que ela recorreu a fazer na caminhonete. Ela abaixou o visor e usou o espelho para puxar obsessivamente o cabelo para trás. Nunca era plano o suficiente, ou liso o suficiente, então ela o puxava e fazia tudo de novo.

Ela fez isso cinco vezes. Eu sei porque contei. Não havia muito mais o que fazer uma vez que ela resolveu me ignorar. Eu também estava lutando para tirar meus olhos dela depois de sua revelação de paixão.

Esta mulher é minha amiga há dezoito anos.

Como eu perdi isso?

Ou ela ficou boa em esconder ou eu não estava olhando. Provavelmente foi uma combinação de ambos.

Cabelos loiros rebeldes refletem a luz no antiquado saguão do hotel. Eu quase quero apontá-los apenas para irritá-la.

Porque quando ela está irritada, a verdade vem à tona.

— Obrigada por sua ajuda — ela diz à mulher enquanto se vira para mim, segurando dois cartões-chave. O sorriso em seu rosto mudou de forçado para meio insano. — Vamos — ela canta um pouco alto demais antes de ir embora, claramente esperando que eu a siga.

Dentro de alguns passos, estou parado ao lado dela, olhando para a porta do elevador.

— Quarto andar — diz ela rigidamente.

— Ok.

— Uma cama king-size.

— Isso é bom.

— Não. Vou dormir em uma cama dobrável. Eles vão levar para cima.

— Sunny, isso não é realmente necessário. É apenas uma cama. Dormimos juntos na outra noite.

Ela levanta a bolsa no ombro e empina o nariz. — Sim, bem, isso foi antes de eu me envergonhar e decidir que estava com raiva de você. Então vou ficar com a dobrável.

Eu resisto à vontade de revirar os olhos. Fico feliz que ela não esteja sendo o capacho que era com aquele idiota, mas também não estou acostumado a ela ficar com raiva de mim.

Quando o elevador apita, faço um gesto para ela à minha frente, deixando meus olhos caírem para sua bunda enquanto ela entra. Apenas um dia atrás, eu a vi entrar no lago de calcinha, mas parece que já se passaram semanas.

Acho que faz anos.

— Você ouviu falar de seu pai? — pergunto quando as portas se fecham.

— Não. Quero dizer, bem, sim. Ele mandou uma mensagem. E ligou. E enviou e-mail. Mas, francamente, não sou fã do tom dele, então também o estou

ignorando. Pelo menos até ele me perguntar como estou ou se estou segura, em vez de apenas exigir que eu volte.

— Justo.

Eu ouço seus dentes batendo juntos sobre a música suave do elevador. — Pensando bem, estou farta dos homens em geral agora. — Uma mão acena para cima e para baixo em minha direção. — Todos vocês.

— Também justo.

Ela gira em minha direção agora. — Por que você tem que ser tão agradável, Jasper?

— Porque eu sou seu amigo, Sunny. Nada nunca vai mudar isso. Se você precisar reclamar de algo, mesmo que esse algo seja eu, serei essa pessoa para você.

— E se eu voltar para Sterling?

Meu corpo inteiro para. *Nem uma porra de chance.* Eu sei que ela está me provocando. E está funcionando. — Não.

— Você acha que pode simplesmente entrar, dizer-me que você está — suas mãos formam aspas sarcásticas enquanto ela continua — meio interessado poucas semanas depois que eu deveria me casar, e vou pegar sua mão e pular para o pôr do sol? Depois dessas duas últimas semanas, devo parecer muito estúpida para você, mas não sou *tão estúpida.*

A porta se abre e ela sai do elevador e segue pelo corredor acarpetado, irritação emanando dela. Ela ri. Realmente ri.

Porque é claro que ela faz. Só ela iria rir em um momento como este.

— Isso é loucura — ela murmura enquanto vira o corredor e encontra nosso quarto. Um golpe da chave e ela está no espaço, jogando sua bolsa em uma cadeira. Ela corre em direção às janelas, onde fica com as mãos nos quadris, cuja silhueta aparece no branco do lado oposto do vidro.

— Você não vai voltar para ele.

Ela dá de ombros com indiferença. — Talvez eu vá. Você não me diz o que fazer, Jasper.

Ainda não. Mas eu vou.

— Você não vai.

Ela gira, sua voz cortando o quarto como se ela tivesse jogado um dardo bem no meu peito. — E por que não?

— Porque ele suga a vida de você! — Ela recua, claramente chocada com o volume da minha voz. — E eu quero trazê-la de volta.

Sua risada desta vez não é nada divertida. — Anos, Jasper. *Anos.* Por anos fui a priminha, a irmãzinha, a boa amiga. Por anos eu *vi* você. Esperei por você todos os verões. Vi você sair com mulheres que não eram eu, que *nunca* seriam eu. Eu estava *doente* por você. E então cheguei a um acordo com o que éramos. Eu aceitei que sempre iria querer você e você nunca iria me querer de volta. Eu me convenci de que às vezes os maiores amores de nossas vidas serão nossos amigos mais próximos. E eu estava bem com isso.

Meu estômago cai, meu peito aperta e a náusea se agita.

— Fiquei realmente confortável em minha cabeça onde eu poderia querer você desse jeito, mas tinha a segurança de saber que você não me queria de volta. E agora? Você apenas mudou de ideia? Quer queira quer não? Quando as emoções já estão altas para nós dois? Isso é uma loucura.

— Eu não apenas mudei de ideia. — Temo o que estou prestes a dizer a ela. Ela já está com raiva de seu pai, e detesto a ideia de ser o único a fazê-la odiá-lo. Porque ouvindo o que ela acabou de me dizer, sei que isso vai machucá-la.

— Faça com que isso faça sentido para mim, então!

Minha voz cai, assim como meus olhos. — Foi seu pai.

— O quê?

Toco as pontas do meu boné, puxando a aba para baixo para me proteger. — Foi no outono que você conseguiu uma vaga na sua companhia. Finalmente se tornou profissional. Conseguiu um papel em *O Quebra-Nozes*. Fui ajudá-la a se mudar para seu novo apartamento no centro da cidade. Você tinha dezoito anos e eu tinha vinte e quatro.

— Eu me lembro. — Sua voz é calma, parecendo oca.

— Nós nos divertimos montando tudo.

Ela acena com a cabeça. — Nós fizemos.

— Eu tinha garantido uma vaga no Grizzlies. Subi na equipe da fazenda.

— Eu me lembro — ela repete.

— Tudo estava indo tão bem para nós dois. Eu estava tão feliz por você. Tão animado para vê-la no palco. Para ter uma amiga de casa na cidade comigo.

Seus olhos estão brilhantes agora.

— Mas seu pai me encontrou saindo de sua casa. — Engulo em seco, olhando para minhas mãos, os braços frouxos ao lado do corpo antes de cruzá-los e deslizá-los um sob o outro como um escudo. — Ele ameaçou mexer os pauzinhos com o amigo que é dono do time e me cortar da lista se eu cruzasse a linha com você. Ele me disse para ficar longe de você. Que ele nunca queria me ver sozinho na sua presença novamente.

Ela ainda não diz nada. Seus olhos azuis-bebê me atingem com uma intensidade enervante.

— Você ainda era uma criança para mim naquela época. Eu realmente não pensava em nosso relacionamento dessa maneira, mas ele me assustou do mesmo jeito. Sloane, você tem que entender, eu não tinha *nada* em meu nome, exceto ser bom no hóquei. Ser *muito bom* no hóquei. Bom o suficiente para sair da sarjeta em que fui deixado. E seu pai? Ele é poderoso e conectado o suficiente

para cumprir suas ameaças.

Seu lábio inferior treme e seus olhos piscam. — Mas por que ele iria querer que você ficasse longe de mim?

Meu rosto se enruga e passo a mão sobre a barba por fazer, ouvindo o barulho em meus ouvidos. — Você realmente não consegue adivinhar, Sloane? É porque não sou um de vocês. Eu sou, acredito que ele chamou de *lado errado dos trilhos*. Não faço viagens de seis dígitos para caçar leões ou dirigir um Maybach. Eu vim do nada e fiz algo de mim mesmo trabalhando duro e fazendo um show para as massas. Estou em dívida com homens como seu pai, mas nunca serei um deles. Eu sou um Eaton no coração. Um menino de cidade pequena. E sempre serei, não importa quantos zeros haja em meu contracheque. E para ser franco, estou feliz com isso.

— Mas não me importo com o seu contracheque. Eu nunca me importei. — Sua voz é tão pequena, tão quebradiça.

Eu suspiro e estendo a mão para apertar minha aba, querendo confortá-la, mas não querendo passar dos limites também. — Eu sei. Mas é isso que venho tentando lhe dizer o tempo todo. *Ele* não se importa com *você*. Ele não se importa que Sterling seja uma merda para você. Ele não se importa com o que você quer. Ele se importa com o que ele precisa. Ele não podia arriscar que eu ou você arruinasse seus planos ou sua reputação com minha educação suja e dinâmica familiar fodida. E eu era muito jovem e muito desesperado para desafiá-lo. Perdi seu primeiro balé profissional no grande palco porque estava com medo. Eu mantive você na zona de amizade por anos depois porque estava com medo.

Ela fica perfeitamente imóvel. O verniz brilhante que ela atribuiu ao pai todos esses anos rachou e uma lágrima escorre por sua bochecha. Uma gota perfeita rolando sobre sua pele pálida, a realidade de suas manipulações vazando em um fluxo lento e devastado.

Essa frustração surge em mim com a visão, e digo o que eu queria dizer a ela por Deus sabe quanto tempo. — Os tempos mudaram, Sloane. Eu não estou mais com medo. Você não é a porra da minha amiga. Você é apenas *minha.*

20

Sloane

Pai: Sloane. Atenda a porra desse telefone. AGORA. Basta de me desrespeitar. E se você estiver vagabundeando com aquele órfão sem-teto, haverá consequências.

* * *

Eu mergulho meu rosto na água morna, esperando que isso faça com que as lágrimas em minhas bochechas se misturem. O vapor da fonte termal de Blisswater flutua ao meu redor enquanto flocos de neve brancos e gordos caem.

Sento-me no banco de ladrilhos submerso, e observo. No instante em que tocam o topo da água, eles se dissolvem em nada.

Sinto-me assustadoramente semelhante a eles. Tudo o que eu achava que sabia sobre minha vida se desvaneceu em uma conversa de cinco minutos.

Pior de tudo, estou com raiva de mim mesma por não ter visto isso. Porque quanto mais penso nisso, mais acho que fui voluntariamente ignorante em relação ao meu pai.

Que garotinha gostaria de pensar que seu pai não gostaria do melhor para ela? Eu não era sutil sobre minha paixão nos primeiros dias. Ele e minha mãe saberiam, teriam visto.

E ele nos moveu como peças de xadrez. Para quê? Para aparências? Para fechar negócios?

Para beneficiar a si mesmo.

Por mais que tente, é a única coisa que consigo pensar. Ter-me conectada com Jasper não era benéfico para ele, então ele se certificou de que isso nunca aconteceria.

Fiquei arrasada quando Jasper não apareceu na minha primeira apresentação. Ele me mandou uma mensagem e disse que estava ocupado revisando a fita do jogo. Em vez disso, enviou flores.

Eu deveria estar feliz por finalmente ter conseguido. Que ele mandou flores. Mas, em vez disso, chorei no camarim enquanto limpava grandes quantidades de maquiagem.

Mergulho meu rosto na água novamente, lavando as novas lágrimas que caem.

Quando puxo minha cabeça para trás e viro meu rosto para o ar fresco da noite, alguém se senta ao meu lado.

Nem preciso olhar para saber quem é. Eu conheço o cheiro dele. Sei o tamanho dele. Sei como meu corpo reage quando ele se aproxima.

Eu conheço ele tão bem. E ainda assim eu não sabia *disso.*

Deixando minha cabeça inclinar para trás contra a borda da piscina, permito que meu corpo relaxe e afunde na água.

Nós não conversamos. O que há para dizer? Tanto e tão pouco ao mesmo tempo. Seu braço roça em mim, e então seu dedo mindinho envolve o meu.

Não sei quanto tempo ficamos sentados assim. Neve caindo. Dedos entrelaçados. Vapor subindo ao nosso redor. Uma leve música instrumental toca nos alto-falantes, e posso ouvir os gritos alegres de crianças pulando na piscina fria do outro lado do deck.

Lágrimas continuam a vazar silenciosamente dos meus olhos. Eu gostaria de poder fazê-las parar, mas não posso. A dor no meu peito é insistente, e os *e se* ou *poderia ter sido* me consomem.

E se meu pai não o tivesse encontrado naquela noite?

E se os elevadores tivessem passado um pelo outro? Um subindo enquanto o outro descia.

E se eu não tivesse me forçado a esconder meus sentimentos e passar para outros relacionamentos?

O que poderia ter sido se eu tivesse contado tudo para Jasper?

O que poderíamos ter sido se ele tivesse feito o mesmo?

Estaríamos juntos?

Será que meus pais apoiariam?

Será que eu me importaria? Ou eu jogaria tudo fora para tentar algo com Jasper?

As perguntas não param, sufocando-me sob seu peso. Eles dizem que a comparação é o ladrão da alegria, e comparar como minha vida poderia parecer diferente se uma pequena interação não tivesse acontecido é definitivamente fazer isso.

É como imaginar o que você faria se ganhasse na loteria. É divertido sonhar até ficar deprimido com o fato de que isso nunca acontecerá.

Uma lágrima quente escorre pelo lado do meu rosto, e a água escorre ao meu lado, seguida pelas pontas calejadas dos dedos de Jasper roçando a maçã do meu rosto. Um soluço sai de mim ao seu toque.

Ainda não abro os olhos. Em vez disso, eu apenas me permito senti-lo. Jasper enxugou muitas das minhas lágrimas por causa de um coração partido, frustração, síndrome do impostor[3], pés machucados.

Mas nunca assim. Nunca deixa de ser a única pessoa a me fazer perceber que tenho sido um fantoche. Todos na minha vida me tratam como a pequena bailarina dentro de uma caixa de joias. Agradável de se olhar e fofa de se ouvir

quando está com vontade, mas facilmente pode ser fechada quando tem outra coisa para fazer.

Estou furiosa comigo mesma por sorrir e girar toda vez que alguém abre aquela caixa. Estou com raiva de mim mesma por não mostrar o dedo para eles e me recusar a girar sem pensar. Não estou com raiva de mais ninguém.

É tudo direcionado a mim mesma.

E de alguma forma eu sou mais difícil de perdoar. Acho que no fundo esperava mais de mim.

Eu me pergunto se é assim que Jasper se sente também. Porra, isso deve ser um fardo pesado para carregar.

Sua mão larga desliza sobre minha bochecha, seu polegar e indicador segurando meu queixo para virar minha cabeça em sua direção. — Sunny, olhe para mim.

A autoridade em sua voz envia um arrepio na espinha, embora eu esteja sentada em água perfeitamente quente. Meus olhos se abrem e imediatamente se fixam nos dele.

Sou transportada para o primeiro dia em que o vi, todo alto, esguio e infantil. Mesmo assim, ele se movia como um atleta. Seu andar, seus maneirismos. Tudo nele gritava força e agilidade. Ainda grita, mas é dez vezes maior.

Olhar para ele é quase insuportável agora.

Suas íris são safiras escuras sob o céu noturno enquanto traçam meu rosto. Olhos. Boca. Garganta. Então abaixam.

Um floco de neve frio pousa na ponta do meu nariz bem quando ele pergunta: — Diga-me como fazer você se sentir melhor.

Meu coração acelera no peito, como um carro indo de zero a sessenta. É a voz dele. São as mãos dele. Sua proximidade. É a pergunta aberta que ele acabou de fazer.

Eu poderia dizer a ele para me carregar até o nosso quarto e me foder, arruinar-me tão completamente que tudo o que poderia pensar seria nele e onde ele estaria me tocando, e ele faria isso.

Abro a boca para dizer isso, mas depois me contenho, sentindo-me tão fora de mim. Como se eu tivesse sido chicoteada. Como se eu precisasse reunir meus pensamentos antes de dizer ou fazer algo estúpido.

Como arruinar completamente essa amizade.

— Eu vou tomar um banho — falo asperamente, segurando seu olhar e observando seu queixo afundar em um aceno sutil.

E então atravesso a piscina, a água acariciando meu corpo como seda sobre minha pele. A sensação de seus olhos percorrendo minhas costas e minha bunda enquanto uso os degraus rasos para a piscina é inebriante.

Meu corpo grita para eu voltar para ele. Mas não quero ser aquela bailarina em uma caixa de joias com ele. Não quero que ele sinta que precisa me salvar.

Eu quero me salvar.

* * *

Saio do banheiro em uma lufada de vapor quente. Minha pele está rosada e esfolada pelo calor da água, pelo quanto a esfreguei com força.

Eu sinto como se tivesse escaldado uma camada inteira de mim lá dentro. Encontrado um pequeno núcleo de força escondido embaixo e agarrado a ele. Decidi que não serei a garota que concorda com o que todos ao seu redor querem.

Eu vou falar.

Vou ficar confortável em desapontar outras pessoas para evitar me decepcionar.

Não vou me desculpar por fazer as coisas do jeito que quero.

Estou pronta para ser eu mesma sem remorso e deixar de lado as pessoas em minha vida que não aprovam a pessoa que sou agora.

A cabeça de Jasper se levanta, os olhos arrastando para baixo pelo meu corpo e a pequena toalha branca que enrolei em meu torso. Ele não se incomoda em desviar do meu olhar ou esconder o intenso olhar de desejo que pinta suas feições.

E eu decido me deleitar com isso. A parte mesquinha de mim espera que doa. Espero que ele sinta uma fração do desejo que senti por ele enquanto ele estava lá, sem me dizer por que ficou tão perto e tão longe ao mesmo tempo.

— O chuveiro é todo seu. A fechadura do banheiro não funciona. — Levanto o polegar por cima do ombro e caminho direto para minha bolsa que está ao lado do pequeno berço atroz em que disse a mim mesma que vou dormir.

Não tenho certeza de qual ponto eu estava tentando provar. O novo eu faria Jasper dormir sobre isso, mas um olhar para ele e seu corpo enorme me diz que não é uma opção.

Eu o amo demais para fazer isso com ele. E ele gosta muito de mim para dizer não.

Deus. Estamos tão fodidos.

— Obrigado. — Eu o ouço se mover pelo quarto, as tábuas do assoalho sob o carpete bem tecido rangendo enquanto ele passa.

Eu tento me forçar a não me virar e dar uma olhada nele enquanto ele vai.

Mas eu falho.

Miseravelmente.

Eu deixo meus olhos vagarem por seus ombros largos e tonificados, a maneira como seus músculos ondulam em suas costas enquanto ele caminha. O

recuo na coluna de sua espinha. As tatuagens em tons de cinza que envolvem seus braços e uma solitária que aparece em suas costelas. Eu só posso ver porque ele levanta um braço e passa a mão pelo cabelo, mas parece muito com...

Não.

Balanço a cabeça e volto para a minha bolsa. Quando ouço o clique da porta do banheiro se fechando, largo minha toalha e rapidamente visto um short preto Calvin Klein e uma regata preta justa. Sem sutiã. Meus seios não são grandes o suficiente para isso importar. Este material elástico os pressiona no lugar sem problemas.

Sento-me na cama, e uma mola cutuca minha bunda através do colchão frágil. Está bem. Não me torturei com sapatilhas de ponta por anos para me desencorajar por um pequeno desconforto.

Enquanto eu me deito na cama barulhenta, o vislumbre da tatuagem de Jasper continua aparecendo na minha cabeça. Eu sempre soube que Jasper tem muitas tatuagens. O que começou com uma cresceu em muitas. Elas cobrem seus bíceps, torcem sobre seus ombros e rastejam por seus antebraços. São todas pretas, as mais velhas mais desbotadas que as mais novas.

Para mim, elas apenas aumentam seu apelo. Homens como Sterling não fazem tatuagens. Eles recebem tratamentos faciais. Jasper não é *um de nós* como meu pai diria – um comentário que soa muito mais ofensivo agora que tirei minhas vendas.

Jasper não é nada como os homens com quem cresci. Ele é cru e sujo e ama tanto que se machuca no processo.

E eu quero saber que porra de tatuagem é essa.

Eu me levanto, atravesso o quarto e abro a porta do banheiro, entrando no espaço.

Uma mão forte sustenta a forma desmedida de Jasper contra a parede do

chuveiro enquanto a outra agarra seu pênis, bombeando para cima e para baixo lentamente.

Sua cabeça se vira para mim.

Cabelo caramelo molhado emoldura seu rosto, e o spray do chuveiro chicoteia sua espinha antes de escorrer em riachos sobre suas costas musculosas e bunda perfeitamente redonda.

Eu sempre soube que o corpo de Jasper era ótimo, que ele passava longas horas treinando, trabalhando e cuidando de si mesmo, mas ele é... digno de revista. Seu corpo parece cortado em pedra.

Bem junto com seu pênis.

— Sinto muito — eu digo instantaneamente, congelada no local, olhando para seu corpo bem proporcionado. Ele é um homem grande e assim como seu...

— Não, você não sente. — Seus olhos têm um brilho perverso enquanto se fixam em mim. Ele se endireita, mas sua mão continua torcendo languidamente, casualmente, como se fosse perfeitamente normal para ele se masturbar enquanto eu assisto.

— Eu não queria invadir aqui.

— Sim, você queria. — Ele sorri para mim agora, e meus joelhos ficam um pouco fracos.

Ele me conhece muito bem para fazer o papel de idiota. Além disso, prometi a mim mesma que pararia de me desculpar por ser eu mesma.

E eu *realmente* quero ver Jasper nu.

Eu fico aqui, a boca abrindo e fechando como um peixe fora d'água, sem saber o que fazer agora porque... sua mão ainda está se movendo. Os músculos e veias em seus antebraços ondulam enquanto ele bombeia.

— Sloane, feche a porta e sente-se no balcão.

Pump.

— Perdão? — Meu coração bate descontroladamente no meu peito.

— Feche a porta.

Pump.

— E coloque essa bunda apertada em cima do balcão.

Pump.

Minhas bochechas queimam.

— Nós dois sabemos que você quer assistir.

Quero negar, dizer que ele está louco e confuso. Que somos amigos e não quero estragar nosso relacionamento.

A verdade, porém, é que quero arruiná-lo. Seriamente.

Meu cérebro pode estar no modo cadela, mas meu coração? Meu coração está no modo vagabunda.

Eu dou alguns passos e levanto minha *bunda apertada* no balcão.

Pump.

— Boa menina — o Adonis tonificado no chuveiro me elogia, e meus dedos apertam a borda do balcão com força suficiente para quebrar uma unha.

Ele é tão descarado, tão diferente do homem quieto e taciturno que conheço. Seus olhos lambem minha pele como fogo, e ele nunca para de se sacudir enquanto me incinera. Cada músculo de seu corpo é mantido tenso, cada linha definida. Seus peitorais. Seu abdômen. Essas linhas em V nítidas que descem até onde toda a ação está ocorrendo.

Uma voz afetada dentro de mim me diz que a coisa educada a fazer é desviar o olhar.

Mas esta noite não estou sendo a mulher educada que me disseram que

deveria ser.

Então eu encaro. Eu absorvo tudo. A cabeça redonda e lisa. A cintura grossa. O punhado de cabelo que leva ao seu abdômen tonificado.

Eu distraidamente lambo meus lábios e ele geme. Meu olhar se volta para aqueles olhos marinhos que conheço tão bem. Eles me mantêm cativa. Eles estão fervendo com um calor que eu nunca vi. Ele fez um bom trabalho olhando para mim como se eu fosse uma amiga, mas ele não está agora.

Ele está olhando para mim como se eu fosse *dele.*

— Sloane — ele murmura enquanto seus dedos se curvam na parede de vinil. — Olhe para mim. Fale comigo.

Eu lambo meus lábios novamente, mudando de posição e sentindo como estou escorregadia por observá-lo. Se eu deslizasse a mão para dentro do meu short, poderia gozar em segundos. — Continue — é tudo que falo de volta, apertando minhas coxas enquanto me deleito com os sons molhados de tapas de seu ritmo acelerado.

— Você está usando alguma coisa sob esse short, querida? — Não pensei que a voz dele pudesse ficar mais baixa, mas fica.

— Não. — Minha cabeça balança rapidamente e eu engulo.

O gemido de resposta de Jasper é pura masculinidade. — Eu poderia facilmente puxá-los para o lado e ver tudo. — Suas palavras vibram pelo meu corpo, atingindo meu núcleo com uma pontada quase dolorosa de desejo. Para *isso.* Exatamente o que ele está descrevendo.

Seu olhar cai e eu me contorço sob o peso dele. Ele olha fixamente para o ápice das minhas coxas, onde meu short está apertado um pouco demais. Em seguida, seu olhar aquecido se depara com meus mamilos duros, a subida e descida frenética do meu peito, antes que ele mergulhe de volta nos meus olhos.

O contato visual é enervante.

É erótico. Ele parece selvagem e desfeito.

— Porra — ele amaldiçoa antes de murmurar: — Sloane — novamente. Seu corpo fica rígido, cada borda dura dele tensa enquanto ele puxa seu pênis selvagemente.

E então a primeira dose de seu esperma espirra na parede de vidro à sua frente. Um gemido irrompe da minha garganta com a visão. Outra onda. E outra.

Parece confuso e animalesco, e meu corpo é uma bola de fogo de nervos enquanto o vejo desmoronar na minha frente com meu nome em seus lábios.

Nunca me senti tão importante para alguém, e o homem nem sequer me tocou.

Seu queixo cai em seu peito, e eu o vejo ofegar, seu corpo arfando. Estou no mesmo barco. É como se eu tivesse acabado de passar por uma coreografia inteira na intensidade máxima.

Meus olhos saltam entre seu corpo e o sêmen escorrendo pelo vidro.

Ele muda o chuveiro, flexionando os músculos enquanto ele enxágua o vidro antes de desligar o chuveiro e sair da água. Ele não se preocupa em se cobrir. Não há um pingo de autoconsciência nele.

Na verdade, quando ele me vê olhando, ele *sorri.*

Gotas de água abraçam sua pele de uma forma que me deixa com um ciúme irracional. Então ele pega uma toalha e eu a vejo novamente.

A tatuagem.

— Eu vim aqui porque queria ver isso. — Uma mão trêmula aponta para sua caixa torácica.

Ele se enxuga. — Você queria me ver foder minha mão enquanto eu fingia que era você nesse short minúsculo? É por isso que você invadiu aqui?

Meu núcleo aperta e arrepios surgem na parte de trás do meu pescoço, suor

frio nas minhas têmporas. Engulo e sigo em frente. — Eu estou falando sobre a tatuagem, Jas.

Ele olha para cima agora, vendo onde estou apontando, e levanta o braço esquerdo. Tenho uma visão completa da pequena bailarina tatuada em sua pele. Parece aquelas dentro de uma caixa de joias que eu estava pensando antes.

— Oh — ele suspira. — Isso.

— Sim. Isso.

Jasper deixa cair a toalha e fecha o espaço entre nós, completamente nu e confiante, o pau ainda cheio, parecendo totalmente delicioso. Ele coloca uma mão em cada um dos meus joelhos e os abre. Manter minhas pernas juntas estava diminuindo a dor em meu núcleo, e eu choramingo antes de morder meu lábio inferior para me calar. Estou encharcada e tenho certeza que ele sabe disso.

Ele se posiciona entre minhas pernas abertas como se soubesse que pertence aqui e levanta o braço esquerdo para me dar uma visão de perto da tatuagem.

Ela é delicada e tem uma expressão serena de boneca no rosto, as mãos erguidas em perfeita posição de pirueta. As fitas de suas sapatilhas de ponta envolvem seus tornozelos enquanto ela gira, e pequenos pontos texturizam a renda de seu tutu.

Estendo a mão e passo as pontas dos dedos sobre o tule pintado como se a textura pudesse ser real. Mas tudo o que encontro é uma pele lisa, músculos firmes e uma forte respiração do belo homem que está diante de mim. Jasper observa meus dedos enquanto os deslizo sobre cada detalhe da pequena bailarina enfiada com segurança sob seu braço.

— O que... — Balanço minha cabeça, tentando colocar minhas palavras juntas em uma ordem coerente. — O que é isso?

— Eu pensei que seria familiar para você — ele brinca, apenas me deixando absorver enquanto seus quadris batem contra o interior das minhas coxas. Seu

pau grosso tão perto.

Minha cabeça se inclina e eu olho para ele. — Por quê?

Ele sabe que quero dizer por que ele tem uma bailarina tatuada nele quando o resto são padrões – escalas, linhas e formas geométricas que me lembram um caleidoscópio.

Seu pomo de Adão balança. — Porque perdi sua primeira dança profissional. — Ele limpa a garganta, olhando para minhas mãos e evitando meus olhos. — Eu queria tanto estar lá depois de todas as vezes que você esteve lá por mim, então fui e fiz algo naquela noite para comemorar do meu jeito.

Eu pisco meus cílios rapidamente para limpar meus olhos. — Você disse que estava revisando a fita do jogo.

Sua mão direita aperta meu joelho e desliza pela minha coxa, os dedos se esgueirando sob a bainha do meu short, mais perto que nunca. — Você realmente acha que eu perderia sua grande noite para revisar a fita do jogo?

— Eu... — Paro porque, não. Se eu realmente pensar sobre isso, sei que ele não faria isso. Ele sempre esteve lá para mim, e aquela noite foi estranha. Olhando para trás, não fazia sentido ele perder isso. — Mas você foi desde então.

— Comecei a ir quando imaginei que seu pai não estaria lá para me pegar. Sua noite de estreia foi muito arriscada. Eu vi o show embora. Fui em algumas semanas e me sentei na multidão.

Eu coloco minha palma em suas costelas e viro meu rosto para ele, sua respiração se espalhando por meus lábios molhados. — Por quê?

Suas pupilas se movem entre meus olhos antes de ele suspirar e dizer: — Demorei um pouco para descobrir isso. Anos, na verdade, para resolver meus sentimentos, para entendê-los, descobrir de onde vieram e para onde estavam indo. Pensei que você fosse apenas uma amiga. Mas ele me dizendo para ficar

longe? Ele me dizendo que eu não poderia ter você? Isso quebrou algo dentro de mim. Dizendo que eu não era bom o suficiente para você? Tudo o que fiz foi me fazer querer ser bom o suficiente para você.

Eu gemo. — Você sempre foi bom o suficiente para mim.

Ele segura meu queixo e me olha cuidadosamente sob as luzes brilhantes. — Nunca me senti como se fosse. Mas eu sinto agora.

Minha cabeça nada com sua admissão. Excitação briga com frustração. O desejo luta contra a autopreservação.

— Preciso de um minuto — é o que eu respondo enquanto o afasto gentilmente.

E saio do banheiro.

Depois de anos desejando Jasper Gervais, estou em choque. E não consigo pensar direito com seu corpo nu contra mim.

Eu me sinto exausta. Eu me sinto triste. Eu sinto raiva.

Eu me sinto tão excitada que poderia explodir.

21

Sloane

Eu rastejo para a minha cama rangente, sentindo-a balançar enquanto me repreendo por ser tão teimosa que pensei que esta cama frágil de criança – que provavelmente já viu alguns acidentes noturnos – era uma ideia melhor do que dormir na mesma cama que Jasper.

A batida de seus pés na sala realmente sacode a cama. Estou de costas para ele e meus olhos bem fechados, então meu sentido auditivo é intensificado. Eu posso ouvi-lo colocando roupas. O zíper em sua bolsa. O estalo fraco de sua cabeça grande e estúpida saindo pelo colarinho de sua camisa.

A cabeça que aparece toda vez que fecho os olhos ultimamente. Como ele pôde me ver assim por tanto tempo e não dizer nada? Ele me viu namorar outros. Quase casar com um?

Acho que devo me fazer a mesma pergunta. Talvez eu tenha uma cabeça pequena e estúpida. Talvez nós dois fôssemos tão bons em esconder isso e nos convencermos de que o outro nunca poderia sentir o mesmo que passamos anos olhando um para o outro à distância.

A coisa toda é profundamente estúpida.

De repente, estou ciente do calor de seu corpo atrás do meu, sua expiração suave na parte de trás do meu pescoço quando ele cai de joelhos ao lado da cama. — O que você pensa que está fazendo?

Sua proximidade. A voz dele. É muito. Um arrepio percorre minha espinha e aperto meus lábios um contra o outro para abafar qualquer barulhinho desesperado que saia deles.

— Indo dormir. Você deveria também. Foi um longo dia — eu sussurro de volta com a voz rouca.

— Você realmente acha que vou deixar você dormir nessa piada de cama? Ou simplesmente ir embora depois daquilo?

— Eu não preciso...

— Venha para a cama — ele insiste, sem recuar.

— Estou na cama — resmungo de volta teimosamente.

— A cama grande, Sloane.

— Sério, foda-se, Gervais. Vá se aconchegar com seus segredos, seu canalha exaustivo e taciturno. Não vou sair deste colchão. Estou firme nisso.

Eu o espio por cima do ombro, e ele me dá um pequeno sorriso. — Aí está ela.

— Sim — eu bufo, virando-me e ouvindo o colchão ranger. — Aqui estou.

As mãos se estendem entre o colchão fino e as bobinas de metal abaixo dele. Eu fico rígida quando Jasper deixa sua boca cair na concha da minha orelha. — Eu disse a você que você não vai dormir aqui. E quis dizer isso, porra.

Quando ele me levanta, eu grito. O colchão é tão ruim que se enrola em volta de mim, transformando-me em um pequeno taco Sloane.

— O que diabos você pensa que está fazendo? — grito com ele, não querendo me contorcer muito forte em minha posição precária.

Ele se vira comigo e com o colchão e toda a roupa de cama em seu aperto forte e dá três passos largos em direção à cama antes de me jogar suavemente na cama king-size.

Sento-me, olhando para ele, mas ele não liga. Na verdade, ele se vira, agarra a armação da cama, arrasta-a até a porta e a joga no corredor com um barulho alto de metal. Então ele tranca a porta e volta para a cama.

Parecendo todo presunçoso e satisfeito.

— Você me ouviu, Gervais? Eu perguntei o que diabos você pensa que está fazendo?

Ele vira as cobertas do seu lado da cama, alguns centímetros abaixo de onde estou deitada ao lado dele, e se joga na cama.

— Você está sorrindo? — Minha voz está estridente agora.

— Você me disse que não ia sair daquele colchão, Sunny. Só estou tentando respeitar seus desejos.

Dou um soco no bíceps dele e ele *ri.*

— Suas mudanças de humor estão fora de controle. Você sabe disso? — Eu caio de volta, afastando-me dele. Dou um soco no travesseiro, a agitação revestindo cada movimento. — Todo mundo fala sobre as mulheres serem muito emotivas. Muito hormonais. Estou inclinado a pensar que os homens são o problema. Nós, mulheres, estaríamos bem sem todos vocês nos fodendo.

Eu o ouço lutando para conter o riso enquanto me deito de lado, olhando para a parede. O silêncio se estende entre nós até que me pergunto se ele caiu no sono.

— Você está certa — ele finalmente responde.

— Eu estou? Sobre o quê? — Meu cérebro não está disparando, porque conversamos sobre tantas coisas hoje, discutimos sobre tantas coisas passadas. Eu nem sei mais sobre o que estou certa. Ou se eu me importo em estar certa.

— Tudo.

Eu não respondo. Deito ao lado dele no quarto escuro e penso. E penso. E penso. O que leva a muitos movimentos e reviravoltas desconfortáveis. Porque o que estou pensando é em seu esperma escorrendo pelo box de vidro do chuveiro. A maneira como seu corpo se flexionava. A maneira como meu nome soou em seus lábios.

O que estou pensando me deixa inquieta e desejando não estar deitada ao lado dele. Ele está muito perto e eu já vi muito. Eu gostaria de poder me desligar. Mas não sei como.

— Sloane, você está planejando dormir esta noite? — Sua voz corta o quarto silencioso. — Você está desconfortável? Preciso me livrar desse colchão de merda para você? — Eu posso ouvir a provocação em sua voz.

— Estou extremamente confortável. Muito obrigada.

O que quero dizer é *que estou com muito tesão graças ao seu pequeno show, mas também estou com raiva agora.*

Ele ri, um estrondo profundo e suave no escuro. Eu o sinto se aproximar. — Você está toda nervosa, Sunny? — Eu pulo quando a ponta de seu dedo toca o topo da minha orelha. Ele traça a borda externa até o lóbulo.

Quando seu toque se move para o lado do meu pescoço, leve e reverente, estremeço.

Eu balanço minha cabeça em negação.

Seu dedo se move para baixo e explora o cume da minha clavícula. — Você precisa que eu lhe dê uma mão?

Estou prestes a dizer não em voz alta, mas seus dedos pulam para minha boca, pressionando meus lábios e me silenciando.

Ele deixa cair a cabeça no meu ouvido. — Eu vi você lá me observando, Sunny. Eu vi você apertando suas coxas juntas. Tão carente. — Seus dedos deixam meus lábios e se movem para brincar com a fina alça que está pendurada no meu ombro. — Agora que eu vi, não posso desver. É jogo para mim agora. Então vou perguntar mais uma vez. Você precisa que eu lhe dê uma mão?

Suspiro, sonhando em me permitir ceder, nem que seja por um minuto. Quero ceder e dizer a mim mesma que começaria pegando o que quero.

— Estou chateada. Estou confusa. Estou zangada com o estado da minha

vida. Mas eu... sim, eu quero isso.

Ele desliza a alça para baixo e dá um beijo no topo do meu ombro. — Eu sei que você está. — Eu tremo. — Mas podemos ficar com raiva juntos. Porque não suporto ver o anel dele no seu dedo.

Eu olho para minha mão espalmada no travesseiro e pego o anel, de repente desesperada para tirá-lo, mas a mão oposta de Jasper empurra meu braço para baixo antes de deslizar sob o tecido preto da minha regata.

Ele apalpa meu seio, beliscando meu mamilo. Eu resisto contra o lençol que cobre meu corpo e gemo. — Eu vou fazer você gozar, *com* o anel dele, como um último foda-se para aquele idiota. E então você pode voltar a ficar com raiva do mundo. Não culpo você nem um pouco. E quando você terminar de ter seu momento, conversaremos.

Eu zombo, mas não tem força. — Afinal, o que isso quer dizer? *Conversaremos?*

Seus dentes roçam meu ombro. — Isso significa que eu quero você, Sloane. Mas eu sou complicado. As coisas que gosto, as coisas que quero, a maneira como minha cabeça funciona. Você é tão leve e brilhante. Eu não quero manchar você. Não quero machucar você. — Seus dentes afundam em meu ombro, e recuo contra ele, ofegante. — Mais do que tudo, não quero perder você.

— Você não vai. Eu prometo que você não vai — expiro, ofegante quando ele torce meu mamilo com força suficiente para se projetar contra a borda de ser doloroso.

Jasper ri, uma risada sombria que promete tanto. — Não faça promessas que você não pode cumprir, Sloane. Eu tenho um talento especial para afastar as pessoas. Elas sempre decolam. E elas nunca ficam tão tristes em me deixar para trás.

É isso mesmo que ele pensa? Meu coração se abre por ele. Como sempre

abriu.

Ele desliza a mão por baixo da minha regata e a arrasta preguiçosamente pelo lado do meu corpo, puxando o lençol fino enquanto ele vai. Tão calmo e confiante.

Tão experiente.

Meus joelhos estão dobrados na minha frente, então ele puxa a bainha do meu short para cima, expondo a curva da minha bunda e apalpando-a suavemente antes de apertar com um gemido baixo.

E então ele está me tocando, acariciando meu núcleo, espalhando a umidade que ele sabia que estava lá. Ele desliza por toda a minha boceta, pintando-me com a minha excitação como se estivesse provando algum tipo de ponto.

Sua testa cai contra o meu ombro, e ele geme tão profundamente que parece que dói fisicamente me tocar. — Tão molhada para mim — diz ele enquanto seus lábios se arrastam pelo meu ombro e ele pontilha beijos lentos no meu pescoço em direção ao meu ouvido.

Seus dedos giram e pressionam meu clitóris enquanto ele me segura com firmeza, fazendo-me choramingar. Fazendo-me soar tão carente.

Ele chupa meu pescoço, forte o suficiente para eu saber que vai deixar uma marca.

Estou prestes a protestar, mas ele rouba minha respiração instantaneamente enquanto empurra dois dedos dentro de mim. Meu corpo arqueia para acomodá-lo.

— Você tem fingido que outras pessoas eram eu todos esses anos? Apenas como eu? Aposto que sim.

— Oh, Deus. — Eu gemo e empurro seus dedos. Ele os solta e os torce de volta, dolorosamente devagar. Saboreio o desejo puro em cada movimento.

É uma deliciosa tortura. E é disso que eu gosto.

— Você pode estar usando o anel dele, mas nós dois sabemos que era meu pau que você estava montando em sua cabeça — ele fala em minha pele.

Constrangimento se mistura com excitação. Ele não está errado. Bem, não inteiramente. Ele está errado sobre Sterling e eu fazendo muito sexo. Durante o pouco tempo que estivemos juntos, consegui ter muitas enxaquecas ou ficar presa treinando no estúdio até tarde.

Seus dedos trabalham em mim e sinto que estou vazando, ficando mais excitada quanto mais ele me toca. Quanto mais ele fala comigo.

Ele se empurra para cima em um cotovelo para que ele esteja olhando para mim. — Olhe para mim, Sloane.

Eu mantive meus olhos fixos na parede escura à minha frente até agora. Olhar para ele parece... muito. Como me desnudar para ele quando já lhe contei tanto e ele me deu tão pouco.

Eu decido ficar de frente para a parede, proteger os pequenos fragmentos do meu coração e dignidade que ainda podem ser meus. Porque Jasper Gervais consome todas as outras partes de mim.

Ele puxa os dedos para fora e eu rolo de costas, pronta para exigir que ele continue, mas assim que meus olhos encontram os dele, suas mãos estão de volta em mim.

— Eu não gosto de pedir duas vezes — é tudo o que ele diz antes de mergulhar os dedos na minha boceta. Aperto e gemo, aliviada por tê-lo de volta dentro de mim. — Olhos em mim,

Tudo o que posso fazer é olhar fixamente para seus olhos azuis escuros fixos em mim. Seu corpo trabalha habilmente o meu, e aquela pressão requintada aumenta, torcendo-se por cada canto do meu corpo.

Estou com raiva dele por todas as coisas que ele não me contou.

Mas também estou apegada a ele.

Provavelmente já o perdoei.

Muito provavelmente, irremediavelmente apaixonada por ele.

— Quando você está transando com outra pessoa, em quem você está pensando? — ele murmura. — Eu quero ouvir você dizer isso.

— Por quê? Você é ciumento? — Eu o incito, tentando evitar o inevitável, tentando fazer com que ele me dê algum sentimento quando ele está sempre trancado tão apertado.

Ele não hesita. — Ciúme é apenas a ponta do iceberg. Você não tem ideia de quantas vezes eu desejei ser o homem tocando em você. — Sua mão faz um tour pelas minhas curvas enquanto ele fala. — O homem apalpando esses lindos seios. O homem com a cabeça entre essas coxas fazendo você gritar. O homem enchendo essa boceta apertada todas as noites.

Minha respiração fica irregular.

— Diga-me, Sloane.

Esta é uma daquelas coisas que guardo nos recessos escuros da minha mente, longe da luz do dia. E agora ele está me pedindo para admitir?

Ele adiciona um terceiro dedo e dedilha meu clitóris com o polegar, fazendo-me pular descontroladamente.

— Você. Sempre foi você — eu cuspo as palavras com força. É a única maneira de fazê-las passar pela parte lógica do meu cérebro que me diz para manter esses segredos bem guardados.

— Claro que sim — ele rosna. — E agora vou lembrá-la do porquê.

E então seus lábios se chocam contra os meus, reivindicando-me como eu sempre sonhei que ele faria.

Nós nos derramamos neste beijo. O bom. O mal. A saudade. A dor. O amor.

Seu corpo suaviza, e ele se joga sobre mim, uma mão emaranhada no meu

cabelo enquanto a outra trabalha entre minhas pernas. Eu me ajusto, espalhando-me e dando a ele um melhor acesso. Eu me entrego a ele, e ele me dá um pedacinho de si mesmo.

Afinal, ele é Jasper. O menino de olhos tristes e coração de ouro.

Sempre confiei nele e sempre confiarei.

O pensamento dele, de nós, envolve a maneira mágica como seus dedos me tocam, e eu me arrasto para esse limite. Minha visão fica irregular, meus lábios estão dormentes e uma dor se desenvolve atrás dos ossos do meu quadril.

— Jasper — eu sussurro entre beijos suaves e minuciosos. — Oh, Deus. Ah, merda. Oh, oh...

E então eu caio em queda livre. Meu corpo se debate quando uma liberação poderosa me lava. Minha visão fica confusa enquanto me deleito com o orgasmo mais intenso da minha vida. E Jasper continua me segurando forte, observando cada pequeno movimento que faço com um fascínio extasiado.

Com adoração.

Em seguida, seus lábios se movem para baixo para espalhar beijos por todo o meu rosto. Meus dedos se enroscam em seu cabelo molhado, e meu corpo se suaviza quando ele diz: — Está vendo, Sloane? Você pode usar o anel de outra pessoa, mas nós dois sabemos que você sempre foi minha.

22

Jasper

Eu disse a mim mesmo que só iria tocá-la por quatro segundos.

Disse a mim mesmo que só a beijaria por quatro segundos.

Eu disse a mim mesmo que só ficaria bravo se visse aquele maldito anel brilhante sobre *minha* tatuagem por quatro malditos segundos.

E acontece que sou um grande mentiroso.

Eu ainda a estou tocando. Eu ainda tenho meus dedos enfiados em sua boceta apertada. Meus lábios ainda estão se arrastando por toda a porra de sua pele macia.

E ainda estou furioso por ela estar usando aquele anel berrante.

Minha.

Por que diabos eu disse isso a ela? Por que diabos fiquei tão possessivo desde o segundo em que descobri que ela estava noiva? Por que sempre a considerei minha e nunca me senti ameaçado por isso até *ele?*

Estou cem por cento fora de controle e *odeio* essa sensação. Pensamentos intrusivos disparam rapidamente em minha cabeça e minhas paredes desmoronam.

Arruinando nossa amizade.

Ela me deixando.

Ela me odiando.

Permito-me pensar nessas coisas por quatro segundos. Então eu as coloco em uma caixa e as guardo com todos os outros pensamentos que me comem vivo,

incluindo aqueles que mantive trancados sobre Sloane.

Eu me afasto de seu corpo macio e quente porque fiz o que prometi – peguei o que queria, o que ela *precisava* – e agora vamos dormir.

Falaremos sobre tudo com a cabeça no lugar pela manhã, quando a raiva e os anos de frustração sexual reprimida não nos dominarem.

De ambos os lados. Porque não sou um idiota. Sloane Winthrop vem virando cabeças há anos, e eu com certeza não sou imune. O rosto dela. Seu corpo. Tudo nela é incrivelmente atraente.

Absolutamente perturbador.

Mas é o que há dentro dela que é tão especial. O coração dela. Seu cérebro. Sua capacidade de empatia.

Ela é incomum. Ela é muito propensa a fazer o que as pessoas dizem para ela não irritar ninguém. Quer ela perceba ou não, ela não precisa de outro homem em sua vida controlando-a.

E minha necessidade de assumir o controle é uma fera que mantenho trancada dentro de mim, longe da garota que coloquei em um pedestal. Não estou ansioso para testar essa merda com a única garota com quem já me importei, enquanto nós dois estamos nos sentindo tão crus.

Porque e se eu fizer isso e ela me deixar?

Eu não sobreviveria a isso.

Com um último beijo em sua bochecha quente, eu me afasto, tentando entender o que diabos fiz em meus vários segundos de insanidade. Se quatro segundos fossem a trave do gol, eu passaria por eles.

— Mais — ela murmura, voz grossa com excitação.

Minha cabeça se inclina para trás, e eu olho para o teto rezando por... algo. Meu corpo se revolta. Eu quero dar a ela mais. Prová-la. Rolar e cobrir seu corpo

com o meu. Observá-la desmoronar uma e outra vez.

Suas mãos se estendem para mim, e meu peito dói enquanto luto contra o desejo de estender a mão.

— É isso esta noite, Sunny — eu digo, minha voz suave, mas firme. — Venha aqui. — Abro os braços, pronto para jogar aquele colchão nojento no chão e segurá-la a noite toda.

— O que você quer dizer com isso? — Ela se vira para mim.

— Quero dizer, é isso. Por hoje à noite. — Eu passo a mão pelo meu cabelo, puxando com força enquanto a ansiedade me atravessa.

Você já estragou tudo, seu idiota excitado.

— Eu não estou fazendo mais enquanto você está com raiva de mim. Não quero machucar você.

— Você nunca me machucaria.

Uma respiração sibila fora de mim. Ouvi-la dizer isso me dói fisicamente. Isso mina toda a culpa com a qual gosto de andar por aí, porque ela está certa. Eu *nunca* iria machucá-la. — É complicado — é a minha resposta estúpida.

Ela suspira. — As coisas com você sempre são. — Sua mão sobe pelo meu antebraço. — Diga-me o que há de errado, Jas. Eu posso ver você enlouquecendo aí dentro. — Seu queixo aponta para a minha cabeça. Ela sempre sabe quando estou pirando. É como se ela tivesse um sexto sentido para isso.

— Eu apenas... eu gosto... — *Porra.* Não tenho nenhum problema em dizer a uma mulher qualquer o que eu gosto sexualmente. É poder. É controle. É vê-la fazer exatamente o que eu digo. Não é apenas sexo, é provar a mim mesmo que quando digo a alguém o que fazer, o resultado é bom. Que posso fazer isso tão bom para elas.

— Você gosta do quê? — Seus olhos estão arregalados, seu rosto tão perfeito, seu tom tão receptivo.

Eu odiaria que ela me visse de forma diferente. Eu a quero, mas estou com medo de *nos mudar* no processo.

— Conversaremos amanhã. Vamos dormir. — Meu corpo cantarola. Posso ter dado uma mãozinha a ela, mas tudo o que fiz foi me esforçar de novo no processo.

Seu olhar procura meu rosto por alguns momentos. Uma risada frustrada irrompe de seus lábios, sua cabeça balançando no travesseiro enquanto ela se abaixa para puxar o lençol sobre seu corpo. — Bem, pelo menos você é consistente em ser péssimo em falar sobre seus sentimentos. — Ela se vira furiosa, murmurando: — Os homens são tão burros. Obrigada pelo orgasmo.

— Foi bom, não foi? — Ela não precisa confirmar isso. Eu sei que foi. Eu senti isso também.

Deparo-me com alguns segundos de silêncio e, em seguida, um frustrado: — Ugh — antes que ela se encolha e me dê o tratamento do silêncio.

Eu sorrio. Pelo menos ela está ao meu lado. Chateada e em um colchão do tamanho de uma criança por cima de uma cama King size perfeitamente espaçosa é melhor do que do outro lado do quarto e desconfortável.

Eu fico aqui pensando em como esta noite inteira é essencialmente *nós.* Altos e baixos, prazer e dor, felicidade e tristeza. Segredos e verdades.

Com Sloane, o resto da merda do mundo não importa, porque quando estou ao lado dela, sempre parece certo. Isso me acalma. Ela me acalma. Ela sempre acalmou.

Ela é essa pessoa para mim.

Estou fora de mim com ela, mas essa é Sloane. *Minha Sloane.* Não importa o que aconteça, estamos lá um para o outro.

Minha Sloane.

Eu penso de novo e, Deus, é bom.

* * *

Acordo com o corpo de Sloane sobre o meu. Seu pequeno colchão de lixo está pendurado na beirada da cama, porque ela claramente o empurrou no meio da noite.

A última vez que acordei assim com ela, escapei com o rabo entre as pernas. No entanto, essa inclinação não me atinge hoje.

Em vez disso, deito aqui e me aqueço na pressão quente de seu corpo, seus seios macios pressionados contra meu peito e seus dedos espalhados sobre a tatuagem que fiz para me lembrar dela.

É a minha tatuagem favorita.

Para minha pessoa favorita.

Ainda posso sentir a forma como seu corpo se apertou em torno de meus dedos ontem à noite. A maneira como ela ficou mais molhada quando a fiz admitir que pensava em mim enquanto estava com outra pessoa.

Definitivamente, uma parte de mim também gostou disso. Vê-la desmoronar com o anel dele no dedo foi satisfatório.

Fodido.

E satisfatório.

Uma risada silenciosa ressoa em meu peito, e Sloane se mexe. Juro que vejo a consciência tomar conta dela, cada membro voltando à vida, sua mão saindo de debaixo da minha camisa.

— Ugh — é a primeira coisa que ela diz enquanto se afasta de mim.

Eu não posso deixar de rir. — Bom ver você também, Sunny.

— Você e suas múltiplas personalidades já estão me dando dor de cabeça,

Gervais. — Ela me lança um olhar que pode fazer alguns homens murcharem, mas eu apenas... acho que não há nada que ela possa fazer para me assustar.

— Ouvi dizer que orgasmos podem ajudar com isso — respondo, recusando-me a ser desencorajado por seu humor.

Ela zomba. Ou talvez seja uma risada. Não tenho certeza, porque ela já está se levantando e indo para o banheiro. Meus olhos percorrem seu torso definido e o short preto de algodão que foi tão facilmente puxado para o lado ontem à noite.

Meu pau engrossa enquanto observo sua bunda redonda se afastar.

Esta manhã, estou sentindo cada ano de nossa frustração reprimida e me perguntando por que me incomodo em resistir quando tudo sobre nós parece tão inevitável.

23

Jasper

Jasper: Alguma notícia?

Harvey: Nada ainda.

* * *

Ela não fala comigo enquanto arrumamos nossas coisas. Ela não fala comigo no carro. Ela não fala comigo durante todo o caminho desde as montanhas até a fazenda de Violet em Ruby Creek.

Sloane liga o rádio e olha pela janela. Agora eu posso vê-la fazendo a mesma coisa em sua cabeça que ela sempre diz que pode me ver fazendo. Ela está surtando e eu não posso culpá-la. Joguei muito em cima dela.

Seu pai sendo um pedaço de merda.

Eu escondendo meus sentimentos por ela.

Então eu a fiz gozar em meus dedos enquanto ela admitia que pensava em mim enquanto fodia seu noivo.

Posso ter ido longe demais com essa parte, mas estou irracionalmente satisfeito com isso.

Meu lado ciumento saiu para brincar, e eu não o segurei de jeito nenhum. Deixei que ele enterrasse suas garras e agora estou preocupado de tê-la envergonhado no processo.

Ela me disse tanto, e eu lhe dei tão pouco em troca.

Como sempre faço.

Quando viramos na estrada que leva ao Gold Rush Ranch, eu a pego verificando o telefone, já que nenhum de nós tinha sinal vindo do conector.

Eu quero espiar e ver quem está mandando uma mensagem para ela. Woodcock não parou e seu pai também não. Mas ela está brava comigo agora, então não pergunto.

Enquanto paramos no amplo e sofisticado centro de treinamento de cavalos de corrida, arrisco outro olhar para ela. Todo o sangue foi drenado de seu rosto e seus olhos estão grudados na tela, o dedo suspenso acima dela, tremendo.

Eu olho de volta para a calçada circular perfeitamente pavimentada, tomando cuidado para virar o suficiente para não pegar uma esquina com o trailer. Este lugar parece caro para consertar.

Onde o Wishing Well Ranch é todo de postes de madeira, estradas de terra e acabamentos rústicos, este lugar é de vidro, mourões de vinil branco, toques modernos por toda parte.

Há uma porra de lustre pendurado na entrada do celeiro.

E abaixo dele está Violet.

Sorridente.

E soluçando.

Assim que estaciono o veículo, ela corre para a caminhonete, o rosto manchado aparecendo ao meu lado enquanto ela abre a porta.

Mal coloquei meus *Blundstones* no asfalto quando as palavras explodiram de seus lábios. — Eles o encontraram! Ele está seguro! — Seguro sai como um soluço, e ela lança seu corpinho para mim, os braços apertados em meu pescoço enquanto eu a levanto do chão.

Eles o encontraram. Ele está seguro.

Eles o encontraram. Ele está seguro.

Eles o encontraram. Ele está seguro.

As palavras ecoam em meu cérebro. Se eu as repetir várias vezes, elas podem realmente afundar.

Sinto a umidade das lágrimas de Violet. A irmãzinha que ainda tenho. Meu peito se abre. Como estive tão concentrado em como o desaparecimento de Beau foi para mim, esqueci de pensar em todos os outros.

Tenho sido egoísta. Tão egoísta.

— Eles o pegaram. Eles o pegaram, Jas.

Meus braços se fecham ao redor dela enquanto ela chora em meu ombro, meus próprios olhos marejados. — Onde? Como? — murmuro contra seu cabelo.

— Não sei. Todos nós tentamos ligar para você, mas caiu na caixa postal. Sem sinal, estou supondo. Tudo o que sei é que o encontraram e ele está recebendo atendimento médico. Tenho certeza que papai vai ouvir mais.

Nós dois suspiramos, e eu lentamente a deixo cair no chão. Ela é tão pequena, mas de alguma forma parece ainda menor agora.

Sua cabeça se vira e ela vê Sloane parada na frente da caminhonete, observando-nos, com lágrimas escorrendo pelo rosto. — Ele está bem? — Sua voz falha e sua mão voa sobre a boca para conter o soluço.

Violet acena com a cabeça, abrindo os braços para um abraço na prima. Sloane voa em sua direção, as duas mulheres se abraçando e chorando.

Eu limpo meu nariz e inclino minha cabeça para o céu, esperando que as lágrimas possam vazar de volta para onde quer que tenham vindo.

O céu está perfeitamente azul, como os olhos de Sloane. Nem uma nuvem até onde os olhos podem ver. Não pela primeira vez, eu me pergunto o que Beau

está olhando agora. Luzes brilhantes do hospital? Algum tipo de porta-aviões? A parte de trás de suas pálpebras?

Vejo Cole, o marido de Violet, aproximando-se de nós. Parecendo todo sombrio e taciturno, mas ele não é. Bem, a menos que você seja o otário idiota que menospreza sua esposa, então ele tem a mesma mudança que Beau faz como militar.

O interruptor que vira e eles se transformam no homem que pode matar com as próprias mãos.

Ele me dá um aceno enquanto sua mão desliza sobre a parte de trás da cabeça de Violet, e eu desejo tocar Sloane com o mesmo conforto, a mesma posse.

Quando sua esposa se vira para ele e desaparece em seus braços, é Sloane quem se vira para olhar para mim.

— Ele está bem — diz ela novamente.

Concordo com a cabeça, sentindo minha garganta ficar grossa e a ponta do meu nariz arder.

Ela estende a mão para mim ao mesmo tempo que eu a alcanço. Toda a tensão entre nós foi lavada pelo quão desesperadamente precisamos um do outro. Uma de suas mãos agarra minha camisa enquanto a mão direita desliza para dentro da minha jaqueta e se espalha sobre a tatuagem. Eu a aperto com força e, quando sua testa pressiona meu peito, coloco meus lábios no topo de seu cabelo.

Como sempre.

— Estamos todos bem — eu respondo rudemente contra seu cabelo.

Puro alívio corre em minhas veias.

Ela se aninha contra mim, e eu me aninho contra ela. Nós nos agarramos um ao outro como fizemos na maior parte de nossas vidas.

Porque não importa o que mais esteja acontecendo no mundo, tudo é melhor com ela em meus braços.

24

Sloane

Sloane: Dê abraços em seus meninos por mim. E em vocês mesmas. Eu não posso acreditar.

Summer: Não consigo parar de chorar. Estou tão aliviada. Estamos enviando abraços de volta para você.

Willa: Vou abraçar Cade por você se você transar com Jasper por mim.

Sloane: Quando transar com Jasper, estarei transando com ele por mim.

Summer: Ooooo!

Willa: Possessiva. Eu gosto disso.

Willa: Espere. Você disse QUANDO?!

* * *

Estou feliz e aliviada ao mesmo tempo. Estou de volta em uma caminhonete enorme, mas desta vez, Violet está ao volante. Estou sentada no banco do passageiro da frente, e todas as três amigas mais próximas dela estão atrás.

Billie, que tem o dom de nos fazer rir, proclamou que descarregar feno é trabalho de *menino* e que todas devemos ir buscar vinho para beber direto da garrafa. Ela é um pouco assustadora, se estou sendo honesta.

Ela é como Willa.

Direta.

Depois, há Mira com seu cabelo preto, olhos penetrantes e um sorriso

malicioso. Sinto que ela conhece todos os meus segredos mais profundos e sombrios apenas olhando para mim.

E Nadia, que é um pouco mais nova, é tão linda que não consigo parar de olhar para ela. É como se ela tivesse saído da passarela da Victoria's Secret e entrado na fazenda.

Elas conversam alegremente na parte de trás enquanto Violet e eu sentamos em um silêncio sociável, mas atordoado na frente. É como se eu não tivesse percebido quanta tensão eu carregava sobre Beau até que o peso foi removido.

Agora sou atingida por uma exaustão de corpo inteiro que se estende da ponta dos dedos das mãos até a ponta dos dedos dos pés. Eu poderia dormir por uma semana.

— Você está bem? — Violet olha para mim, o rabo de cavalo alto caindo sobre o ombro enquanto olha.

— Sim — eu suspiro. — Tão, tão cansada.

— Vocês tiveram uma longa jornada.

— Isso nós tivemos.

Longa nem começa a descrever.

Um sorriso aparece no canto de seus lábios. — Eu sempre me perguntei quando vocês dois notariam o outro.

Minha cabeça vira para ela. — Perdão?

— Você e Jasper. Vocês dois estão tão apaixonados um pelo outro há tanto tempo. Eu vi aquele abraço. Além disso, vi a expressão em seu rosto naquele dia em que contei pela primeira vez sobre o seu noivado. E no dia do seu casamento? — Ela bufa. — Acho que ele estava procurando um motivo para entrar lá e libertar você. Pobre idiota emocionalmente atrofiado que ele é.

Eu apenas pisco, a mente zumbindo. — Ele não é emocionalmente atrofiado.

— Sempre pulo para defender Jasper, não importa o quê.

Violet me acerta com um olhar de soslaio. — Sim, ele é. Eu me casei com um desses, então eu os reconheço quando os vejo.

— Espere — diz Nadia. — Vocês não são primos?

O dedo de Mira acena para frente e para trás. — Não. Ele é o irmão adotivo.

Vejo o sorriso de Nadia no espelho retrovisor. — Porra. Isso é sexy.

Eu gemo, mas não digo uma palavra antes de Billie falar. — Você deveria transar com ele.

Eu não posso deixar de rir. Meu corpo treme, porque esse cenário é demais. As emoções estão muito altas. Estou delirando.

Violet também ri. — Billie, esse é sempre o seu conselho.

— Eu tentei — falo por trás das minhas mãos, porque me esconder enquanto admito isso parece mais fácil. — Ele disse que precisávamos conversar primeiro.

— Mas aconteceu alguma coisa? — Violet não consegue esconder sua curiosidade. Ela sempre foi o tipo tagarela de garota.

— Sim. — Eu abaixo minhas mãos, olhando para o teto da caminhonete. — Algo aconteceu.

Billie cantarola pensativamente atrás de mim. Como se ela estivesse prestes a oferecer conselhos profundos. — Deveria exigir que ele foda você.

Eu bufo, um tipo diferente de lágrimas em meus olhos. Elas são do tipo bom que vem de rir e tentar segurar. Eu olho para o espelho retrovisor no banco de trás.

— Funcionou para mim — diz Mira com um sorriso felino nos lábios.

— Ai, credo. Não me diga essas coisas sobre meu irmão, por favor. — Nadia se vira e olha pela janela, com uma expressão exagerada de desgosto no rosto. — Você poderia fazer o que eu fiz e apenas deixá-lo louco até que ele surte.

Billie fala novamente. — Não. Dê uma de Violet. Basta enviar nudes.

Violet não se esquiva da declaração de Billie como ela poderia ter feito quando era mais jovem. Em vez disso, um sorriso orgulhoso toca seu rosto enquanto ela dirige pela estrada com neve até chegarmos ao Neighbor's Pub, o bar e loja de bebidas mais decadente que já vi. Uma placa piscando anuncia "CERVEJA GELADA E VINHO!!!"

Pontos de exclamação e tudo.

Parece adequadamente sombrio para a versão atualizada de mim em que estou trabalhando.

Eu já gosto.

— Ou apenas faça o que eu fiz e deixe-o com tanto ciúme que ele enlouquece, bate na sua porta e depois bate em você no balcão da cozinha — acrescenta Billie.

Eu rio mais forte, assim como todo mundo, e o calor pisca em meu peito. Adoraria amizades assim na minha vida. Acho que poderia tê-las com Willa e Summer.

Quando saímos da caminhonete, humores mais leves de contar piadas sobre minha bagunça de vida pessoal e fogo de uma amizade barra relacionamento barra paixão ao longo da vida que virou quem diabos sabe o quê, eu pergunto: — Você acha que eles vendem *Buddyz Best Beer* aqui?

— Foda-se, sim, eles vendem — Billie diz por cima do ombro enquanto ela abre a porta de madeira.

De repente, não me sinto mais tão mal com tudo. Todos que amo estão seguros e contentes. Violet tem um pequeno grupo feliz aqui. Eles encontraram Beau. As coisas entre mim e Jasper estão confusas agora, mas... somos nós.

Nós sempre acabamos juntos de alguma forma.

Só precisamos parar de lutar contra isso.

* * *

O marido de Mira, Stefan, preparou para nós uma enorme refeição gourmet. Durante o jantar, todos na ampla casa de Billie e Vaughn claramente compartilharam meu sentimento de alívio.

Vaughn contava piadas que aliviavam consideravelmente o clima. Cole e Griffin eram quietos, mas amigáveis. O sentimento de família entre todos os amigos aqueceu meu coração. O vinho fluiu facilmente e a conversa também.

As janelas da sala de jantar dão para a fazenda intocada, e todas as crianças caíram na enorme sala de estar rebaixada enquanto um filme da Disney ainda rola na tela.

É aconchegante e reconfortante, e posso dizer que esse grupo de pessoas se reúne assim com frequência. Há um nível de conforto entre eles que eu quero me aconchegar, mas ainda me sinto um pouco afastada de tudo isso. Eu ainda sou uma intrusa aqui.

Simplesmente não é Chestnut Springs.

Continuo olhando para Jasper do outro lado da mesa, querendo vê-lo sorrir, querendo vê-lo parecendo aliviado e feliz depois de semanas vendo-o arrasado.

Ele não está usando boné esta noite, e isso torna muito fácil ver cada expressão que toca seu rosto. Eu quero saber se ele está bem, mas ainda desvio o olhar rapidamente quando seus olhos se fixam nos meus.

Minhas bochechas esquentam e minha espinha formiga, e meu cérebro me leva de volta à noite passada, quando ele deslizou os dedos entre minhas pernas e me fez gozar com mais força do que nunca.

Eu disse tanto a ele e ele me contou tão pouco. Ele ainda se conteve e isso doeu. Sempre senti que sou a pessoa dele, seu lugar seguro para deixar tudo sair,

mas nos últimos dias percebi que ele ainda mantém tantas coisas trancadas.

Ele não me contou tudo e isso não deveria importar. Todos nós temos esses segredos, eu acho.

Mas incomoda. Eu quero saber. Eu sempre quero ser a pessoa que mais sabe sobre ele. Essa sempre foi a única coisa que tive com ele que nenhuma outra mulher pode reivindicar.

Posso não conhecer o corpo dele. Posso não ter memorizado todas as tatuagens dele. Mas eu conheço o coração dele. Estou intimamente familiarizada com todas as peças que ele me deu ao longo dos anos.

Mas elas não são suficientes.

Eu também quero o resto.

Quando ocorre uma pausa na conversa, reprimo um bocejo.

Violet, sentada ao meu lado, dá um tapinha no meu joelho. — Cansada?

Eu concordo. — Sim. Acho que vou me recolher pela noite.

— Ok. Levei suas malas para a casinha em forma de A perto do riacho. Dessa forma, as crianças não vão acordar você às cinco da manhã.

— Perfeito.

Billie se inclina e sussurra em meu ouvido: — Aquela cabana ficou conhecida como a Cabana do Amor por aqui.

Violet dá a ela um olhar indiferente. — É assim que chamávamos quando você e Vaughn moravam lá.

Billie levanta as mãos em sinal de rendição. — Certo. Só estou dizendo que há um bom ar ‘foda-me’ lá.

Eu me esforço para ficar de pé, sorrindo para suas travessuras, mas congelo e olho para a morena atrevida. — Espere. Aquele é o balcão da cozinha?

Ela encolhe os ombros com um sorriso conhecedor. — Eu sou uma aberração

limpa. Não se preocupe. Eu o higienizei.

Eu reviro meus lábios para não soltar uma risada, mas Jasper chama minha atenção do outro lado da mesa. — Eu irei com você. — Ele acena para os homens ao redor da mesa. — Obrigado pelo jantar. Foi excelente.

Há abraços e boa noite, mas todos eles se misturam com as batidas pesadas do meu coração, porque em poucos minutos somos apenas Jasper e eu caminhando em uma fazenda tranquila sob o céu escuro da noite.

Já estivemos aqui antes.

No escuro juntos.

Mas nunca me senti assim.

* * *

Jasper digita o código na fechadura da porta. A tensão entre nós é tão forte agora que nenhum de nós sequer ri sobre o código ser 6969. Estou cansada e nervosa.

Entramos e eu tiro meus sapatos, mantendo meus olhos fixos no chão. Tomei banho e me troquei na casa principal quando chegamos, mas ainda não entrei nesta casa.

É um conceito aberto e aconchegante com vigas de madeira expostas. Presumo que o lance de escadas leva a um quarto. Ou quartos? Não tenho certeza, porque não parece haver espaço suficiente para mais de um.

Mas ninguém nos perguntou sobre isso. Então, ou definitivamente há duas camas ou minha prima e suas amigas estão bancando as casamenteiras na porra da Cabana do Amor.

— Chalé bonito — eu digo distraidamente enquanto olho em volta.

As costas bem marcadas de Jasper se esticam contra a camiseta azul-marinho que ele está vestindo enquanto ele se serve de um copo de água do dispensador na geladeira. Eu levo um momento para olhar a largura de seus ombros, sua postura sempre tão imaculada, e a forma como ela se afunila até sua cintura.

Para aquela bunda redonda de garoto do hóquei.

Eu inclino minha cabeça para cima e olho para o teto, todas as tábuas de madeira e vigas transversais. Luminárias industriais de ferro forjado e um ventilador estão pendurados acima de mim, um contraste divertido com o tapete persa sob meus pés. Sofás de couro macios ficam de frente para as altas janelas em forma de A.

— Você deve estar se sentindo aliviado por causa de Beau — falo bem quando Jasper se vira e se inclina contra o balcão da cozinha. Eu distraidamente me pergunto se é *aquele balcão*, mas decido não trazê-lo à tona agora.

— Sim. Será bom vê-lo. Com sorte, obteremos mais informações de Harvey assim que ele chegar lá.

Eu concordo. Descobrimos no final do dia que Harvey estava voando para o leste para um hospital militar para onde haviam transferido Beau para que pudesse ficar com ele.

— Vamos ficar por aqui mesmo? Ou voltar direto?

Sua cabeça se inclina, e a expressão que ele mostra quando está indo para o gelo pinta suas feições. Focado. Afiado. O olhar estreitado.

— Não sei, Sloane. O que você quer?

Eu suspiro pesadamente, rolando meus ombros para trás e mantendo minha cabeça erguida onde estou perto da porta da frente. — Pelo menos uma vez, gostaria que você me contasse o que se passa na sua cabeça. Estou cansada, Jasper. Cansada de adivinhar, cansada de cuidar dos sentimentos dos outros, cansada de dar tanto e receber tão pouco de volta. E não só de você, de todos.

Você pode me dizer algo real pelo menos uma vez? O que você está sentindo? Qual é o nosso plano? Vamos ficar aqui? Ou estamos voltando? Realmente não é complicado. E como é você quem está numa linha do tempo com a equipe, vou presumir que você tem um plano. Porque você sempre tem.

Ele olha para mim, então eu continuo. — Você apenas, *como sempre*, não sente necessidade de falar sobre isso. — Aceno com a mão na minha frente, frustração sangrando em meu tom. — Ou qualquer coisa, nesse caso. Eu acho que é muito melhor para você manter tudo trancado aí dentro e então me cegar com todas as suas merdas de uma vez. Então, posso ter um aviso ou algo assim?

Eu observo sua mandíbula estalar, os dedos cerrados em torno do copo de água, o antebraço ondulando enquanto ele o aperta. Nós nos encaramos e eu mergulho naqueles olhos que conheço tão bem, desejando que ele diga *alguma coisa*. Passei anos monologando enquanto ele ouvia, mas estou farta de fazer esse papel para ele agora. A frustração ferve em meu peito antes de pular para fora.

— Oh, meu Deus, Jasper! Porra, diga alguma coisa!

— Eu sinto que poderia desmoronar sob o peso de não querer desapontá-la. Estou paralisado pelo medo de perder você.

Suas palavras sugam todo o ar da sala. Como um soco direto no estômago. Lembro-me de cair do balanço de pneu no rancho quando criança e ofegar.

Ele estava lá... esfregando minhas costas e me dizendo para ficar calma.

Abro a boca para responder, mas ele me interrompe.

— O pensamento de precisar tanto de você e decepcioná-la. — Ele deixa cair o meu olhar, balançando a cabeça. — Isso me mata, porra.

— Você nunca vai me perder — eu sussurro de volta, ansiosa para correr para frente e tocá-lo, mas querendo dar-lhe espaço. Não quero o encurralar ou sufocar.

— Eu quase perdi você. — Ele dá alguns passos à frente e acho que vai vir até mim. Mas ele coloca o copo d'água na ilha de mármore antes de apoiar as mãos ali, como se aquela ilha fosse a única coisa que o impedisse de atravessar a sala em minha direção novamente.

Como se ele estivesse lutando para se manter longe de mim.

— Naquele corredor. Para as manobras do seu pai. Para *ele* — ele acrescenta, os olhos caindo para o anel no meu dedo, aquele que claramente não me impediu de cruzar aquela linha com Jasper.

— Então, porra, pegue-me de volta! Eu tenho sonhado com você literalmente por anos e nunca soube que você me via como algo além de uma amiga. — Ele se encolhe, mas cansei de me conter. — Eu estive lambendo essas feridas por tanto tempo, Jasper. E você tem sido muito covarde para dizer qualquer coisa. Então diga já. Diga o que você quer!

Ele geme e abaixa a cabeça por um instante antes de me nivelar com seu olhar de meia-noite. — Isso é o que eu quero. Isso é o que eu gosto. Dizer-lhe o que fazer e você ouvir. Estar no controle. — Suas bochechas coram sob a barba por fazer. — Eu tentei não gostar. Mas com tudo o que aconteceu na minha vida, apenas se tornou... — Ele passa uma mão agitada pelo cabelo. — Parte de mim. Mas eu não quero que faça algo que deixa você desconfortável só para me dar isso. Isso não é o que você precisa. Não é o que eu quero para você. Eu vejo você. Eu vejo o que você passou. Vi aqueles homens em sua vida dizendo o que fazer, usando você como um peão. E não quero ser mais um idiota dizendo a você o que fazer.

A excitação se desenrola em minhas entranhas, o calor se espalhando pela ponta de cada membro. — Você não entendeu, Jas? Eu vi todas as suas partes mais sombrias e ainda estou aqui. Eu ainda quero mais. Pare de tentar me assustar. Não vai funcionar.

Ele parece aflito agora.

— Eu não quero ser outro homem que...

Minha mão corta na minha frente e eu o interrompo. — Você fala sobre não me dizer o que fazer, que não quer me decepcionar, mas estou cansada de ser tratada como se fosse muito frágil ou muito imaculada. Não quero ser uma donzela em perigo! Então pare de me tratar como uma. Eu não sou um troféu. Você não está me *dizendo* para fazer nada! Estou dizendo que quero que me tome, e você está sentado aqui, acariciando minha cabeça como se eu fosse uma idiota, dizendo que não sei o que quero. Se não gosto de alguma coisa, vou dizer, porra. Mas pelo amor de Deus, pare de decidir o que gosto ou não gosto. O que posso ou não suportar. O que é bom ou não. Pare de se segurar comigo.

Minha respiração está difícil quando termino. Dizer o que penso é *bom.* Eu me sinto fortalecida e frustrada e... viva.

— Quantas vezes preciso dizer para você acreditar em mim? Antes que eu consiga ouvir de volta? — Balanço minha cabeça em descrença para este homem que conheço tão bem, mas ainda nem um pouco. — Sempre foi você, Jasper. Sempre será você.

Eu suspiro pesadamente. — Por favor, diga-me o que fazer com isso.

25

Jasper

Eu ouço Sloane, toda feroz e determinada, falando para mim e sendo tão certa.

Ela está me dizendo para pegar o que eu quero, pegando o que ela quer, e não há nada me segurando. Eles encontraram Beau. Eu poderei voltar para a equipe. A única coisa inacabada é Sloane e eu.

A restrição dentro de mim se quebra quando eu olho para ela. Peito arfando. Bochechas coradas. É como um cadarço puxado muito apertado. Estou puxando para trás com tanta força que minha mão firme voa para trás com o peso da minha resistência.

Justo, injusto. Apropriado, inapropriado. Tudo desaparece sob a raiva latente e a excitação de tantos anos perdidos com esta mulher. Chegamos perto de perder muito mais.

Não quero perder nem mais um segundo. E ela me *disse* para parar de me conter.

Minha voz sai áspera e rouca quando digo: — Tire a roupa, Sloane.

Ela se assusta um pouco, mas seus dentes superiores afundam em seu lábio inferior, e sei que ela quer isso tanto quanto eu.

Eu me recosto na bancada atrás de mim para ter uma visão melhor do espaço aberto, sentindo a mordida da borda contra as palmas das mãos. Se é isso que ela quer, pretendo não ter pressa.

Eu pretendo saboreá-la.

Se Sloane diz que pode lidar comigo, então ela está certa... Quem sou eu para dizer que ela não pode?

Ela abre a parte de cima de sua calça jeans folgada e a deixa cair em torno de seus tornozelos finos antes de sair dela. Aqueles olhos azuis cristalinos não saem dos meus nem por um segundo. Segurando meu olhar, ela desabotoa a camisa de flanela macia que está vestindo, xadrez rosa claro e creme abrindo para expor o sutiã de renda rosa sem bojo que abraça seus seios.

Eu passo meus olhos sobre seus membros longos e magros. Pedaços rosados de nada cobrem os lugares onde pretendo passar a noite inteira.

Quando a camisa sai de seus pulsos e cai no chão atrás dela, um sorriso aparece em seus lábios. Ela fica lá sem parecer nem um pouco constrangida.

Na verdade, a maneira como sua língua desliza sobre os lábios me diz que ela está ansiosa.

Há um rubor sedutor em suas bochechas pálidas, e sua pele, iluminada apenas pela luminária de chão no canto, tem um brilho dourado.

— Todas elas. — Eu gesticulo com a mão para baixo de seu corpo, observando o rubor rastejar sobre suas clavículas e em direção a seus mamilos que estão empurrando contra o tecido delicado.

Quando ela tira o sutiã, não me preocupo em fingir que não estou olhando para seu corpo. Seus seios são perfeitos, pequenos e empinados, com mamilos claros apontando diretamente para mim. Implorando por minha atenção.

Eu gemo com a visão e observo suas coxas se apertarem. Seu estômago aperta.

— Eu aposto que você está encharcada — murmuro, observando seus polegares engancharem no cós da calcinha combinando.

Ela inclina a cabeça e me dá um encolher de ombros tímido. Meu pau estremece.

Quando sua calcinha está abaixada em torno de seus tornozelos, onde ela pertence, eu examino meu caminho de volta para cima por suas pernas, parando em sua boceta e no brilho de umidade entre seus lábios macios. — Você é perfeita.

— Obrigada — ela sussurra de volta, sem fôlego.

Eu lambo meus lábios e me ajeito em minha calça. Isso é pura tortura, mas acho que nós dois gostamos. Nós dois somos sobre a antecipação. Os três metros que ainda nos separam praticamente zumbem com ela.

— Use um dedo, apenas um, e me mostre como você está molhada, Sloane.

Seu peito sobe e desce enquanto seus olhos permanecem fixos em meu rosto. A excitação está escrita nela, e a pequena voz na minha cabeça que me disse que ela poderia me odiar se eu revelasse esse lado dominador de mim mesmo permanece felizmente quieta.

Vejo um brilho em seus olhos. Sem hesitação. Em vez disso, um desafio.

Sua mão desliza para baixo de seu estômago, e com um gemido baixo, ela empurra um dedo fino em sua boceta.

Ele entra, confirmando o que eu já sabia. Segundos depois, ela levanta uma mão trêmula, o dedo indicador encharcado com sua excitação.

— Você está nervosa?

— Não. Deus, não — é a resposta dela.

— Bom. Agora coloque esse dedo na boca e limpe-o.

Uma risada leve e incrédula escapa dela, e não posso deixar de abrir um sorriso. Só ela iria rir agora. Quando ela vira a palma da mão em direção ao rosto, mostrando-me as costas da mão, o sorriso desaparece do meu rosto. Porque meus olhos captam um flash de luz preso ao dedo dela enquanto ela o desliza entre os lábios.

Meus dedos agarram o balcão atrás de mim, a ponto de doer, enquanto tento segurar o monstro da inveja.

Mas eu falho.

— Sloane.

— Mm-hmm — ela cantarola, ainda chupando o dedo, dando-me olhos azuis de corça.

Eu quero perguntar a ela como é o gosto.

Em vez disso, eu estalo.

Aponto para o chão sob meus pés e digo: — Tire essa porra de anel e rasteje.

Sua boca se abre, a mão caindo, e seus cílios tremulam algumas vezes enquanto ela processa o que acabei de dizer.

Mas ela não hesita. Ela *sorri.*

Ela arranca o anel de seu dedo e o joga pela sala antes de cair de joelhos. Achei que ela iria vacilar. Acho que uma parte de mim pensou que eu poderia provar a mim mesmo que estava certo e que ela me odiaria por isso. Que eu poderia pressioná-la demais e ela me mandaria me foder.

Mas suas mãos chegam ao chão e ela rasteja para mim. A pequena casa está em silêncio enquanto seu corpo se move com tanta graça inerente, como se houvesse música tocando em sua cabeça.

— Assim? — Seus lábios em forma de coração se curvam sedutoramente enquanto braços tonificados se estendem diante dela, e tenho que piscar algumas vezes para acreditar no que estou vendo. Ela é felina em seus movimentos, nada tímida. Mas ela passou anos se apresentando no palco.

Macio e quieto não precisa significar tímido.

E minha garota não parece tímida em transar agora.

— Sim — eu rosno, meu corpo se contorcendo mais com a visão. Quando

ela chega perto o suficiente para se ajoelhar aos meus pés, todo o meu corpo treme com restrição.

E para quê?

Ela ainda está olhando para mim como se eu tivesse pendurado a lua.

Como ela sempre fez.

— Porra, Sloane. — A visão dela nua abaixo de mim é tão boa que é quase insuportável. Solto o balcão e me agacho, segurando seu queixo e procurando em seus olhos qualquer vislumbre de desconforto, mas tudo que vejo é necessidade.

Minha mão oposta desliza entre suas coxas, os dedos empurrando suavemente por suas dobras molhadas. Ela está encharcada.

Ela choraminga, mas não deixa meu olhar cair, então continuo brincando com sua boceta. Eu não empurro, apenas provoco. Eu a observo se contorcer, seus quadris tentando resistir contra a minha mão.

Mas ela joga o jogo tão perfeitamente. Ela apenas fica lá e me deixa explorar.

— Você gostou de rastejar para mim? — pergunto.

Ela sorri, mas há um lampejo de tristeza em seus olhos. Um tiro instantâneo no meu peito. — Jasper, parece que estou rastejando atrás de você há anos. Isso não é novidade para mim.

Suas palavras atingem um golpe que eu não esperava.

Meus dedos param de se mover e seguro sua cabeça, sussurrando as palavras: — Sinto muito — em uma voz falha. Eu pressiono meus lábios nos dela, caindo de joelhos para ela. — Deus. Sinto muito, porra.

Eu tomo sua boca, segurando seu corpo nu para mim, desejando poder voltar no tempo e contar tudo a ela quando comecei a sentir. Mas vou me contentar com isso agora, já que é o melhor que tenho.

O beijo começa com nossas bocas juntas, precisando ser unidas, mas rapidamente se torna frenético. Isso assume uma ponta de frustração quando seus dentes mordiscam meu lábio inferior e suas mãos agarram a bainha da minha camisa.

É retirada e descartada em segundos. E então estou de pé, levantando seu pequeno corpo comigo e dando alguns passos pela cozinha.

Com um golpe do meu braço, tudo na ilha voa para o chão com um barulho alto. Frutas. Uma tigela. Uma revista. Meu copo de água cai no lado oposto da sala e se estilhaça em mil pedacinhos contra o piso de madeira. A casa perfeitamente limpa virou de cabeça para baixo em poucos segundos.

Nenhuma dessas merdas importa, porque as pernas envolvem minha cintura. Beijos de lábios de pimenta por todo o meu rosto, descendo pelo meu pescoço. Dedos puxam meu cabelo. Ela está me atacando com um fervor que nunca experimentei.

Um que eu nunca me senti inclinado a igualar até ela.

Sexo sempre foi um jogo. Outro evento para eu controlar. Mas não há nada no controle sobre nós agora.

E eu nem me importo.

Eu a deito de costas na ilha, querendo explorá-la. Ela sibila e suas costas arqueiam para longe do mármore frio, empurrando seus seios perfeitos para cima no processo.

Não sei para onde olhar primeiro, mas, como sempre, são os olhos dela que me chamam a atenção. Todo aquele azul. Meu olhar percorre a linha fina de seu pescoço e desvia para os fios soltos de cabelo loiro macio que estão grudados em seus lábios úmidos e inchados.

Minhas mãos deslizam sobre sua cintura, moldando-a, e me deleito com o tamanho de minhas mãos em volta dela. Pego seus seios, do tamanho perfeito

para segurar.

Aperto e passo o polegar sobre seus mamilos pontiagudos, observando a forma como suas costas se arqueiam novamente quando o faço. — Você gosta disso?

— Siiim — ela sussurra, olhos fechados agora, língua saindo sobre seus lábios da maneira mais perturbadora. Mal posso esperar para ver como eles ficam enrolados no meu pau.

Mas, primeiro, continuo deslizando minhas mãos pelo corpo dela, notando a forma como o arrepio surge em meu rastro. Quando chego a seus ombros, traço os dedos sobre a linha de sua clavícula, enquanto os outros continuam subindo e envolvem aquela garganta bonita e esbelta. A maneira como ela se comporta é sempre tão real.

Sonhei em envolver uma mão aqui.

Então eu faço.

Aperto, mas não com muita força, inclinando-me sobre ela, dando uma mordidinha no lóbulo de sua orelha antes de perguntar: — E quanto a isso, Sloane? Você gosta disso?

— Sim.

Sua resposta certa é um tiro de eletricidade direto para o meu pau. Meus dedos pressionam com um pouco mais de força e observo suas bochechas ficarem vermelhas. Suas pernas se apertam mais em volta da minha cintura. Eu relaxo e coloco meus lábios nos dela, acariciando seu pescoço suavemente antes de beijar meu caminho de volta para seus seios. Suas unhas deslizam pelas minhas costas, pelos meus ombros e pelos meus braços com reverência.

Começo suave com um mamilo, lambendo e beijando, curtindo o jeito que ela geme e se contorce. A maneira como suas unhas cravam na minha pele – um pouco feroz.

E então dou um puxão forte, arranhando meus dentes enquanto o faço. É o jeito que ela suspira e se empolga que realmente me pega.

— Tão sensível — murmuro, movendo-me para o outro lado e dando-lhe o mesmo tratamento. Eu a deixo confortável e depois deito com um pouco de pressão. Uma pequena mordida.

Suas unhas se emaranham no meu cabelo e arranham meu couro cabeludo.

Então estou lambendo meu caminho para baixo em seu estômago. Ela se contorce quando deslizo minha língua logo abaixo da linha de seu osso do quadril, então passo mais tempo explorando. Quando arrasto meus dentes ali, ela faz um barulho de ganido.

Eu planto uma palma no meio de seu peito e a pressiono para baixo. — Fique quieta, Sloane. Deixe eu me divertir.

— Foda-me, Jasper — ela bufa e se mexe mais forte.

Rio e movo minha mão de volta ao redor de seu pescoço. — Você será, Sunny. Só não até que eu diga.

26

Sloane

Eu faço o mesmo maldito barulho quando ele se move para o quadril oposto. Nunca soube que este era um ponto sensível para mim, mas Jasper se concentrou nele instantaneamente. Meu pulso bate sob a palma de sua mão. Acelera quando seus dentes se arrastam sobre meu osso do quadril, e seu aperto em torno de minha garganta aumenta cada vez que me movo.

O calor se espalha por todos os membros. Meu pulso vibra em todos os lugares. Nunca me concentrei inteiramente em uma coisa, exceto quando estou dançando. Mas agora estou. Minha mente não vagueia para minha lista de tarefas ou para o próximo episódio do meu programa favorito. Permanece em Jasper e na maneira como ele toca meu corpo como um instrumento que ele conhece a vida inteira. Como um virtuoso.

Por mais tempo que passei fazendo sexo com Jasper na minha cabeça, não esperava que ele fizesse coisas comigo que só li ou assisti, mas nunca tive coragem de pedir. Não tenho certeza se os garotos com quem namorei teriam me permitido de qualquer maneira.

Mas Jasper não é um menino. Ele é um homem.

Sua mão se afasta da minha garganta, e quase quero implorar para ele colocá-la de volta. Ele a desce pelo centro do meu corpo, depois bate no osso do meu quadril e diz: — Agora abra essas lindas coxas para mim.

Minha frequência cardíaca acelera quando encontro seu olhar na cozinha suavemente iluminada.

Ele não é o Jasper taciturno agora, e ele não é o Jasper doce também.

Ele é... não sei. Não reconheço esse olhar, mas gosto. Eu amo isso. Eu particularmente amo estar no lado receptor disso.

Sem pensar duas vezes, solto minhas pernas de sua cintura. Eu o estava segurando para mim com medo de que ele pudesse se afastar novamente, mas parece que passamos dessa fase esta noite.

Parece que ele está me vendo sob uma luz diferente.

Afasto qualquer resquício de timidez e abro as pernas, expondo-me a ele. Ofegando e pingando.

Estou pronta para implorar que ele me toque quando suas palmas grandes e quentes pousam na parte interna das minhas coxas, alisando o interior em direção aos meus joelhos e me abrindo ainda mais.

— Tão flexível. — Seus polegares roçam minha pele, e juro que poderia gozar apenas com ele passando as mãos em mim.

Estou pronta para explodir e mal fizemos nada.

— Tão bonita *pra* caralho. — Seus olhos azuis escuros se arrastam pelo meu corpo como dedos, seu peso latente roçando minha pele enquanto ele me puxa para sentar. — Você está tomando anticoncepcional, Sloane? — Ele mantém minhas coxas abertas, olhando entre elas. Fazendo-me contorcer.

— Sim — eu assobio. — Sim. DIU. — Aparentemente, sou monossilábica agora.

— Algo mais que você precisa me dizer? — Eu sei o que ele está pedindo. Ele está tentando perguntar delicadamente. Ele está sendo responsável, mas atinge um nervo do mesmo jeito.

Eu me sento. — Não sei, Jasper. Por que você não me conta? Você é quem está sempre andando por aí com mulheres diferentes.

Seus dedos pulsam em minhas pernas, e seus olhos estalam nos meus. Um sorriso conhecedor toca seus lábios. — Eu gosto de você com suas garras para

fora, Sloane. — Ele pega minhas mãos de onde estão plantadas contra o balcão e coloca uma em cada um dos meus joelhos. — Isso é desconfortável? Sentada aqui?

Desconfortável? Ele está brincando comigo? Eu nem sei mais o que é conforto. Tudo em que posso pensar é nele com as mãos em mim. — Não.

— Bom. — Ele lambe os lábios enquanto olha para mim, mordendo o lábio inferior para abafar um sorriso. — Continue assim.

E então ele se vira e... vai embora.

Eu viro minha cabeça para observá-lo. Pronta para bater nele. — O que...

— Eu estava prestes a dizer a você que nunca fiz sexo sem camisinha, Sloane. — Ele se abaixa e pega a tigela do chão. — Eu estava prestes a dizer que a única maneira de você parecer mais bonita é com meu esperma nessa boceta apertada.

— Jesus — murmuro, sentindo um rubor tomar conta de todo o meu corpo.

Ele casualmente pega uma banana e coloca na tigela, seguida por um par de maçãs que devem estar machucadas agora. — Mas você tinha que fazer esse pequeno comentário sarcástico. Uma pequena resposta ciumenta. Então agora você pode esperar.

Ele balança a cabeça, e minhas mãos tremem nos joelhos. Quem diria que me sentar aqui exposta – esperando que ele me fodesse – poderia realmente me deixar mais quente.

Começo a ofegar, e ele pega uma vassoura e uma pá no canto, varrendo cuidadosamente os cacos de vidro atrás de onde estou sentada.

— Que diabos está fazendo? — pergunto, quase rindo de como isso é insano.

— Não posso deixar minha garota pisar em vidro, posso? — Ele desce e chupa meu pescoço enquanto se dirige para o lixo. Com força suficiente, sei que deixará uma marca.

Pensei que meu coração estava acelerado antes. Mas agora? Agora pode ter parado completamente.

Ele lava as mãos na pia da cozinha antes de voltar, elevando-se sobre mim, sem nenhum pingo de brincadeira.

Ele se abaixa e beija o topo do meu ombro. — Passei muito tempo pensando que não mereço você — ele sussurra. Curvando-se ainda mais, seus lábios se movem para o topo da minha mão que ainda está sobre o meu joelho. — Que você é boa demais para alguém como eu.

— Jasper. — Estendo a mão e seguro seu rosto com minha mão, uma perna enganchando-o de volta para mim enquanto ele se levanta. Quando ele está dizendo coisas assim, quero ver seus olhos. Eu realmente não dou a mínima para seguir suas ordens.

Não há reprovação embora. Em vez disso, ele inclina a cabeça ao meu toque, e seu corpo grande e quente se dobra ao redor do meu.

— Acho que não sofro mais com esse modo de pensar. De repente, eu realmente não me importo em merecer você quando está tão claro que você pertence a mim e sempre pertenceu.

Ele vira a cabeça e pressiona um beijo no centro da palma da minha mão e se move de volta para baixo do meu corpo enquanto me deita metodicamente no balcão fresco novamente. Meus mamilos duros sobem e descem enquanto respiro forte. Ele se inclina na frente da minha boceta aberta, empurrando-me ainda mais sobre o balcão enquanto puxa cada uma das minhas pernas sobre seus ombros.

Azuis escuros misturados com azuis bebê.

— Mas Sloane?

— Sim? — respondo instantaneamente, apoiando-me nos cotovelos para vê-lo melhor.

— Eu terminei de compartilhar.

Então sua cabeça cai para minha boceta, e ele me faz ver estrelas com cada lambida perfeitamente posicionada, cada rosnado vibrando pelo meu corpo. Mesmo as pontas de seus dedos cavando em minhas coxas me deixam louca. Suas mãos nunca param de se mover, explorando, enlouquecendo-me.

Eu me debato contra o mármore duro quando ele suga meu clitóris em sua boca com firmeza. Sua língua trabalhando suavemente e, em seguida, estalando bruscamente. Deslizando direto para mim enquanto ele me fode com ela. Ele adiciona dois dedos, enrolando-os em um ponto que só alcancei com um brinquedo. Mas Jasper? Ele encontra na primeira tentativa, empurrando-me para a liberação. Apenas um trem a vapor descendo uma trilha para o êxtase.

A pressa de tudo corre pelo meu corpo.

— Jasper, eu vou...

Ele se afasta. A boca sumiu. A mão sumiu. Corpo *doendo.*

— O que você está fazendo? — lamento, inclinando minha cabeça para trás em frustração.

Ele sorri para mim, lambendo os lábios propositalmente enquanto se ergue acima de mim. Suas mãos estão no botão de sua calça jeans, abrindo-a casualmente e puxando o zíper. Eu vejo o que parece ser uma ereção dolorosa, pronta para estourar através do jeans escuro.

— Fazendo você esperar — ele responde enquanto a tira e esfrega seu pênis através do tecido de sua cueca.

Eu aperto com o cascalho em seu tom, e seu olhar cai entre as minhas pernas.

— Por quê? — Minha voz é ofegante quando eu me abaixo para me tocar. Seus olhos brilham enquanto circulo meu clitóris descaradamente.

Ele me permite fugir por alguns segundos antes de levantar minha mão e chupar aquele dedo maroto em sua boca. Com um pop alto, ele o puxa para fora.

— Porque gosto de ver você se contorcer. Eu gosto de fazer você esperar.

Ele puxa sua boxer e... meus olhos estão presos... agarrados em seu comprimento longo e duro.

Eu gostaria de ter algo legal e sexy para dizer depois de tudo que ele me disse esta noite. Mas seu pau literalmente me deixou sem palavras.

— Algo que você quer me dizer, Sunny?

— Você é tão gostoso — é o que deixo escapar.

Apenas Jasper Gervais teria um corpo de titã, um rosto de modelo e um pau de estrela pornô.

Com uma risada profunda, ele corre a cabeça gorda para cima e para baixo na minha fenda, levando alguns segundos extras para pressionar com força contra o meu clitóris. Eu mordo meu lábio para não gemer, soar muito desesperada.

Eu o vejo correr seu pau por toda a minha boceta. Segurando-o com firmeza. Provocando-me com a ponta. Empurrando-o, observando meu corpo se esticar para ele e puxando-o de volta.

— Quer que eu foda você, Sloane?

— Siiim — eu assobio.

Ele levanta seu pau grosso e bate de volta lascivamente no meu núcleo molhado. — Peça educadamente.

— Você tem coragem, Gervais — falo, ficando toda quente.

Ele arqueia uma sobrancelha como se dissesse: *Continue.* E não cheguei tão longe para recuar agora, então, sem hesitar, digo: — Sim, *por favor.*

Meu corpo inteiro é um enorme batimento cardíaco. Apenas um pulso coberto por carne desesperada. Nunca me senti tão devassa e nunca me senti tão desejada.

Como se fôssemos duas extremidades opostas de um ímã, não há como resistir à atração. Há forças além de nós trabalhando agora, e estamos à mercê delas.

Talvez seja ciência.

Talvez seja o destino.

Mas quando Jasper desliza para dentro de mim e murmura com um sorriso brincalhão: — Que garota educada — tudo o que sei é que está *certo.*

Estamos certos.

Meus cílios tremulam enquanto luto para acomodar seu tamanho. Minhas pernas tremem enquanto envolvem sua cintura e se fecham sobre sua bunda firme.

Suas mãos começam em minhas coxas e deslizam sensualmente sobre cada curva enquanto ele está parado dentro de mim. Dedos pulsam sobre meus seios, e seus quadris empurram para frente, embora ele esteja o mais longe possível. Seus braços envolvem minha caixa torácica e ele me puxa para ele, as mãos espalhadas possessivamente sobre minhas costas enquanto a plenitude dentro de mim muda.

— Jasper, é demais — murmuro, deixando cair minha testa contra seu peito.

Ele dá um beijo no meu cabelo e se afasta, como se fosse me conceder algum alívio. Sua cabeça cai ao lado do meu ouvido, e ele sussurra: — Você pode levá-lo — logo antes de empurrar de volta.

— Oh, Deus! — chamo enquanto ele trabalha para dentro e para fora. Não muito rápido, mas não muito lento. Cada movimento é medido – controlado – e com ele, *claro,* é.

Sua carreira.

Seu jogo mental.

Sua veia protetora.

Seu trauma.

Tudo faz muito sentido.

— Porra, Jasper! — eu suspiro quando ele continua. Ele me beija forte. Ele me traz para a borda e nos puxa para trás. Deixo-o cuidar de mim do jeito que ele precisa, e eu me divirto com isso. Eu confio nele tão implicitamente. Vem tão facilmente.

Eu me deleito com sua atenção, na maneira como suas mãos se movem sobre minha pele, a maneira como seus lábios se encaixam perfeitamente nos meus, a maneira como ele canta meu nome em meu ouvido enquanto se move contra mim. Quadris batendo rudemente fazendo um barulho de tapa contra minha bunda por vários segundos antes de diminuir e me deixar sem sentido com golpes lentos e profundos que mantêm a pressão em meu núcleo crescendo da maneira mais deliciosa.

— Você é perfeita *pra* caralho — ele murmura. — Tão apertada.

Parece que estou surfando nas ondas do oceano, meu corpo macio e relaxado, o ruído branco da água caindo em meus ouvidos acompanhado por seus profundos estrondos de adoração.

Meu corpo parece mais dele do que meu, e estou totalmente em paz com essa noção.

Eu posso sentir cada cume, cada veia, cada pulso dele dentro de mim. E isso me deixa selvagem. Eu o arranho, minhas unhas riscando suas costas. Incitando-o a me dar mais. Eu o mordo. Estou absolutamente feroz com a minha necessidade por ele.

— Mais perto. Mais fundo. Mais — eu imploro, e ele me dá tudo que peço e muito mais. Olhos sempre voltando para os meus, observando-me tão de perto. Catalogando cada pequeno movimento, cada suspiro de prazer.

Aprendendo comigo enquanto eu aprendo com ele.

— Jasper... — eu gemo quando ele cuidadosamente me deita de volta no mármore frio, as mãos vagando reverentemente, vibrando sobre minha garganta por um momento antes de descer para meus quadris. — Por favor, não pare. Estou tão perto.

Minhas mãos envolvem seus antebraços com veias e meus olhos varrem seu torso perfeitamente definido. Está pontilhado de suor e fica tenso toda vez que seus quadris se flexionam para frente em mim.

Ele olha para a minha mão esquerda antes de me atingir com aquele intenso contato visual dele novamente. — Diga-me que você é minha, Sloane. — Suas estocadas diminuem, e o olhar que ele me dá mostra um lampejo de insegurança.

Um que não precisa estar lá.

Sem hesitação digo as palavras. — Eu sou sua, Jasper. Sempre fui.

Satisfação queima em suas íris escuras, e ele se solta em mim, uma mão escorregando para esfregar meu clitóris enquanto ele me fode forte o suficiente para fazer meu corpo deslizar e grudar contra o mármore.

— E você sempre será — ele resmunga enquanto entramos em combustão, cada um de nós pertencendo mais ao outro do que a nós mesmos enquanto eu o sinto estremecer e se derramar dentro de mim.

27

Jasper

Eu caio de volta sobre a porra de seu corpo perfeito, arrastando beijos suaves e bagunçados sobre seu peito liso de suor. Luto para manter minha visão em linha reta, piscando e desejando que minha frequência cardíaca se iguale.

Todas as minhas fantasias sexuais mais quentes têm apresentado Sloane.

E nenhuma delas era tão gostosa quanto a real.

Seus dedos penteiam a parte de trás do meu cabelo. — É uma vergonha que eu só tenha atingido o pico aos vinte e oito anos — ela respira com dificuldade. — Tenho certeza de que todas as experiências sexuais serão ladeira abaixo depois disso.

Eu rio contra ela e isso vibra através de seu corpo. Eu amo sentir isso conectado a ela agora. Como se eu pudesse enviar mensagens subliminares e ela simplesmente *saberia.*

— Sunny, estamos apenas começando. — Eu me afasto e meu pau escorrega de seu calor. Uma onda de esperma segue, derramando. Segurando seu olhar por um instante, eu me abaixo e uso um dedo para deslizá-lo de volta para dentro. Meu pau endurece enquanto eu o estoco, praticamente pronto para gozar novamente quando ela choraminga e aperta ao meu redor.

Eu me levanto, querendo vê-la agora. Não apenas sendo minha, mas realmente parecendo minha.

Meus olhos percorrem seu corpo, todo esparramada para mim. Minha barba por fazer queima em seu peito. Meu esperma dentro dela. E sorrio, sentindo-me incrivelmente satisfeito com a bagunça que fizemos.

— Foda — ela bufa, fechando os olhos, enquanto continuo a deslizar meu dedo para dentro e para fora dela.

— Isso é um pedido, Sloane?

Seus lábios se curvam, seus hipnotizantes olhos azuis assumindo um olhar sonhador e distante no qual eu quero me perder. — Não, Jasper. É uma demanda.

Eu imediatamente a alcanço, puxo-a para mim e a levanto em meus braços. — O que quer que minha garota queira — eu rosno contra seu cabelo enquanto a carrego para a sala de estar.

Então eu a coloco no sofá, de quatro, e puxo sua bunda para a posição antes de ceder a todas as suas exigências.

Repetidamente.

* * *

Eu esperava acordar com a cabeça de Sloane pressionada contra meu peito. Em vez disso, eu acordo com ela nua e montada em mim, passando as mãos por todo o meu peito, seus seios perfeitos com esta pequena e sedutora forma de C abaixo deles.

— Olhos aqui em cima, Gervais. — Seus dedos beliscam e dão um pequeno puxão no cabelo do meu peito, chamando minha atenção para seu rosto.

— Não estava tentando encontrar seus olhos, Winthrop. — Eu atiro a ela um sorriso perverso, um que não sai muito para brincar.

Percebo que não sorrio muito, ponto final. Normalmente não me sinto inclinado. Mas com Sloane, eles surgem do nada. Existe um poder especial em fazer uma pessoa sorrir apenas por existir.

— Porco — ela bufa, deixando cair o queixo timidamente e voltando a traçar as linhas das minhas tatuagens com os dedos.

— Passei anos me perdendo em seus olhos, Sloane. O resto de você? É tudo novo. Imagino que ir à Disneylândia pela primeira vez seja assim. Superestimulante.

— Meus seios são...

— Perfeitos — eu a interrompo, pegando o olhar depreciativo que ela lança para si mesma.

Sloane revira os olhos e faz uma pausa. — Espere, você nunca esteve na Disneylândia? — Uma mão se ergue para cobrir sua boca, e seus olhos se arregalam, como se ela tivesse falado antes de pensar em como foi minha infância. Mesmo antes daquele dia, férias caras em família não estavam nos planos para nós. — Merda, desculpe.

— Não se desculpe. Eu prefiro muito mais esta versão da Disneylândia. Sem espera na fila. A viagem é toda minha. — Estendo a mão, gentilmente apalpando seus seios antes de deslizar uma mão sob os lençóis e dar um tapa em sua bunda. — A Cinderela tem uma bunda assim? Porque, a menos que ela tenha, não estou interessado.

Um sorriso tímido enfeita seus lábios, e seu cabelo macio roça suas clavículas enquanto ela olha para mim. O sol brilha da claraboia acima dela, fazendo-a brilhar.

Não pela primeira vez, fico impressionado com a sensação de que tudo parece diferente entre nós. E ainda o mesmo de alguma forma. Não há constrangimento. Não há aquela sensação que geralmente atinge onde eu quero ficar sozinho.

Eu prefiro apenas ficar aqui e olhar para ela.

— Oi, Sunny. — Minhas mãos pousam em seus quadris, segurando-a gentilmente, dedos arrastando sobre as depressões na base de sua coluna.

— Oi, Jas. — Seus dedos se espalham sobre a tatuagem de bailarina em

minhas costelas, e nós nos encaramos por alguns instantes. — O que vamos fazer hoje?

— O que você quiser. — Minhas mãos pulsam e suas bochechas ficam rosadas enquanto meu pau endurece embaixo dela.

— Vamos deixar esta casa? — Sua cabeça se inclina quando ela me faz a pergunta.

— Provavelmente seria muito educado se deixássemos.

— Desde quando você se preocupa em ser educado? Você costuma sentar no canto com a aba do boné abaixada para que ninguém fale com você.

— Sim, mas não funciona. Você fala comigo de qualquer maneira.

Ela bate no meu peito de brincadeira. — Certo, tudo bem. Iremos ver todos... — Seus olhos caem para o meu peito, os dedos se movendo para pousar um beliscão rápido no meu mamilo. — Mas ainda não.

Eu cantarolo, tirando minhas mãos dela e colocando-as atrás da minha cabeça como se estivesse deitado em uma praia em algum lugar. — Definitivamente ainda não.

Seus olhos encontram os meus e ela procura meu rosto. — Diga-me o que fazer.

— Sim?

Ela morde o lábio, tentando não sorrir para mim. — Sim.

— Você está dolorida?

— Você viu seu pau?

— Responda a pergunta, Sloane.

Ela zomba e revira os olhos, parecendo toda malcriada. — Sim. Quero dizer, estou um pouco dolorida...

— Bom. Suba aqui e sente na minha cara.

Quando me lanço para frente e a agarro, ela grita.

E quando eu a faço gozar, ela chama meu nome.

* * *

— Isso não é justo! — Sloane chama do lado oposto da lagoa, hálito quente soprando em pequenas nuvens na frente dela. — Vocês têm literalmente um jogador da NHL em seu time!

Vaughn, o marido de Billie, grita de volta do nosso lado: — Para ser justo, o time dele não pertence à NHL este ano!

Cole geme e revira os olhos.

Griffin, o marido de Nadia, que também reconheço como um jogador de futebol aposentado, dá um soco no ombro dele resmungando *idiota*.

— Desculpe, cara. — Vaughn ri. — Fã vitalício do Vancouver Titans. Nada pessoal.

Eu bato meu taco contra o gelo e ofereço a ele um sorriso malicioso. — Está tudo bem. Entendo. Não há como explicar o gosto quando alguém é fã dos Titãs.

Um coro de *ooohs* soa ao nosso redor.

Todos concordaram que um dia de folga era necessário. Um jogo no lago congelado é o que eles decidiram fazer, e não estou bravo com isso.

Com o peso de Beau faltando em meus ombros, estou desejando voltar para o gelo. Mas, em vez de equipamento para praticar, patins sem graça no gelo acidentado, luvas de trabalho com um taco velho e pesado e almofadas antigas são o que eu tenho.

— Ok, chega de falar merda. — Stefan, o de aparência mais refinada do grupo, patina e gesticula para todos os homens em sua direção.

— O que você é? O capitão agora? Só porque você é o mentor do mal do grupo? — Vaughn revira os olhos, claramente brincalhão.

— É a gola alta. — Griffin aponta para o suéter perfeitamente polido do homem. — Apenas um homem com bolas grandes o suficiente para ser um capitão seria pego usando uma.

— Vocês caras! — Stefan ri. — Meu pescoço está quente, então me deixem em paz. Preocupe-se com Mira. — Ele inclina o queixo por cima do meu ombro para onde a mulher com longos cabelos negros saindo de um chapéu creme está sorrindo para ele. — Ela tem aquele olhar insano e competitivo em seu rosto. Nós conhecemos essas mulheres. Elas são loucas.

— Aqui, aqui! — Vaughn acena com entusiasmo.

— Elas não são confiáveis.

Cole se endireita. — Cuidado com a porra da boca, Dalca.

— Tanto faz, G.I. Joe. — Ele acena para ele e continua: — Precisamos vencer. Ou arriscar que as mulheres nos castrem completamente. — Stefan não consegue nem terminar a última parte de sua conversa ridícula sem rir.

— Você já está usando uma gola alta. — Griffin balança a cabeça.

— Vocês, bebês vadias, estão prontos? — Billie chama do outro lado da lagoa. — Ou vocês vão ficar em um círculo falando sobre seus sentimentos enquanto esperamos?

— Querida, você está morta! — Vaughn grita de volta para ela.

Ela sorri e dá uma piscadela para ele.

A conversa de merda continua enquanto eles se dirigem para o centro do gelo para largar o disco. Mas eu não estou assistindo a isso.

Estou assistindo a Sloane.

Sloane, que acabou de tirar o casaco e está vestindo *minha* camisa. Os

destaques dourados na base marrom combinam com o cabelo dela, e o grande urso na frente a faz parecer mais cruel do que é.

De alguma forma, ela pega uma camisa de tamanho grande e a faz parecer tão boa. Boa demais.

E quando ela se vira com Gervais escrito nas costas? Eu sorrio por trás da grade do meu capacete.

Meu nome também fica bem nela.

O jogo é amador o suficiente para que eu pudesse parar os tiros de todos enquanto dormia, mas deixei alguns entrarem... apenas para manter as coisas emocionantes.

É da brincadeira e da camaradagem que eu mais gosto.

É assistir a Sloane disparar no gelo vestindo minha camisa que me dá uma ereção durante todo o jogo.

E é quando ela patina até mim e sussurra em meu ouvido: — Jas, quando voltarmos para aquela cabana, quero que você me empurre de joelhos e me mostre exatamente como você gosta de seu pau chupado — que Mira desliza ao redor para marcar o gol da vitória.

— Peguei vocêêê! — As mãos de Sloane voam sobre sua cabeça enquanto ela torce com as outras mulheres, comemorando sua vitória no que Billie chamou de “A Copa do Jardim de Infância” porque *só um bando de meninos poderia criar um jogo de meninos contra meninas.*

Sloane ri. Ela é leve e brilhante. Ela é ensolarada. Ela me faz sorrir tanto que minhas bochechas doem.

Não consigo tirar os olhos dela.

28

Sloane

Willa: Entrando em loop com Violet neste bate-papo para obter a imagem completa. O que houve com a doce Sloane e o mal-humorado garoto do hóquei antes de voltarem para Chestnut Springs?

Summer: Por que você está tão empenhada nisso?

Willa: Ninguém merece o sobrenome Woodcock. Ele teria que se parecer com Henry Cavill e foder como Peter North para eu ignorar isso.

Violet: Eca. Você viu Peter North? Tão bronzeado. Tão gorduroso.

Willa: É por isso que eu disse que ele teria que se parecer com Henry Cavill.

Summer: Espere, por favor. Pesquisando Peter North.

Violet: KKKK. Cuidado.

Summer: Bem, ele parece... talentoso. Eu não estou brava com isso.

Willa: Só estou brava com Sloane por não responder.

Violet: Pelo jeito que ela e Jasper estão se encarando, acho que ela pode estar ocupada.

Sloane: Vocês são um bando de vadias intrometidas e sujas.

Summer: Onde está a mentira?

Willa: Apenas nos diga! Em uma escala de um para Peter North, quão grande é o P de Jasper?

* * *

Saio do chuveiro pelo que parece ser a centésima vez desde que Jasper e eu começamos a transar. Parece que fazer bagunça comigo é seu novo passatempo favorito. E definitivamente não estou reclamando.

— Vá para a cama — ouço atrás de mim.

Um arrepio percorre minha espinha antes mesmo de me virar para encará-lo. A mordacidade em sua voz faz meu núcleo torcer com antecipação, e quando me viro para olhar para ele, fico molhada instantaneamente.

Ele é de dar água na boca em boxer e uma camisa de flanela aberta. Eu posso ver *minha* tatuagem espreitando sobre suas costelas, e sou atingida por um flash ofuscante de ciúme, um que arranha dolorosamente a parte de trás da minha garganta enquanto me pergunto quantas mulheres passaram as mãos sobre essa tatuagem.

— Eu sou a única? — eu deixo escapar, ignorando sua ordem para subir na cama.

Sua cabeça se inclina e ele parece quase predatório agora. — A única o quê? — Eu posso dizer que ele não está com disposição para esta conversa. Eu posso dizer quando ele deixou sua cabeça vagar em algum lugar que não deveria – e esse olhar é isso.

Jasper está no limite, provavelmente sobre a volta para casa, e estou pressionando de qualquer maneira.

— Na sua vida. Com quem você está. — Aperto a toalha branca lisa em torno de mim como se isso pudesse me manter a salvo dessa conversa muito insegura que comecei.

— Vá para a cama — ele repete. — Agora.

Quero exigir que ele me responda, mas também quero fingir que nunca mencionei isso. Eu ando em direção à cama e me sento na beirada,

provavelmente parecendo tão amuada quanto estou me sentindo de repente.

Talvez seja porque nossa estada aqui já acabou depois de dois curtos dias. Esta manhã fizemos as malas e ele enganchou a caminhonete de volta em um trailer vazio.

Talvez seja porque tive que me despedir de Violet e de todos os outros esta manhã, antes que eles voltassem ao trabalho. Sinto falta de ver minha prima. Ela é minha amiga mais próxima e constante.

Ou talvez seja apenas a bagunça dessas últimas semanas se acumulando e me fazendo sentir um pouco emocionalmente exausta.

— Deite-se. Mas vire-se. Quero sua cabeça ao lado da cama.

Eu faço como ele diz. A emoção da maneira como ele me comanda afastando a dúvida em minha mente. Ele ainda é Jasper. *Meu Jasper.* O menino de olhos tristes e coração de ouro em quem confio há anos.

Deitada aqui esperando, eu o ouço se aproximar. Em segundos ele está na minha linha de visão, elevando-se acima de mim. Olhos sérios, maxilar cerrado.

Ele se abaixa e me beija, puxando meu cabelo molhado para inclinar minha cabeça. Este beijo não é suave ou perscrutador, é reivindicativo.

Quando ele decide que está bom, ele se afasta e rosna em meu ouvido: — Você é a única, Sloane. Nunca duvide disso.

Seu tom não permite debate, mas deixo escapar: — Eu sei que houve...

Ele me corta com um aceno de cabeça desdenhoso. — Nós dois somos adultos, Sloane. Não vamos fingir que não vivemos nossas vidas. Nós dois estivemos com outras pessoas. Mas a verdadeira questão é...

Seu polegar acaricia meu queixo enquanto ele puxa a toalha, expondo meu corpo a ele enquanto seus olhos devoram cada centímetro.

— A verdadeira questão é, alguma dessas outras pessoas importa quando eu

só vejo você? Quando eu só penso em você? Quando não fiz nada além de ficar cada vez mais obcecado por você desde que me disseram para ficar longe de você?

Eu choramingo. Ou gemo. Ou faço algum tipo de barulho que você faria se alguém lhe desse um soco no estômago.

— Importam, Sloane? Elas importam? Isso parece importante diante do que você e eu temos acontecendo agora? Diante de dezoito anos de amizade? Diante de querermos um ao outro por tanto tempo? Uma única outra pessoa é um fator? Mesmo um pontinho no radar?

— Não — eu sussurro instantaneamente. Quando ele coloca assim, não.

Não. Não. Não. Não. Não.

— Nada disso importa.

— Isso mesmo. — Seus dedos trilham sobre meus lábios. — A resposta é não. Nenhuma dessas merdas importa. Porque somos eu e você. Nós somos nós. Improvável e inevitável ao mesmo tempo. Nós somos para sempre.

Concordo com a cabeça, afastando a ardência repentina em meus olhos. Porque Jasper não é um homem excessivamente emotivo, e essa pode ser a primeira vez que *realmente* o ouço admitir o que tudo isso significa para ele.

O que eu significo para ele.

Com um aperto rápido na minha garganta, ele murmura contra o meu cabelo: — Agora pendure a cabeça para fora da cama e abra a boca.

Eu assisto com fascinação extasiada enquanto seu impressionante pau balança sobre mim, sua cueca descartada. Ontem à noite ele me empurrou de joelhos e me disse como chupar seu pau, exatamente como pedi a ele. Eu gozei de suas palavras sujas e da pressão de minhas coxas se apertando enquanto eu o chupava. Foi definitivamente a primeira vez que alguém me *convenceu* a ter um orgasmo.

Eu lambo meus lábios enquanto ele deixa cair seu pau no meu rosto e gentilmente ajusta meu posicionamento. Então ele está apoiado sobre o meu corpo, as mãos apoiadas na cama de cada lado de mim.

Os lados de sua camisa de botão caem como cortinas em ambos os lados do meu rosto. Eu abro minha boca ansiosamente e seu comprimento suave desliza entre meus lábios. Seu aroma fresco e terroso gira em torno de mim. É uma combinação inebriante.

— Brinque com seus peitos, Sloane. Quero observar você enquanto tomo sua boca.

Eu gemo em seu comprimento e começo a empinar meus seios. Apertando meus mamilos. Perdendo a cabeça enquanto ele estabelece um ritmo lento entre meus lábios.

Este ângulo é novo para mim, e meus olhos lacrimejam de quão longe ele é capaz de empurrar para trás, mas ele sempre é cuidadoso comigo. Cuidadoso para não empurrar com muita força ou longe demais. Cuidadoso para não me machucar ou me alarmar.

E ainda assim ele me empurra mais longe do que qualquer um já fez, o que eu amo. Na escola, eu me esforcei mais. Com balé também.

— Tão bom. Essa boquinha gostosa, Sloane. Chupando pau como se você tivesse nascido para isso. Você não tem ideia de como se parece bem envolvendo meu pau. É viciante *pra* caralho.

Ele empurra com força e faço um leve ruído de engasgo, lágrimas borrando minha visão enquanto belisco meus mamilos. — Está longe demais, querida?

Eu balanço minha cabeça vigorosamente e cantarolo em seu comprimento, apertando minhas pernas juntas e sentindo a umidade entre elas escorregar. Quero dizer, é muito longe – logisticamente falando.

Mas eu gosto disso. Realmente, realmente gosto.

Ele ri, a mão moldando minha cintura. — Tão faminta. — Seus dedos batem levemente no topo da minha coxa. — Abra para mim.

Sua mão pressiona a parte interna da minha coxa, guiando-a de volta para a cama para que eu fique completamente exposta a ele enquanto ele fode minha boca constantemente. Longe, mas não tão longe a ponto de engasgar de novo.

— De quem é essa boceta, Sloane?

Ele dá um tapa, e posso ouvir o quão molhada estou com meus gemidos. Eu ofereço um *sua* abafado ao redor de seu pênis, já que ele não se afasta para me oferecer um adiamento.

— Isso mesmo. — Sua voz é tão baixa que quase não o ouço. Há muito. Eu sinto demais.

Ele é demais.

Seus dedos experientes percorrem meu núcleo, e meus quadris se movem em direção a ele, levantando-se da cama. Estou pronta para gozar, pronta para deixá-lo me separar pedaço por pedaço e ver isso acontecer.

Se aprendi alguma coisa nos últimos dias, é que Jasper gosta de me dizer o que fazer e me ver fazer.

Só isso pode deixá-lo duro. Só isso pode me molhar. Então acho que funciona para nós. Assim como esta posição funciona.

Seu pênis está na minha boca e ele combina esse ritmo entre minhas pernas com apenas um dedo. Não é o suficiente. Quero mais. Quero essa plenitude quando eu explodir. E estou tão perto.

Meu corpo deve me delatar, a excitação escorrendo pelas minhas pernas uma combinação perfeita para a saliva na minha bochecha.

— Você me ama enchendo você, Sloane? Parece que sim. — Ele se inclina para frente, pressionando sua boca perversa no topo da minha boceta nua. — Parece que você foi mimada.

Sua barba atinge todos os nervos certos enquanto ele espana a boca sobre a parte inferior da minha barriga e me faz contorcer debaixo dele. — Uma princesinha mimada que precisa aprender um pouco de paciência.

Com um último beijo no meu umbigo, ele se afasta do meu corpo.

Da cama, do meu espaço, da minha boca.

Ele me deixa vazia, latejante e tão carente.

— Jasper! — eu choramingo seu nome. — Você está brincando comigo agora?

Eu ouço o farfalhar de roupas atrás de mim antes que ele diga: — Vamos, Sunny. Precisamos pegar a estrada.

— Eu apenas preciso...

— Sloane. — O tom frio em sua voz impede que minha mão deslize ainda mais pelo meu corpo. — Sei que não preciso dizer que você só pode tocar *minha* boceta quando eu mandar.

Eu não posso evitar. Eu rio e jogo minhas mãos sobre meu rosto em exasperação. — Deus me ajude, Gervais. Eu gostaria de poder voltar no tempo e dizer ao meu eu adolescente o que ela estará fazendo em dez anos. Ela teria desmaiado na hora.

Eu ouço sua risada profunda, aquela que me aquece até os ossos. Aquela que me lembra a versão adolescente e tímida dele. Aquela que ainda é uma faceta do homem complicado que ele é hoje.

— Se você voltar, certifique-se de dizer a ela que ela está com baba no rosto e que é hora de tirar sua bela bunda da cama.

— Odeio você — eu rio de volta para ele.

Mas eu sempre rio no momento errado. E agora eu rio porque não odeio Jasper.

Eu o amo. Eu o amo como aquela garota de dez anos atrás nunca poderia ter imaginado.

* * *

— Você está sentindo falta de dançar?

Nossa conversa começou afetada em nossa longa viagem de volta para casa, porque tudo que eu conseguia pensar era em segurar Jasper e cavalgar em seu pau até que tirasse esse orgasmo consumidor irritante do caminho. Eventualmente, sua ereção diminuiu e seu jeans ficou menos tenso. Infelizmente para mim, acho que minha calcinha pode não ser aproveitável.

Mas então começamos a conversar sobre hóquei e me interessei por algo além da dor entre as pernas. Ele me contou sobre seus planos para quando voltar para Calgary. O treinamento. A terapia esportiva. Ele come tipos específicos de refeições, que parecem uma enorme quantidade de peru e salmão.

Sua empolgação é contagiante. É tão fácil se envolver com ele quando ele está animado e despreocupado como está agora.

O sol está brilhando e as estradas estão perfeitas.

Eu aprecio esses momentos com ele.

— Não como pensei que poderia. Ou bem, devo dizer que sim, mas acho que só senti falta disso porque preferia repetir a mesma coreografia estúpida enquanto recebia gritos em russo do que planejar um casamento com alguém com quem não queria me casar.

Oof. Eu realmente sei como matar um momento descontraído, não é? As mãos de Jasper se contraem momentaneamente no volante, e o silêncio é denso. Eu tento me impedir de rir de como acabei de jogar uma bomba atômica em nosso passeio feliz sem nem tentar.

Mas uma risadinha divertida escapa do mesmo jeito.

— Meu Deus, Sunny. — Os lábios de Jasper se curvam e sua cabeça balança.

Eu rio em minhas mãos por um minuto antes de recuperar minha compostura. — De qualquer forma, nas últimas semanas, não senti a mesma falta. Tenho estado triste, mas não estressada, se isso faz algum sentido? Eu queria dançar para tirar toda a ansiedade do meu corpo, para me cansar o suficiente para não pensar muito. Mas dançar na academia de Summer foi... relaxante de alguma forma. Ninguém assistia. Tocava qualquer música que *eu* quisesse. Fazia qualquer coreografia que *eu* queria. Só consegui ser eu mesma, e isso foi terapêutico, eu acho. Ninguém me dizendo o que posso e o que não posso fazer.

— Até que eu disse — Jasper resmunga sombriamente.

Eu rio levemente e alcanço o console, esperando que possa passar por esfregar acidentalmente seu pau como um tapinha reconfortante na perna.

Minha mão pousa em seu quadríceps musculoso, deslizando para dentro. — Sim, mas a diferença é que eu gosto quando você faz isso. Eu quero quando você faz isso. Eu disse para você fazer isso.

Sua bochecha se contorce sob a tensão de esconder um sorriso. Meus dedos se movem mais para baixo entre suas pernas, meu mindinho se deslocando para trilhar seu comprimento impressionante.

— Sunny.

Eu espreito para ele, colocando uma expressão de falsa inocência em meu rosto. — Sim, Jas?

— O que você pensa que está fazendo?

— Dando tapinhas na sua perna? — Eu rolo meus lábios juntos, mantendo meus olhos o mais arregalados possível.

— Este olhar inocente em seu rosto é adorável quando apenas algumas horas

atrás eu pendurei sua cabeça naquela cama de dossel e vi você engasgar com meu pau.

Manchas quentes surgem no meu rosto imediatamente. Colocando uma mão sobre meu peito, eu me inclino para longe dele dramaticamente. — Estou escandalizada.

— Sim. — Ele ri, olhando para o espelho retrovisor. — Você está prestes a estar. Volte para o seu lugar e tire a calça.

Meu batimento cardíaco vibra em meus ouvidos. — E você?

— Quanto a mim? Estou dirigindo.

— Você não está desconfortável?

— Eu tenho lutado para não ficar duro perto de você por anos. Vou ficar bem. Sem calça. Já estou cansado de esperar.

Pisco uma vez. *Anos.* Como não percebi? Eu me convenci tão completamente de que ele nunca estaria interessado em mim que parei de olhar para ele?

A resposta é sim. Chegou ao ponto em que quase doía olhar para ele tão de perto. Pensar sobre coisas tão especificamente.

— Sloane. — Sua voz é autoritária, e essa é a voz de “The Daddy”, decido. Há um botão que é acionado e ele passa de Jasper quieto e distante para *isso.*

Qualquer que seja a voz, ela me catapulta para a ação. Minhas botas já estão tiradas, e afasto as meias térmicas macias, deixando-as cair na área dos pés antes de levantar a bainha do meu suéter de lã pesada e tirar a legging preta do meu corpo. Seus olhos ficam na estrada, mas quando vou jogar fora minha calcinha, ele diz: — Não, essa fica.

— Mas ela é...

— Um lembrete desconfortável de como você está desesperada?

— Ah. — Eu rio rajadas de meus lábios. — Sim, essa é uma maneira de colocar isso.

Um sorriso presunçoso enfeita seus lábios enquanto ele olha para mim brevemente. — Bom.

Eu gemo e inclino minha cabeça para trás contra o assento, coxas nuas espremidas juntas enquanto espero. Quando nenhuma outra ordem vem, olho para ele. — E agora?

— Agora, sente-se aí e me conte o que planeja fazer quando voltarmos para a cidade.

— Mas... isso não é sexy.

Ele ri. — Não. Mas é uma conversa necessária.

— Por que eu preciso tirar minha calça para isso?

Ele dá de ombros enquanto casualmente olha por cima do ombro para trocar de faixa. — Só gosto de ver você se contorcer. Conte-me seu plano.

Com um suspiro pesado, puxo meu lábio e me viro para olhar pela janela do lado do passageiro. — Bem, devo ir para a cobertura de Sterling e empacotar as coisas que guardei lá.

Jasper está mortalmente imóvel ao meu lado. — Eu irei com você.

— Sim. — Eu bufo. — Isso deve acabar muito bem. Eu consigo.

— Eu sei que você consegue. Mas ainda vou.

Expiro lentamente, deixando isso de lado por enquanto.

— E vou ter que ligar para o meu pai. Encarar a música nessa frente.

— Ele deveria estar se desculpando com você.

Eu aceno solenemente. — Isso pode ser verdade. Mas Robert Winthrop não gosta de pedir desculpas, então não vou prender a respiração. A maioria das coisas que tirei do meu apartamento quando meu aluguel acabou no final de

agosto está na casa dos meus pais em caixas. Então vou ter que descobrir o que vou fazer. Para onde eu vou.

— Minha casa.

— Você acha que morar juntos é a melhor ideia?

Deus. Eu realmente odeio essa conversa.

— Por que não? Agora abra as pernas. Puxe sua calcinha para o lado com uma mão e esfregue círculos lentos em seu clitóris com a outra.

Eu solto uma risada incrédula. — Você está brincando agora?

— Não, Sloane. Você parece tensa. Abra.

Estou balançando a cabeça para ele enquanto faço o que ele instruiu. Ele me deixou seriamente irritada esta manhã, e por mais que eu secretamente goste de jogar este jogo, não vou recusar um orgasmo para ajudar com isso.

Além disso, ele não está errado. Eu vou de tensa a zumbido com antecipação instantaneamente. Com dois dedos, tiro o tecido molhado do caminho e encontro meu clitóris inchado.

Eu pressiono firmemente antes de circular, mordendo meu lábio para ficar quieta.

— Tenho casas em Chestnut Springs — diz ele, como se manter essa conversa enquanto brinco comigo mesma fosse perfeitamente normal. Eu tenho que morder meu sorriso. Eu nunca vi esse lado de Jasper chegando, e estou vivendo pra isso. Ele gosta de estar no controle e escolher isso com ele me faz sentir como se estivesse recuperando uma parte de mim a qual nunca me entreguei também. Meu próprio controle. — Múltiplas. Você teria que viajar constantemente. Ou você pode passar os próximos meses dançando na academia da Summer. Mas você pode ter uma.

— Várias casas?

Ele acena, limpando a garganta. — Continue esfregando, Sloane. Comprei um quarteirão inteiro. Uma fileira de lojas de um lado, incluindo a academia de Summer, e casas do outro. Achei que precisaria de algo para fazer quando finalmente me aposentar, e consertar um monte de bangalôs antigos em uma cidade que amo seria um projeto divertido e apaixonado. Algo para manter minhas mãos ocupadas.

Com essa menção, ele olha para a minha mão. Sua mandíbula estala antes que ele volte a olhar nos meus olhos. — Além disso, descobri que seu pai queria comprar aquele quarteirão e colocar um shopping estúpido ou algo assim. Arruinar a cidade com sua besteira brilhante. Então eu fodi com ele no processo, indo pessoalmente à corretora de imóveis. Esse é o problema das cidades pequenas. Eles confiam e gostam de quem conhecem. E ela me conhecia.

Estou um pouco chocada com o que ele acabou de me dizer, mas não estou pensando direito com os dedos entre as pernas. Além disso, ele puxou as mangas de seu moletom para cima, dando-me uma visão sexy das veias que correm de suas mãos em seus antebraços tatuados. — Mas você poderia ter gastado todo esse dinheiro na caça de leões — eu brinco, observando os músculos sob aquela tinta preta flexionar.

— Coloque um dedo — ele morde instantaneamente.

E eu faço.

— Agora dois.

Eu gemo e facilmente deslizo um segundo dedo para dentro de mim, pressionando para dentro e para fora algumas vezes.

— Pés para cima no painel — ele corta, abaixando-se para ajustar seu pênis em seu jeans.

— Oh, meu Deus — murmuro. O rubor de minhas bochechas instantaneamente brilha sobre meu peito, meus seios, meu estômago. Meu corpo

inteiro está em chamas por ele.

Eu movo meus pés para cima no painel, tornando o ajuste muito mais apertado. Eu gemo com a sensação.

— Você ama isso. Eu sei. — Ele projeta o queixo para mim. — Joelhos abertos para que eu possa ver.

— Tem certeza que isso é seguro? — eu provoco sem fôlego.

— Não há nada seguro sobre o quanto eu quero você, Sloane. Nunca houve. Agora adicione um terceiro dedo. Eu quero ver você trabalhar para isso.

Sua cabeça vira de volta para a estrada. É um trecho reto e tranquilo em uma tarde de dia de semana perfeitamente ensolarada. Jasper nunca correria riscos desnecessários.

Quando deslizo um terceiro dedo e sinto a mordida do meu corpo se alongando, decido que esse risco é muito necessário. Gozar é muito necessário. E seguir suas ordens assim deixa meu corpo zumbindo como nunca senti.

— Como você se sente, Sloane?

Fecho os olhos, imagino seu corpo sobre o meu e gemo. — Tão bem.

— Você está fingindo que sou eu enfiado entre suas pernas ao invés de seus dedos agora?

Meus olhos se abrem e eu olho para ele.

— Foda seus dedos e responda à minha pergunta.

Minha mão se move para dentro e para fora lentamente, sinto-me tão bem. É sujo e excêntrico e tão diferente da versão reservada de mim. Eu me tornei outra pessoa sob o domínio de toda a merda ao meu redor, então me permito me sentir suja e livre para pegar o que quero.

— Sim. Eu estava pensando em você. Estou sempre pensando em você.

Um sorriso suave e satisfeito toca seus lábios. Tudo nele é tão masculino,

duro e dominador, mas amoroso ao mesmo tempo. Jasper sempre me faz sentir como se ele fosse me segurar quando eu caísse. Ele sempre segurou.

— Você quer gozar?

— Sim — eu ofego, ainda trabalhando meus dedos arbitrariamente em mim.

— Que pena. — Ele ri. Ele *ri*, porra. — Coloque a calça de volta e espere.

Um gemido alto irrompe da minha garganta enquanto bato minha cabeça contra o assento, instantaneamente cruzando minhas pernas para aliviar a onda de prazer enrolando em meu núcleo.

Como se eu pudesse estrangulá-la. Apagá-la.

Mas não funciona. Cada terminação nervosa está disparando. Tudo o que vejo é Jasper.

Eu nunca estive tão excitada na minha vida.

— Isso é simplesmente cruel. Você não está tão desconfortável?

Ele dá de ombros, parecendo muito satisfeito consigo mesmo. — Sim. Não é pior do que ver você namorar perdedores por anos.

Eu zombo disso. — Você é um masoquista.

Ele nem se mexe. — Eu acredito que um terapeuta sugeriu isso uma vez.

— Ou você apenas me odeia secretamente. — Com a mão trêmula, pego minha legging que não quero vestir. Mesmo passar tecido sobre a minha pele vai me deixar louca. Isso só vai me deixar com mais tesão.

— Confie em mim, Sunny. Não odeio nada em você. Mas odeio você falando sobre *ele* enquanto está se tocando.

— Eu não... ah. A caça aos leões.

Ele me dá uma piscadela. Uma piscadela divertida, bonita e *irritante.*

— Odeio você.

Ele estala a língua e dá um pequeno mergulho na cabeça que faz seu cabelo grosso cair. Sem boné hoje. — Você mencionou isso esta manhã. De alguma forma, não estou tão preocupado com isso. Você vai retirar quando eu fizer você gozar com tanta força que não conseguirá nem andar.

Suspiro, querendo afastar o lembrete de que, de fato, já disse isso hoje. Eu disse isso e imediatamente pensei que não era verdade.

Que eu o amava em vez disso.

Eu sei que o amo.

Mas ainda estou tendo dificuldade em acreditar que ele algum dia será capaz de me amar da mesma maneira.

* * *

— Está escuro. Vamos parar aqui novamente para passar a noite. — Jasper acende a luz de sinalização para entrar em Rose Hill, sua voz sangrando de exaustão. Estamos a apenas algumas horas de casa, mas ele está certo. Está escuro e nossa conversa caiu em uma pausa calma e cansada depois de dez horas dirigindo.

Só consigo pensar em sexo.

Como eu passei de dançar com tanto rigor e trabalhar tantas horas que isso mal me passava pela cabeça para ser feroz por isso é realmente uma maravilha de se ver.

Decido que agora me referirei a esse fenômeno como o Efeito Jasper Gervais.

Ele vai acabar com você em um dia e transformá-la em uma vadia feliz e desesperada! Esse poderia ser o slogan dele.

Estou vivendo, contorcendo-me, uma prova tensa disso neste momento.

Quando voltamos para o Rose Hill Inn, estacionamos ao longo do lado arborizado do estacionamento para acomodar o trailer vazio atrás de nós.

De repente, estou desesperada por ar fresco. A caminhonete cheira muito a menta e sabonete de eucalipto. Eu também estou nervosa e agitada e...

— Para onde você pensa que está indo? — A voz de Jasper me interrompe quando alcanço a maçaneta da porta para escapar da sufocante tensão sexual entre nós.

Eu me assusto e olho para ele. — Fora. — Aponto o polegar por cima do meu ombro.

— Sem chance. Acho que já esperamos o suficiente. — Ele aponta um dedo para mim e então agarra meu suéter, gentilmente me puxando para ele. Com um suspiro pesado, subo no console central e monto em seu colo, assim como naquele dia na pista de fuga.

Seus dedos acariciam os lados do meu rosto, sobre minhas maçãs do rosto, enganchando em meu cabelo e empurrando-o para trás das orelhas. — Você não tem ideia de como você é adorável. Como você é perturbadora. O quanto amei ver você seguir minhas instruções o dia todo — ele murmura, os olhos traçando cada característica minha enquanto seu pau duro entra na minha bunda. — Eu quero tentar isso de novo. Sem pressa. Nenhum lugar para estar. Nenhum acidente de carro quase perdido. Só você e eu. — Sua voz é tão suave, suas mãos tão ternas.

— Só você e eu — sussurro de volta.

— Eu quero seus olhos nos meus quando você gozar no meu colo. — Ele segura minha cabeça delicadamente e coloco meus lábios nos dele avidamente. Seus braços de aço me envolvendo. De alguma forma, encaixando em mim tão perfeitamente. Fazendo-me sentir tão segura. Tão querida.

Eu me derreto contra ele. Minhas mãos percorrem seu peito, sua garganta,

seu cabelo. Tocá-lo livremente é um prazer.

Quando ele se afasta, ele remove minha calça, uma perna de cada vez. Seguido por minha calcinha. Ele me despe e mergulha na vista, iluminada apenas pelo brilho dos faróis. Cada pincelada de seus dedos é reverente, cada olhar é carregado.

Ele me beija primeiro, e meu peito dói com a doçura disso. Seus lábios são firmes e macios ao mesmo tempo.

Enquanto ele reclina seu assento, eu o ajudo a se livrar de sua calça, esfregando seu pênis e segurando suas bolas, certificando-me de enfiar a mão sob sua camisa para correr meus dedos sobre a bailarina que ele fez só para mim.

— Eu não sei como fiquei tanto tempo sem você — ele murmura, empurrando meu cabelo atrás da minha orelha e embalando meu crânio. — Nunca mais quero ficar sem você de novo — ele acrescenta, fechando o punho e enfiando a cabeça grossa de seu pau no meu centro.

— Você nunca vai precisar — eu sussurro enquanto o beijo de volta, tentando combinar sua crueza com a minha.

— Promete. — Seus olhos perfuram os meus, e aceno.

— Eu prometo.

Então ele se encaixa dentro de mim, empurrando apenas uma polegada e então minhas costas se curvam para ele. Meu corpo se curva de bom grado sob seu toque enquanto ele me mantém na posição, e quando lentamente me empurro para baixo em sua cintura de aço, sentindo cada centímetro dele, ele sussurra: — Sloane — com um nó na voz.

Nossos corpos se fundem na caminhonete escura. Começamos preguiçosamente. Carinhosamente. Mas logo nossas mãos e beijos se tornam frenéticos. Meu corpo parece prestes a explodir.

— Jasper, eu vou...

Ele agarra meu queixo e puxa meu rosto a um fio de cabelo do dele. — Esfregue seu clitóris, querida. Goze para mim.

Quando ele exala, eu inalo sua respiração. Ele está dentro de mim de muitas maneiras. Eu nem sei se ele percebe.

Seu pau atinge aquele ponto, escovo meus dedos sobre o meu feixe de nervos inchado, e quebro, os olhos fixos nos dele. — Ah! Porra. Jasper.

— Sloane — ele rosna, bem quando sua mão cai para minha garganta e ele me beija ferozmente.

Meu nome está em seus lábios enquanto ele se derrama dentro de mim, soando um pouco desfeito.

Só um pouco fora de controle.

E isso me dá apenas um pouco de esperança de que Jasper Gervais possa me amar do jeito que eu o amo também.

29

Jasper

Jasper: Estamos em casa a salvo. Como está Beau?

Harvey: Ah, que bom. Aliviado por vocês dois estarem de volta. Beau está de bom humor, considerando todas as coisas. Ele quer ligar para você. Ele está dormindo agora.

Jasper: Estamos aqui. A qualquer momento. Quando ele vai voltar para casa?

Harvey: Pode demorar um pouco. Ele está em boas mãos aqui.

* * *

A primeira coisa que fiz quando voltamos para a grande casa vazia no Wishing Well Ranch foi arrastar Sloane até meu quarto de adolescente e transar com ela enquanto ela vestia minha camisa.

É tudo em que penso desde que ela saiu daquele camarim usando-a com um sorrisinho provocador. Mais difícil para ela sorrir com meu pau em sua boca. Grande fã do sorriso satisfeito que ela me lançou depois, entretanto.

Então desmaiamos, os membros emaranhados na cama minúscula. Mortos para o mundo. Parece que já se passaram meses desde o dia do quase casamento.

Agora estamos desfazendo nossas malas e desfrutando de uma boa *Buddyz Best* fria, Sloane está lá embaixo lavando a roupa, e estou me sentindo realmente caseiro e feliz com toda a situação enquanto dobro a cesta que ela acabou de trazer.

Eu posso nos ver fazendo isso para sempre. Fazendo viagens juntos. Cochilando juntos. Fazendo tarefas juntos. Eu subindo e dando um beijo suave na bochecha dela, só porque posso, e depois continuando com minhas merdas. Mesmo fazer coisas chatas é infinitamente menos chato com Sloane ao meu lado.

— Jas! Harvey no Face Time! Posso responder? — ela chama lá de baixo.

Eu congelo no meio do caminho dobrando a camiseta feia que Cade me deu para vestir.

— Sim! — grito de volta antes de largar a camisa e sair da sala, cobrindo tanto terreno quanto possível sem correr. Recebemos uma estranha atualização de texto de Harvey, mas não muita informação. Eu sei que ele está tentando não nos preocupar, mas a estratégia de menos é mais realmente não é reconfortante com a forma como meu cérebro funciona.

— Oiiiii! — eu ouço a voz ensolarada de Sloane vindo da cozinha enquanto me aproximo dela por trás. — Olhe para você, Beau! Deus, é bom ver você.

Quando chego perto o suficiente para ver a tela, meu peito se abre. Harvey está sentado ao lado de Beau e ambos estão sorrindo para Sloane.

Quanto mais perto chego, posso ver como Beau parece magro, que sua expressão está um pouco tensa. Mas ele está lá. Respirando. Conversando. *Vivo.*

— Oh! Ali está ele! — Sloane pode me ver no pequeno retângulo na parte superior da tela conforme me aproximo. Eu me aproximo dela e, sem nem pensar, passo um braço em volta de seu estômago e olho meu amigo, meu irmão.

Ele e eu somos unidos, mas não somos sentimentais. Beau não é um cara sentimental. Às vezes, acho que ele é tão sombrio quanto eu e apenas esconde melhor. Também, ele não é um idiota mal-humorado quando tem um dia ruim.

Mas eu sou eu, então começo com: — Ei, idiota. Você parece uma merda.

Beau ri, um sorriso irônico torcendo sua boca. — Quando eu chegar em casa,

vou chutar o seu traseiro, Gervais. No entanto, capacetes e protetores não são permitidos.

— Se isso for necessário para trazê-lo para casa, eu permitirei. Senti sua falta, cara.

Ele força um sorriso agora, seus olhos uma marca familiar de assombração. — Senti sua falta também.

Sloane olha por cima do ombro para o meu rosto, como se o que ela vê refletido na tela não fosse suficiente. Nossos olhos se fixam por um momento. Ela sorri com o que vê ali e, assim que se volta para a tela do telefone, Harvey solta um assobio alto.

— Bem, eu estarei... — Sua cabeça balança.

Beau bufa.

— O quê? — pergunto, afastando-me e cruzando os braços sobre o peito. Porque não sou estúpido. Eu sei o que eles acabaram de ver.

O sorriso de Harvey é um pouco largo demais quando ele diz: — Vocês foram e fizeram aquele beijo de primos uma coisa da vida real.

Meus olhos se fecham e respiro fundo. Nunca tive imunidade contra Harvey e suas piadas de mau gosto, mas sempre passei despercebido o suficiente para não ser seu alvo principal. Por um momento, pergunto-me se é assim que Cade se sente.

Sloane suspira. — Não somos primos!

Beau dá uma cotovelada no pai, brincando com ele como sempre faz. — Eu acho que eles podem estar fazendo mais do que se beijar. Veja como ela está vermelha.

Eu olho para o canto do telefone para ver o rosto dela e, com certeza, Sloane está fazendo sua melhor imitação de tomate.

— Não somos primos. — Eu a apoio, mas meus lábios se contraem. Nós vamos receber essa piada por um longo tempo, podemos muito bem rolar com os socos.

— Quero dizer... claro. Não o tipo que faz um bebê com rabo ou algo assim — Harvey começa, ganhando impulso quanto mais reagimos. Ele é como uma criança crescida. — Mas ainda primos, se você me perguntar.

— Literalmente ninguém perguntou, Harv.

— Ei, pai. — A cabeça de Beau se inclina para Harvey e ele estende a mão para apalpar a nuca do filho. Harvey parece exausto e aliviado. Eu contorço meu nariz um pouco para afugentar a picada que surge lá.

— Sim, filho?

— Em uma escala de um a bebês-primos-com-rabo, onde você colocaria Jasper e Sloane?

— Oh, meu Deus. — Sloane cai no balcão, segurando o telefone sobre a cabeça, sacudindo-o como se eu devesse tirar dela.

— Como um cinco, provavelmente.

— Beau — eu os corto com um aceno divertido da minha cabeça, pegando o telefone da mão de Sloane. — Quão gravemente ferido você está? Porque vou fazer você pagar por essa piada.

Eu quis dizer isso de uma forma provocativa, mas posso dizer que meu comentário deixa os dois sóbrios. Eu tenho um talento especial para ser um estraga prazeres. Sloane se levanta e encosta o ombro no meu peito para aparecer de volta na tela.

Beau limpa a garganta. — Algumas queimaduras leves. — Ele gesticula para as pernas. — Eu posso precisar de alguns meses. Então poderei aguentar você.

Percebo a linha intravenosa que desaparece no topo de sua mão. — Qual é o problema?

— Tenho que ficar aqui um pouco. Então eles poderão me transferir para casa. Todos os reclamantes ficarão felizes em saber que meus dias trabalhando como James Bond terminaram.

A cabeça de Sloane acena em compreensão. Ele não parece interessado em revelar mais, e eu não sou de pressionar quando alguém quer manter as coisas em segredo, então não faço isso. Prefiro a nossa amizade regular.

— Sim, mas Bond fica com uma boceta.

Beau dá uma risada e eu sorrio com o som. Foda-se, é bom vê-lo e ouvi-lo rir.

— Cara, você está saindo com sua prima. Nem fale comigo sobre isso.

Sloane fica na ponta dos pés na minha frente, como um pequeno dragão de fogo, toda protetora e merda. — Beau Eaton! Esqueça Jasper. *Eu* vou chutar sua bunda quando vir você. Logo depois de abraçar e dizer o quanto amo você.

Beau sorri, mais natural do que vi em seu rosto durante toda esta conversa, mas posso ver que ele está ficando cansado. — Eu gostaria de ver você tentar, Sloaney. Mas vou aceitar o abraço.

Harvey também deve ter notado como Beau está desaparecendo, porque ele interrompe: — Ok, vamos ligar para Cade e Willa a seguir, então vou desligar aqui. Vocês dois pombinhos se divirtam. Já era hora de vocês dois se resolverem. Jasper está rastejando por você por baixo da aba daquele maldito boné há anos. Portanto, fiquem seguros. Saiba que o vovô Harvey vai adorar o bebê, rabo e tudo.

— Harvey! Você é...

Beau está rindo quando Harvey me interrompe. — Nós amamos vocês dois! Tchau!

E então a imagem é cortada com um som monótono.

Quando olho para baixo, Sloane está rindo tanto que as lágrimas estão se

acumulando em seus olhos enquanto ela as enxuga com as costas da mão. — Maldito. Harvey é uma fera.

— Esqueça Beau. Harvey está morto — eu brinco, sabendo que nunca vou continuar com isso.

— Ei, Jas?

— Sim? — Eu inclino minha cabeça e olho para a mulher que girou para pressionar seu corpo contra o meu.

— Você realmente está rastejando por mim por baixo do boné?

Eu dou de ombros e puxo sua cabeça contra o meu peito. No mesmo lugar de sempre, pressionando-a contra meu coração e passando meus lábios sobre seu cabelo. — Quero dizer, Sunny... você viu sua bunda?

* * *

— Você não deveria estar aqui, Gervais. Não faz duas semanas. Vou fingir que não vi você. — Roman volta sua atenção para os papéis em suas mãos enquanto tenta passar por mim pelo corredor dos fundos de nossa instalação de prática.

— Bem, eu estou. E você precisa de mim, treinador.

— Não me diga o que eu preciso, Jasper. Esse não é o seu trabalho.

— Estamos em uma sequência de derrotas. — Como se ele não soubesse. É ele quem fica sentado no banco, vendo tudo acontecer. Para mim, não fui capaz de assistir. Demasiado difícil. Enlouquecedor demais.

— Sim. — Ele enfatiza a palavra, ainda sem me dar atenção. — E nós estávamos perdendo quando você estava jogando também.

— Eu preciso jogar. Você precisa de mim para jogar...

O homem mais velho para bem na minha frente, sua sobrancelha arqueando especulativamente enquanto ele me interrompe. — Não, eu preciso da *melhor* versão de você que tem a cabeça no lugar. E você precisa desses últimos dias de tempo livre para fazer isso.

— Tempo livre? O que eu sou? Uma criança de sete anos?

Roman balança a cabeça, olhando de volta para qualquer merda superinteressante que deve estar no papel na frente dele. — Às vezes, parece que todos vocês são apenas um bando de crianças de sete anos.

Eu quase rio.

— Eles o encontraram. Ele está vivo.

Com isso, a cabeça do treinador se levanta. — Sim?

— Sim. — Eu não posso parar o sorriso tímido que torce meus lábios.

— Bem, claro que sim, Jasper. — Roman sorri, enrugando a pele nos cantos dos olhos. — Essa é a melhor notícia que já ouvi em anos.

Ele bate no meu ombro uma vez. Duas vezes. E me puxa para um abraço rude antes de se afastar, uma mão em cada ombro para realmente me olhar nos olhos.

— Eu quero jogar.

Ele concorda. — Você tem treinado?

Duvido que Roman consideraria um jogo de meninos contra meninas um treinamento brilhante – além de uma quantidade recorde de treinamento, mas exercício é exercício, então eu digo: — Sim.

Ele me olha especulativamente, e treino meu rosto para não revelar nada. Não é a primeira vez que distorço a verdade com a administração.

Eles me dizem para não andar a cavalo no meu contrato também. Mas isso não me impede de levantar e ajudar na marcação todo verão e trabalhar no gado

para a reunião de família no outono.

Não sou tão bom quanto Rhett ou Cade, ou Violet, mas ainda sou um menino do interior. Posso selar um cavalo e pastorear uma vaca.

— Tudo bem. Você vem praticar e treinar pelos próximos três dias. Mostre-me que seu foco está de volta e vou deixar você jogar.

— Sim, treinador. — Endureço minhas feições, tentando não revelar que eu realmente queria jogar hoje à noite. Agora mesmo, se possível. Eu tinha o hóquei tirado da minha cabeça. Não senti que precisava, não senti falta, porque meu cérebro estava muito cheio de dor e autopiedade. Mas agora? Agora meus dedos coçam com isso.

Com um aceno de cabeça, eu me viro para sair pelas portas para onde Sloane está esperando em segurança no meu SUV.

— Ei, Gervais?

As palavras de Roman me fazem virar assim que me aproximo da barra de metal na porta de saída. — Sim?

Ele aponta para a cabeça. — Onde está o seu boné?

Eu pisco uma vez, processando sua pergunta. Estendo a mão e passo a mão pelo meu cabelo para verificá-lo. Usar o boné do meu time fez parte da minha identidade durante a maior parte da minha vida.

— Não sei. Acho que esqueci de colocar.

O homem balança a cabeça para mim e sorri antes de ir embora.

Eu disse a verdade a ele dessa vez. Quando nos arrumamos, nem pensei em colocar meu boné esta manhã.

Acho que não senti que precisava.

30

Jasper

Cade: Querem vir para uma deliciosa refeição caseira esta noite? Adoraria ver vocês!

Jasper: Por que você está falando tão estranho assim?

Cade: Assim como?

Jasper: Deixa para lá. Vou perguntar a Sloane.

Cade: Vocês já estão transando?

Jasper: Jesus, Willa. Devolva o telefone a Cade.

* * *

— Não. — Cruzo os braços sobre o peito e olho para Sloane do banco do motorista do meu Volvo.

— Sim. — Ela ergue o queixo.

— Não vou ficar na porra do carro como uma criança, Sloane.

— Escute, você tem que lidar com sua merda. Eu preciso ser a única a lidar com a minha.

Eu gemo e passo a mão pelo meu rosto. — Você está me fazendo parecer uma espécie de idiota dominador.

— Se o sapato servir — ela diz e achata os lábios, dando de ombros.

Inclino minha cabeça para trás. — Eu só quero que você esteja segura. Não

gosto de Woodcock. Não confio nele.

— Ele provavelmente nem está em casa. — Ela olha pela janela do passageiro para o alto edifício de vidro por cima do ombro. — É meio da tarde e ele é um workaholic.

— E se ele estiver?

— E se ele estiver, então essa é uma conversa que terei com ele. Não preciso de você parado bufando como um touro bravo atrás de mim.

— Vou esperar lá fora — eu admito.

— Fora do prédio?

— Não. — Solto meu cinto de segurança e dou a volta no veículo para abrir a porta. — Estarei do lado de fora da porta do apartamento.

Quando olho para o carro, Sloane suspira. Mas eu vejo seus lábios se contorcerem. Eu nunca me perdoaria se ele colocasse a mão nela, e não confio no filho da puta tanto quanto posso.

— Tudo bem — ela bufa, pegando minha mão enquanto ela sai.

Sem largar sua mão, abro a mala e tiro a caixa de papelão que trouxemos conosco. Entramos no prédio luxuoso e seguimos direto para o elevador. Quando as portas se fecham, eu nos vejo na parede espelhada do pequeno espaço e leio a linguagem corporal de Sloane. A maneira como ela se aconchega ao meu lado, a maneira como sua longa franja cai sobre seu rosto, a maneira como seus dentes estão raspando seu lábio inferior repetidamente.

A mulher pode dançar no palco na frente de milhares de pessoas com toda a confiança do mundo, mas isso a deixa nervosa. Essas pessoas que deveriam se importar com ela – deveriam amá-la – jogaram-na para baixo.

Elas a fazem se sentir insegura.

E eu as odeio por isso.

Eu aperto minha mão em torno da dela de forma tranquilizadora, e sua cabeça se levanta.

Ela pega meu olhar no espelho. — Oi, Jas — ela sussurra.

— Venha aqui, Sunny. — Eu a puxo suavemente para mim, virando-a em meu peito, onde posso sentir sua respiração na minha camisa, sentir seu batimento cardíaco contra minhas costelas.

Quase não parece real como entramos tão facilmente nesse novo relacionamento. Parece que estivemos juntos o tempo todo, e acho que de certa forma estivemos.

— Vou me sentir melhor assim que tirar todas as minhas coisas.

— Você deveria me deixar...

— Jasper, pare. Eu preciso fazer isso por mim. Recuperar minha vida por conta própria. Você fica no corredor, lide com isso.

Eu aperto sua cabeça novamente, descansando minha bochecha contra seu cabelo. Eu nos observo novamente no espelho.

Seu loiro brilhante, meu castanho quente, sua pele de porcelana, a minha bronzeada. A maneira como ela se encaixa em mim e me elogia. Simplesmente não parece que pode ser uma coincidência.

Parece algo muito maior do que nós.

— Você vai lidar comigo tirando esse jeans e comendo sua boceta neste elevador no caminho de volta — murmuro contra sua cabeça.

Ela ri enquanto rola a testa na camiseta cinza escura que se estende sobre meu peito. — Você é um homem das cavernas às vezes.

Ela fica tensa quando o elevador apita e para lentamente no trigésimo primeiro andar. As portas se abrem para revelar um pequeno foyer. Não há outras portas fora dela, apenas a grande e elegante diante de nós.

Uma câmera de segurança reside no canto superior, a luz vermelha piscando para mim como um desafio.

Eu jogo a caixa em direção à entrada imponente e seguro a cabeça de Sloane, empurrando-a contra a parede, esmagando minha boca contra a dela.

O primeiro barulho que ela faz soa surpresa, o segundo é um gemido. Suas mãos arranham meu peito, as unhas raspando quando ela as puxa de volta para baixo. Seus lábios ficam macios e sua mandíbula relaxa em meu aperto.

Eu nunca fui capaz de assustá-la. Ela é implacável e leal.

Não importa quantas pessoas me deixem, ela nunca deixa.

Não importa o que eu diga ou faça – o que eu goste. Ela apenas se levanta para me encontrar. Se transforma em massa em minhas mãos enquanto eu a beijo sem sentido antes de mandá-la para a cobertura que ela dividia com seu ex há apenas algumas semanas.

* * *

Eu fiquei aqui por trinta minutos, muito tenso até mesmo para mexer em meu telefone. Em vez disso, escuto atrás da porta como um idiota total, tentando descobrir se consigo ouvir vozes ou não. Eu posso ouvir um arrastar de pés, possivelmente até um zumbido, vindo do apartamento.

Presumo que se Woodcock estivesse lá, eu ouviria muitas reclamações e gemidos.

Impedir-me de entrar lá é uma façanha hercúlea. E não é nem mesmo ciúme neste momento, ou preocupação com a segurança dela, porque tenho quase certeza de que ela está sozinha lá dentro.

É que estou descobrindo que não gosto nem um pouco de ficar longe dela. Não sei se é a necessidade de compensar o tempo perdido ou se estou apenas

sendo um bastardo pegajoso, mas prefiro estar lá ajudando a arrumar as coisas dela do que ficar aqui pensando demais em cada pequena partícula da minha vida.

E da dela.

Eu ouço a maçaneta sacudir e sua pequena forma sai pela porta. Ela está lutando com o peso da caixa e ainda consegue parecer mais leve de alguma forma. — Oi! — Sua voz é brilhante, um pouco ofegante.

Correndo para frente, pego a caixa de seus braços e pressiono um beijo rápido em seus lábios, sentindo-me desesperado por ela. Aliviado. Quero levá-la embora, de volta à bolha que éramos apenas nós dois na estrada.

Sim, tudo em nossas vidas pessoais era uma merda na época. Mas éramos nós, sozinhos. Não todas essas outras coisas para lidar.

— Tudo certo? — pergunto.

— Sim.

— Ele não estava lá?

— Não. — Ela balança a cabeça rapidamente, estendendo a mão para apertar o botão do elevador. — Só eu, rodando por lá para encontrar minhas coisas. É engraçado... — Ela olha por cima do ombro para a porta.

— O quê?

— Eu apenas... achei que ia voltar lá para pegar minhas coisas. Que precisava das minhas coisas. Mas assim que entrei lá, quis voltar aqui. Com você. Inferno, eu não queria estar aqui hoje, e disse a mim mesma que só pegaria as coisas que eram importantes. As coisas que significavam algo para mim. Então andei procurando por elas, mas... não as encontrei.

— Aquele idiota fez algo com suas coisas?

— Não, não. É apenas... nada lá significa nada para mim. Morava lá há

alguns meses e não me apeguei a *nada*. Não havia nada... importante. Nem uma única memória do meu tempo com ele que eu queria. As pessoas dizem que sou excessivamente sentimental, mas não consegui encontrar uma única coisa lá para me sentir sentimental.

Porra, isso é triste. Eu não gosto de Sterling, mas Sloane é uma história diferente. E ouvir que ela estava vivendo uma vida que tinha tão pouco significado para ela dói. Eu deslizo minha mão sobre a parte inferior de suas costas para me tranquilizar. — Então, o que estou segurando nesta caixa?

— Oh, isso? Sim. Acabei pegando cada coisa que era minha e enfiando aí.

Eu bufo. — Pensei que nada disso importava?

Ela levanta o rosto, parecendo a realeza, enquanto levanta o queixo todo alto e majestoso. — Não, mas não vou deixar um único pedaço de mim lá dentro. Não minhas batatinhas favoritas. Nem uma escova de dentes. Eu quero desaparecer da vida dele. Apenas puf — ela estala os dedos — fui, como se eu nunca tivesse existido naquela cobertura. Por um momento, senti que ele merecia uma explicação. Mas não acho mais. Esse era o único encerramento que eu precisava.

Ela dá um pequeno passo para mais perto de mim, o que é toda a confirmação de que preciso. No fundo, sei que nunca foi realmente uma escolha entre nós dois.

Mas é bom ser escolhido do mesmo jeito.

Também é bom quando deslizo minha mão para baixo e pego um grande punhado de sua bunda vestida de Levi’s enquanto pisco por cima do ombro para aquela luz vermelha piscando. Porque sei que Sterling Woodcock verificará essas fitas.

31

Sloane

Jasper: Como está minha garota? Estarei de volta esta noite. Encontro você no rancho?

Sloane: Sim. Muito bem. Principalmente quando você me chama assim.

Jasper: Minha garota?

Sloane: Sim. Haha. Nunca pensei que ouviria isso.

Jasper: Sunny, você sempre foi minha garota.

* * *

O suor escorre pelas minhas costas no estúdio silencioso. Não há barra e o piso é macio demais para sapatilhas de ponta.

E não consigo me lembrar de uma época em que eu adorei tanto dançar.

Possivelmente quando criança antes de ficar competitiva e virem com críticas sobre meu corpo. Antes de tudo isso deixar meus pés tão doloridos que eu mal conseguia andar.

Por mais de um mês, dancei como quero dançar, ignorando todas as responsabilidades e aproveitando cada momento de independência.

Eu fico no camarote e assisto a cada um dos jogos de Jasper.

Espero na saída e sinto meu coração disparar quando sua forma alta e larga aparece na porta.

Eu me deleito com a maneira como ele vem direto para mim e me beija,

apertando-me contra seu peito.

Eu faço amor com ele sempre que quero.

Eu danço quando quero.

Eu como o que quero.

Eu só atendo as ligações que quero.

Eu durmo até quando quiser.

Eu gasto meu dinheiro suado do jeito que quero.

Finalmente estou vivendo para mim e me sentindo fortalecida sobre isso.

Eu me sinto renascida.

Jasper e eu nos escondemos na casa no final do quarteirão que ele possui. É bem atrás da academia de Summer, então posso facilmente ter um tempo social e dançar também.

Quando Jasper sai para jogos fora de casa, tenho noites de garotas com Willa e Summer, ou janto com Harvey, ou ajudo Cade a verificar todos os bebedouros elétricos do rancho. Ou fico acordada até tarde colocando novas camadas de tinta nos bangalôs da propriedade de Jasper.

Assisti a vídeos do YouTube sobre como instalar novas torneiras, e Jasper nunca me diz que não posso ou não devo ou que é algo que um homem deveria fazer.

Ninguém diz.

Em vez disso, ele entra, dá um sorrisinho para a casa com as mãos casualmente nos bolsos e me diz como ela parece fabulosa. Que grande trabalho eu fiz. Quão capaz eu sou.

Ele me faz acreditar em mim.

Então ele manda em mim na cama – mas eu gosto dessa parte.

O resto me faz perceber como fui treinada para ser impotente durante toda a minha vida. Isso desperta uma raiva desconhecida dentro de mim, uma raiva que me impede de atender qualquer um dos telefonemas do meu pai.

Sinto falta dele e ainda assim estou furiosa com ele. Sinto falta de quem eu pensava que ele era – do relacionamento que pensei que tínhamos – e, no entanto, essa nova perspectiva que ganhei me faz detestá-lo ao mesmo tempo.

Tive tempo e espaço para refletir sobre a maneira controladora como ele trata minha mãe, como sempre a tratou. A maneira como ele fala com a equipe de atendimento, a maneira como ele pisa em qualquer um que considere inferior a ele.

O que é assustadoramente parecido com a forma como ele me tratou. A única diferença é que comigo ele usa uma voz açucarada e me chama de *querida* enquanto me empurra para onde ele me quer. Os lugares que mais o beneficiam enquanto sugam a alma de mim.

Sem essa distância, não tenho certeza se teria notado. Eu ainda seria um lindo manequim, nascido e criado para fazer aparições em seu mundo.

Mas essa era acabou. Eu pretendo enfrentá-lo em algum momento, para exigir o respeito que ele nunca me deu. E a cada dia chego mais perto. A cada dia fico mais forte.

A distância trouxe perspectiva, mas também um novo orgulho da minha capacidade, da minha inteligência. Mulheres como Summer e Willa ao meu redor reforçam minha fortaleza interior.

E o apoio de homens como Jasper, Harvey, Rhett e Cade me faz sentir menos constrangida com essa nova versão de mim mesma. Aquela que faz danças estranhas nos fundos de uma academia e toma café às 23h para poder arrancar o tapete felpudo verde-vômito até as duas da manhã e admirar o piso de madeira abaixo.

Eu pareço... encontrada. Gosto de ajudar Cade e Harvey no rancho. Eu gosto de fazer trabalhos. Eu ainda amo dançar, mas recuperei isso para mim. Meu corpo não se revolta quando danço agora, ele canta com isso.

Não sei como tudo isso parece para mim a longo prazo, mas estou provisoriamente feliz. Tentativamente otimista.

Sento-me no chão e dobro-me sobre as pernas, afundando-me no alongamento. Meu corpo está quente e mole e sinto uma profunda sensação de realização, como se tivesse ajeitado outro cantinho do meu mapa de vida amassado em minha cabeça enquanto dançava hoje.

Jasper está voltando de um jogo fora de casa e vamos fazer um jantar de feriado no Wishing Well Ranch. Falta uma semana para o Natal, mas há uma vibração no rancho que sempre faz com que pareça Natal.

Quente. Aconchegante. Família.

Um Natal saudável no estilo de filme, sem um vestido de baile ou canapé de caviar à vista.

Eu envolvo meus dedos em torno dos arcos de meus pés e pressiono meus seios em minhas pernas, meus ossos sentados no chão.

Quando meu telefone vibra do outro lado da sala, eu o ignoro. Zumbiu enquanto eu dançava, cortando a música dos meus fones de ouvido, mas não tive vontade de parar. Quem quer que seja não desiste dessa vez. Ele simplesmente começa de novo. Com um suspiro, decido que já terminei o treino o suficiente para abandoná-lo. Levantando-me, caminho até a mesa no canto com o grande sistema de som e pego o telefone.

Royal Alberta Ballet Co. pisca na tela. Eles provavelmente estão se perguntando se a primeira bailarina em que eles despejaram anos de desenvolvimento e dinheiro está brincando. Eu não respondi a eles sobre a temporada de primavera. Vi o e-mail e apenas... não quis responder.

Deslizo o símbolo do telefone verde na parte inferior da tela e atendo a ligação.

* * *

Todo mundo estava com ciúmes sobre o jogo de hóquei que Jasper e eu contamos quando voltamos de Ruby Creek, então passei a tarde ajudando Rhett a limpar uma seção rasa e muito congelada do riacho perto da casa ainda vazia de Beau para alguns jogos de Natal.

Pelo que entendi, Beau não estará de volta até o ano novo. Ele nos disse *pequenas queimaduras*, mas desde o retorno de Harvey, ficou claro que *pequena* pode ser um eufemismo.

Tudo o que sei é que ele vai ficar bem e está voltando para casa. Jasper está ansioso para vê-lo. Só não tenho certeza se o homem que ele verá agora será o mesmo de antes de ser implantado.

Rhett me deixou na casa principal dez minutos atrás. Está nevando, mas o banco ao lado do poço dos desejos está limpo. O céu está tão cheio de estrelas que eu me sento com toda a minha roupa de neve, inclino minha cabeça para trás e olho para as lascas de luz brilhante enquanto espero Jasper chegar.

Constelações. Planetas. Satélites.

Tudo fica mais claro em Chestnut Springs. Não apenas as estrelas.

Lembro-me de Jasper sentado neste exato local em uma noite chuvosa de verão. Foi a noite em que ele me contou tudo. Foi a noite em que dancei para ele, porque não sabia o que dizer. Foi a noite em que ficamos irrevogavelmente ligados um ao outro.

Eu ouço o rangido frágil de pneus contra a neve acumulada na estrada principal de cascalho, seguido pelo som suave deles batendo no caminho de

asfalto até a casa principal. Quando luzes brancas brilhantes se voltam para a casa, meu coração dispara no meu peito.

Há dezoito anos que conheço Jasper Gervais e ainda me emociono quando estou prestes a vê-lo. Ainda espero que ele volte para casa todos os dias. Ainda sorrio quando uma mensagem chega.

Eu nunca vou me cansar dele. Disso tenho certeza.

Seu SUV para bem na minha frente e ele sorri para mim pela janela.

Ele parece feliz.

Mais feliz do que eu já o vi. E não posso deixar de esperar que esteja fazendo parte da felicidade dele.

Que o *nós* o faça feliz. Porque nós nos fazemos tão felizes.

Ele pula, vestido com classe em um casaco marrom camelo sobre um terno carvão. Sapatos sociais marrons nos pés. Ele é sexo puro.

— Eu vim direto do aeroporto — ele diz enquanto dá a volta na frente de seu veículo, os olhos passando por mim como se eu fosse sua primeira refeição em dias.

Eu tremo sob a intensidade de seu olhar. Suas íris são uma combinação perfeita para o céu azul-marinho de inverno que se estende como um cobertor sobre nós. Suas longas pernas pressionam o chão, sapatos sociais esmagando a neve acumulada.

— Eu posso ver isso. Você parece todo sexy, Gervais. — Sorrio e giro um dedo. — Dê uma volta. Deixe-me ver essa bunda.

Ele ri, um estrondo baixo que juro que vibra o ar entre nós antes que ele me pegue e troque de lugar comigo. — Eu prefiro pegar a sua — ele respira, pressionando um beijo casto em meus lábios enquanto ele facilmente me vira em seu colo.

Minhas pernas se estendem sobre as dele, e suas palmas largas agarram firmemente cada nádega enquanto ele olha para o meu rosto e sussurra: — Senti sua falta, Sunny.

Reviro os olhos. — Foram apenas dois dias.

— Muito tempo — ele resmunga, dando seu olhar taciturno característico.

— Tudo o que você fez foi voar, jogar hóquei e depois voltar.

— Sim, mas eu gosto quando você está nos meus jogos.

— Você *tem* jogado melhor desde que você e eu... — Balanço minhas sobrancelhas sugestivamente, e seus dedos pulsam na minha bunda.

— Você está tentando levar o crédito por nossas vitórias?

— É ciência, Gervais. Você não pode discutir com ela. Você estava uma merda e agora não está mais. Sua sequência de vitórias vai quebrar recordes nesse ritmo. Minha boceta é boa sorte. A fazedora de reis. Não... — Levanto uma mão. — *The Stanley Cup Maker.*

Jasper me dá uma expressão plana. — Eu não estou chamando sua boceta de *The Stanley Cup Maker*, Sunny.

Eu rio, sentindo-me toda infantil e tonta sentada no colo da minha paixão de infância, na neve, sob um céu estrelado, como se fosse a coisa mais normal do mundo. E então abaixo minha cabeça para beijá-lo, as pontas frias de nossos narizes se tocando. A barba por fazer em suas bochechas aparece através da malha fina das minhas luvas, arranhando minhas palmas enquanto seguro seu rosto bonito.

Quando eu praticava minha coreografia aqui quando criança, sonhava em beijá-lo, suas mãos em mim, seu corpo quente e seguro sob o meu.

Eu pensei que o amava na época, mas não tenho tanta certeza. Eu estava apaixonada por ele. Isso? Agora?

É diferente. Somos diferentes.

— Também senti sua falta, Jas — eu sussurro contra seus lábios enquanto me afasto para correr minhas mãos sobre seu cabelo, tentando me lembrar da última vez que ele usou um boné. Talvez quando ele se exercita? Ou quando trabalhamos juntos na casa. Seu boné funciona mais como uma forma de manter o cabelo longe do rosto do que para se esconder atrás dele.

Parece que talvez ele tenha parado de se esconder.

Talvez nós dois tenhamos.

— Recebi uma ligação hoje — continuo, observando suas sobrancelhas grossas e as linhas finas em sua testa.

— Sim? — Suas mãos esfregam círculos firmes sobre minhas nádegas, aquecendo-me melhor do que minhas leggings térmicas.

Uma leve neve cai, e observo um floco cristalino pousar em seus cílios escuros, suspenso por um momento até que ele pisque.

— Sim. A dançarina de apoio para a Sugarplum Fairy em *O Quebra-Nozes* está gripada e a dançarina principal para o papel tem tendinite de Aquiles que precisa de um descanso. Eles me pediram para participar amanhã para o show final antes do Natal, já que dancei o papel no ano passado.

— E? Você está feliz com isso?

A pessoa com quem você está perguntando como você se sente sobre algo não deve parecer grande coisa. Mas me ocorre aqui e agora que ninguém nunca realmente me perguntou isso.

Isso é novo para mim. Ele não se apressa em me dizer se devo ou não ficar feliz com alguma coisa. Ele apenas me pergunta como me sinto. Como se o que está acontecendo dentro da minha cabeça – dentro do meu coração – fosse digno de sua atenção e respeito.

E acho que o amo ainda mais por isso.

— Sim — eu sussurro, ficando toda piegas enquanto olho para ele. — Eu acho que estou.

Um sorriso suave toca os lábios de Jasper, ainda brilhando com meu brilho labial dos beijos desleixados e felizes de boas-vindas que plantei nele. Suas covinhas espreitam por trás de sua barba por fazer, e quase desmaio no local.

A maneira como ele está olhando para mim agora faz minhas bochechas esquentarem, apesar do ar frio. Incapaz de suportar a doçura açucarada do momento, coloco meu rosto em seu peito. Eu sugo seu perfume característico e me aninho contra ele enquanto ele envolve seus braços em volta de mim.

Ficamos sentados assim até que os carros rolam pela entrada da garagem. Eu viro minha cabeça para as luzes que surgem conforme elas se aproximam. O veículo da frente é um Audi sedã branco perolado, e atrás dele está uma enorme caminhonete prateada com grossos pneus de inverno e um motor barulhento.

O Audi freia bruscamente no topo da entrada de automóveis, e uma pequena mulher loira voa para fora do lado do motorista com o dedo apontado para a caminhonete, o chaveiro tilintando sob sua mão. Ela tem as chaves enfiadas entre os dedos como garras. Como se ela estivesse pronta para uma luta.

— Você está maluco? — ela grita.

Jasper senta-se alto embaixo de mim, segurando-me protetoramente contra seu peito. Posso sentir cada membro ficar tenso, como se ele estivesse pronto para entrar em ação. Depois de desligar o motor, um belo homem de cabelos escuros salta da enorme e barulhenta caminhonete. E não bonito normal, mas do tipo que chamaria a atenção quando ele caminha pela rua.

As luzes do pátio iluminam o sorriso em seu rosto e, quando Jasper o vê, seu corpo relaxa.

— Calma, Tink — diz o homem bem-humorado, mas um pouco provocador. — Você vai estourar um vaso sanguíneo pisando assim.

— Tink? — ela grita, parando a cerca de um metro e oitenta dele, nem um pouco afetada por sua boa aparência.

Ele acena com a mão sobre ela casualmente. — Sim. Você tem toda essa pequena vibração de Sininho zangada acontecendo. Eu vejo. — Seus olhos percorrem seu corpo apreciativamente, mas não de forma lasciva.

— Você é maluco, sabia disso? Você dirige como um idiota atrás de mim por dez minutos sólidos e agora me segue até aqui? Para... para... verificar-me e comparar-me com um duende da Disney? — A mulher continua a estudá-lo, suas feições de boneca retorcidas em uma máscara furiosa. — Isso foi perigoso. Você poderia matar alguém.

Minha cabeça chicoteia entre eles enquanto eles trocam palavras.

— Eu acho que ela é na verdade uma fada. E só para constar, dirigir vinte vezes abaixo do limite de velocidade também é perigoso e pode matar alguém. Principalmente eu. De tédio — ele brinca, apoiando o quadril contra a caminhonete e cruzando os braços sobre o peito, não parecendo nem um pouco preocupado.

— Está escuro e com neve! Eu não conheço a área. Pode haver vida selvagem! Dirigir devagar é seguro, desde que um caipira de pau pequeno não esteja montando minha bunda em sua caminhonete, piscando seus faróis altos para mim.

O corpo de Jasper treme com o riso, e coloco a mão sobre a boca para cobrir a gargalhada que está prestes a explodir. — Quem é ela? Eu acho que a amo.

— Essa é a irmã mais velha de Summer, Winter.

Meus olhos voltam para a interação perto da porta da frente. Estamos obscurecidos pelo SUV de Jasper, mas ainda temos um bom ponto de vista para o entretenimento de férias incomum, mas superior.

— Ah. *Aquela* Winter?

— Sim. Aquela Winter.

As sobrancelhas escuras do homem se erguem na testa, e posso dizer que ele está tentando não rir. — Ouvi dizer que se você quer ter seu traseiro montado, um pau pequeno é o caminho a percorrer. Então talvez eu seja o seu cara.

A boca de Winter se abre comicamente, e cubro meu rosto inteiro com as mãos para abafar minhas risadas. — E quem é ele?

Jasper solta uma risada, claramente gostando dessa troca tanto quanto eu. — Esse é o Theo.

— Acho que não o conheço. — Espio de volta para o homem barbeado. Seus olhos brilham como ônix polido, cílios tão escuros e longos que me deixam com ciúme. — Ele é bonito.

Jasper aperta minha bunda. Duro. E eu grito em seu peito.

— Theo Silva. Toureiro. Rhett tem sido seu mentor por um tempo agora.

Winter levanta a mão esquerda e ergue o quadril. — Eu sou casada, seu porco de merda. Agora saia.

Theo dá de ombros e sorri. — Casada por enquanto, talvez.

A voz de Rhett chama minha atenção para a porta da frente. Não sei há quanto tempo ele está parado olhando. — Sim, não se preocupe, Winter. Com certeza vamos libertá-la daquele marido e enterrá-lo no campo. Vai ser como aquela música do Dixie Chicks. Rob é o novo conde.

Winter pressiona os dedos nas têmporas. — Você tem sorte de fazer minha irmãzinha tão feliz, Eaton. — Rhett ri e de repente Winter parece cansada e muito exausta. Ela parece que poderia desmoronar. Quero atravessar a entrada da garagem e abraçá-la, mas também não quero revelar nossa posição de espionagem.

— Mas Theo é apenas um bebê. Você não pode corrompê-lo, Winter — Rhett continua enquanto Winter lhe lança um olhar exasperado, suspirando

pesadamente.

Theo revira os olhos. — Eu não sou um bebê. Tenho vinte e seis anos.

Rhett zomba. — Não, você não tem. Você tem vinte e dois.

— Cara. Eu tinha vinte e dois anos quando conheci você no circuito. Eu fiquei mais velho. Você está fazendo o que minha mãe faz com seus animais de estimação. Eles atingem uma certa idade e então ela diz que eles têm a mesma idade até que um dia eles simplesmente morrem.

Rhett ri. — Bem, direi. Você é como aquela loja com vestidos minúsculos. Forever 22.

— Sim. Com certeza você está ficando velho. Essa loja se chama Forever 21.

Rhett agita a mão no ar como se afastasse uma mosca. — Tanto faz. Eu só sei sobre os vestidos minúsculos.

— Vocês dois terminaram? Preciso de uma bebida se vou ficar aqui a noite toda. — Os braços de Winter se cruzam sobre seu estômago de forma protetora. Pelo que sei, ela e Summer se afastaram durante toda a vida, e por um bom motivo. Mas, nos últimos meses, elas vêm tentando consertar essa ponte.

— Ah, sim, Winter, conheça meu protegido Theo Silva. Theo, conheça a Dra. Winter Hamilton, minha futura cunhada...

— Winter Valentine — ela corrige rigidamente.

— Por enquanto — Theo reitera e pisca para ela. Ela revira os olhos dramaticamente, o que faz Theo sorrir ainda mais quando ele estende a mão para cumprimentá-la.

Ela passa pela mão estendida de Theo sem olhar duas vezes, e ele rola com ela passando a palma da mão pelo cabelo, brincando como se não estivesse tentando apertar a mão dela.

— Chame seu cachorro, Eaton — ela murmura enquanto passa por Rhett e

entra na casa do rancho.

— Woof! — Theo faz um latido profundo no ar da noite nevada, e Rhett ri dele enquanto Winter desaparece.

— Você é um idiota, Theo.

— Cara. Acho que estou apaixonado pela sua cunhada. Ela é tão fogosa.

Rhett balança a cabeça enquanto se vira para voltar para casa, Theo em seus calcanhares. — Como eu disse, cara, você é um idiota.

A porta se fecha, e Jasper e eu nos aninhamos um no outro no banco silencioso novamente.

— Bem... — ele começa, os braços passando pelas minhas costas. — Devemos entrar? Não quero perder este jantar. Vai ser um bom. Já posso dizer.

— Sim. — Eu rio, beijando sua bochecha eriçada. — Vamos.

Eu vou me desvencilhar de seu colo, mas suas mãos me seguram, mantendo-me onde estou.

— Primeiro, posso ir ao *Quebra-Nozes?* Eu quero ver você dançar. Eu quero estar lá. Primeira fila. Grande buquê de rosas. A coisa toda.

— É melhor você estar lá, Gervais. — Sorrio para ele, o coração inchando no meu peito. Ter as pessoas que amo na plateia é a melhor parte e, de repente, meu coração palpita com a perda que sinto no que diz respeito a meus pais.

Eles podem não estar lá, e vou passar o Natal sem eles pela primeira vez em vinte e oito anos.

Meu aniversário é essa semana também. Eu distraidamente me pergunto se sentirei falta disso com eles também.

Mas enquanto nos levantamos, Jasper aperta minha mão e me puxa para perto. E nada no mundo jamais pareceu mais certo.

Eu não posso tê-los, mas tenho ele. E quanto mais tempo passo vivendo

minha própria vida, mais acho que é uma boa troca a se fazer.

Jasper vale a pena.

32

Jasper

Beau: Papai acabou de me dizer que você pagou quatro vezes o valor por um ingresso na primeira fila para ver a dança de Sloane. Eles pagam muito a vocês para correr no gelo usando lâminas.

Jasper: É um investimento.

Beau: Em quê?

Jasper: Nós.

Beau: Ah, cara. Você está perdido.

Jasper: Você é tão idiota.

Beau: Só você teria esperado tanto tempo. Quase me sinto mal por ela ter se apaixonado por alguém tão lento para processar quanto você. Eles dão medalhas olímpicas por paciência? Você poderia dar a ela a sua.

Jasper: Você sabe o que o pai idiota dela disse para mim.

Beau: Sim. Mas isso foi antes. Esse cara não é nada afiado agora. Você é o maldito Jasper Gervais. Medalhista de ouro olímpico. Futuro campeão da Copa Stanley. Modelo de capa da Sports Illustrated. Fodido primo.

Jasper: Estou muito feliz por você estar vivo. Mas também odeio você.

Beau: Também odeio você, irmão.

* * *

Sloane é incrível. Ela tece mágica no palco.

Passei a conhecer bem o corpo dela nos últimos meses, mas ainda estou maravilhado com a maneira como ela se move, a atenção aos detalhes. Da ponta dos pés até a ponta dos dedos, ela está no controle perfeito de cada movimento, mesmo sem tentar.

Ela assumiu esse papel e fez com que parecesse sem esforço além da comparação. Ela salta pelo palco e aterrissa tão suavemente que, da primeira fila, sinto que estou ali com ela.

No momento... alheio ao teatro ornamentado e a todas as pessoas ao meu redor.

Mas ela sempre teve esse efeito em mim. A capacidade de me tirar da cabeça apenas conversando, dançando ou colocando a mão no meu ombro.

É como se ela e eu estivéssemos amarrados juntos, mas ela é a forte. O pilar. E quando águas turbulentas me arrastam rio abaixo, tudo o que tenho a fazer é seguir a corda que me amarra de volta a ela.

Que sempre me leva de volta a ela.

Observá-la fazer algo que ela ama da primeira fila, em vez de atrás da multidão, é algo especial. O local onde sua tatuagem fica coça, e pressiono meu braço contra ele.

Perdi o primeiro, mas não perderei o resto se puder evitar, mesmo que isso signifique um homem adulto sentado sozinho na primeira fila do balé.

Parece o mínimo que posso suportar por ela.

Porque adoro tê-la em meus jogos e sei que ela deve sentir o mesmo. Quando os dançarinos se alinham para fazer suas reverências finais, seus olhos encontram os meus e um sorriso de parar o coração se espalha por seu rosto cativante.

E percebo então... eu faria qualquer coisa para ver essa garota sorrir.

Logo que a cortina de veludo se fecha, eu me levanto, caminhando para a

esquerda em direção a uma porta lateral que leva aos bastidores, onde ela me disse para esperar por ela. Só que eu não espero.

Mal posso esperar.

Sigo através daquela porta de vaivém, os dedos coçando para tocá-la, o peito doendo para ter sua cabeça apoiada contra ele, e o pau inchando depois de tanto tempo preso observando seu corpo apertado deslizar pelo palco.

Ainda bem que não a vi dançar muito quando ela se juntou a esta empresa. Eu não seria capaz de manter minhas mãos longe dela, e agora simplesmente não me importo.

Agora eu sei que minhas mãos pertencem a ela.

— Você pode me dizer onde está Sloane Winthrop? — pergunto a uma mulher que caminha pelo corredor escuro com uma prancheta na mão, os óculos enfiados no alto da cabeça.

Ela me olha de cima a baixo com uma expressão vazia no rosto. — Quem está perguntando?

Hesito, mas apenas por um minuto. — O namorado dela.

Ela me olha de novo, desta vez mais lentamente, mas com um leve toque nos lábios. — Huh. Bem, bom para ela. Ela está por ali. — A mulher se vira e aponta para a área de onde veio. — Esquerda quando você chegar ao final e depois por todo o corredor. Última porta à direita.

Eu ofereço a ela um sorriso desgostoso, sabendo que deve ter havido conversa enquanto Sloane e eu estávamos fora. Eles anunciaram seu casamento com Sterling no jornal. Seus colegas devem saber – talvez até o conheçam.

— Obrigado. — Eu aceno com a cabeça e passo pela mulher, sentindo seu olhar em mim enquanto sigo pelo corredor. Nos bastidores há uma enxurrada de atividades. Dançarinos estão por toda parte nos corredores, rindo e conversando. Eu ouço o estouro de uma garrafa de champanhe enquanto eles relaxam para as

férias de Natal.

Virando à esquerda, sinto o puxão. A atração para Sloane. Depois de anos me negando o prazer de sua proximidade, meu corpo perdeu toda a paciência e quer desesperadamente estar perto dela.

Meus dedos batem contra a porta marcada com *Sugarplum Fairy.*

— Só um segundo! — A voz de Sloane apenas aumenta a tensão em meu corpo, e quando ela finalmente abre a porta, estou em cima dela.

Minha mão pousa em sua garganta, meus lábios batendo contra os dela enquanto me elevo sobre ela. Ela fica tensa momentaneamente, claramente pega de surpresa, mas não demora muito para acompanhar. Suas mãos deslizam pelos braços do meu paletó enquanto eu a levo de costas para o camarim, fechando a porta atrás de nós.

Eu a viro instantaneamente, empurrando-a contra a parede ao lado da porta. Porque não estamos indo mais longe do que isso agora.

Ela parecia muito bem. Havia muitos olhos nela. Mais do que apenas os meus. E estou me sentindo um pouco fora de controle e muito territorial.

— Oi, Jas — ela bufa de brincadeira contra meus lábios, mas tudo que ofereço de volta é um rosnado baixo enquanto tomo sua boca novamente. Minhas mãos deslizam para dentro do roupão de algodão fino que ela envolve em seu corpo esguio. Depois de alguns puxões bem colocados, ele se foi, acumulando-se a seus pés no chão onde deveria estar.

— Você foi perfeita — eu respiro, olhando para ela. Olhos arregalados e peito arfante. Body fino por cima da meia-calça. Sem as sapatilhas. O traje ornamentado se foi.

— Sim?

— Sim. — Eu manuseio a alça fina de sua roupa antes de puxá-la para baixo, deixando-a pendurada em seu braço tonificado. — Você roubou o show. Todos

os olhos da casa estavam em você.

Ela ri, e meu polegar sobe para pressionar seus lábios, silenciando-a. — Eu não estou brincando. Todo mundo estava olhando para o que é meu.

Sua boca se abre sob a ponta do meu polegar. Eu sorrio e inclino minha cabeça em seu pescoço, passando a ponta do meu nariz pela curva inclinada. — E agora quero pegar de volta. Lembrar a quem você pertence.

Ela solta um pequeno suspiro quando eu caio de joelhos na frente dela, empurro o body para o lado e uso meus dedos para abrir um buraco na meia-calça frágil.

Eu empurro um dedo e sua boceta aperta em surpresa.

Ela ainda não está pronta, mas estará.

Abro mais o buraco e puxo uma perna por cima do ombro, observando-a se espalhar para mim enquanto ela choraminga e deixa cair os dedos no meu cabelo. Eu mergulho com uma lambida longa e lenta. Ela se contorce contra a minha língua.

— A quem pertence isso, Sloane?

— Você, você, você — ela canta sem fôlego, e quando eu olho para cima, ela joga a cabeça para trás em êxtase. Já perdida para mim.

Para mim.

Levanto sua perna oposta para o meu ombro para que ela fique escarranchada no meu rosto enquanto eu a empurro contra a parede – uma mão espalmada em seu estômago para mantê-la no lugar, e a outra em volta de sua coxa direita, os dedos cavando com força.

Eu faço um banquete com ela contra essa parede. Começo devagar, lambendo-a de cada lado e depois direto para o centro. Batendo em todos os lugares, exceto em seu clitóris. Começando a provocá-la e senti-la se contorcer contra mim enquanto ela tenta desesperadamente mover seus quadris para que eu

atinja aquele ponto.

Mas não desisto. Provo sua excitação crescente, sinto a tensão na forma como suas pernas apertam meu corpo. Eu arrasto minha mão para baixo e deslizo dois dedos nela. Eles vão tão fácil agora. Tenho um lugar na primeira fila pela segunda vez esta noite. Sua boceta apertada se abre e aperta meus dedos enquanto eu os coloco dentro dela sob as luzes brilhantes de seu camarim.

A umidade vaza, fazendo uma bagunça do caralho de nós.

— Jasper — ela geme. — Mais. Por favor.

— Tão educada — murmuro de volta, olhando para cima para vê-la me observando com olhos brilhantes e pesados. Meus dedos roçam seu clitóris e ela se sacode ao meu redor. — Tão apertada e pronta e carente para mim. E você dançou linda *pra* caralho para todo mundo. Acho que você merece mais esta noite, não é?

Ela acena com a cabeça, os dentes de cima pressionando o lábio inferior gordo. O quão desesperada ela parece agora me faz sorrir.

Tão desesperada por mim quanto estou por ela.

Então eu a recompenso por isso.

Eu deslizo dois dedos de volta para ela e solto minha boca de uma vez. Meus dentes roçam seu clitóris enquanto meus dedos trabalham nela, e ela solta um pequeno grito. Eu a agarro, sugando-a em minha boca, ainda trabalhando meus dedos e língua, gozando na forma como seu grito se transforma em um gemido alto.

Um gemido que termina com: — Oh, Deus. Jasper. Eu vou gozar.

Meus dedos fazem um movimento de torção, e não paro. Ela se debate ao meu redor, as pernas tremendo e os dedos puxando quase dolorosamente meu cabelo enquanto ela se desfaz em cima de mim.

E não silenciosamente também. Ela chama meu nome, mais alto do que

deveria, mas não me importo. Eu me divirto com as pessoas sabendo o que estamos fazendo aqui.

Depois de anos mantendo isso em segredo, é bom deixá-lo sair.

Quando seus membros amolecem, eu olho para cima, os dedos ainda enfiados dentro dela.

Seus olhos brilham para mim. — Bem, isso foi inesperado. Melhor do que fazer outra tatuagem? — Ela arqueia uma sobrancelha, e eu igualo a expressão enquanto me afasto de seu corpo quente.

— Muito melhor e ainda nem terminei. — Eu me esforço para ficar de pé, levando seu corpo comigo, deslizando-a pela parede enquanto minha mão livre agarra minha calça.

Cinto. Botão. Camisa. Boxer.

Eu rasgo tudo e enfio dentro dela enquanto suas pernas envolvem minha cintura. — Fodendo a elegante bailarina principal contra a parede como a garota imunda que ela realmente é? Muito, muito melhor do que fazer outra tatuagem.

Meus quadris flexionam quando eu me inclino para ela novamente.

— Porra. — Seus olhos piscam e se fecham enquanto sua cabeça rola contra a parede. Ela se foi agora, e estamos além do ponto de fingir que nossos corpos não deixam o outro absolutamente louco.

— Olhe para mim, Sloane. — Meus dedos encontram sua garganta e lhe dão um aperto de advertência.

Os cílios se abrem e ela me olha diretamente nos olhos. Sem hesitação. Sem timidez. Tenho certeza que fodi toda a timidez dela nas últimas semanas.

— Mais forte — ela insiste.

— Qual deles? — Eu empurro meus quadris para frente com força, jogando-a contra a parede. — Boceta? — Em seguida, aperto minha mão em volta do

pescoço dela. — Ou garganta?

Calor ferve em seus olhos água, eles queimam tão quentes quando ela inclina o queixo para mim em desafio. — Ambos.

Eu estalo.

Sinto como se desencadeasse uma vida inteira de tensão reprimida.

Eu me sinto desequilibrado enquanto a fodo contra a parede sem piedade, estimulado por seus gritos altos e unhas cravadas na minha nuca. Minha mão apertando um pouco mais forte na coluna delgada de sua garganta, exatamente como ela gosta.

Ela é pequena, fácil de manobrar como eu quero, mas não há nada frágil em Sloane. Ela pega tudo o que tenho para dar e me recebe com igual fervor.

A batida molhada de nossos corpos se mistura com o balançar da pintura na parede toda vez que entro em seu corpo.

Eu sou duro e implacável.

Mas adicionada à nossa trilha sonora está a exigência dela, *mais* e *mais forte* e eu não me contenho. Não há nada terno ou doce sobre nós agora, mas temos muitos momentos assim juntos. Alcançamos um ao outro no meio da noite, movendo-nos lentamente juntos. Somos brincalhões de manhã, minha barba por fazer contra a parte interna de suas coxas fazendo-a rir e ofegar.

Mas agora?

Isso é terapêutico. Como se estivéssemos nos punindo por tantos anos e momentos perdidos.

Se ela quiser mais e com mais força, eu darei.

Eu vou dar a ela qualquer coisa que ela quiser neste momento.

— Jasper, preciso de mais. — Seus olhos travam com os meus. Minha selvageria reflete de volta na dela. Dou um beijo áspero em sua boca e saio,

virando-a. Estou posicionando ela e prosperando na maneira como ela se move do jeito que eu quero.

— Mãos espalmadas na parede, Sloane. Curve-se. Abra suas pernas. — Ela obedece e eu me abaixo, abrindo ainda mais o buraco molhado em sua meia-calça e puxando o body para o lado.

Ela inclina a bunda em oferta, e eu me aproximo. — Quer que eu encha você, Sloane?

— Sim — ela geme, pressionando-se de volta para mim.

— Diga. — Eu apalpo suas nádegas firmes, espalhando-a e provocando sua entrada com a cabeça do meu pau.

— Eu quero que você me encha, por favor.

Eu sorrio e me inclino ao lado de sua orelha. — Claro que você quer. Você está desesperada por isso, não é?

É a vez dela abrir um sorriso por cima do ombro para mim. — Sim, mas você também.

Seus quadris giram em uma provocação, e eu os agarro com força, empurrando para dentro dela. Ela mal dura curvada antes de forçá-la contra a parede enquanto meu pau entra e sai dela, atingindo aquele ponto que sei que ela tanto ama.

Eu sei por causa dos barulhos que ela faz. A maneira como ela me empurra de volta. A maneira como ela grita.

Ela mantém as mãos na parede como eu instruí, mas ainda está olhando por cima do ombro para mim com tanto amor em seus olhos. Mais amor do que já vi. Mais amor do que mereço ou sei o que fazer com ele.

O tipo de amor que sou conhecido por manchar.

Eu agarro seu queixo e a beijo. Eu a beijo forte e cheio de todos os

sentimentos que estou muito fodido para colocar um rótulo.

E então caímos no precipício juntos, em algo que estou tentando não deixar entrar em pânico.

Eu luto para ficar no momento, com ela pressionada firmemente contra mim.

Estamos tão sintonizados.

Tão perfeitos juntos.

Tão perfeitos juntos que tentáculos gelados deslizam pela minha espinha. Porque eu sou eu. E sempre que algo é perfeito, sempre dá errado.

A batida na porta é prova disso.

33

Jasper

— Só um segundo! — Sloane se derrete contra mim.

Estamos grudados um no outro, respirando pesadamente quando há outra batida forte na porta.

Eu sorrio, passando meu nariz pela parte de trás de seu pescoço, úmido de suor e pequenas mechas soltas do coque apertado em seu cabelo. — Alguém provavelmente ouviu você gritando e quer verificar se você está bem.

Seus ombros tremem com o riso enquanto eu salpico beijos sobre eles. — Eu não estou bem. Você fez uma bagunça comigo, e minhas pernas vão ceder se você me deixar ir.

Com uma risada profunda, eu me agacho, pegando seu roupão do chão, sabendo que será a maneira mais rápida e fácil de cobri-la. Comigo segurando-o bem aberto, ela desliza os braços nas mangas soltas enquanto eu o coloco em torno de seus ombros.

Eu a giro para me encarar, pressiono um beijo rápido em seus lábios devastados e dou um passo para trás para arrumar minha própria calça. Eu não me preocupo em colocar minha camisa para dentro. Apenas me certifico de que estou vestido e enfio meu pau de volta no esconderijo.

Os dedos hábeis de Sloane fazem um trabalho rápido no cinto em volta de sua cintura e, depois de me examinar, ela assente. E cora, empurrando aqueles pequenos cabelos para trás com um aceno de cabeça incrédulo.

Ela me olha muito, como se não acreditasse que estamos aqui, fazendo isso. Às vezes, eu sinto o mesmo. Como se tudo fosse apenas um sonho.

Quando ela abre a porta, esse sonho congela no lugar. Acordamos abruptamente, como se tivéssemos caído da cama.

Robert e Cordelia Winthrop estão parados no corredor. Robert está vermelho, quase vibrando de fúria. A mãe de Sloane está de pé alguns metros atrás dele, os olhos baixos para os sapatos com um rubor envergonhado nas bochechas.

— Que porra *você* pensa que está fazendo aqui? — pergunta Robert.

Os braços de Sloane se cruzam e ela fica instantaneamente rígida. — Eu poderia perguntar a mesma coisa a você, pai.

— Eu não estava falando com você, Sloane. A companhia de balé anunciou no jornal que você estava preenchendo, e nunca perderíamos nossa garotinha no palco. Estou falando com *você.* — Seu dedo indicador carnudo aponta em minha direção. — Que porra *você* está fazendo aqui com a *minha* garotinha?

O que quero dizer é *acho que você ouviu exatamente o que eu estava fazendo com sua garotinha*, mas tenho mais respeito por Sloane do que ir até lá.

Eu o atinjo com um olhar vazio e enfio as mãos nos bolsos, o que apenas atrai seu olhar para minha camisa para fora da calça. — O que eu deveria ter feito há muito tempo.

A mão de Robert treme quando ele enfia o dedo na minha direção com força, bem por cima do ombro de Sloane, como se ela nem estivesse ali. — Eu disse para você ficar bem longe dela. — Suas bochechas soltas balançam com a força de sua raiva.

— Parece que você falhou em me informar sobre isso. — A mão de Sloane se apoia contra a porta como se ela estivesse impedindo seu pai de chegar até mim. Protegendo-me como sempre.

Em seu próprio detrimento.

— Sloane, afaste-se como uma boa menina. Isso não lhe diz respeito. Teremos muito o que discutir assim que eu levar o lixo para fora.

Boa menina? Ele está louco falando com ela como se ela fosse um cachorro?

Sloane suspira. Eu sempre soube que ele é um merda, mas acho que esta pode ser a primeira vez que ela está realmente vendo isso.

Com dois passos largos, estou ao seu lado, bloqueando completamente a porta.

— Fale com ela assim de novo e veja como isso termina para você. — O adolescente raivoso e fodido em mim ganha vida. Trabalhei duro para obter o controle de mim mesmo ao longo dos anos, e o maldito Robert Winthrop simplesmente desfez tudo com um puxão bem colocado em uma corda solta.

— Você esqueceu o que eu disse, garoto? Você quer aquela carreira? Você quer aquele salário? Eu ainda posso arruinar você. Posso tirar tudo em um segundo. — Ele estala os dedos para enfatizar.

A parte lógica de mim não quer acreditar nele. A parte lógica de mim sabe que sou um nome familiar. Uma sensação nacional, como diriam as manchetes. Indispensável para o meu time – pelo menos quando estou jogando bem.

Sloane se aproxima de seu pai, diminuída por seu tamanho, mas mantendo a cabeça erguida como se ela não percebesse. Seu dedo delicado aponta para o pai, firme e forte. — Fale com *ele* assim de novo e veja como isso termina para *você*.

— Sloane, deixe os homens falarem. — Ele acena para ela como se ela fosse completamente irrelevante para ele.

Ela recua como se ele tivesse batido nela. E acho que de certa forma ele fez.

Ele também falou com ela assim novamente quando eu disse a ele para não falar.

Com uma mão gentil, eu a conduzo para trás do meu corpo, proteção saindo de mim. — Saia.

— Vou arruinar você, Gervais. Você não está no plano dela. Você é um órfão que trabalha na indústria do entretenimento. Ela é praticamente a realeza

canadense.

Minha cabeça se inclina, e Robert Winthrop pode muito bem ser um disco. Porque tudo que consigo pensar é que preciso detê-lo. Parar seu movimento para frente nesta sala. E parar a boca estúpida dele de correr.

— Acho que Sloane será a juíza disso. Acho que todos nós vamos deixar de dizer a Sloane quem ela é e o que ela precisa fazer. Acho que Sloane é muito inteligente e muito capaz de saber o que quer para si mesma.

Meu olhar voa por cima do ombro dele para Cordelia, cujos olhos estão fixos nos meus. Ela parece zangada, mas não para mim. É o tipo de raiva que pode transbordar em lágrimas quentes e silenciosas.

Eu conheço essa raiva. Eu conheço essas lágrimas. Elas têm gosto de arrependimento, e é isso que está escrito em seu rosto.

Ela se parece tanto com a filha que é difícil não ver os paralelos entre elas. É difícil não vê-la vivendo a vida que Sloane poderia ter daqui a alguns anos. Ter que ver sua própria filha ser penhorada como um bem móvel.

Eu balanço minha cabeça. Que porra de ano é esse? Acho que realmente devo estar do lado errado dos trilhos, porque esses casamentos de transações comerciais simplesmente não fazem parte do meu mundo.

— É mesmo, Sloaney? — Robert espia ao meu redor, curvando-se condescendentemente, parecendo muito divertido com a angústia de sua filha.

Quero dar um soco na cara dele e vê-lo cair no chão. Mas apesar da minha educação humilde e de ser *um órfão que trabalha na indústria do entretenimento,* não sou burro. Ele é o tipo de idiota que vai entrar no escritório de seu advogado chique e chorar por isso.

Os dedos de Sloane se unem aos meus quando ela se aproxima de mim, erguendo o queixo, recusando-se a se encolher. — Você precisa sair. Quando estiver pronta para falar com você, eu irei. E meu nome é Sloane. Não Sloaney.

Robert pisca uma vez enquanto se endireita. Ele esperava que ela rolasse e lhe mostrasse a barriga, não curvasse os lábios para ele.

Estou orgulhoso dela. De quanto ela cresceu nos últimos meses.

O homem gordo puxa as lapelas de sua jaqueta. — Eu fiz uma reserva para jantar para o seu aniversário na quarta-feira. Se você se dignar a nos agraciar com sua presença, seria ótimo ter a aniversariante lá.

Ele se torna um idiota condescendente com tanta facilidade. Meus dentes rangem e meus dedos se enrolam firmemente em torno dos dela, enquanto a mão oposta se fecha facilmente em um punho.

— Jasper tem um jogo nessa noite — diz ela com naturalidade.

Roberto sorri. — Isso é bom. Ele não está convidado. Não se ele quiser manter aquele show.

O queixo de Sloane afunda e seus ombros rolam para dentro. A decepção pinta cada fenda de seu corpo, mas ela não oferece uma resposta.

Ele está quase fora da porta quando se vira e desfere seu golpe mortal. — Pense bem, *Sloane*. Se você vai ser dona do seu próprio destino ou seja lá qual for essa nova fase, você tem que levar em consideração algumas coisas. Você quer ser o motivo de Jasper Gervais voltar para o lugar de onde veio? É um longo caminho para um homem como ele cair.

Com isso, ele bate os dedos no batente da porta e se afasta como se fosse o dono do lugar.

Os olhos assombrados de Cordelia são um tiro direto no peito. O olhar de súplica com que ela me atinge é pesado e desconfortável.

Quase tão desconfortável quanto o silêncio que paira sobre mim e Sloane após essa conversa.

Quero dizer a ela que a amo. As palavras praticamente queimam a ponta da minha língua enquanto as seguro. Mas não é o suficiente. Ou talvez seja demais.

Claro, eu a amo. Eu sempre amei. Mas isso? Agora? Eu a amo de maneira muito diferente do que amei outra pessoa em minha vida.

Uma caminhonete, um hotel, uma pista coberta de neve, não importa – ela é lar.

Ela é o ar que eu respiro e isso me apavora *pra* caralho.

Porque não importa o quão ferozmente eu ame alguém, sei que eles sempre vão embora.

34

Sloane

Pai: Quarta-feira às 19h no The Frontier. Faça a escolha inteligente.

Sloane: Inteligente para mim? Ou inteligente para você?

* * *

Nós dirigimos em silêncio tenso, segurando as mãos um do outro. Eu não acho que deixei a mão de Jasper ir por mais do que alguns segundos aqui e ali.

E foi ele quem procurou por mim. Toda vez.

Depois de anos tentando alcançá-lo, ele está me alcançando de volta. Eu só não sei se pegar a mão dele é a jogada mais inteligente.

Eu fui de exultante e com tesão, explodindo com todos os sentimentos piegas, para me preocupar que meu amor pudesse arruinar a vida deste homem.

Meu pai puxou o tapete debaixo de mim com tanta força que estou caindo. Eu sou Alice na porra da toca do coelho no País das Maravilhas, onde absolutamente nada faz sentido.

Exceto que nada nesta situação é encantador ou peculiar.

Nós paramos na frente do pequeno bangalô que eu trabalhei mais para atualizar. Aquele em que brincamos de casinha. Aquele que ele comprou só para dar ao meu pai um bom *foda-se*. E agora estou vendo o porquê.

Sento-me atordoada, vendo a casa sob uma nova luz. Parecia que estávamos construindo uma casa aqui. Fizemos questão de fazer amor em todos os

cômodos. Coloquei uma guirlanda na porta da frente e enrolei luzes de Natal no corrimão do pátio.

Meu pai conseguiu manchar até isso para mim. Chestnut Springs. Jasper. Minha vida amorosa. Estou mais uma vez mergulhada naquele banho de gelo ao perceber que fui o pequeno peão perfeito e não fui inteligente o suficiente para perceber.

— Eu tenho que voltar para a cidade cedo para treinar pela manhã — Jasper diz.

Eu concordo. Quando ele me perguntou onde eu queria estar, falei: — Leve-me para Chestnut Springs.

Eu não tinha vontade de ficar na mesma cidade que meu pai.

— Você está bem? — Seus dedos quentes apertam os meus, pulsando como um batimento cardíaco.

Jasper sempre foi meu batimento cardíaco, e ainda me pergunto se sou o dele. Se ele sente isso tão intensamente quanto eu.

Se ele me ama.

Ele não disse as palavras e nem eu. De certa forma, nós nos sentimos frágeis, muito inquietos. Frágil, como uma pilha de blocos ligeiramente torta. Um breve estrondo e tudo pode desmoronar. Nós dois temos merda que não fomos corajosos o suficiente para enfrentar. Nós tivemos nossas cabeças na areia.

Ele poderia me amar se isso significasse perder sua carreira, sua paixão? É a única coisa que ele trabalhou tão duro para conseguir. Ele superou tudo para isso.

— Não — eu sussurro. — Eu não estou.

— Sinto muito, Sunny.

— É — suspiro irregularmente, finalmente me virando para olhar para

Jasper. Seus penetrantes olhos de meia-noite me analisam sob as sobrancelhas franzidas. Ele é tão bonito em seu terno caro. Ele é um homem de contradições. Robusto e polido. Quente e frio. Suave e duro. Feliz e triste. Quebrado e consertado.

Uma colcha de retalhos com a qual adoro me aconchegar.

Apenas olhar para ele racha meu maldito peito aberto. Eu poderia dar a ele a liberdade de manter tudo pelo que ele trabalhou tanto. Mesmo que isso me rasgasse em pedaços.

Mas prefiro me machucar.

Eu prefiro ter um buraco em forma de Jasper no meu peito do que arrastá-lo para fora do pequeno pedaço de felicidade que ele esculpiu para si mesmo só para que eu possa ficar com ele. Esta vida tem sido tão injusta com ele de muitas maneiras. Uma e outra vez.

Não quero ser outra coisa injusta para ele, pegando mais do que ele pode razoavelmente dar a alguém.

— Sunny... — Ele se vira em seu assento, roçando dedos calejados sobre minha bochecha. — Porque você está chorando?

Minha mão livre balança até meu rosto e sai molhada. Eu nem percebi que estava chorando. Eu olho para a água brilhante na minha mão, e isso me leva de volta ao quase dia do meu casamento, observando aquela pequena gota de sangue na minha mão.

A mão de Jasper segura minha bochecha, as pontas de seus dedos se arrastando pela minha nuca. — Eu não quero ser a razão pela qual você está afastada de sua família. Eu não quero fazer você escolher. Porque sei o quanto dói perder a família, não importa o quão terrível eles possam ser. Eu não quero dizer a você o que fazer. Isso não é sobre mim. Eu só quero que você seja feliz. Vá para o jantar. Conserte suas cercas, queime suas pontes. O que você precisar

fazer. Eu vou para o meu jogo. Isso não importa para mim. — Seu polegar arranha minha bochecha e sua voz falha. — Apenas me diga como fazer você feliz.

— Não quero que ele estrague sua carreira. — Eu fungo, limpando minha garganta enquanto olho para os olhos que me mantiveram cativa por dezoito anos.

Ele balança a cabeça. — Não vai.

— Ele disse que iria.

— Ele não pode.

— Você não sabe disso! — Os meus sussurros se transformam em um grito agitado. — Você não sabe o poder que ele tem. As conexões. Eu vi isso toda a minha vida e de alguma forma nunca julguei a maneira como ele exerce esse poder. Eu tenho sido tão estúpida. Tão cega.

— Ele não pode. E você é muitas coisas, mas estúpida não é uma delas. Você vai parar de dizer isso agora, porque não vivo mais com medo dele, Sunny. E você deveria parar de viver com medo também. Passei anos perdendo o sono por causa dessa ameaça. E cansei. Cego, talvez? Mas eu posso me relacionar. Muitas vezes somos cegos para as pessoas que mais amamos.

A expressão no rosto de Jasper agora é de puro foco e determinação. Amor puro.

Mas ultrapasso isso. Afasto-o. Aperto meu coração. Às vezes, amar significa perder, e eu o amo o suficiente para fazer isso. Se ele precisar que faça, eu vou.

— Mas e se ele puder? E se ele puder atingir você e fazer tudo desaparecer? Não está fora do reino das possibilidades no que diz respeito a Robert Winthrop. Então o que você faria?

Jasper pisca para mim, ficando imóvel no SUV silencioso.

Minha mão aperta a dele enquanto coloco tudo sobre a mesa. A pergunta que

eu sei que vai ganhar ou partir meu coração. — Você está disposto a fazer essa aposta?

Eu rolo meus lábios juntos, desejando que Jasper diga que é *claro* que ele aceitará essa aposta. Mas também desejando que ele diga não. Eu quero que ele mantenha o que ele trabalhou tanto, não jogue tudo fora por causa de uma garota apaixonada.

Os segundos se estendem e Jasper não diz absolutamente nada. Sua expressão é aflita e seus olhos se fixam em algum lugar distante.

Eu posso imaginar onde. Para um dia muito, muito tempo atrás. Um que ainda assombra todas as suas decisões, um que eu não sei se ele estará livre.

Jasper sente que sua decisão naquele dia fez com que perdesse todos que amava.

Agora eu me preocupo que ele seja forçado a tomar uma decisão que o colocará de volta lá novamente.

Mas ele não diz nada. Ele não me diz o que eu quero ouvir. E ele não me diz o que eu não quero ouvir.

Ele simplesmente congela. Como naquele dia na pista.

E de alguma forma isso dói mais. Meu coração parece esfolado no peito, como se estivesse tentando subir pela minha garganta para escapar da dor de estar no meu corpo.

Minha cabeça entende sua indecisão, mas meu coração queria que ele dissesse: *Sim! Estou disposto a fazer essa aposta*.

Meu coração *precisava* que ele dissesse isso.

Eu aperto sua mão mais uma vez, engolindo em seco para me forçar a um estado de compostura fria. Se eu posso dançar com os dedos dos pés sangrentos, posso sair deste veículo sem desmoronar.

— Tudo bem. Eu entendo. Mas acho que você deveria voltar para sua casa na cidade esta noite. Certifique-se de estar pronto para seus jogos esta semana. Aproveite o tempo e o espaço. Nós dois precisamos disso. Vou ligar para você.

Vou ligar para você. Eu quase rio de como pareço clichê. O que poderia ser pior? *Não é você, sou eu?*

Quando ele não responde, espio seu rosto. Uma expressão familiar congelada enfeitando suas feições.

— Eu sei que você está desmoronando agora. Posso ver você desmoronando bem diante dos meus olhos, Jas. Mas também sei que você precisa ser o único a se recompor. Se for eu, serei constantemente aquela que consertará você quando você quebrar. Puxando você de volta daquela borda. E não posso ser responsável por isso pelo resto de nossas vidas. Isso precisa partir de você. — Minha voz falha. — Eu mal consigo me recompor hoje em dia.

E com isso dou um tapinha em sua mão e me afasto, deixando o calor de seu veículo, virando com a cabeça erguida para caminhar até a porta da frente. Em um ritmo uniforme, mas forçado, inspiro pelo nariz e expiro pela boca. Eu me apoio em meus anos de treinamento, caminhando graciosamente com meus ombros jogados para trás e cabeça erguida.

Não é até que fechei a porta da frente com segurança que o motor gira e as rodas trituram na rua cheia de neve que eu deixo minha compostura escapar.

Então desmorono também.

35

Sloane

Summer: Acho que precisamos fazer um brunch embriagado.

Willa: Estou. Grávida.

Summer: Nem sempre é sobre você, Willa.

Willa: Sobre quem mais seria?

Summer: Winter apareceu e perguntou se poderíamos tomar um café. Eu realmente quero falar com ela. Mas... não sei o que falar com ela. Preciso de pessoas para executar a interferência.

Willa: Você pode falar sobre o pedaço de merda que o marido dela é? Quão fofo é o Theo?

Summer: Não vou tocar em nada disso com uma vara de três metros. Além disso, Sloane pode estar morta. Ela está deitada no chão da minha academia olhando para o teto.

Willa: Sloane. Atenda seu telefone. A morte não é uma opção. Você é muito jovem e gostosa. E ainda não descobri o tamanho do pau do Jasper.

Sloane: Por que você simplesmente não pergunta a ele?

Summer: KKKK. Sim, Wils. Basta ser casual.

Willa: Você está viva! Ele é tão alto! Suas mãos são tão GRANDES. Por favor, confirme o tamanho.

Sloane: Os pés dele também são grandes.

* * *

As luzes de néon acima de mim piscam e vejo uma longa lâmpada queimar completamente. Pequenos pontos surgem na frente dos meus olhos de olhar para elas por tanto tempo.

Eu estava com calor quando terminei de dançar, mas agora o suor em minha pele esfriou e o desconforto se infiltrou em meus poros. Eu ainda não me mexo.

Desconforto é meu novo padrão.

Estou neste estúdio há horas, dançando até não conseguir mais pensar. Eu não quero pensar. Deitei na cama acordada a noite toda pensando.

Eu até pensei em responder a mensagem de texto de Jasper esta manhã. E depois não o fiz, porque não sei o que dizer.

Bom dia.

Na verdade, não. Não é um bom dia. É uma merda de manhã. E eu o amo tanto que poderia facilmente passar a odiá-lo. Eu poderia dizer algo cruel. Eu poderia fazê-lo se sentir mal.

Pode me fazer sentir melhor por um minuto atacar. Fazê-lo sofrer tão intensamente quanto eu estou.

Mas no fundo sei que ele já está. Eu o *conheço.* Eu sei que ele está em pânico. Ele está travado. Congelado sólido como na pista de fuga.

Eu sei que ele está sofrendo e isso me mata.

O pior é que eu o afastei. Achei que seria melhor para ele assim. Agora não tenho tanta certeza de que isso seja verdade. Não tenho certeza de nada – inclusive de mim.

Por anos eu quis entrar na cabeça de Jasper. Até agora. Agora, acho melhor não saber o que se passa na cabeça dele.

Dói menos assim.

— Ok, você está deitada aqui há muito tempo. Minha irmã é médica, então ela vai vir ver como você está.

Minha cabeça rola pelo chão para espiar Summer na porta do estúdio dos fundos da academia. Ela está encostada no batente enquanto sua igualmente adorável irmã loira fica ao lado dela, parecendo notavelmente desconfortável em seu uniforme e jaqueta fofa.

Ela me dá um aceno desajeitado e um sorriso tenso, não tão homicida quanto na noite em que a vi pela primeira vez.

Eu levanto a mão de volta em sua direção. — Estou perfeitamente bem. Não há motivo para alarme. Mas você precisa substituir uma lâmpada aqui. — Aponto para o teto. — Na verdade, se estamos oferecendo conselhos médicos... olhar fixamente para lâmpadas faz mal aos meus olhos?

Winter dá de ombros. — Provavelmente não é o ideal.

— Ok — suspiro. — Vou fechá-los. Ordens médicas.

Winter solta uma risada seca, mas Summer não. Seus passos se aproximam e, quando ela cutuca meu pé com a ponta do tênis, olho para ela.

— Vamos — diz ela. — Eu sei do que você precisa.

Concordo com a cabeça, deixando meus olhos se fecharem. — Sim. Uma máquina do tempo.

— Não. Um brunch embriagado.

— Summer, é segunda-feira! — Winter soa alarmada e isso me faz rir.

— Então? Você acabou de terminar um longo turno e eu terminei com meus clientes do dia. Willa está entediada e explodindo meu telefone sobre tamanhos de pênis. E Sloane parece meio morta. Todas nós temos um lugar para estar? Coisas importantes para fazer? Está ansiosa para voltar para a cidade?

Os lábios de Winter se contraem com força enquanto ela balança a cabeça.

Eu aponto para ela, já me sentindo um pouco tonta. A falta de sono fará isso com uma garota. — Garota, isso mesmo. Vamos nos esconder em Chestnut Springs com um garoto gostoso do interior e nunca mais voltar para a cidade. A cidade é uma porcaria, assim como todos que moram lá.

Um pequeno sorriso brinca no rosto impassível de Winter, e ela dá de ombros, os braços cruzados subindo e descendo enquanto o faz. — Eu suponho que eu poderia beber por isso.

— Caramba, sim! — Summer exclama. — Vou ligar para Wils e podemos encontrá-la na Le Pamplemousse.

* * *

— Aqui, pegue outra. — Willa empurra uma mimosa por cima da mesa em minha direção na charmosa e iluminada cafeteria de estilo parisiense, chamando minha atenção para a Rosewood Street, a principal via de Chestnut Springs.

— Já tenho uma. — Eu inclino minha taça de champanhe para ela.

Ela aponta para a minha mão oposta. — Sim, mas essa mão está vazia. E não vou beber. Estou grávida. — Ela revira os olhos como se eu fosse burra e coloca o copo de modo que roce na ponta dos meus dedos.

— Por que você pediu isso então? — Eu não luto contra. Enrolo meus dedos ao redor da haste da taça e a aproximo.

Willa dá de ombros com uma leve risada. — Não sei, queria fazer parte do brunch embriagado.

Winter arqueia uma sobrancelha ao lado dela. — Você está literalmente *aqui*. No brunch embriagado. O que mais você precisa?

Willa olha ansiosamente para minhas doses de mimosas. — Bebida. Obviamente.

— Que tal um pouco de suco de laranja em uma taça de champanhe? — Summer oferece docemente.

Willa faz um barulho de gemido. — Isso é apenas ofensivo.

Meus olhos saltam entre as três mulheres e percebo que já estou me sentindo mais humana. Sorrir não é o esforço hercúleo que parecia antes.

Winter toma um gole profundo. — Esta bebida tem um gosto fantástico. Eu deveria fazer isso mais frequentemente.

O cotovelo de Willa cutuca seu lado. — Foda-se, sim, você deveria.

Summer acena com a cabeça antes de acrescentar timidamente: — Gosto de ter você aqui, Winter.

Eu levanto meu copo sobre a mesa. — Vou brindar por isso. Eu poderia usar um pouco da inspiração de Winter. Vi você humilhar Theo na outra noite, e preciso canalizar isso para os homens da minha vida.

Ela bate seu copo contra o meu, mas sua cabeça se inclina. — Não tenho certeza se sou alguém a quem aspirar no departamento masculino. — Eu arqueio uma sobrancelha, olhos caindo para o anel em seu dedo. Ela percebe e apenas diz: — Sim. Isso.

— Quando isso vai acabar? — Willa pergunta tão casualmente, como se terminar um casamento fosse direto e seco. Não conheço todos os detalhes sujos do casamento de Winter, mas sei que é complicado pra caramba. Eu também sei que ela e Summer estão em uma situação frágil e passar um tempo juntas assim é novo para elas.

Todas elas vieram atrás de mim, mas está claro que me ter aqui com Willa dá algum apoio extra entre as irmãs.

Winter toma outro gole profundo, drenando o copo. — Quem sabe, porra? Acho que o fato de arrastar o assunto o torna difícil ou algo assim. — Summer tosse como se sua mimosa tivesse descido pelo tubo errado. No entanto, Winter

parece não notar. O álcool já deve tê-la deixado relaxada. Ela inclina a cabeça na minha direção. — A ideia de Sloane de se esconder em Chestnut Springs parece muito, *muito* atraente. Onde me inscrevo para isso?

Eu empurro minha mimosa sobre a mesa para ela, e ela a pega sem dizer uma única palavra. Quanto mais olho para Winter, mais acho que ela pode precisar de bebidas mais do que eu.

Eu me sinto exausta, mas ela parece profundamente cansada, como se minha única noite sem dormir fosse sua norma.

— Quer alugar uma casa aqui? — pergunto. — Estou atualizando algumas do outro lado da rua da academia de Summer.

Isso ilumina o rosto de Winter. — Sim?

— Sim. Posso mostrar depois desse brunch embriagado.

— As casas de Jasper, hein? — Summer pergunta curiosamente.

— Sim, por que você não nos conta mais sobre isso? — Willa insiste.

Eu coloco uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e baixo meus olhos. — Bem, na verdade ele é dono de todo o quarteirão. Eu tenho pintado e...

Willa acena com a mão. — Não, não, não. Conte-nos sobre Jasper.

— Sim! — Winter ergue o copo. — Diga-nos por que você estava deitada no chão por uma hora.

Summer alcança debaixo da mesa e aperta meu joelho, sempre tão doce.

— Não sei nem por onde começar.

— Você pode pelo menos nos dizer se Jasper tem um pau enorme? — Willa se inclina sobre a mesa.

Eu concordo.

Winter bufa.

Summer suspira.

— Eu sabia!

Summer dá a Willa um olhar de repreensão, arregalando os olhos para sua melhor amiga. — Por que você não começa do começo, Sloane?

Eu me jogo de volta na minha cadeira e olho para as três mulheres sentadas comigo. — Bem, teria que voltar para a primeira vez que coloquei os olhos nele quando eu tinha dez anos.

Uma lufada de ar comum deixa os pulmões de todas. Eu levanto meu copo. — Sim. Um brinde a isso, certo? Uma paixão não correspondida de décadas. Exceto que descobri recentemente que não era tão não correspondida.

A mão de Willa rola no ar. — Daí toda a história de noiva em fuga morando com o amigo, certo?

Minha cabeça se inclina para os lados. — Quero dizer, sim. É um pouco mais complicado do que isso.

— Qual é o problema? — Willa parece confusa.

— Sim, o que ele fez? — Amargura sangra na voz de Winter.

— Ele não fez nada. Esse é o problema. Ele apenas congelou. Ele teve esse momento perfeito para me dizer tudo. E ele simplesmente congelou. Ele está tão quebrado. Trancado tão apertado. E sei os motivos. Eu nem mesmo o culpo. Eu apenas... queria ser o suficiente para ele superar isso.

Eu pisco rapidamente, tomando um grande gole. — Tudo o que ele faz por mim diz que se importa. Mas preciso — eu estalo minha língua e faço um movimento brusco com minha cabeça — não sei, porra. Acho que depois de anos acreditando que ele não me quer, preciso de mais do que apenas ele entrando em um ritmo simples e feliz comigo. Eu quero sentir que ele não pode viver sem mim. Como se ele fosse fazer qualquer coisa para me ter. Se ele não consegue encontrar as palavras para me dizer, quero ações. Apenas... *alguma*

coisa.

As cabeças acenam e me sinto estimulada pela segurança, pela falta de sono e pelo champanhe com o estômago vazio.

— Correndo o risco de parecer mesquinha, quero que ele esteja tão apaixonado quanto eu. Eu o queria por tanto tempo. Estou quase com raiva por ele nunca ter notado. Eu quero que ele prove que ele percebe agora.

— Então vocês... terminaram? — Summer pergunta, sua voz pequena e hesitante.

— Não. Não sei. — Uma risada sombria borbulha em mim enquanto dou de ombros. — Acho que nós dois estamos apenas traumatizados por nossa criação. Tornar-se adulto é difícil quando seus pais fodem com você, sabe?

Summer e Winter trocam um olhar carregado antes de Winter dizer: — Sim. Acho que podemos nos relacionar.

— No fundo sei que Jasper nunca vai me deixar. Nem mesmo no meu pior. Essa é a coisa sobre nós. Nós dois podemos estar em nosso pior comportamento e nunca vamos segurar um contra o outro por muito tempo.

— Ugh. Eu amo isso. — Willa funga.

— Eu quero que ele me faça sentir segura. Mas eu também não disse nada para fazê-lo se sentir seguro, e sei que ele precisa disso. Basicamente, não tenho planos porque... realmente não sei o que fazer comigo mesma. — Suspiro, olhando para as luzes acima de mim, sentindo-me um pouco responsável por afastá-lo. — Preciso enfrentar meu pai para que eu possa seguir em frente. Começar do zero. Preciso encontrar minha própria segurança primeiro. Só espero não ser tarde demais. Mas então a ideia de ele perder o hóquei? Sua carreira? Sua paixão? Tudo por mim? Estou preocupada por não poder enfrentar isso.

— Você não viu o jeito que aquele homem olha para você? — Winter está

sorrindo para mim, embora seja um momento estranho para estar sorrindo.

— Acho que não.

— Eu acabei de conhecer vocês dois no jantar na outra noite, mas ele presta atenção em cada palavra. Rastreia cada movimento. Não tenho certeza se ele sabia o que mais estava acontecendo naquela sala. Isso me fez... isso me fez, bem, fez eu me sentir amarga para ser honesta. Quase doeu de assistir. Mas, ha, isso é uma coisa minha. — Ela olha pela janela. — De qualquer forma, estou dando a ele e a seu pau grande meu voto de confiança. Confie em mim. Você está bem. Acho que ele vai aparecer.

— Mas e se ele não fizer isso?

Winter dá de ombros e as outras duas continuam a me encarar com olhos arregalados. Duvido que saibam o que dizer. Jasper é um mistério envolto em um enigma para a maioria das pessoas.

— Então você segue em frente.

Segue em frente.

Eu tomo um gole profundo da minha mimosa. Parece tão simples. Tão fácil. Tão... óbvio.

E, no entanto, tão impossível.

Se superar Jasper Gervais fosse uma opção, eu já teria feito isso.

36

Jasper

Willa: Oi. É a Willa.

Jasper: Oi, Willa. É Jasper.

Willa: Eu ia mandar uma mensagem para você e perguntar o tamanho do seu pau, mas não acho que Cade iria adorar isso.

Jasper: Eu me pergunto por quê.

Willa: Em vez disso, pensei em dizer a você que agora é sua chance de *provar* o tamanho do seu pau.

Jasper: Obrigado pelo conselho.

Willa: Isso não foi um conselho. Foi motivação.

Willa: Além disso, você nunca encontrará alguém melhor do que ela. Eu não me importo com o quão famoso você é.

* * *

— Então, ela perguntou se você arriscaria sua carreira por uma chance com ela e você não disse nada? — Harvey está olhando para mim por cima da borda de sua caneca de café fumegante como se eu fosse a coisa mais estúpida que ele já viu.

— Fui direto para a casa do Roman e ligamos para a gerência da equipe para resolver as coisas. Explicamos tudo.

— Você disse isso a ela?

Eu apenas encaro Harvey. — Talvez eu devesse, mas queria ir até ela com um plano. *Provas.* Eu queria poder garantir a ela que minha carreira estava segura. Que *nós* estávamos seguros.

Harvey deve achar que meu plano é péssimo porque diz: — Todos vocês, meninos, são idiotas.

Liguei para Sloane na segunda-feira. Ela ignorou a ligação, mas me mandou uma mensagem dizendo que tinha saído com Summer e Willa. Não me impediu de dormir em um colchão de ar na casa vazia ao lado só para estar perto dela.

Fui para nossa casa na terça-feira depois de terminar no rinque, mas quando fui para a porta da frente, vi Sloane e Winter com um pacote de seis cervejas *Buddyz Best* e caixas de comida chinesa espalhadas entre elas. Elas estavam deitadas no chão, olhando para o teto, rindo incontrolavelmente. Parecia um momento estúpido para bater e interromper.

Eu também simplesmente me acovardei. Fiquei preso na minha cabeça e deixei toda a autoaversão tirar o melhor de mim. Eu me afastei, decidindo colocar meus olhos nela para obter algo. Dormi ao lado de novo.

Hoje é quarta-feira e eu deveria estar na cidade me preparando para o jogo desta noite, mas estou perdendo a cabeça. Sloane janta com o pai hoje à noite e tenho um jogo da divisão com dois pontos na linha de que precisamos desesperadamente.

Mas estou aqui, conversando com o único homem a quem pedi um conselho de verdade. Porque, embora eu nunca tenha conhecido sua falecida esposa, Isabelle, sei que ele era um excelente marido. Ele tem que saber uma ou duas coisas sobre relacionamentos, onde eu não sei nada. Não tenho visto exatamente grandes exemplos em minha vida.

— Eu congelei. Entrei em pânico. — Como sempre faço.

— Jasper. — Meu nome é um suspiro triste em seus lábios.

— Estou tentando respeitar os desejos dela — explico.

— Filho, vou contar uma coisa que só diria a um homem tão bom quanto você. — Ele faz uma pausa, os olhos examinando meu rosto. — Neste caso, você está sendo respeitoso *demais*.

— Obrigado pelas palavras de sabedoria. — Eu solto uma risada incrédula enquanto me jogo no sofá, esfregando meu rosto.

Mas toda vez que fecho meus olhos, vejo Sloane.

Ela está dançando ou esfregando cuidadosamente argila facial no meu rosto. Às vezes, vejo Sloane assustando outras garotas para longe de mim em um bar aleatório. Outras vezes, ela está nadando em um lago na montanha. Eu vejo Sloane no palco.

A cor das linhas no gelo? Lembra-me dos olhos dela.

Quando coloquei muito creme no meu café na outra manhã? O cabelo dela.

Quando uso meu sabonete favorito? A maneira como ela se inclina para mim e suga uma respiração enorme.

Sloane está *em toda parte.*

— Então vocês dois terminaram? Reuniões de família vão ser estranhas agora. Violet vai matar você.

— Nós não terminamos — eu estalo.

Harvey arqueia uma sobrancelha para mim como se dissesse: *Cuidado com o tom, idiota.* — Como você sabe que não terminaram? Você falou sobre isso?

— Porque...

— Ou melhor pergunta. Como Sloane sabe que vocês não terminaram? Oh, ela ao menos sabia que vocês estavam juntos?

Eu gemo e olho para o teto. A ansiedade gira em meu peito. Eu esfrego como se pudesse aliviá-lo, mas não ajuda. — Sim. Ela sabe.

— Como?

— Não sei. Você não apenas nos separa. Somos... eu não sei. Somos maiores que isso.

— Quero dizer, se vocês podem ignorar os bebês com cauda, não tenho certeza do que realmente poderia mantê-los separados.

Eu balanço minha cabeça. — Idiota.

— Então vocês são como... — Sua mão acena ao redor. — Almas gêmeas em uma pausa. Sim, sim. Faz todo o sentido.

Almas gêmeas. Isso parece pesado.

Mas não parece errado.

— Você a ama?

Eu encaro Harvey, tentando entender tudo na minha cabeça como tenho feito por dias. — Claro, eu a amo. Eu sempre a amei.

— Você disse isso a ela?

Uma pedra cai no meu estômago. — Não.

— Por que não?

Eu dou de ombros sem compromisso, sentindo-me como uma criança recebendo uma bronca.

— Você sabe porquê. Você sabe disso. Diga isso em voz alta.

Minha voz está tensa quando finalmente digo o que está me segurando. — Porque as pessoas que amo ou morrem ou me abandonam.

Harvey suspira, sentando-se na grande cadeira de couro ao lado da lareira na ampla sala de estar: — Você tem sido o brilho dos olhos daquela garota por duas décadas e ela ainda não foi embora. Não importa o quanto você a machucou.

Náusea segue uma sensação de afundamento.

— Eu nunca quis. Juro que não sabia... não quando algo poderia ter vindo disso de qualquer maneira. Quero dizer, todos nós sabíamos quando ela era criança. Mas como adulta? Como isso era tão óbvio para todos, mas nenhum de vocês idiotas zombou de mim sobre isso até agora?

— Porque nunca pareceu que você se sentia da mesma maneira. Fizemos isso o suficiente quando ela era adolescente. Começou a parecer cruel. Não era mais engraçado em um momento. Não tenho certeza se alguém já disse isso a você, Jasper, mas você é difícil de ler. Você é mal-humorado e temperamental. Fechado. Um pouco inseguro no coração.

— Ok. Sim, estou entendendo. Isso é ótimo para minha autoconfiança. Por favor, continue. — Apoio os cotovelos nos joelhos e abaixo a cabeça.

— Você também é sensível.

Ele não está errado. Eu vivo na minha cabeça e sinto as coisas intensamente. Eu sempre fiz.

— E com medo — ele acrescenta, só para realmente deixar claro o quanto estou fodendo as coisas.

— Sim. Eu estou. Estou realmente assustado.

Ouço os passos pesados de Harvey quando ele atravessa a sala e se joga no sofá ao meu lado. Quando ele planta a mão no meio das minhas costas, a ponta do meu nariz arde. — Sobre o quê?

— E se eu fizer a escolha errada? E se eu colocar tudo em risco e explodir na minha cara? E se ela perceber que não valho a pena e me deixar? Eu... estou paralisado por todos os “e se”. Isso não é apenas como *e se eu deixasse um disco passar?* Então eu simplesmente perco o jogo. A vida continua. Mas isso? Eu tenho um talento especial para foder a vida das pessoas que me amam e que amo de volta. É a minha especialidade.

— Isso não é verdade. Você está olhando errado. Eu amo você e não fez nada

além de tornar minha vida melhor.

Um ruído estrangulado se aloja em minha garganta, e a mão de Harvey sobe, apertando meu ombro. Eu aceno, ainda com a cabeça baixa.

— Eu não conheço seus pais, Jasper. Mas devo dizer que não quero. Alguém que poderia deixar você para trás? Eles não amam você do jeito que merece. E eu sei que Sloane concordaria com isso. Essa garota nunca deixou você para trás, nem por um momento. Não importa o quão desagradável você tenha sido, ela amou você de qualquer maneira. Ela amou quando você não a amou de volta e não pediu merda nenhuma. Acho que tudo o que ela está pedindo é que você a ame de volta agora. E você está me dizendo que já sabe, mas é muito covarde para contar a ela. Ela já esperou bastante, não acha?

— Mas o que devo fazer? Implorar a ela para me escolher em vez de sua família? Eu sei como é perder a família. Mesmo que sejam idiotas, você ainda os quer por perto de alguma forma. Eu não quero ser a pessoa que toma essa decisão por ela.

— Você não precisa tomar uma única decisão por ela, apenas por você. Essa garota tem escolhido você por anos. Ela está cansada de esperar que você a escolha de volta. Não posso dizer que a culpo. Você é lento como lesma para descobrir as coisas. E agora ela terminou com você. Alguém já lhe disse que Sloane é a melhor que você já teve?

— Ela não terminou comigo. E sim, Willa me disse isso hoje. Vocês são todos muito atenciosos. Obrigado por isso.

— Vocês dois estão se falando?

Eu me viro e olho para ele, mas no fundo, meu coração dispara. *Ela terminou comigo?* Eu realmente sou um idiota.

— Quero dizer, há realmente apenas uma questão, Jasper. — Ele toma um gole de café e me deixa esperando. O velho tem que se divertir de alguma forma.

Idiota.

— Qual é a questão?

Ele dá de ombros como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Você aceitaria essa aposta?

— Toda vez.

Eu amo hóquei, mas não chega nem perto de como eu amo Sloane. Duas semanas fora do hóquei em comparação com alguns dias sem Sloane provaram duas coisas para mim: posso viver sem hóquei, mas não posso viver sem Sloane.

Ele golpeia a parte de trás da minha cabeça com amor. Se isso é mesmo uma coisa. — Então diga a ela, seu idiota.

Uma batida rápida na porta chama nossa atenção. Harvey dá um tapa no meu joelho. — Eu vou cuidar disso. Você se senta aqui e pensa em sua própria estupidez enquanto elabora um plano para consertar isso.

Eu rio. Apenas Harvey poderia fazer uma palestra emocionante e depois zombar de mim abertamente para me fazer rir.

As dobradiças da porta rangem e ouço uma voz que não esperava. — Harvey.

— Cordelia?

Estou de pé e caminhando em direção à porta da frente, virando o corredor bem a tempo de ver a mãe de Sloane levantando uma mala Louis Vuitton enquanto diz: — Alguma chance de você ter um quarto vago? — Ela olha para a mala e depois para Harvey. Seu sorriso é aguado. — Eu poderia realmente usar um local seguro para me orientar.

— Claro. Eu...

— Oh — ela respira quando me avista. — Você está aqui.

Eu dou a ela um aceno de cabeça, de repente desejando que tivesse meu boné

para me esconder atrás. — Sra. Winthrop.

Ela me encara por mais tempo do que é confortável, e seus olhos se enchem de lágrimas. — Não deixe que ele assuste você, Jasper. — Ela me prende com seus olhos azuis claros, tão parecidos com os da filha. — Não deixe que ele controle você também. Ele é um mestre. Ele enfia as garras em você e de repente você acorda na casa dos cinquenta com nada além de uma pilha de arrependimentos. A melhor coisa que posso fazer por ela neste momento é dar o exemplo. Não quero essa vida para Sloane. Eu não *o quero* para Sloane. Ela vai precisar que você esteja lá quando ela se libertar deles.

— Eles quem? — pergunto, o alarme correndo por mim enquanto eu junto o que ela está dizendo. O que ela fez.

Eu olho entre Harvey e Cordelia. Os olhos de Harvey estão fixos na irmã mais nova de sua falecida esposa com uma intensidade que nunca vi antes.

— Sterling. Robert. Homens como eles não gostam de ser desprezados. Eles manobram. Eles planejam. Este jantar não será apenas uma comemoração de aniversário. Vai ser um golpe, e não posso estar presente. Não posso vê-la continuar sendo manipulada por eles.

Meu coração martela em meu peito, duro e pesado. — Ela não vai ser.

Sua mãe suspira e olha para mim com tristeza. — Talvez não, mas isso não vai impedi-los de tentar.

Pego minhas chaves na mesa da frente e deixo os dois com um aceno de cabeça.

— Jasper! — Cordelia me chama assim que chego à porta do lado do motorista. — The Frontier Steakhouse.

Eu quase rio.

O lugar onde tudo começou. Eu odeio aquela porra de restaurante, mas não consigo chegar lá rápido o suficiente.

Ela nunca me deixou para trás e eu também não vou deixá-la para trás.

O único pensamento em minha cabeça enquanto faço a viagem de uma hora de volta à cidade é que Sloane precisa de mim. Ela precisa que eu apenas *esteja* lá com ela.

E eu a amo.

37

Sloane

Mãe: Sinto muito que não posso estar lá.

Sloane: Eu realmente não culpo você. Não será uma refeição longa. Eu posso dizer isso.

Mãe: Você me inspira, Sloane.

Sloane: Inspiro você?

Mãe: A me importar menos com o que os outros pensam. A me colocar em primeiro lugar. A ser mais forte.

Sloane: Não me sinto forte.

Mãe: Oh, meu amor. Mas você é. E nunca me arrependerei de ter enviado aquela mensagem, porque naquele dia você aprendeu o quão forte você pode ser.

* * *

De onde estou, tenho uma visão perfeita de papai e Sterling sentados lado a lado em uma mesa perto da janela. Eles têm as cabeças juntas e sorrisos no rosto, como dois garotinhos sussurrando na sala de aula.

Garotinhos.

Isso é exatamente o que eles são. Após os últimos dois meses passados na presença de homens de verdade, estou vendo a diferença mais clara do que nunca. Não tem nada a ver com dinheiro, educação ou reputação pública de uma pessoa. Tem tudo a ver com o que está dentro.

Alma. Coração. Ações falando mais alto que palavras.

Esses dois idiotas podem dizer o que quiserem. Não estou mais caindo nessa. Eu vejo através disso.

Por muito tempo, fui uma pombinha meiga e recatada. E então eles me queimaram. E me arrasaram.

Acontece que eu sou um dragão e estou farta de garotos e suas besteiras.

Meus ombros rolam para trás enquanto me inclino contra a parede externa da Cartier do outro lado da rua do The Frontier.

Estou um pouco de ressaca hoje. Winter e eu nos demos bem. Acontece que temos mais em comum do que eu jamais imaginei. Ela é divertida e totalmente disposta a beber muita cerveja barata e deitar no chão comigo.

Tenho que agradecer a ela pelo traje poderoso que estou usando e também pela carona até a cidade. Eu também a tenho como vizinha em Chestnut Springs, porque uma vez que eu terminar essa porra de jantar estúpido, vou direto para aquela casinha.

Onde eu pertenço. Onde me sinto eu. Vou descobrir o resto à medida que avança – por mim mesma.

E há algo libertador em não ter regras. Depois de uma vida inteira tendo um caminho e um plano diante de mim, vou fazer... o que diabos eu quiser.

Reviro os ombros mais uma vez, verifico os dois sentidos nas quatro faixas de tráfego e saio para a rua.

Até mesmo andar parece bom.

Eu dou ao anfitrião um sorriso sem graça, segurando uma mão para cima. — Não, obrigada. Eu sei para onde estou indo. — Sem lhe dar chance de responder, passo em direção à mesa perto da janela onde dois dos homens que eu menos quero ver estão sentados.

Achei que ficaria nervosa, mas me sinto... animada.

— Pai, Sterling.

Suas cabeças se erguem como se estivessem surpresos em me ver. Normalmente, um membro da equipe me guiaria aqui, mas era exatamente isso que eu não queria.

— Sloaney... — Sterling me olha da cabeça aos pés. — Você parece muito severa com essa roupa.

Eu quase rio. Depois de meses ignorando-o, é *isso* que ele tem a dizer.

— Obrigada. — Dou um sorriso sarcástico para ele antes de ir para a cadeira ao lado da janela, em frente ao meu pai. O mais longe possível de Sterling.

Os olhos de papai passam por mim, avaliando-me, e me pergunto o que ele vê. Eu me pergunto se ele pode dizer que levantei o véu e o vejo com mais clareza do que nunca.

Eu não o *odeio.* Eu sou indiferente a ele.

Ele costumava me dizer que não estava com raiva, apenas desapontado comigo. E é assim que me sinto sobre ele agora.

Profundamente desapontada. Porque sempre vou amá-lo. Ele sempre foi alguém que eu admirei, e descobrir que tudo isso foi fabricado, ou infiel ao seu caráter, é decepcionante. Saber que outro homem na minha vida não me ama o *suficiente* para superar suas próprias merdas.

Mas dói menos com meu cabelo puxado para trás, unhas pintadas de vermelho sangue e vestindo um terninho preto com lapelas de smoking brilhantes.

Winter estava certa. Eu me sinto pronta para chutar traseiros e assumir nomes.

— Feliz aniversário, Sloane — Robert diz, levantando uma taça de vinho

sem me oferecer uma.

Estendo a mão e me sirvo de uma grande. Outra gafe em um lugar como este é não esperar pelo garçom – ou derramar do jeito que acabei de fazer.

Mas estou cansada de esperar que esses homens se recomponham e mereço uma jarra de vinho por estar aqui.

— Obrigada, pai — eu finalmente respondo depois de deixar os dois pendurados com seus copos no ar enquanto eu me servia. Claramente, nenhum deles é cavalheiresco o suficiente para oferecer.

Os copos tilintam e bebemos. Eu mantenho meus olhos focados em meu pai e reviro meus lábios afetadamente, provando o vinho. É caro, mas prefiro tomar uma *Buddyz Best.*

— Quando a mamãe vem? — Eu olho ao redor do restaurante, realmente dando um show, mas sei que ela não vem. Ela me disse que não. Mamãe também me disse que encontrou aquele vídeo no telefone de papai e o enviou para mim anonimamente no dia do meu casamento. Eu suponho que foi uma chantagem.

Parece que ela e eu abrimos os olhos ao mesmo tempo. Parece que Robert Winthrop finalmente nos levou longe demais.

— Ela está um pouco indisposta hoje. Somos apenas nós três esta noite.

— Na verdade... — uma voz que eu nunca esperei ouvir soa. Meu coração dá uma guinada no meu peito, a compostura escorregando por apenas um segundo. Parece que estou me movendo em câmera lenta quando me viro para ver Jasper de pé no final da mesa, parecendo parar o coração em um terno perfeitamente ajustado, olhos em mim, sorriso presunçoso em seus lábios. — Seremos nós quatro. — Ele dá um passo em minha direção com autoridade, inclina-se e levanta meu queixo para ele, os olhos capturando os meus com um olhar de ferocidade. — Sunny, desculpe o atraso.

Atraso.

É um sentimento tão simples. Mas me aquece por dentro do mesmo jeito.

Ele está aqui.

Tudo o que consigo fazer é um aceno firme, que ele retribui antes de dar um beijo cerrado na minha testa e se sentar ao meu lado.

Minha pedra. Meu conforto. O menino dos olhos tristes e do coração de ouro.

Eu me viro para ele. — Você tem o mesmo. — Eu olho para o delicado Rolex no meu pulso. — Agora mesmo.

— Fizemos uma promessa naquela caminhonete, lembra? Eu não posso ir sem você de novo. Nada é mais importante do que estar aqui com você. — Ele coloca a palma da mão no meu joelho sob a mesa e inclina a cabeça em direção à minha roupa. — Você está deslumbrante, a propósito.

Nada é mais importante do que estar aqui com você.

Engulo em seco algumas vezes, incapaz de tirar os olhos do homem diante de mim. A promessa. Ele tem razão. E eu prometi a ele também.

— Jasper...

Sua mão aperta de forma tranquilizadora. — A resposta é sim, Sloane.

Minha cabeça se inclina. — Sim, o quê?

— Vou fazer essa aposta. O dia inteiro. Todo santo dia.

Meus olhos ardem e mando embora a umidade. Eu não vou chorar aqui. Não vou deixar meu pai e Sterling participarem desse momento.

Quando olho para os dois homens, a fúria está clara em seus rostos.

— Você não faz parte desta conversa, Gervais. — Meu pai olha para ele como se pudesse fazê-lo se encolher. Mas esse poder escapou entre seus dedos, bem diante de seus olhos.

Jasper se inclina para trás em sua cadeira, sorri e se acomoda. — Você está

certo sobre algo, pelo menos. Não estou aqui para fazer parte. Eu não vou dizer uma palavra. Estou aqui apenas para ficar com Sloane.

— Você está passando dos limites — Sterling reclama, praticamente vibrando de fúria. — Você não pertence a este lugar.

Jasper sorri para ele, mantendo a calma e cutucando os homens à sua frente no processo.

— Chega — eu estalo. — Havia algo que vocês dois precisavam me dizer? Porque acho que me fiz clara como cristal. Eu disse a você — aponto para meu pai — que falaria com você quando estivesse pronta. — Mudo meu dedo para Sterling. — Mas eu nunca mais quero falar com você.

— Sloane, você precisa superar seus sentimentos feridos.

Eu arqueio uma sobrancelha para Sterling. — Você simplesmente não entende, não é? O que você faz com seu pau não fere meus sentimentos. O que você fez com seu pau foi apenas um alerta. Um alerta de que não me importo nem um pouco com você. Eu sou indiferente. Tem sido fácil ignorá-lo, porque não penso em você.

Quanto mais eu falo, mais Sterling combina com a cor vermelha profunda do vinho em sua taça. Quanto mais os dedos de Jasper deslizam ao longo da costura interna da minha calça larga, mais minha confiança aumenta. Apenas tê-lo aqui, ao meu lado...

É tudo que eu sempre quis. Somos muito melhores juntos do que separados.

— Isso é só porque você está se prostituindo com esse lixo de trailer.

Todo o corpo de Jasper fica tenso ao meu lado. Minha boca se abre em choque com o veneno nas palavras e no tom de Sterling. Pode ser o mais eufórico que já o vi por qualquer coisa que não seja uísque envelhecido em barril e caçar animais exóticos.

Estou prestes a dizer isso quando Jasper estremece e o grito engasgado de

Sterling chega aos meus ouvidos. Uma expressão de alarme passa por suas feições assim que seu rosto se inclina para trás e desaparece para trás em um esguicho de vinho tinto e o barulho alto da cadeira batendo no chão.

Sterling gagueja enquanto luta para se endireitar.

— Você acabou de...

— Chutar a porra da cadeira dele? — Jasper fornece, cortando a pergunta do meu pai. — Sim. Porque você pode concordar com ele falando assim com sua filha, mas eu não. Devo ter aprendido melhores maneiras no estacionamento de trailers.

Meu pai pelo menos tem o bom senso de parecer um pouco intimidado.

Mas eu? Eu faço o que sempre faço em situações inapropriadas.

Eu começo a rir enquanto observo Sterling de quatro, forçando-se desajeitadamente a ficar de pé. Camisa social manchada de vinho tinto. Cabelo todo fodido. E não de um jeito bom.

— Você está morto, Gervais — ele tenta soar duro, mas tudo sobre o homem soa tão vazio.

Isso me faz rir ainda mais.

Nós fizemos um espetáculo e eu tenho as malditas risadas.

— Sloane, recomponha-se. As pessoas estão assistindo — meu pai me diz.

Lágrimas brotam em meus olhos e eu as esfrego, mas o riso não para de vir.

Jasper se inclina e sussurra em meu ouvido. — Se isso faz você rir, eu vou chutar o traseiro dele enquanto todo mundo assiste.

Eu ouço a diversão em sua voz e aceno com a mão na minha garganta, implorando silenciosamente para Jasper parar. Porque agora ele está apenas me incitando.

Porque ele me conhece.

Ele me entende.

— Sterling — eu suspiro. — Nunca vou me casar com você. Tipo... — Uma risadinha me atinge e eu a forço de volta. Esta frase é muito mais ofensiva de se pronunciar enquanto se ri. Mas não posso nem reunir nenhuma foda para dar sobre isso. — Nunca.

— E pai... — Balanço minha cabeça, o riso diminuindo. — Eu nem sei. As coisas que você me disse nos últimos meses? — Eu coloco a mão na de Jasper. — A maneira como você trata as pessoas que amo? Eu gostaria de pensar que posso encontrar forças para perdoá-lo, mas terei que fazer um pequeno exame de consciência para decidir se isso é verdade ou se é apenas eu ainda sendo obediente. Uma garotinha deveria amar seu pai, mas ele deveria amá-la de volta. Protegê-la a todo custo. E se esses últimos meses me ensinaram alguma coisa, é que você não me ama do jeito que amei você. Eu mereço melhor.

Eu espio Jasper agora, encontrando seus olhos em mim como sempre. Mas hoje eles não estão tristes. Eles estão brilhando de orgulho. Eles faíscam na minha pele.

Olho para os dois homens à minha frente. — Cansei de me contentar com menos do que mereço. Sterling, foda-se para sempre. Pai, descubra como merecer um relacionamento comigo. Talvez um dia possamos conversar.

A cadeira range para trás quando eu me levanto de repente.

Pego a mão de Jasper, fazendo uma demonstração óbvia de fazer isso na frente deles. Então eu estou puxando-o junto, querendo sair deste restaurante esquecido por Deus de uma vez por todas.

Quando passo pelo braço de Sterling, ele agarra meu bíceps. — Onde está o anel? Eu o quero de volta.

Eu circulo meu braço abruptamente, afastando-me dele bem quando Jasper se aproxima, parecendo que está pronto para matar Sterling por ousar colocar a

mão em mim.

— Eu o perdi. — Eu rio de novo e me pergunto o que há de errado comigo. Por que tenho que rir nos momentos mais inapropriados. Agora estou verdadeiramente desequilibrada.

Mas é Jasper quem realmente ri por último quando ele se inclina contra a orelha do meu ex e diz: — Eu fodi aquele anel direto do dedo dela.

Eu gostaria de poder contratar um artista para pintar a expressão no rosto de Sterling quando o golpe cai. Seria um dinheiro bem gasto.

Jasper me guia para fora do restaurante. Seguimos exatamente o mesmo caminho que tomamos há alguns meses. Exceto que tudo é tão diferente agora.

Tão alto no ar.

Tão não planejado.

Então... feliz.

38

Jasper

Roman: Gerência e proprietário estão todos na mesma página. Eu retransmiti tudo o que conversamos. Eu só queria ser uma mosca na parede quando disserem a esse filho da puta para fazer uma caminhada.

Jasper: Obrigado, treinador.

Roman: Eu sempre cuido das suas costas, Jasper. Agora vá buscar a garota.

* * *

Eu empurro aquela pesada porta de madeira aberta, sugando o ar gelado de dezembro. Tem cheiro de neve e escapamento. E tem gosto de liberdade.

— Nunca mais me traga a essa porra de restaurante de novo — eu digo, assim que me viro para puxar Sloane para mim. Seus lábios são do mesmo tom de vermelho de suas unhas.

Ela tem uma verdadeira vibe femme fatale acontecendo, e eu estou aqui para isso.

Ela ri, parecendo tonta e com os olhos arregalados. — Não acredito que acabei de dizer tudo isso. — Uma mão pousa em sua bochecha. — Eu não posso acreditar que você disse a ele que fodeu o anel do meu dedo!

Eu rio agora também, porque essa merda foi satisfatória. — Você viu o rosto dele?

Sloane acena com a cabeça, mordendo o lábio, os olhos brilhando por

refletirem os faróis dos carros que passam zunindo. — Você veio para mim — diz ela, inclinando o queixo para cima e me agraciando com a porra do sorriso mais bonito.

— Claro. Eu disse que nunca queria ficar sem você e quis dizer isso.

— Eu não tinha certeza...

— Estou doente há dias. Eu fui para nossa casa, mas não sabia o que dizer. Tentei descobrir um bom motivo para congelar no carro na outra noite. Uma razão pela qual não usei as palavras que eu realmente queria mesmo que pudesse senti-las ali na ponta da minha língua. Mas não há desculpa. — Eu escovo seu cabelo. — Estive escondido por tanto tempo, espiando você por baixo da aba do meu boné, que me senti confortável lá. Desculpe por estar atrasado de tantas maneiras. Não apenas para o jantar, mas para me resolver. Eu estava...

Por um momento, olho para longe e engulo. — Eu estava assustado. Com medo de precisar tanto de você. Realmente com medo de perder você.

Seus olhos se fecham em um suspiro pesado, e seguro sua cabeça, querendo seus olhos de volta em mim. — Eu sei...

— Não, Sunny. Eu não deveria estar com medo. Você é a coisa menos assustadora da minha vida. Você não está apenas tatuada na minha pele. Você está marcada no meu coração. Tecida na fibra do meu ser. A pessoa mais constante e tranquilizadora da minha vida. Quando eu fecho meus olhos, vejo você. Quando você está longe de mim, sonho com você. Quando eu preciso de alguém para me apoiar, você está *sempre* lá para mim. Deus. Você me amou quando nem eu era capaz de amar a mim mesmo. — Minhas mãos apertam suas bochechas e as lágrimas escorrem sobre elas. Mas ela está sorrindo para mim como se eu tivesse pendurado a lua.

— Você olhou para mim *assim* por tanto tempo. E não sei quando comecei a olhar de volta, só sei que comecei. Obrigar-me a desviar o olhar por tantos anos tem sido um tipo especial de tortura. Já me torturei por tempo suficiente. Cansei

de me esconder, cansei de perder isso. Nós.

Um soluço baixo salta de seus lábios, e ela pressiona a cabeça no centro do meu peito.

— Sloane, não ficarei sem você.

— Você nunca esteve sem mim, Jasper. Não desde o primeiro dia em que pus os olhos em você.

Meu coração se parte com sua admissão, e ela se aproxima mais. Como se ela soubesse que se encaixa aqui. Como se ela soubesse que pertence aqui. Preenchendo todas as rachaduras onde quebro.

Eu a seguro com força e descanso minha bochecha no topo de sua cabeça.

— Lamento que você seja a única coisa que me fez sentir completo novamente. Desculpe por ter precisado tanto de você. Sunny, desculpe o atraso. Mas obrigado por esperar.

Sua mão desliza para dentro do meu paletó e ela apalpa a tatuagem de bailarina em minhas costelas. — Você apareceu na hora certa. — Ela olha para mim. — Você tem ficado em uma das casas vazias?

Meus lábios se contraem. — Talvez.

— Há uma cama?

Eu dou de ombros. — Um colchão inflável.

— Jasper! — ela geme meu nome, mas sua voz também é divertida.

— O quê? Não gosto de ficar longe de você. Na verdade, eu teria chegado antes. Mas tive que pegar seu presente de aniversário.

— Você me comprou um presente de aniversário? — Seus olhos brilham.

— Claro que trouxe um presente de aniversário para você. Que tipo de babaca aparece no jantar de aniversário da namorada sem um presente?

Ela levanta uma sobrancelha para mim e nós dois sorrimos. — Namorada?

— Claro.

Então, de dentro do meu bolso, pressiono o botão no chaveiro e o SUV atrás de mim pisca para a vida com um bipe suave.

O olhar de Sloane atinge o Volvo branco e então volta para mim. — Você me comprou um carro?

— O mais seguro que pude encontrar. Eles fizeram os testes de colisão e...

— Jasper — ela ri do meu nome. — Eu confio em você. Vou acreditar na sua palavra. Eu... eu amei.

— Eu sei que você costuma andar por toda a cidade. — Limpo minha garganta, sentindo-me de repente tímido. — Mas quero que você tenha algo seguro para o seu trajeto.

— Meu trajeto, hein? — Ela está sorrindo agora. É infeccioso.

— Sim. Da nossa casa em Chestnut Springs. Você precisará de um carro seguro para chegar à cidade a trabalho. E você precisa da sua liberdade para ir aonde quiser. Fazer o que você quiser.

Com isso, seus olhos se enchem. Ela pisca, e uma lágrima solitária rola por sua bochecha.

— Você acabou de me pegar, você sabe disso? — Sua cabeça balança suavemente. — Você sempre pega.

Tudo dói – meu coração, minha garganta, meu peito – então faço a única coisa que consigo pensar para doer menos. — Eu amo você, Sloane Winthrop. Eu sempre amei. Amo tanto que nem sei o que fazer com isso. Você é minha pessoa. E acho que sou sua também.

— Você *sempre* foi minha pessoa — ela engasga. — Eu amo muito você.

Eu não paro. Eu não penso duas vezes. Inclino sua cabeça para cima e a beijo.

No meio de uma rua movimentada para o mundo inteiro ver enquanto a neve cai ao nosso redor. No local exato em que ela se afastou de mim uma vez antes.

Mas desta vez, somos nós.

Juntos.

39

Sloane

Sloane: Levem seus traseiros para o rinque!

Willa: Não vou jogar hóquei.

Summer: Por quê?

Willa: Não é seguro. Gelo duro. Lâminas afiadas. Um bando de homens tentando provar que não passaram do auge. Foda-se isso. Vou ficar sentada e torcer por Luke.

Winter: Acho que saltos de obstáculos são provavelmente mais perigosos. Opinião médica.

Sloane: Winter, você vem?

Winter: Não posso. Eu estou doente.

Willa: Sim. Eu também. Estou doente. *cof cof*

Summer: Bem, vocês são todas chatas. Estou no time Sloane! Feliz Natal! Vamos, porra!

* * *

Eu pensei que meus melhores Natais aconteceram quando eu era criança. Quando a magia ainda estava viva e vibrante. Mas de alguma forma este Natal ganha. De todos. E toda a magia está vibrando.

Acordei nos braços de Jasper. Em nossa casinha perfeita e aconchegante. A casa que lentamente construímos juntos. Fizemos amor enquanto a neve caía

pela janela antes mesmo de sairmos da cama. E então entramos em um de nossos SUVs *muito seguros* e fomos direto para o Wishing Well Ranch.

Minha mãe e Harvey nos receberam na porta com abraços e beijos de boas-vindas enquanto nos conduziam para a movimentada casa da fazenda. Todo mundo estava lá.

Nós estivemos todos juntos o dia todo, e meu coração nunca esteve tão cheio. Toda vez que chego longe demais, Jasper estende a mão para mim. Eu mal passo cinco minutos de cada vez sem senti-lo me tocar de alguma forma. Sem ele dar um beijo no meu cabelo para todo mundo ver.

Isso é... bem, é mágico.

Quase tão mágico quanto esta nova tradição. A primeira de muitas tradições de Natal que pretendo fazer com Jasper.

Patinação de Natal.

— Pensei que patinar deveria ser fácil? Os idiotas fazem tudo parecer tão fácil! — Rhett reclama enquanto anda como Bambi no gelo, com pernas longas e movimentos desajeitados.

— Palavra feia, tio Rhett! — Luke, seu sobrinho de seis anos, chama enquanto patina em círculos rápidos em torno de seu tio.

Summer ri antes de se levantar do tronco onde está sentada com Willa. — Eu posso ajudar você, querido! — ela chama enquanto patina sem esforço até Rhett.

Ele revira os olhos. — Sério? Você é boa nisso também?

Summer apenas dá de ombros, agindo de maneira atrevida enquanto pisca para ele. — Eu sou boa em tudo.

Eu rio de onde estou encostada na rede de Jasper, observando tudo. Absorvendo tudo.

— É apenas uma prova de que você está superando! — A voz de Jasper puxa

minha cabeça para o caminho que leva até o gelo. Cade ri, cada um puxando um trenó de plástico cheio de salgadinhos e garrafas térmicas cheias de bebidas quentes. Harvey e minha mãe vêm atrás deles, carregando cobertores e até algumas cadeiras de jardim.

— Você também está superando, Gervais! — Rhett grita enquanto Summer pega suas mãos, patinando para trás na tentativa de ensiná-lo a patinar.

Jasper dá de ombros, olhos encontrando os meus quase instantaneamente. — Sim, a diferença é que eu sei disso.

Balanço minha cabeça para ele, porque não sinto que ele está superando. Eu sinto que tudo está *certo.*

Jogamos o jogo de hóquei mais ridículo do mundo. Summer, minha mãe, Luke e eu contra todos os outros. As pessoas entram e saem querendo ou não. Cade sai constantemente do jogo para verificar Willa e reabastecer seu chocolate quente. Minha mãe e Harvey discutem se ela precisa usar capacete. Ela diz que não; ele diz que sim. Rhett cai de bunda várias vezes. Todos zombam dele. Jasper para cada disco na rede e ri de cada pessoa que tenta fazer uma jogada contra ele.

Exceto Luke. Luke é o único que marca gols, e Jasper faz o maior e mais idiota show tentando detê-lo todas as vezes. Observá-lo com Luke é adorável. Faz meus ovários doerem.

Não tenho certeza se já o vi sorrir tanto.

Não tenho certeza se já me senti mais atraída por ele do que neste momento.

Não tenho certeza se já o amei mais do que agora porque, por mais impossível que pareça, a cada dia que passamos juntos, continuo amando-o ainda mais.

— Estou indo atrás de você, Gervais — digo enquanto Summer me passa o disco.

— Venha, querida. Mostre-me o que você tem.

Mas em vez de tentar marcar, paro na frente dele, espalhando gelo em suas almofadas. Estamos sorrindo um para o outro como loucos enquanto tiro o capacete lindamente pintado em sua cabeça, enganchando meus dedos nas barras de metal enquanto ele balança ao meu lado.

— Eu preciso de um beijo primeiro — falo, tentando manter minha expressão neutra.

Porque eu sei que ele nunca vai me recusar. Aprendi que no que diz respeito a Jasper Gervais, ele fará absolutamente *qualquer coisa* para me manter feliz.

Incluindo me beijar no meio de um jogo de hóquei em família só porque eu pedi.

Então não fico surpresa quando sua mão enluvada vem para o lado do meu rosto e sua boca cai na minha sem um único momento de hesitação. Não fico surpresa quando ouço todo mundo vaiando e gritando enquanto nos beijamos naquele pequeno pedaço de gelo no meio do rancho. Eu não estou surpresa quando ele dá um passo adiante e desliza sua língua em minha boca.

Mas ainda sou uma competidora. E odeio perder. Então estendo meu taco e empurro o disco entre os pés de Jasper enquanto ele fica aqui me beijando sem sentido como pedi a ele.

Eu ouço Luke torcer. — Ahhhh! Isso foi tão nojento. Mas a tia Sloane pontuou! Nós ganhamos!

Jasper ri contra meus lábios com um aceno suave de cabeça. — Belo gol, Sunny.

— Obrigada, Jas. — Eu faço uma pequena reverência. — Quem saberia que você se distrai tão facilmente?

Nossos olhares se encontram, suas íris saltando entre as minhas. — Você tem me distraído por anos. Isso não é novidade. — Mas então sua voz fica baixa e a

antecipação zumbe em meu âmago quando ele murmura: — Mas você chamou minha atenção agora.

Minha testa franze e tento não corar enquanto sorrio para ele. Ele é ainda mais alto em seus patins, elevando-se acima de mim. Bochechas tocadas pelo gelo, olhos cintilantes como a meia-noite, cabelo caramelo caído sobre a testa, parecendo tão bonito que dói. — Oh, sim?

Sua boca cai para o meu ouvido. — Sim. Estou realmente sentindo o espírito de doação neste Natal. E acabei de decidir que vou dar a você a noite toda. Na verdade, talvez a tarde toda... — Sua cabeça se levanta, e ele me puxa para seu corpo enquanto grita para o lado onde todos estão sentados: — O jogo acabou! A equipe de Sloane e Summer vence. Estamos saindo.

Eu solto uma risada, mas ele pisca e pega seu capacete, guiando-me para fora do gelo.

— Para onde estamos indo?

— Casa, Sunny. Estamos indo para casa.

40

Sloane

Violet: Drink?

Sloane: Não.

Violet: Você precisa de um.

Sloane: Estou muito nervosa para beber.

Violet: Sim. Você parece pálida. Precisa de um pouco de cor nas bochechas.

Sloane: Ninguém se importa com a cor do meu rosto esta noite, Vi.

Violet: Assim você vai aparecer melhor no noticiário.

Sloane: O quê?

Violet: Eles têm *Buddyz Best*!

* * *

Estou tão nervosa que sinto que vou vomitar. Eu tenho meus cotovelos apoiados em meus joelhos e meus dedos batendo juntos em uma vibração ansiosa.

— Garota, você me dá ansiedade só de olhar para você. — A mão quente de Harvey pousa nas minhas costas.

— Nunca estive tão nervosa na minha vida.

— Nunca? — Sua sobrancelha se curva.

Eu chupo meus lábios em minha boca e balanço minha cabeça rapidamente.

— Nunca.

— Quero dizer, se bebês com cauda não podem deixar você nervosa, então pensei que um jogo da Copa Stanley seria moleza.

— Harvey, bom senhor. — Eu deixo cair minha cabeça em minhas mãos em uma risada. — Essa coisa de bebê com rabo vai deixar de ser engraçada para você?

Ele dá de ombros e sorri para o gelo. — Provavelmente não.

Eu quero fingir que a piada não é engraçada, mas a verdade é que estou tão doente de nervos agora que poderia vomitar em toda a minha camisa marrom dos Grizzlies com Gervais estampado nas costas.

É a mesma que comprei meses atrás. Parece monumental de alguma forma. *Sortuda.*

E considerando que é quase o último período no sexto jogo das finais da Stanley Cup esta noite, os Grizzlies vão precisar de toda a sorte que puderem ter. É a última chance de fechar a série e vencer tudo em casa.

A temporada deles foi nada menos que milagrosa. Eles tiveram uma maré de sorte pouco antes do Natal e continuaram firmes. Esses pontos os catapultaram longe o suficiente na classificação para chegar aos playoffs.

Por muito pouco. Mas fazer assim é fazer.

Eles lutaram longo e duro. Eu sei que eles estão cansados. Jasper está dolorido e pronto para uma pausa.

Foi um ano longo e difícil, mas também foi o melhor ano.

Os playoffs.

Uma segunda medalha de ouro olímpica em fevereiro.

E nós.

Nós. Deus, isso ainda soa tão bem para mim. A parte *‘nós’* da nossa vida é

tão boa. Tão fácil. Parece tão certo.

Algo sobre admitir isso em voz alta, sobre realmente aceitá-lo, tirou um peso de Jasper. Ele ainda é quieto e introspectivo, mas agora sorri.

Sob o manto da escuridão, nós rastejamos para o telhado de nossa casinha em Chestnut Springs e conversamos sobre a vida. Medos. Planos. Bebês. Falamos de tudo, porque sempre falamos.

— Por que você está sorrindo, Sloane? — Harvey me cutuca, obviamente me observando enquanto paro e olho para o logotipo do urso pardo pintado no centro do gelo.

— Eu estou apenas... — Dou de ombros, considerando a arena movimentada. — Feliz. Mesmo que eles percam esta noite. Tudo parece...

— Vocês dois estão resolvidos. Descobri o que conta na vida. São as pessoas. Não as coisas. Não a aclamação. As pessoas.

— Sim. Falando em pessoas. Minha mãe ainda está enlouquecendo você? — Ela está morando na casa há seis meses, e ela e Harvey brigam como um velho casal. Eu realmente não consigo fazer cara ou coroa disso.

Não tenho certeza se quero.

— Aquela mulher — ele murmura. — É como se depois de anos guardando suas opiniões para si mesma, ela está apenas deixando escapar todas elas a torto e a direito. É uma venda de sobras de opinião naquela casa. Compre uma, ganhe dez.

Eu solto uma risada antes que a fila de pessoas vindo em nossa direção chame minha atenção. Beau, seguro em casa, mas ainda caminhando com cuidado, lidera o grupo. Ele é seguido por Rhett, Summer e Violet, que fizeram a viagem apenas para participar deste jogo.

Alguns assentos abaixo, Cade tem sua nova filha, Emma, amarrada ao peito. Ele é todo papai orgulhoso, olhos mais naquele pacotinho do que no jogo. Faz

coisas estranhas aos meus ovários observá-lo.

Willa está com seu jeito brincalhão de sempre, sentada ao lado de Luke tentando mostrar a ele como jogar pipoca para o alto e pegá-la com a boca.

Ele continua atingindo os dois no rosto.

Não importa o que aconteça, ver todos aqui para torcer por Jasper aquece meu coração. Ele precisa disso. Merece isso.

Não estamos no camarote. Ocupamos quase uma fileira inteira do estádio atrás da rede do time da casa. Cheia de Eatons. Cheia de família.

Talvez não a família em que ele nasceu, mas a que mais o queria. Aquela que fará qualquer coisa por ele.

Uma campainha soa quando Violet coloca uma cerveja na minha frente e se senta. — Aqui. Beba.

— Não posso...

Ela balança o copo de plástico, deixando-o perigosamente perto de transbordar. — Você irá. É o melhor da *Buddyz*. Você ama essa merda.

Eu sorrio para a cerveja dourada. É verdade que adoro esta cerveja. Mas não porque tem um gosto bom. É porque eu me lembro de beber na noite em que Jasper me livrou daquela farsa de casamento. Lembro-me de beber uma jarra enquanto Jasper se inclinava sobre minhas costas e me ensinava a jogar sinuca.

O cachorro no rótulo me faz sorrir, e as memórias que ele desperta fazem com que tenha um sabor delicioso *pra* caralho.

Tomo um gole profundo e meus nervos se acalmam enquanto observo meu homem patinar no gelo do banco. Ele olha em nossa direção, e Beau acena o cartaz gigante que ele e Rhett fizeram em sua direção.

Eu os assisti fazer isso. Como as crianças que são, eles riam enquanto espalhavam brilhos sobre a cola que usaram para soletrar as palavras.

Lê-se: *Jasper Gervais é meu garanhão número 1!*

Jasper coloca o capacete, provavelmente revirando os olhos por trás da proteção.

Rhett grita: — Case comigo, Jasper! — bem quando Summer dá uma cotovelada nas costelas dele. Não seria um passeio da família Eaton sem algum tipo de travessuras insanas dos meninos.

Mas assim que o cronômetro começa, todos se acomodam em um silêncio tenso. Eu deveria assistir ao jogo, mas passo muito tempo olhando para Jasper na rede.

Seu foco incrível. A maneira como ele carrega seu corpo. A velocidade de seus reflexos. Ele não é apenas bom no hóquei, ele é um talento geracional. Ele me dá calafrios.

E para ser totalmente honesta, eu me irrito muito por ele ser tão superior. Estou tão atraída por essa parte dele. Sua paixão e compromisso incansável em ser tão bom em seu esporte.

Admiro isso nele. Nós nos conectamos nesse nível. Quando precisamos treinar, não há ressentimentos ou reclamações sobre o tempo que passamos separados. Ambos perseguimos nossas paixões e somos melhores no que fazemos por ter o apoio do outro.

A multidão fica barulhenta quando o time adversário queima o gelo em direção à rede de Jasper. Ele se prepara para enfrentar os atacantes. Apenas por estar na rede, ele bloqueia muitas de suas oportunidades de marcar por causa de sua vantagem de altura.

O número 29 passa e o número 17 acaba dando uma tacada forte e rápida.

Não rápido o suficiente embora. A mão enluvada de Jasper se move em um borrão e encaçapa o disco, fazendo com que pareça fácil. Estou ofegante quando ele devolve ao árbitro.

Uma mão no meu peito, tomo outro gole da minha cerveja e percebo que esvaziei tudo nervosamente.

O disco cai e o relógio continua desacelerando. Eles estão empatados um a um. Jasper jogou com o coração esta noite.

Eu quero tanto isso para ele. A grande vitória. A conquista culminante. Deus, meu corpo dói com o quanto quero isso para ele.

Trinta segundos restam e a multidão fica quieta. A prorrogação não é uma derrota, mas também não é uma vitória. Significa mais tempo. Mais chances. Mais espaço para erros cansados.

Eu posso sentir a expectativa. A arena inteira está cheia disso. Você pode cortá-la com uma faca. Cada segundo é como uma batida de tambor que reverbera pelas arquibancadas.

Os Gators dão uma tacada e Jasper cobre, mas não o suficiente para eles apitarem.

E então... acontece.

Damon Hart voa pelo gelo, olhando por cima do ombro com um sorriso malicioso e um pequeno aceno para o goleiro.

E há a lacuna perfeita.

Jasper deixa cair o disco no gelo e o manda direto por aquela lacuna. Diretamente na fita do taco de seu companheiro de equipe.

Eu juro que cada pessoa coletivamente suga uma respiração profunda de ar frio.

Os segundos diminuem.

Mas não há defensores. Eles deixaram Damon passar direto por eles.

Ele bate o disco para os lados, girando para a esquerda e para a direita.

Ele finge um gol.

O goleiro deles cai nessa e abaixa para fazer a defesa.

Damon toma o canto superior, a borracha dura atingindo a parte de trás da rede com um ruído que pode ser ouvido por todo o edifício.

A campainha soa e a arena *explode.*

Música. Luzes. Gritos. Confete. Cada pessoa entra em erupção.

Mas eu fico parada, observando Jasper pular de alegria, taco e luvas voando, capacete jogado, ele patina em direção a seus companheiros de equipe com o maior e mais comovente sorriso no rosto enquanto eles se amontoam nele pela assistência e Damon pelo gol da vitória.

Quero me lembrar desse momento, desse sentimento, com a mesma clareza com que me lembro do primeiro dia em que o vi. Dolorosamente bonito com olhos tristes.

Hoje, quando ele se vira e me procura na arquibancada, está diferente.

Ele é dolorosamente bonito com olhos felizes.

Tão felizes que quero vê-los de perto. As cores. A maneira como eles giram juntos. As linhas finas ao lado deles. Quero sentir sua barba por fazer em minhas bochechas e seus batimentos cardíacos contra minha testa quando coloco meu rosto em seu peito.

Corro pela multidão, desço as escadas até o portão no final do rinque, e ele está lá.

Esperando por mim.

Como ele sempre esteve.

Eu o deixo me puxar para o gelo, direto para seus braços.

— Você conseguiu, porra, baby! — grito com ele sem absolutamente nenhuma calma. Minhas mãos estão em seu cabelo suado, minhas pernas em volta de sua cintura, meus olhos nos dele.

Exatamente onde sempre estiveram.

— Nós fizemos isso, porra. — Suas mãos apertam minha bunda e ele sussurra roucamente em meu ouvido: — Meus anos de treinamento e sua Stanley Cup Maker. A combinação perfeita.

Eu rio como uma louca e beijo seu pescoço. Há câmeras e mídia em todos os lugares. Companheiros de equipe e família. É o caos. Mas tudo o que vejo é *ele*. Este momento. Um bom homem cuja vida lidou com uma mão tão injusta, finalmente conseguindo uma vitória. *A* vitória.

— Eu amo você, Jasper Gervais. — Balanço a cabeça, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto enquanto me maravilho com o homem diante de mim. — Amo tanto você.

— Eu também amo você, Sloane Winthrop — ele diz enquanto olha por cima do meu ombro, de volta para a entrada. — Mas sabe do que eu não gosto?

Meu coração dispara e a confusão floresce atrás de minhas sobrancelhas. Como alguém poderia não gostar de algo sobre este momento? Este momento é... tudo.

Eu mal percebo quando ele chega atrás de mim.

Eu mal percebo a presença de Beau, ou o grande sorriso de comedor de merda em seu rosto.

Eu mal percebo, porque em todo o seu equipamento de goleiro, no meio de sua comemoração pela vitória na Stanley Cup, minha paixão de infância está caindo de joelhos bem na minha frente.

Com uma caixinha de veludo na mão.

— Sabe do que eu não gosto?

Seus olhos olhando para os meus são tão claros, tão brilhantes, tão assumidamente alegres. Eu ainda estou confusa, ainda tendo dificuldade em acompanhar o que está acontecendo agora, mesmo que seja tão óbvio.

— O quê? — eu sussurro, e não acho que ele poderia me ouvir, mas ele deve.

Porque ele responde com: — Seu sobrenome, Sunny. Eu realmente não gosto do seu sobrenome.

E com isso, ele abre a caixinha para me mostrar um anel. Um anel que eu *gosto*. Um anel sobre o qual contei a ele enquanto bebia cerveja no banco do passageiro de seu SUV e usando uma aliança de casamento de outro homem.

É uma safira roxa de corte oval, colocada horizontalmente em ouro amarelo. Cercada por todos os cantos. É peculiar. É único.

É exatamente o anel que descrevi para ele meses atrás.

— Sloane Gervais parece certo, você não acha? — Sua cabeça se move, o cabelo úmido roçando sua testa. Ele parece tão infantil, todo tímido e nervoso.

Eu olho ao redor agora, percebendo que este momento é muito mais do que apenas nós. É o ponto culminante do trabalho de sua vida. — Jasper! Você deveria estar comemorando agora! — eu deixo escapar.

— Sunny, eu vou. — Ele ri, balançando a cabeça para mim como se eu fosse divertida para ele. — Mas quero comemorar com minha noiva. Por favor, Sloane, deixe-me casar com você. Deixe-me fazer você feliz. Eu não quero me atrasar com isso também.

— Jas. — Eu rio, estendendo a mão e deslizando meu dedo no anel, ouvindo um rugido de aplausos atrás de nós. — Você não está atrasado! Eu não esperava isso.

A pedra brilha sob as luzes brilhantes enquanto flexiono e mexo meu dedo.

— Sim? — ele pergunta, a voz toda quente e profunda.

Eu olho para ele, meio triste por desviar o olhar do anel agora, e aceno com a cabeça.

Ele ri e me pega em seus braços enquanto atinge sua altura total novamente,

fazendo-me gritar. — Já estava na hora, hein? Você merecia que eu chegasse cedo para alguma coisa depois de todos esses anos.

Meus dedos percorrem suas bochechas rosadas. — Eu amo você, Jas.

— Sunny, diga que sim.

— Sempre foi um sim, Jasper.

Ele grita e me gira antes de me beijar forte.

E assim, o menino com os membros esguios, o cabelo caramelo e os olhos mais tristes que já vi é meu.

Para sempre.

EPÍLOGO

Jasper

Jasper: Encontre-me na garagem.

Sloane: Sim, senhor.

Jasper: Guarde essa frase para mais tarde, quando eu despir você e fizer você rastejar.

Sloane: SIM, SENHOR.

* * *

— Você está nervoso? — Harvey me olha especulativamente enquanto espero Sloane sair de casa.

O sol está brilhando e a neve está derretendo. É um daqueles dias perfeitos de primavera em Chestnut Springs, quente o suficiente para fazer você querer usar uma camiseta, porque o calor é tão bom depois de um longo inverno.

É o dia do nosso casamento, mas não vamos ser tradicionais. Passamos a noite passada juntos no telhado conversando. A cerimônia é no campo, e a recepção é na casa.

Antes de nos casarmos, há algo que quero mostrar a ela. Então acho que vou vê-la em seu vestido de noiva também.

— Não. Você está?

Ele zomba. — Por que eu estaria nervoso?

— Não sei. Você está ficando velho. Talvez você esteja preocupado em

tropeçar e cair enquanto leva Sloane até o altar.

Para a surpresa de ninguém, Robert se recusou a vir, então Harvey se apresentou para Sloane. Tão firme e constante em seu apoio. Ele realmente é um dos melhores.

— Sou um espécime físico excepcional, filho. Nada de tropeçar para esse velho ainda.

É a minha vez de rir agora. — Por favor, conte-me menos sobre suas capacidades físicas.

— É hereditário. Eu quero dizer, olhe pra você. — Ele aponta para o meu traje de casamento – blazer de veludo cotelê marrom, gravata borboleta, cabelo levemente penteado e botas em vez de sapatos sociais.

— Harvey, não tenho tanta certeza sobre sua compreensão da palavra hereditária.

— Criei gado toda a minha vida. Eu sei o significado. Eu sei que há natureza. E que existe criação.

Eu reviro meus lábios e olho para a entrada de cascalho abaixo de mim por um instante antes de olhar de volta para ele enquanto continua. — Não me importo muito se eu tive um papel na sua criação. Eu sei em meu coração que tive um papel em fazer de você quem é hoje. E estou muito orgulhoso de você, Jasper. Não tenho certeza se já disse isso o suficiente ao longo dos anos.

— Obrigado, Harv. — Minha voz falha em seu nome.

— Ainda não terminei — ele anuncia, movendo seu peso entre os pés, como se ele também estivesse um pouco estranho com essa conversa. — Eu... bem, sei que você lutou. Eu sei que você tem lutado com o que está em seu coração. Com a sensação de pertencer. E estou tão feliz que você encontrou um lugar para pertencer com Sloane. Mas também quero que saiba que você pertence aqui. No rancho conosco.

Eu fungo e limpo meu nariz. — Que porra é essa, Harvey. Você está tentando me fazer chorar? Isso faz parte da sua criação?

Ele ri, mas tosse rudemente, limpando a emoção em sua garganta. — Sim. Eu acho que é. Mas eu queria dar isso a você.

Ele puxa um envelope branco do bolso do paletó e o entrega para mim. Quando eu pego, ele acena com a mão em minha direção e depois limpa o nariz. — Abra.

Minha garganta está grossa quando abro o papel e puxo a única folha de papel para fora. Eu leio, mas as palavras são...

— É uma escritura — diz ele.

— Eu posso ver isso.

— Para sua própria seção. Mais no lado leste. Bom nascer do sol. Eu sei que vocês dois gostam de sentar no telhado conversando até o sol nascer. Pensei que você construiria lá eventualmente. Ficaria perto. Não sei. Daria aos seus bebês com rabo muito espaço para passear. — Ele enxuga os olhos, claramente tentando esconder sua emoção com a piada mais usada que ele tem. — Todos os meus filhos receberam uma parte. E me sinto um verdadeiro idiota por não ter lhe dado uma até agora.

— Harvey, isso é demais.

Ele acena com a mão novamente antes de apoiar ambas nos quadris e olhar para o horizonte. — Não. Tenho mais terra do que sei o que fazer. Além disso, você é meu garoto, Jasper. — Ele estende a mão e agarra meu ombro agora. — Eu quero você aqui sempre.

Eu encaro o pedaço de papel, sentindo-me como o garotinho quebrado que apareceu neste rancho naquele dia, tantos anos atrás. Ele não tinha ideia de quanto amor ele teria um dia. Não fazia ideia de que as pessoas que realmente o amavam nunca o deixariam.

Elas estão bem aqui.

E quando eu olho para cima para ver Sloane descendo os degraus da frente da grande e extensa casa do rancho, meu coração gagueja em meu peito e as lágrimas em meus olhos desaparecem instantaneamente. Tudo o que vejo é tão claro com ela em vista.

— Vejo você lá fora. Amo você, Jasper — Harvey termina, envolvendo-me em um abraço agressivo.

— Também amo vpcê, Harvey — eu engasgo, e o homem apenas me encara com olhos lacrimejantes e um brusco aceno de aprovação antes de se afastar e fazer o mesmo com Sloane.

Ela o abraça de volta, mas mantém os olhos em mim enquanto atravessa a entrada da garagem. O poço dos desejos está à sua esquerda, a casa está atrás dela e meu anel está em seu dedo. Ela está com um vestido solto que flui em torno de seus tornozelos delicados. Seu cabelo está solto, todo macio emoldurando seu rosto. Sapatilhas de balé estão nos pés e a expressão em seu rosto é relaxada. *Feliz.*

Este é o dia que ela merece.

O dia que merecemos.

De volta onde tudo começou.

— Você parece perfeita — murmuro quando ela se aproxima.

— Você parece comestível. Fale sobre o sonho adolescente. — Seus olhos passam por mim e um sorriso toca seus lábios.

Eu seguro o envelope. — Você sabia sobre isso?

Ela levanta um ombro evasivamente. — Um passarinho pode ter me contado.

Suas mãos chegam para mim assim que ela está perto o suficiente, e eu coloco o envelope no bolso antes de puxá-la para mim.

No *nosso* abraço. O que sempre fizemos. Exceto que agora sua mão alcança sua tatuagem em minhas costelas todas as vezes.

— Está pronto? — Minha jaqueta abafa sua voz.

— Não é bem assim — eu digo, girando-a em direção à casa da fazenda e apertando suas costas contra a minha frente.

Eu seguro minha mão esquerda na frente dela e mexo meus dedos. As novas linhas de tinta no meu dedo anelar chamam sua atenção, e ela instantaneamente o agarra. — Tenho outra tatuagem para você esta manhã.

— Jasper... — Sua voz falha enquanto seus dedos roçam a tinta escura. — Isso é... — Suas mãos tremem enquanto ela segura minha mão com as duas dela com tanta reverência. — Permanente.

— Nós também. Eu nunca vou tirar esse anel.

Ela se aconchega mais perto de mim, e posso sentir seu sorriso enquanto seu corpo inteiro se pressiona contra o meu. Cruzo meu braço sobre seu ombro e entrelaço meus dedos com os dela.

Então aponto para a janela do quarto que sempre foi dela. Bem ao lado do meu.

— Dezoito anos atrás, uma garotinha loira me espiou por aquela janela exata. Ela olhou para mim naquele dia, e eu olhei de volta. Eu não sabia o que significava, porque éramos apenas crianças.

Ela cantarola baixinho, entrelaçando os dedos com a minha mão livre. Envolvendo-se em mim como se eu fosse seu cobertor favorito. E eu a satisfaço, porque perto de Sloane é meu lugar favorito para estar. — Você me viu?

Eu viro minha cabeça, meus lábios passando por sua testa. — Sim. Eu vi você, Sloane. Eu também notei você. Não sabia o que me fez olhar para lá naquele dia. Não fazia ideia do que aquilo tudo significou.

— O que significou?

— Que quando se trata de você, sou impotente.

Fim.

Notas

[← 1]

“Suck” em inglês, que pode ser entendido como ir mal em algo ou “chupar”.

[←2]

Referência à música “Powerless” de Nelly Furtado, a qual fala sobre abraçar seu verdadeiro eu, independentemente das normas ou expectativas sociais, viver sua vida do jeito que você quer, e não deixar que os outros o ditem.

[←3]

A síndrome do impostor é a condição de sentir-se ansioso e não ter sucesso internamente, apesar de ter alto desempenho externo e objetivo. Essa condição geralmente faz com que as pessoas se sintam “uma fraude” ou “falso” e duvidem de suas habilidades.